



FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE

PEDRO CARLOS CAGNAZZO

**VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS CIS EM
RELACIONAMENTO CISHETERONORMATIVO COM ATRAÇÃO
AFETIVOSSEXUAL POR HOMENS.**

São José do Rio Preto – SP

2023

PEDRO CARLOS CAGNAZZO

**VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS CIS EM RELACIONAMENTO
CISHÉTÉRONORMATIVO COM ATRAÇÃO AFETIVOSSEXUAL POR
HOMENS.**

Dissertação de Mestrado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
e Saúde da Faculdade de Medicina de
São José do Rio Preto - FAMERP, como
requisito para obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA JAQUELINE COELHO PINTO

São José do Rio Preto - SP

2023

Cagnazzo, Pedro Carlos

Vida no Sigilo: Vivência de Homens Cis em Relacionamento Cisheteronormativo com Atração Afetivossexual por Homens /
Pedro Carlos Cagnazzo - São José do Rio Preto-SP, 2023
xvii, 247 fls.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP. Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde.

Área de Concentração: Psicologia e Saúde.

Life in Secrecy: Experience of Cis Men in Cisheteronormative Relationships with Affective-Sexual Attraction to Men

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto

1. Atração Homoafetiva; 2. Cisheteronormatividade 3. Estigma Social; 4. Família; 5. Fenomenologia.

PEDRO CARLOS CAGNAZZO

**VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS CIS EM RELACIONAMENTO
CISHETERONORMATIVO COM ATRAÇÃO AFETIVOSSEXUAL POR
HOMENS.**

**BANCA EXAMINADORA
DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE**

**Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto
Instituição: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP**

1o. Examinador: Prof. Dr. Roberto Mendes Guimarães

2o. Examinador: Prof. Dr. Gilson Gomes Coelho

São José do Rio Preto - SP, 18/12/2023

SUMÁRIO

Agradecimentos	iv
Dedicatória	v
Epígrafe	vi
Lista de Anexos	ix
Lista de Apêndices	x
Lista de Figuras	xi
Lista de Abreviaturas e Siglas	xii
Resumo	xiii
Abstract	xv
Introdução	1
Era uma vez	1
...um indivíduo	7
...que quer ser ouvido...	13
...em uma redução fenomenológica.	15
Objetivo	20
Método	20
Delineamento da pesquisa	20
Colaboradores	24
Critérios de inclusão	25
Critérios de exclusão	25
Materiais	26
Procedimento	27
Análise de Dados	28

Aspectos éticos	31
Perfil sociodemográfico dos colaboradores	31
Análise compreensiva e interpretativa dos relatos dos colaboradores	36
Categoria 1. Vivências da Infância (até 11anos)	37
Categoria 2. Vivências da Pré-adolescência (11 a 14 anos)	52
Categoria 3. Vivências da Adolescência (14 a 20 anos)	63
Categoria 4. Vivências da Vida Adulta (dos 21 aos 55 anos)	75
Categoria 4. Subcategoria 1. Única Mulher	77
Categoria 4. Subcategoria 2. Ocultamento no namoro e no casamento	84
Categoria 4. Subcategoria 3. Período de latência	89
Categoria 4. Subcategoria 4. Vício do desejo	93
Categoria 4. Subcategoria 5. Conflito e crise	103
Categoria 4. Subcategoria 6. Culpa e medo	115
Categoria 4. Subcategoria 7. Apaixonamento	129
Categoria 4. Subcategoria 8. Antagonismo libidinal	142
Categoria 4. Subcategoria 9. Descoberta do sigilo	152
Categoria 4. Subcategoria 10. Adoecimento	161
Categoria 4. Subcategoria 11. No limite	168
Categoria 4. Subcategoria 12. Vida no Sigilo	173
Categoria 5. Vivências da Maturidade (dos 56 anos em diante)	193
Evidências	206
Considerações finais	212
Horizontes	216
Referências	218

AGRADECIMENTO

Falar ou expressar gratidão é reconhecer o esforço que alguém dispensou à sua causa, identificar que algo frutificaria em você. Nossa! São muitos que tenho a agradecer.

Foram muitos olhos, mãos e corações voltados ao intuito desta etiologia. Quero que fiquem abraçados e reconhecidos todos aqueles, que de alguma forma se envolveram com esta luta.

Não quero nominar, os que acompanharam, sabem.

Em especial algumas pessoas sou caro, muito caro;

meus pais, Sr. José e Sra. Maria (in memoriam),

que um dia olharam pra mim e depositaram um sonho;

minha orientadora, Dra. Maria Jaqueline, que iluminada,

jogou uma semente;

à CAPES, pelo respiro em meio à intensidade da busca;

minha irmã e cunhado, Selma e Pedro,

que sempre deram acolhimento e,

principalmente ao Companheiro, Roberto, que com paciência e dedicação disse:

Vai!

Minha eterna gratidão.

DEDICATÓRIA

Consagro todo suor e toda força aos que originaram esta ideia.
A todos os homens que lutam de uma dor oculta, não reconhecida e na maior parte
das vezes, escarnecida. A todos aqueles que estiveram presentes e aceitaram
colaborar com sua subjetividade, e aos que foram convidados, porém um peso
maior não lhes permitiu.

Consagro aos meus antepassados, da figueira e da oliveira.

Consagro ao fogo da inquisição e ao marinheiro bravio.

Consagro à Terra de Pindorama, cujo solo abençoado me acolhe e inspira.

Consagro a todos os mestres que me deram luz.

Consagro a todo "buon giorno e buona notte".

Consagro aos três frutos da paixão, mesmo que distantes.

Consagro à "Melhor Hora do Dia".

Consagro ao que acredito, o Amor, livre de rótulos.

EPÍGRAFE

“Cabe a cada um de nós decidir se desejamos nos tornar aprendidos ou ignorantes,
compassivos ou cruéis, generoso ou miserável. Ninguém nos força.
Ninguém decide para nós, ninguém nos arrasta ao longo de um caminho ou a outro.

Somos responsáveis pelo que somos.”

Moisés ibn Maimom

“No inferno, os lugares mais quentes são reservados àqueles que
escolheram a neutralidade em tempo de crise”.

Dante Alighieri

LISTA DE ANEXOS

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP	238
--	-----

LISTA DE APENDICES

Questionário sociodemográfico	243
Termo de Consentimento Livre e Espontâneo	244

LISTA DE FIGURAS

Tabela de Seleção dos Colaboradores	25
Esquema da Perspectiva de Análise Amatuzzi (2009) + Bruns (2011)	30
Tabelas do Perfil Sociodemográfico dos Colaboradores (de 1 a 12)	32

LISTA DE ABREVIATURAS

AVC = abreviatura para Acidente Vascular Cerebral

BO = "boletim de ocorrência" (documento utilizado pela Polícia Civil), mas é usada como gíria e significa problemas ou situações complicadas.

COVID 19 = junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, ano 2019

CRN-DST = Centros de Referência Nacional em DSTs.

DE = Disfunção Erétil

DSTs = Doenças Sexualmente Transmissíveis

DSM 5 = Quinta Edição do: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria.

"e.g." = a abreviatura representa a expressão latina *exempli gratia*, que significa "por exemplo" ou "para fins de exemplo"

GP = abreviatura para Garota/Garoto de Programa, indivíduos contratados para sexo e companhia.

I.S.Ts. = Infecções sexualmente transmissíveis

LGB = Lésbicas, gays, bissexuais

LGBT = Lésbicas, gays, bissexuais, travestis

LGBTI+ = Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, intersexo, mais

LGBTQIAPN+ = Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, quer, intersexo, assexuada, pansexuais, não binárias, mais.

OMS = Organização Mundial de Saúde

PEP = Profilaxia Pós-Exposição, medida preventiva de urgência que atende indivíduos já expostos ao vírus por diferentes motivos.

PrEP = Profilaxia Pré-Exposição, método preventivo que consiste no uso diário de um comprimido antirretroviral por pessoas que não vivem com o HIV, mas que estão expostas à infecção.

Snowball = Bola de Neve, técnica de amostragem que se utiliza de redes de referência.

TCLE = Termo de consentimento livre e esclarecido

TCSC = Transtorno de Comportamento Sexual Compulsivo

WHO = World Health Organisation (Organização Mundial de Saúde, em inglês)

Cagnazzo, P. C. (2023). Vida no Sigilo: Vivência de homens cis em relacionamento cisheteronormativo com atração afetivossexual por homens. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

Resumo:

Diversas são as formas pelas quais as pessoas se identificam em suas relações afetivas e sexuais. Aquelas que fogem às normas sociais de gênero, frequentemente sofrem atributos depreciativos e são estigmatizadas socialmente quando revelada a sua orientação afetivossexual, a exemplo da vivência de homens em relacionamento cisheteronormativo com atração por homens. **Objetivo:** compreender a vivência de homens em relacionamento cisheteronormativo e que sentem atração afetivossexual por homens. **Método:** trata-se de estudo qualitativo, descritivo e transversal. **Participantes:** 62 homens com idade acima de 18 anos que vivenciam e vivenciaram relações cisheteronormativas. **Materiais:** questionário para levantamento de características sociodemográficas, para traçar o perfil dos colaboradores e entrevista compreensiva e dialogada através de uma questão norteadora. **Procedimento:** os colaboradores foram contatados pelo método *Snowball* ou bola de neve, técnica de amostragem que utiliza cadeia de referências. Ao aceitarem participar, as entrevistas foram realizadas e gravadas com o consentimento prévio dos colaboradores. **Análise dos dados:** os relatos foram transcritos na íntegra e submetidos a análise qualitativa na perspectiva Fenomenológica e sob a luz deste referencial teórico, na busca de compreender os significados atribuídos pelos colaboradores às suas vivências. **Resultado:** Dos relatos emergiram 5 categorias: Infância, Pré adolescência, Adolescência, Idade adulta e Maturidade. **Conclusão:** Cada colaborador pode atribuir significados

diferentes sobre suas vivências, desde a infância à maturidade. Os relatos revelam conflitos referentes à homoafetividade e a inserção à cisheteronormatividade naturalizada. A discussão se dá em torno do sigilo, que norteia as condutas de vida, permeando a estigmatização sofrida, a homofobia institucionalizada e o sofrimento escarneado.

Palavras-chave: Atração Homoafetiva; Cisheteronormatividade; Estigma Social; Família; Fenomenologia.

Cagnazzo, P. C. (2023). Life in Secrecy: Experience of cis men in cisheteronormative relationships with affective-sexual attraction to men. (Masters dissertation). Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

ABSTRACT

There are many ways in which people identify themselves in their emotional and sexual relationships. Those who deviate from social gender norms often suffer derogatory attributes and are socially stigmatized when their affective-sexual orientation is revealed, such as the experience of men in cisheteronormative relationships who are attracted to men. **Objective:** to understand the experience of men in cisheteronormative relationships and who feel affective-sexual attraction to men. **Method:** this is a qualitative, descriptive and cross-sectional study. **Participants:** 62 men over the age of 18 who experience and have experienced cisheteronormative relationships. **Materials:** questionnaire to survey sociodemographic characteristics, to outline the profile of employees and a comprehensive and dialogued interview using a guiding question. **Procedure:** employees were contacted using the Snowball method, a sampling technique that uses a chain of references. Upon agreeing to participate, the interviews were carried out and recorded with the prior consent of the employees. **Data analysis:** the reports were transcribed in full and subjected to qualitative analysis from a Phenomenological perspective and in the light of this theoretical framework, in an attempt to understand the meanings attributed by collaborators to their experiences. **Result:** Five categories emerged from the reports: Childhood, Pre-adolescence,

Adolescence, Adulthood and Maturity. **Conclusion:** Each employee can attribute different meanings to their experiences, from childhood to maturity. The reports reveal conflicts regarding homoaffectivity and the insertion of naturalized cisheteronormativity. The discussion takes place around secrecy, which guides life conduct, permeating the stigmatization suffered, institutionalized homophobia and mocked suffering.

Keywords: Homoaffective Attraction; Cisheteronormativity; Social Stigma; Family; Phenomenology.

“Que o olhar não os entregue e que não sejam sabotados
pelo desejo que os possa perseguir”
(autor desconhecido).

INTRODUÇÃO

É imperativo à ciência a objetividade do indagar, do pesquisar, do conhecer, do avaliar e revelar os fenômenos diante da subjetividade das vivências humanas. A curiosidade investigativa vem do interesse de manifestar a fala existente naqueles que usam do sigilo e do anonimato para viver algo que revelam, ser muitas vezes maior que eles próprios. Muitos nomes são ditos e trazidos para expressar o que acontece com o emaranhado psíquico de homens que ocultam desejos e receios. Muitas explosões contidas na epochè de um fenômeno intenso, reprimido ou não, com a descrição de suas vivências.

Este fenômeno contemporâneo da vivência de homens em relacionamento cisheteronormativo com atração homoafetiva, instigou o pesquisador a conhecer suas histórias de vida e compreender os sentidos e significados atribuídos às mesmas.

Desta forma, o caminho percorrido na introdução foi dividido em momentos distintos, trazendo a contextualização histórica da homossexualidade, conforme o panorama ocidental, o objeto indagado, partindo da necessidade de fala do mesmo e o referencial teórico no qual será depositada esta leitura.

Era uma vez...

Diversas são as formas pelas quais as pessoas se identificam em suas relações afetivas e sexuais. Aquelas que fogem às normas sociais de gênero, frequentemente, sofrem atributos depreciativos e são estigmatizadas socialmente, basta observar o que acontece quando é revelada a orientação afetivossexual, como na vivência de homens em relacionamento cisheteronormativo com atração por homens.

O conceito de orientação afetivossexual aplicado neste estudo, refere-se desde uma paquera, com o interesse por um contato mais íntimo, sexual ou não, passando pelo “ficar”,

“rolo”, namoro, noivado, até a possibilidade de vínculos mais duradouros como uma relação de casamento. Excluem, portanto, as relações de amizade, familiares, profissionais, por alguém e determinado gênero (Nogueira, 2003; Hercowitz et al., 2021).

Embora este fenômeno exista desde o início das sociedades, historicamente as situações relacionadas à homoafetividade não foram muito comentadas, ou até mesmo apagadas pelos interesses das narrativas dos grupos humanos.

Quando nos últimos duzentos anos a ciência começa a questionar o comportamento de indivíduos que sentem atração por iguais. De lá para cá essa conduta foi chamada de inversão, sodomia, comportamento homossexual, homossexualismo, pederastia e homossexualidade; expressão que aparecerá originalmente em alemão, em 1869 pelo advogado húngaro Karol Maria Kertbeny (Renke et al., 2017).

A partir do momento que a religião outorga a responsabilidade de fala sobre aspectos da sexualidade humana à medicina, a homossexualidade passa de pecado a doença, objetivando com terapêuticas invasivas, medicamentosas, lobotomia, leucotomia e eletroconvulsoterapia, na tentativa de buscar uma “solução”.

O exercício sexual e afetivo entre indivíduos do mesmo sexo são reconhecidos como condições naturais do ser humano pela sociedade médica brasileira em 1985, e em 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) retira do Código Internacional de Doenças (Santos, Barbosa & Lagôa Jr., 2018), e passa a não ser mais considerado um “transtorno mental”, encaminhando às ciências sociais e psicológicas, o “transtorno” de conscientizar a população da igualdade da pessoa humana.

Os indivíduos com tal comportamento foram chamados ou estigmatizados e, ainda o são como “sodomitas”, “gays”, “bichas”, “fadas”, “pervertidos”, “viados”, “entendidos” e “boiolas”, dentre outros adjetivos, de acordo com regionalismos e adereços culturais inerentes à língua portuguesa falada no Brasil, em vários momentos de nossa cronologia. Por último a “homoafetividade”, que também foi trazida pelo Direito. Pensar que a própria medicina corroborava para reforçar o legado da subversão, catalogando a homossexualidade como doença, alimentada pelos primórdios dos estudos da sexualidade humana através de Krafft-Ebing que a caracterizava como doença hereditária e

degeneração. Assim como Hevelock Ellis, que nomeia de inversão causadora de suicídios e homicídios (Spencer, 1995).

Foucault apresenta este período como um início para a Psiquiatria, “ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos. É o início tanto do internamento dos homossexuais nos asilos, quanto da determinação de curá-los” (1979, pp.233-234). Ainda existem intenções de intervenção e cura, de forma anônima e ilegal, principalmente nos meios religiosos, apesar das leis que acolhem e protegem os homossexuais,

Ao longo desta realidade histórica, poucos relatos de experiências como a de Oros e Seti em 4500 a.C. no antigo Egito sobreviveram até os dias de hoje, em diferentes povos, nas mais diversas culturas; ora pelos tabus sociais, ora pelos cânones religiosos ou simplesmente como conduta natural do comportamento e necessidades humanas (Silva & Menandro, 2019).

Desta forma como é descrita a homossexualidade no passado, deve-se pensar se estes modos de “descrever” não estão sendo conceituados com os olhares influenciadores desta construção social e do conhecimento da sexualidade, institucionalizado até os dias de hoje, com aquilo que foi feito do saber, do senso de julgamento a respeito da identidade, e do real posicionamento diante da sociedade que o espreita.

No entanto, a compreensão do curso dos acontecimentos e dos meios de vivenciar com naturalidade, se assim é possível descrever, que o afeto e o desejo impulsionam o indivíduo a realizar a vontade de possuir um "self adequado", coerente com a liberdade e a integridade de ser, fazendo parte da busca da felicidade apesar de todas as fragilidades do ser humano (Cabestan & Lamelo, 2010).

Mesmo com a "preocupação moral" e o "cuidado ético" de Foucault (2007), Oliveira (2021) corrobora discutindo o “objeto” formado pelos desejos, e como esse self se relacionará com seus próprios conceitos, formados pelo processo de sua constituição histórica.

O homem passou por vários caminhos para chegar onde está. Os créditos dos vínculos afetivos e exercícios da sexualidade tiveram que se adequar às ideologias político-

religiosas a serviço do poder, que moldaram e esculpiram o pensamento. Com a homoafetividade não é diferente, não é necessário ir tão longe na história para entender o hoje, basta refletir os últimos cinquenta anos narrados através das observações de Michel Foucault: “Acredito que ser gay não é identificar-se com os traços psicológicos e com as máscaras visíveis do homossexual, mas procurar definir e desenvolver um modo de vida” (Foucault, 1981, p.5).

Para falar do homem como um todo e da fragilidade que designa a construção de sua masculinidade, tem-se que retratar como foi instituída sua virilidade. Desde que o homem descobre o papel social do pênis, é escancarada a responsabilidade de como o mesmo deve se constituir, se transformar e se comportar diante de uma sociedade que fica à espreita de sua formação e à resposta que o mesmo devolverá a ela, a expectativa do que é esperado dele (Sartre, 2022).

As sociedades sempre investiram neste indivíduo, na excelência de seu corpo com sua força e beleza, na intelectualidade e no exercício do poder (Sartre, 2022), vigiados sempre pelos varões mais velhos e aos olhos dos deuses mais viris, belos, poderosos e imponentes. Sendo a construção do corpo masculino uma responsabilidade da sociedade, que fatalmente refletirá no seu desenvolvimento psicológico (Kritzman, 2022). À mulher, dá-se o atributo do afeto encaminhado pelas deusas que protegem o lar e a tenra idade dos meninos, assim como sua saúde, até atingirem idade que serão depositados aos interesses dos demais machos (Sartre, 2022).

Em algumas sociedades, ao exemplo da grega, romana e fenícia, os deuses já celebravam o amor entre iguais de forma natural, aprazível e até mesmo desejado, do ponto de vista pedagógico, pois seria contributo para moldar o caráter de um homem, estando inseridos, àquilo que chamamos de mundo ocidental. Apesar de delinear no momento, as descobertas na realidade fazem parte de um grande complexo educacional, que é demarcado em diferentes formações culturais e institucionais, refletindo na maneira como ele enfrenta e vivencia não somente a sexualidade, mas também a formação das mais distintas sociedades. Lembrando que, particularmente no Brasil, somos formados por elementos provenientes de diferentes associações dos povos originários: o explorador-colonizador português e espanhol e, demais culturas europeias, que para cá vieram,

principalmente a partir do século XIX, dos escravizados africanos que foram trazidos para cá desde o século XVI e culturas do oriente médio e do extremo oriente (séculos XX e XXI).

Porém, o comportamento da sexualidade ocidental remonta principalmente a influência dada, a partir do século IV de nossa história, com o avanço das religiões abraâmicas, que trazem códigos de conduta e segregação, abolindo recursos naturalizados e promulgando papéis controladores. É sabido que estes comportamentos foram dicotomizados ao longo da história, sempre a serviço dos interesses e das ameaças ao controle. Não cabe aqui aprofundar no assunto, visto que já se tem muitos estudos a respeito. Trata-se somente do que diz respeito ao estigma que influenciará a conduta até os dias de hoje, da segregação do pensamento existente nestes homens que vivem uma dicotomia de sentimentos internalizados e da manifestação devolutiva da expectativa auto imposta em resposta à percepção do papel social do pênis.

A perda da virilidade e desta “expectativa” gerada pela potência social, recai até os dias de hoje, quando é observado o comportamento de homens que se permitem vivenciar a homossexualidade. Na Grécia e Roma antiga, nos estudos a partir do século XIX, o indivíduo que exerce a função “passiva”, ou receptivo, alusivo à posição feminina na relação, é visto como afeminado diferenciando-se do “esperado” de seu papel social, e o homem “ativo”, visto como heterossexual e adequado às expectativas. Modo este que alude e alimenta a misoginia, inferiorizando a mulher e, também estes homens (Revenin, 2022).

A virilidade muda de acordo com o tempo, com as influências, com os confrontos e as necessidades de exercício dela (Vigarello, 2022). Quanto aos pesquisadores, muda de acordo com as escutas e as vivências dos sujeitos sobre a observância dos acontecidos socialmente no meio LGBTQIAPN+¹. Esta visão, ou esta interpretação, tem se transformado, apesar de ressalvas.

É comum deparar-se com muitos homens homossexuais que ainda elaboram este complexo ideativo oriundo da educação recebida, espelhamento da devolutiva à expectativa esperada dele, respaldado no estigma social ainda vigente, gerando medos e culpas. “O jogo sobre as aparências está no cerne das identidades homossexuais, pois ele permite

¹ Optou-se por adotar a classificação LGBTQIAPN+ por entendê-la como a mais inclusiva.

expressar ao mesmo tempo uma sensibilidade pessoal e o perecimento a um grupo” (Tamagne, 2022, p.425), anunciando assim, o fracasso do esperado poder viril. Maneira de apresentar os receios, a exclusão e o abandono às vozes do século XIX, o antifísico e transgressor da natureza e da vontade divina (Revenin, 2022).

Uma pausa para refletir sobre um fator que é comum tanto ao mundo heterossexual masculino, como ao homossexual masculino, o falocentrismo. Dicotômico através de um ser expoente e virtuoso, escondido e temeroso. Desde os tempos das ágoras gregas o corpo do homem é torneado não somente no mármore, porém na busca do igual, no ideal do outro espelhado, no belo esculpido, no reflexo introjetado, alimentado pelo desejo.

Este falus categorizado de conquistas, passa pelo receio das perdas que possa ter. Afinal, “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (Foucault, 2003, p. 98). Denotando pois, que este "falus", no exercício de sua sexualidade impõe poder, no mesmo instante em que espreita o aniquilamento dele, e são estas ameaças, em todas as abrangências delas, que assombram os portadores deste “instrumento”. No decorrer dos tempos o espelhamento do falus, assegura a permanência de um “status” que mantém o homem dentro do contexto desejado pela sociedade.

Foram passados alguns momentos históricos até chegar ao foco desta pesquisa: homens que inseridos em contextos cisheteronormativos, seja dentro de um matrimônio ou mesmo em uma sociabilidade contextualizada, de acordo com as tais “expectativas” normatizantes. Há uma perspectiva de que estes homens têm muito a dizer e acrescentar ao saber científico, para que seja possível socorrê-los no momento de sua descrição fenomenológica, ao procurarem auxílio psicológico para compreender a postura humana frente aos novos enfrentamentos sociais e nos avanços, seja em direitos políticos adquiridos, ou em igualdade de postura e o reconhecimento na sociedade que vive. Uma destas atenções se encontra na observação de Tamagne (2022): “ainda que muitos gays ou bissexuais estivessem engajados, num certo momento da vida, nas relações de casal

heterossexuais - quer seja por amor por uma mulher, desejo de ser pai, conformismo social ou vontade de dissimular a sua orientação sexual”; Tamagne complementa comentando sobre um dos grandes temores que envolve o homem que sente atração por outro homem: "a principal acusação feita contra os homossexuais foi durante muito tempo a de faltar para com o seu dever viril" (p.445).

É possível investir no peso existente dentro de cada um destes homens? Até os dias de hoje, culturas e políticas investem acreditando que “o casamento - com uma mulher - foi durante muito tempo tido como meio de curar um homem da sua homossexualidade” (Tamagne, 2022, p. 445). Afinal, que homem é este?

...um indivíduo,

A dificuldade de acesso a estes homens e o interesse em ouvi-los, objetiva-se na busca de compreender e auxiliar, assim como trazer à ciência, meios para atendê-los, acreditando que o conteúdo a ser apresentado relatará sentimentos no qual existe dificuldade de descrever, por não haver espaço de fala e pelo receio das consequências da exposição, construído pelo medo, sigilo e culpa. Pouco se tem dado a palavra, muito menos a escuta a esses homens. Sendo assim, torna-se imprescindível a compreensão de como descrevem sua identidade, como se percebem, como se desejam transparecer, como se representam diante da sociedade e como é a percepção que possuem do modo como são vistos.

Expectativas e desejos são experimentados, a partir da sua própria subjetividade, e de como se relaciona com a história afetiva de cada um. Supostos direitos, possibilidades, pressupostos, promessas e esperanças passam pela interpretação que cada pessoa tem de si, do mundo e do outro (Cerioni & Herzberg, 2016).

É conveniente ressaltar que estas expectativas e estes desejos direcionados às pessoas do mesmo gênero, na busca por sexo e/ou afeto é mais comum do que se possa imaginar numa relação de conjugalidade. Apresenta-se em um número muito maior do que é possível comprovar, justamente devido ao silêncio impregnado e à necessidade de sigilo

para manter a postura, fugindo dos estigmas, consolidando sua posição heteronormativa, no qual é esperado e que tanto luta para manter.

A literatura aponta a dificuldade de indivíduos declarar sua homossexualidade e/ou bissexualidade, ou mesmo o “nada a declarar”, o que atesta sua clandestinidade, e para muitos, o comportamento não passa de uma fase. Há poucas pesquisas e relatos obtidos, justamente porque esse período de suas vivências, sempre foi melhor manter no limiar das condutas, sem revelação, sem visibilidade, precisamente pelo medo da estigmatização pelo ser o que realmente é, em contraponto pelo que necessita fazer crer que seja. Como relata em pesquisa Carrillo e Hoffman (2017), ao falar de uma orientação sexual flexível, o desejo pelo sexo oposto continua, mesmo dentro de suas experiências homoafetivas, que os fazem “continuar pensando em si mesmos como heterossexuais” (p.3).

Goffman (2008) fala da “discrepância entre a identidade social real de um indivíduo e a sua identidade virtual”; complementado por aquilo que resulta em medo e culpa: “é provável que não reconhecamos logo, aquilo que o torna desacreditado e enquanto se mantém essa atitude de cuidadosa indiferença, a situação pode se tornar tensa, incerta e ambígua para todos os participantes, sobretudo à pessoa estigmatizada” (p.38).

A construção da identidade perpassa primeiramente ao modo como o indivíduo percebe a si mesmo. Este conteúdo é elaborado através de mensagens provenientes daqueles que também apresentam a esta figura humana, a sociedade, seus familiares, sistemas educativos, no qual o certo e o errado, o sim e o não, de acordo com o ideal produzido por cada conjunto social, sofre influências de diversos contextos, dos religiosos aos históricos, que podem mudar dentro de uma mesma cultura, dependendo da “necessidade”.

Esta sociedade “cria mecanismos de coerção internos que fazem com que os indivíduos aceitem de uma forma ou de outra as regras estabelecidas” (Wild, B, URL), definindo estigmas que podem ser “um atributo profundamente depreciativo, mas que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (Goffman, 2008, p.6), pois a vivência da “depreciação” de ser, irá variar de acordo com a premência de sobreviver de cada sociedade, mudando de foco em núcleos cujos valores são elaborados

de modos distintos, afinal: "um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso" (p.6).

Becker & Arnold (1986) apoiam Goffman quando dizem: "os modos de análise começam com o social, cultural e os contextos históricos do estigma fornecem um quadro necessário a partir do qual se pode ver o indivíduo" (p.39), corroborando para um posicionamento de que a "contribuição" do estigma na vivência destes homens, conforme circunstâncias sofridas por eles, denotam a "dor"coadjuvando os conflitos de ser.

É ameaçador abandonar estas circunstâncias por algo plantado em sua conduta, que vem de um conhecimento influenciado pelas observâncias na educação familiar e na postura da sociedade; "eles geralmente não viam vantagens sociais em abandonar as identidades como heterossexuais nas quais foram socializados" (Carrillo & Hoffman, 2017) e, "adotar um rótulo diferente de "hétero" resultaria na perda dos privilégios associados à heterossexualidade" (p.8). Este medo retrata o percurso que a humanidade atravessa na "construção" de suas sexualidades, e os reflexos engendrados na psiquê humana e instituídos no seu comportamento.

Segundo a OMS a orientação sexual é "atração/desejo (ou não) física, romântica ou emocional por outras pessoas" (Ciasca, Hercowitz & Lopes, 2021, p.15). Dirigir esta atração, desejo ou afeto a alguém do mesmo sexo é intolerante para si mesmo, assim como é para o meio em que vive. Evidencia-se então, o estigma de que muitos passam uma vida toda procurando superar e que Goffman (2008) muito bem comprova no exemplo que ele apresenta: "A tensão provocada pelo fato de enganar minha família e meus amigos era quase sempre intolerável. Tinha necessidade de controlar minhas palavras e gestos para não me denunciar" (p.101).

Em estudo realizado por James Malcolm (2008), o autor relata a dificuldade em pesquisar este grupo de homens que vive a conjugalidade e se relaciona com outros homens, dizendo que "esta população é notoriamente de difícil acesso, e embora as limitações dos procedimentos de amostragem sejam reconhecidos, o potencial para obter

uma amostra aleatória ou verdadeiramente representativa de tais homens é extremamente limitado” (p.356).

São poucos os estudos encontrados nos últimos 5 anos, referentes ao modo como os indivíduos foram educados, o relacionamento com seus pais, a religião, os abusos ou não, a influência do Estado, as experiências sexuais desde a infância, como qualquer outro homem assumidamente homossexual.

Nos dias de hoje, com a tecnologia, há o acesso aos aplicativos de encontro e demais redes sociais, locais de “pegação”, abertamente difundidos no meio gay e no conhecimento da sociedade em geral, facilitando passar por esta experiência e através dela, criar um conceito do “desejo”, da satisfação sexual e até mesmo do afeto por um igual.

Reconhecer que gosta de alguém do mesmo gênero, de forma afetiva e sexual, que se trata de algo saudável e que não há nada de errado, é um grande desafio que nem todos conseguem aceitar. Muitos evitam encarar a realidade ou mesmo se tornam homofóbicos, para tentar ocultar o que sentem (Machado & Gonçalves, 2018, p.180).

Estando o indivíduo inserido em um contexto considerado normatizado e aceito socialmente, este homem olha para o meio a que pertence e observa todas as manifestações de preconceitos, intolerâncias, violências e escárnios que envolvem qualquer aproximação com a homossexualidade. Numa luta reversa para blindarem sua postura cisheteronormativa e na batalha interna para fugir do que dizem “serem perseguidos” pelo desejo, muitas vezes eles próprios participam e contribuem para a disseminação de assédios morais e humilhações (Thepsourinthone, et al., 2020).

A homofobia, por sua vez é definida por Borillo (2010) como um objeto que “desempenha a função de “policiamento da sexualidade” ao reprimir qualquer comportamento, gesto ou desejo que transborde as fronteiras impermeáveis dos sexos” (p. 90), como significância de possuir “medo e/ou aversão de tudo aquilo que possa se identificar ou se assemelhar ao seu igual ou “do mesmo” (Silva & França, 2019, p.150).

Este medo vem na dissonância da percepção que o indivíduo tem de seus sentimentos e desejos que entram em contraponto àquilo que Foucault (1995), discursa

sobre os privilégios que o conhecimento arrebatou para a solidificação do poder e do controle. A adequação ao sistema é prerrogativa de inserção estar apto para ser um combatente da continuidade da vigilância do sistema, no qual “grupos hegemônicos irão se beneficiar de privilégios da heterossexualidade, enquanto outros ficaram em condições totalmente opostas” (Coelho, Desidério & Rocha, 2023, p.5).

A construção da homofobia² é estruturada através das experiências familiares e sociais que todo indivíduo nesta condição passa, e não obstante, procura fugir para diminuir seu sofrimento, quando este concebe a abrangência das penalidades vivenciadas. A recusa em aceitar para si o que o distingue e para onde possa dirigir seu desejo afetivo e sexual, é justamente por

compreender a homofobia como comportamentos, ações e crimes decorrentes da violência física e psicológica contra pessoas LGBTI+ e que evidenciam alguma ameaça real ou simbólica à fronteira e/ou à hierarquia imposta pelo sistema heteronormativo, heterocêntrico e heterodeterminado contra a visibilidade dos gêneros e das sexualidades não hegemônicas. (Silva & França, 2019, p.147)

A história e a experiência que o mantém dentro da cisheteronormatividade, também o faz se deparar e sofrer qualquer forma de dano que o leve à “precarização e à banalização da vida”, assim discernida, nem sempre preparado para enfrentá-la, levando às mais diversas formas de fobias internas e externas (Silva & França, 2019).

A estruturação da homofobia internalizada é observada através de diversas formas encontradas no dia-a-dia, inclusive e principalmente dentro da comunidade LGBTQIAPN+, “suas impressões a respeito de si mesmo, conjugadas ao preconceito vigente, desvalorizam a si próprios, negando-se e fugindo de si mesmos, por vezes atacando outro homossexual para tentar distanciar-se do seu próprio desejo” (Ziliotto & Marcolan, 2020, p.5). Caracterizando desta forma a inferiorização dos iguais (Coelho, Desidério & Rocha, 2023), respondendo que a ação de julgamento dos homossexuais é semelhante à normatividade

²Homofobia: atitude contra as/os homossexuais (Borrillo, 2010)

elaborada por heteros cis, conceito que está institucionalizado na sociedade e repetido nos diversos âmbitos de relacionamentos.

As manifestações culturais, dentre elas a religiosidade, aspecto de importância na construção da identidade, mais a expectativa sobrepujada pela família de origem e a formada com a parceira, quando casado ou em outra forma de relacionamento cisheterossexual, num modelo hegemônico, acaba se tornando um fardo. Buscar um casamento e uma vida cisheteronormativa para satisfazer a história e a própria ânsia, torna-se uma vivência difícil, pois no "debate que se estabelece em relação às suas especificidades e ao seu potencial de subjetivação, é comum a condenação a priori, por não oferecer um quadro referencial compatível com aquele instituído pelo *status quo* patriarcal" (Passos, 2005, p.32).

Pressupõe-se que são muitos os sentimentos envolvidos, acompanhados das decisões por permanecer com uma vida oculta, com medo, ansiedade, culpa, angústia, vergonha, covardia, que trarão consequências pessoais e ao meio no qual estão inseridos.

Este indivíduo numa postura cisheteronormativa e hegemônica que procura homens para para relacionamentos afetivossexual, vive uma dupla vida oculta, sempre no sigilo e regada a mentiras de ambos os lados.

Sobre a percepção que possuem deles próprios, encontramos alguns estudos (Silva & Whaley, 2017; Silva, 2022; Benack & Swan, 2016; Malcolm, 2008; Noriega 2007; Noriega, 2015) sendo possível observar as mais distintas revelações. Embasadas nas experiências vivenciadas, no auto conceito elaborado e na construção de ser no mundo.

A construção da subjetividade masculina transcorre por diversos parâmetros inseridos e cobrados por repetição, ritualizando a virilidade, definindo os focos do poder, as transgressões que devem ser punidas e, principalmente, mas não exclusivamente, na leitura e nas expressões dos corpos (Butler, 2003), no culto ao falus e na força.

Muitas vezes, não coincidente com a realidade dos fatos ou como a ciência poderia defini-los, conforme as presunções mais recentes sobre o assunto é importante, não somente ressaltar alguns fatores de suas falas, mas compreender seus significados e dimensões. Em Carrillo & Hoffman (2017) alguns homens são chamados de heteroflexíveis, categoria que os próprios não se descrevem, pois como se vêem inseridos em ambientes

héteros, por mais que passem por experiências sexuais homoafetivas e, "que não estão exclusivamente interessados sexualmente em membros do "sexo oposto" possam continuar pensando em si mesmos como heterossexuais" (p.3).

Nos mais diversos relatos e interpretações que os mesmos darão às suas práticas, o que é interessante obter do emaranhado psíquico? O que é pertinente a cada um? O que desejam falar? Como querem ser ouvidos?

...que quer ser ouvido...

O silêncio. Não querer, não poder e não ter espaço de fala, transforma-se no principal dilema destes homens (Malcolm, 2008). Apresentam reflexos no desempenho de papéis, na saúde e nos relacionamentos interpessoais. Sabe-se que este silêncio revela muito e somente estes homens conseguem traduzir seu significado e as necessidades que estão embutidas nesta quietude. Conhecer este intervalo de tempo, atribuído ao silêncio, se faz necessário, já que há pouco embasamento para construirmos um conceito sobre o que se passa em suas atitudes.

No que é apresentado nas pesquisas citadas, alguns destes homens procuram em seu histórico de vida, respostas em forma de consequências que originam seus comportamentos, transformando-as em dilemas. Dar ouvidos às negligências, aos abusos sofridos e a dinâmica de famílias disfuncionais, não são suficientes para respaldar as respostas de seus sentimentos e de suas atitudes, visto que é possível observar, que todo indivíduo pode passar por diversos conflitos, carências e traumas, cujas deduções resultam em comportamentos de origem estressor (Paveltchuk & Borsa, 2020).

Para Ziliotto & Marcolan (2020), aqueles acometidos pelo sofrimento psíquico apresentam "visão pulverizada da sexualidade humana, manifestando preconceitos de acordo com seu próprio referencial construído a partir de vivências reais experimentadas ao longo da vida" (p.6). Esta negação se manifesta em decorrência das consequências da culpa. A pesquisa de Reback & Larkins traz:

muitos dos participantes relataram que suas ações sexuais não eram culpa deles ou fora de seu controle pessoal. Motivos externos, eventos ou situações foram relatados como a causa de encontros sexuais com outro homem. Eles colocaram a responsabilidade de seu encontro em alguém ou algo externo a eles. (2010, p.769)

Delegam a facilidade de acesso a ambientes que induzem a encontros, bebidas e drogas, brigas com as companheiras, pouca frequência sexual em casa e até mesmo necessidades financeiras.

O escudo do sigilo, atrelado às fobias que são vivenciadas e sofridas diante da família e da sociedade, dificultam o acesso a estes indivíduos que preferem negar sentimentos e possibilidades de expor seus desejos. Tal sofrimento, que devido à condição de silêncio e à necessidade de manter o desejo em sigilo, poderá levá-lo a não buscar ajuda e se conseguir encontrar forças e coragem para fazê-la, levará tempo. Dar voz a eles, segundo Ziliotto e Marcolan (2020) significa o mesmo que “a negação quanto à possibilidade do desenvolvimento de relacionamento afetivo e sexual, ao se tratarem de indivíduos em sofrimento psíquico” (p.5),

Nas pesquisas realizadas por Eaton, et al. (2022), Shao, Chen, & Borelli, (2021), Hopwood, et al. (2019), Yi, (2019) e Zulkffli, et al. (2022), é apontado que muitos desses homens são levados a comportamentos de risco na busca da satisfação de sua sexualidade, adquirindo diversas infecções sexualmente transmissíveis - ISTs - e redistribuindo no ambiente familiar. Este silêncio que provoca ansiedade e angústia, resulta em depressão, irritabilidade e até mesmo suicídio, como já observado: “O silêncio e o isolamento que denotam a autossuficiência são posturas que levam os homens ao sofrimento psíquico, o que pode culminar na manifestação do comportamento suicida” (Baére & Zanello, 2020, p.3).

Este vácuo institucionalizado revela na realidade uma expressão que José Saramago - escritor português, Nobel de Literatura, em 1998 faz sobre a opressão: "Do silêncio ao grito" (Steffler, 2019). Esse homem que está “no sigilo“ necessita de fala e de escuta, necessita de acolhimento e não julgamento. Muitos podem apresentar um pedido de

ajuda para sair deste estado de confusão, seja ele qual for e para onde suas conclusões o levarão, através de sua atitude fenomenológica.

...em uma descrição fenomenológica.

Quando fala-se da necessidade de dar voz às suas vivências, evidencia-se a experiência clínica que a “sobrevivência psíquica” do sujeito guarda, numa estreita relação com o modo como ele é acolhido no mundo (MCDougall, 1997, p.263).

Nesta perspectiva buscou-se um percurso pela fenomenologia, levando solidez para justificar a indagação e o desejo de exploração.

Husserl (2022) destaca esse fenômeno quando diz: “eles existem como “sujeitos” de uma “vida psíquica”, sujeitos de uma vida que experiencia, que possui sentimento, que pensa, que possui aspirações etc.”, e conclui o raciocínio, quando racionaliza o saber fenomenológico, explorando “como experiência psicológica, é obviamente a fonte específica da psicologia” (p.24).

Um ponto bastante específico deste saber psicológico vem, não somente da riqueza que a pesquisa evoca do conhecimento, como da aplicabilidade da mesma no diálogo da palavra solitária. Muitas vezes o processo psicoterápico se atém a uma única fala, ora do cliente, ora do profissional. É dito solitário devido ao momento em que a epochè é manifestada. Através deste fenômeno elabora-se a complexidade que estes homens podem apresentar do vivido, mais ainda, como os mesmos através desta explosão, acessam uma “fala autêntica”, ao se apropriam do seu ser-no-mundo (Amatuzzi, 2016).

Este conhecimento fará com que seja possível compreender de modo desvestido, o emaranhado individual de cada um, contabilizando as dúvidas em forma de dor, onde os mesmos são escarnecidos devido suas atitudes. Escárnio este, que foi edificado na sociedade em que todos estão envolvidos. Pré julgamentos, pré conceitos e dilemas pessoais existem e embasam o embate psicoterápico na relação profissional-paciente. Esta escuta proposta, vem justamente elucidar que a “relação possibilitadora de uma

ressignificação, pensamentos, atitudes e ações”, aconteça de modo livre para ambas as partes envolvidas (Alves, 2011, p. 96). Expressando “que seja livre” (Amatuzzi, 2011, p.173). Que ambos tenham fala na apresentação da dor e na elaboração da mesma.

É esclarecedor, o observado por Amatuzzi (2009), quando se refere ao saber fenomenológico existente nesta fala, que diz-se oculta, mas que retrata a possibilidade do sujeito encontrar em seu pensar, entendimento e que o “lugar em que se chega é próprio; tem a colocação do caminho percorrido. Nesse sentido, melhor seria chamá-lo de paradigma” (p.94). E o que é paradigma nesse contexto dos homens que buscam sexo e afeto em outros homens, saindo de suas condutas heterossexuais? Nada mais do que a visão própria do que experiencia, na sua essência, independente da satisfação ou da dor que esta vivência possa causar.

Heidegger (2015) destaca que "o modo de tratar esta questão é fenomenológico", e esta fenomenologia significa, antes de tudo, um conceito de método" (p.66). Esta conceituação, esta representação da vivência adquirida e apresentada, pressupõe uma forma de escuta da psicologia e uma ilustração que o vivido encontra para exprimir-se. Fala de um “lugar”. Lugar que é destes sujeitos, que expressam, sofrem e aprendem, mas, carregado de dúvidas e desejo de compreensão e mudança. Afinal, a transformação almejada é para sair de um espaço de conhecido e vivido, para um outro que traga a segurança das respostas. Esta fala entoada nos sentimentos

ainda conserva em suas mãos o passado imediato, sem pô-lo como objeto imediato que o precedeu, o tempo escoado é inteiramente retomado e apreendido no presente. O mesmo acontece com o futuro iminente que terá, ele também, seu horizonte de iminência. (Merleau-Ponty, 2022, p.106),

os paradoxos da vivência humana e dos resultados de um processo paradigmático.

A psicologia aqui paradigmática, apresenta o contexto de dois universos que conjugam-se em um só: o objeto e sua subjetividade, a escuta e a presença da ciência que indaga. Sobre este universo objeto/subjetividade, os sujeitos são denominados por Amatuzzi (2003) de colaboradores. O autor parte do pressuposto metodológico de que o

colaborador é quem melhor sabe de sua experiência, ao passo que o pesquisador se propõe a aprender com quem já vivenciou ou vivencia o aprendizado sobre a qual quer aprimorar seus conhecimentos. Melhor checar o entendimento conclusivo que Holanda (2003) nos traz sobre esse universo objeto/subjetividade quando ele apresenta o mesmo como colaborador. Quando ocorre, tem-se a apresentação do “que se revela, o que se *mostra em si mesmo*” (Heidegger, 2022, p.67), o Fenômeno. E então há encontro de dois sujeitos, que saem transformados (Amatuzzi, 2010).

É mister lembrar da importância política do anonimato, reflexo da inserção deste homem nas diversas sociedades, mas que congregam sentimentos e condutas semelhantes, apresentando a vergonha da profanação, instituindo o estigma que nutre medos e culpas. O segredo, silêncio, sigilo, forma de burlar o sistema no qual estão adicionados, e mesmo assim sustentam a repercussão negativa do discurso fóbico, no mais amplo dos sentidos, como foi dito acima, o boicote, na recusa da plenitude de ser o que se deseja. Porém, vai além da possibilidade de escutar-se e compreender-se subjetivamente, independente da escolha que melhor intuir para si.

Assim, “o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais do poder, são apenas limites, as formas frustradas ou extremas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas” (Foucault, 1979, p.236). Não corroborando com os desejos do poder, destrói-se a narrativa da eficácia do controle sobre as vontades. Mantem-se então, sob os auspícios deste controle refletido inclusive na expressão e exercício da própria sexualidade, a conexão do pensamento e da ação, da vontade e da consequência, da alma e do corpo, de “ser” por inteiro. Afinal, “nossos sentidos espalham nossa alma em nosso corpo”, “a união de nossa alma com nosso corpo tornou-se dependência” (Merleau-Ponty, 2017, p.48). Mesmo nos textos sagrados, quando é tirado do homem os anseios de seus desejos, seu corpo é corrompido, mas sua alma mantém-se intacta.

O transcorrer do discurso desses homens vem das novas ações que os mesmos estão apresentando no comportamento, como os poucos estudos existentes têm trazido à questão e, como os mesmos confrontam a espera de um entendimento. Ação esta que

induz a uma mudança perscrutada de novos sentidos e atitudes, frente aos desejos e às curiosidades que se manifestam. Pinto & Bruns (2003) corroboram dizendo que no "espaço social, há um confronto entre gerações e os modelos sexuais são definidos pelas suas relações de poder seja no plano social, material ou emocional" (p.32).

O tempo e a manifestação que observa-se nas ruas, diversas vezes escritas, demonstradas, concluídas, sinalizam que já não estamos funcionando como antes, apesar do grande exercício de poder e controle diante da população, nas tribunas dos Senados, ou nos púlpitos das Igrejas. Sinal que algo está acontecendo e precisa ser levado em conta. Afinal, os tempos e as novas dinâmicas de comportamento revelam o que Pinto & Bruns (2003) nos adverte que "a sexualidade como um todo é a forma pela qual é expressada a existência do corpo e esse é o modo pelo qual se entra em contato com o mundo. O corpo do indivíduo expressa o seu modo de ser no mundo, simboliza a sua existência" (p.40).

Este corpo está imerso em uma subversão, que se manifesta de diferentes modos, alguns entendendo como culpa, medo e pecado, e outros como libertador. Anseia-se pelo dia em que não será mais necessário identificar-se com a dualidade, ou mais, de gênero, mas acreditando que a partir de então, haverá um único "gênero", desconfiando "da categoria "sujeito", pois sabe-se que ele é construído com base na exclusão brutal daqueles "outros" que, de algum modo, não se conformam à matriz heterossexual" (Salih, 2022, p.103). Enfim, seremos somente o Gênero Humano e as suas mais variadas formas de expressão e desejo.

Estes indivíduos, homens que estão inseridos dentro de um conceito cisheteronormativo, frequentemente alimentados pelas próprias razões de suas fraquezas e florescência da expansão de seus desejos sexuais na busca por homens, sem conseguir viver totalmente a excelência e satisfação afetiva e sexual, vivem em constante sabotamento de ser. Boicotam sentimentos e negam a realidade e, amiúde a própria orientação do exercício de sua sexualidade. Dizem para si mesmos, que passam por uma fase, por algo esporádico ou por explorar o desconhecido, fato da expressão de sua masculinidade e sua virilidade. Em estudos encontrados a respeito (Schrimshaw, et al., 2018; Silva 2018; Daly, et al., 2020; Davis-Delano, 2020; Shao, 2021; Song, 2021; Souza, 2021; Pachauri, et al., 2022; Zulkffli, 2022), encontram-se manifestações de que o

casamento ou uma relação dentro de um contexto cisheteronormativo apresentado à sociedade, trará solução para a demanda dos impulsos sexuais. Eles têm muito a dizer, dentro de suas rudezas e de suas fragilidades. Esta necessidade de solucionar este “desvio”, se dá justamente pela intenção de estar de acordo com o que a sociedade espreita de um indivíduo dentro desta circunstância.

Em função de todas as construções e desconstruções aparentes e manifestadas, é importante dar voz a estes homens, que apesar de alimentarem o contexto heteronormativo como estabelecimento de poder e controle, também se permitam dialogar com seus desejos, mesmo sob culpa, medo, estigmas, preconceitos e no silêncio do obscurantismo “sem o qual o corpo simplesmente não é sexual nem vivo. É preciso desenvolver o conjunto completo das possibilidades produtivas do desejo cognitivo a fim de propor um novo contrato sexual” (Preciado, 2022, p.25).

Um novo pacto para a dialética da evolução do pensamento, dinamizado pelas vivências, devem ser apresentadas para questionamento e análise destes indivíduos, que buscam afeto naquilo que muitas vezes eles mesmos podem apresentar como nefasto. Estas engendraduras do desejo e o discurso do questionamento do real significado da leitura do “corpo”, aparece no questionamento de Butler (2021): “como posso negar que estas mãos e este corpo sejam meus?” (p.40). Trazendo um novo reconhecimento do Eu-sou que no momento passa por uma antiga construção, um conflito da desconstrução, em Deleuze (2000) e Derrida (1973), enfim, uma reconstrução, se é possível assim evidenciar, como novamente Butler propõe: “Minhas preocupações são de outra ordem, talvez na própria tensão que emerge quando o problema da construção discursiva entra em diálogo com a desconstrução” (p.42). Está-se falando de uma leitura de si, que cada um pode elaborar conforme sua estrutura tem condições de suportar. O peso ressignificado das emoções e sentimentos, desconstruirão aos poucos as diversas formas de homofobias, que o mantém em um sofrimento não revelado. A compreensão dos aspectos psíquicos vivenciados traz libertação.

OBJETIVO

Alcançar a compreensão do fenômeno: o sentido e o significado da experiência de homens casados, que mantêm um relacionamento heterossexual e que sentem atração afetivossexual por outros homens, às suas vivências e aos fenômenos existentes dentro do universo psíquico.

Conforme Holanda (2003), as vivências são ditas por intermédio de todo um contexto expressado por “conteúdos reais, imediatos, da consciência de cada um, de dados perceptivos, representativos e ideativos, das emoções, sentimentos, desejos, decisões, das experiências de êxtase, dúvidas e ímpetos, enfim todos os acontecimentos que se entrelaçam numa corrente de vivência” (p.172). O autor descreve bem o emaranhado psíquico que se pretende pesquisar. O intuito é, através da escuta dos relatos vivenciados por estes homens, desnudar os passos que o comportamento humano tem peregrinado.

Toda vivência vem emoldurada tanto pelos conflitos internos, como pelos aspectos sociais e familiares que contribuíram para se constituir. Cada indivíduo possui uma construção diferenciada do outro, passando por diferentes instâncias psíquicas que contribuirão para o desenrolar da idealização e realização de seus desejos, sendo que para os estigmas, o conglomerado de critérios passa pelos mesmos fundamentos. Em algum momento, em todos eles, essas experiências se convergem tanto no ponto do desejo como no conflito e, estará aí instaurado aquilo que mais nos interessa. A confrontação de sentimentos regados ao sigilo.

MÉTODO

Delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa descritiva, transversal, com delineamento qualitativo, na perspectiva fenomenológica.

Estudos descritivos-transversais têm como finalidade caracterizar aspectos de determinado objeto e pesquisa da população em estudo, diante da produção de conhecimento apropriado, principalmente quando o objeto é pouco recorrente à literatura (Gil, 2002).

Como estratégia para apreender as vivências dos colaboradores foi eleito este método fenomenológico, com o objetivo de alcançar a compreensão do fenômeno indagado, segundo relato de histórias de vida, que buscam “a visão das pessoas acerca de suas experiências subjetivas de certas situações inseridas em algum período de tempo” (Moreira, 2002, p.55), e pela opção epistemológica em compreender o sujeito em sua complexidade e no seu mundo.

Desta maneira, para Holanda (2006), “a abordagem qualitativa propõe-se, então, a elucidar e conhecer os complexos processos de constituição da subjetividade” (p.364). A riqueza existente nas informações obtidas, através dos colaboradores é fundamentada na ânsia do conhecimento vivenciado, e é esta característica da redução fenomenológica apresentada, que alimenta o observador. Quando Husserl (2020) diz: “ajustar o conhecido” para alcançar o objetivo, temos como a experiência de vida transforma-se como “doação”. Então, a redução de si passa pelo crivo da seleção e da separação do conteúdo desejado.

A amostragem se deu com 62 pessoas entrevistadas numa busca exclusiva de homens que vivenciavam relacionamentos heteronormativos, independente de serem casados, noivos, namorando ou com relacionamentos esporádicos com mulheres, devido existir por parte da família, uma expectativa da resposta sexual deste indivíduo, para que fosse adequado à naturalização esperada, e também pela dificuldade de admitir em si o desejo homoafetivo.

O estudo traz os relatos dos colaboradores elegidos como pertinentes à investigação, indo em dissonância com o que é encontrado em pesquisas qualitativas, cuja demonstração não chega a esse número de sujeitos. Reforçando o que diz Tenny, Brannan & Brannan (2022): “quanto melhor a amostra representa a população de estudo pretendida, mais provável é que o pesquisador abranja os vários fatores em jogo” (p.4).

O “encobrimento” como se refere Nunan, Jablonski & Feres-Carneiro (2011) em seus estudos, quando associam o preconceito internalizado e os meios de fuga aos sentimentos

e desejos homoafetivos destes homens, é uma consoante presente constantemente na caracterização de busca por parceiros para sexo e afeto, através de mentiras e omissões inseridas neste contexto, os indivíduos envolvidos nestas procuras, sendo casados ou não. Depara-se com homens que muitas vezes apresentam-se como "casados" em aplicativos de namoro e as pessoas que se relacionam com eles assim os conhecem, ocultando sua real condição. Os motivos são os mais variados, desde as homofobias internalizadas e o medo de exposição, até mesmo por ter outro relacionamento homoafetivo e não desejar ser incomodado, posteriormente, caracterizando a diversidade de informações nas indicações para outros colaboradores.

Valendo-se destes esclarecimentos, buscou-se em Dewes (2013) a colocação sobre o sistema Snowball, que reflete o que é pretendido na pesquisa e que auxilia a avançar no processo. Buscou-se 3 pessoas que eram conhecidas do pesquisador e que puderam "ser a semente que darão origem a todos os indivíduos amostrados", afinal imagina-se que "há uma ligação entre os membros da população dado pela característica de interesse" (p. 10). São os elementos disparadores da rede a ser formada. Importante acrescentar que constatou-se que alguns dos homens apresentados pelos colaboradores iniciais, poderiam contribuir em demasia, porém ao serem abordados, mostraram-se interessados no assunto, perguntavam a respeito e no entanto, declinaram de participar com "medo da exposição" (expressão essa dada por vários deles) e do que a pesquisa pudesse provocar, justificando a dúvida, o medo e a não confiança.

"O mascaramento se caracteriza em uma proteção do indivíduo quanto a seus amigos e parentes, "não querendo revelar que estes fazem parte da população" (Dewes, 2013, p.14). Efetivando a preocupação de apresentar o número de colaboradores manifestados, pois "o peso dessa limitação pode ser reduzido em ocasiões em que há a possibilidade de obter sementes oriundas de redes diversas, aumentando a possibilidade de acessar redes diferentes e, conseqüentemente, narrativas mais plurais" (Vinuto, 2014, p.207) .

O fenômeno é revelado através de todos os limites que o objeto apresenta no confronto com o observador, "em vez de fatos, temos os fenômenos. Os fatos na verdade

são derivados. O que é primeiro são os fenômenos. Os fatos só são obtidos por abstração” (Amatuzzi, 2008, p.48). No relato das percepções do curso de sua historiografia, a fala e a afirmativa do que foi vivido é gravado em sua memória e revivenciado (Zoirós³), através da entrevista aberta, com intervenções, somente quando houve necessidade de que o mesmo complementasse seu pensamento do fenômeno apresentado. Pinto & Bruns (2003) evidencia nessa epochè retratada por eles e que “repercute no comportamento desses indivíduos que, em algumas vezes, oscila entre o retraimento e a agressividade, apresentando-se à sociedade mais angustiados, tímidos, encabulados, solitários, num mundo, muitas vezes, que só lhes pertence” (p.107).

A riqueza existente nessa metodologia de agir e pensar, encontra-se na liberdade; a princípio, na conduta do pesquisador, que ora se vislumbra em dúvida e interesse pelo objeto, ora se inflama no decorrer dos relatos de seus colaboradores que trazem tão somente o objetivo arrebatado da memória e do vivido. Ademais, pela possibilidade daquele que se dispôs a contribuir, ter espaço e voz para sua vivência. Conseqüentemente se transforma em mais questionamentos, definições e não mais, do que o próprio motivo da ciência humana, a continuidade da dúvida. Esta definição, caracteriza-se pelo que Boemer (1994) expõe sobre o interesse da metodologia fenomenológica, “porque em primeiro lugar a investigação fenomenológica não vai partir de um “problema”, o pesquisador não terá um problema e sim uma interrogação” (p.85).

O modo como é apresentado o questionamento para se alcançar o intuito do interesse, trará no participante, imediatamente, uma enormidade de vislumbres vivenciados, trazendo da memória, os vividos e fazendo-o escolher o melhor ponto para iniciar a própria investigação. Esta é a hermenêutica particular do vivido, a hermenêutica primeva, originada do objeto transformando-se em subjetividade na interação com o questionador para a “elucidação da vivência”, como narra Holanda (2011).

Nesta pesquisa, onde a distância era mister das possibilidades, e onde os mecanismos modernos trouxeram o "distante" para a proximidade e a possibilidade, transformou-se em código para se alcançar o desejado, aquilo que muitos chamavam de

³ Zoirós: explanação sobre esta evidência descrita em capítulo abaixo.

inalcançáveis, justamente pela dificuldade de acesso e necessidade de se resguardar no sigilo. No início das entrevistas com os colaboradores, ainda estávamos sob as restrições de distanciamento da Pandemia de COVID 19.

De acordo com Bicudo et al. (2022), "a importância do olhar, dos gestos, das expressões faciais são constituintes caros da pesquisa qualitativa, tendo em vista que, com eles é possível dizer muito sem que seja pronunciada uma palavra" (p. 6). Porém, observou-se com outro olhar; esta presença tão rica e substancial para o método, que transformou-se possível mediante as tecnologias e a diversidade de manifestações da fala. Ainda, como fator preponderante, este indivíduo escolheu um local para fazer seu depoimento, sendo de seu domínio "Espaço-tempo".

Quando o colaborador permitia que sua câmera estivesse aberta, e então de modo muito atento às pausas de sua fala, às divagações dentro do conteúdo apresentado e algumas vezes, na escuta cautelosa das emoções expressadas, os significados foram, primeiramente vivenciados e/ou reverenciados, explorados na busca de uma resposta que o momento lhe propiciara e por fim solucionada, como contribuição à narrativa do questionamento.

Sendo assim, para Amatuzzi,

o método fenomenológico apresenta-se à psicologia como um recurso apropriado para pesquisar o mundo vivido do sujeito com a finalidade de investigar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinada situação, com o intuito de buscar a estrutura essencial ou invariante do fenômeno (2010, p.264).

O primordial ao pesquisar, é estar atento às disparidades que são apresentadas, ou melhor dizendo, às diversidades subjetivas, principalmente diante do número de colaboradores, para se apreender o sentido e o significado atribuídos às suas vivências, que na maior parte das vezes estão camufladas e sentidas também no sigilo e muitas vezes, até a própria voz, ou o pensamento, têm um sentido controverso.

Colaboradores

Participaram desta pesquisa 62 homens colaboradores encontrados segundo o procedimento Snowball a partir de 3 informantes-chave, "pois permite que se alcancem populações pouco conhecidas ou de difícil acesso" (Bockorni e Gomes, 2021, p.105), que possuíam perfil necessário para a realização da pesquisa. Estes primeiros retrataram suas experiências aos demais convidados, e desta forma trouxeram segurança e seriedade, assegurando a privacidade e o sigilo necessários.

Critérios de Inclusão

Homens com idade acima de 18 anos, em relacionamento cisheterossexual e que são atraídos afetivo e sexualmente por homens. No decorrer da pesquisa surgiram alguns colaboradores, que mantêm relacionamentos com homens "casados" ou que namoram com mulheres, que foram mantidos no cômputo da pesquisa por trazerem informações pertinentes.

Critérios de Exclusão

Homens com idade inferior a 18 anos; os que não aceitaram participar, os que apresentaram limitações em responder à entrevista e os que fugiam aos critérios de interesse da pesquisa.

Abaixo, tabela de seleção e caminho de acesso aos colaboradores:

Tabela de Seleção dos Colaboradores			
Colaboradores	<i>n</i> Excluídos por não corresponder aos critérios	Excluídos por desistência	Excluídos por não corresponder aos critérios
Homens convidados a participar	280	–	–

Colaboradores	<i>n</i>	Excluídos por desistência	Excluídos por não corresponder aos critérios
Homens que concordaram em participar	67	1	4
Homens selecionados	62	—	—
Homens casados ou em relacionamento cisheterossexual	32	—	—
Homens Separados, Divorciados, Viúvos e Solteiros	30	—	—
Homens que tiveram relações heteroafetivas	26	—	—
Homens que nunca tiveram relações heteroafetivas	4	—	—
Total de colaboradores entrevistados	62	—	—

Em sua quase totalidade, são homens que se declararam heterossexuais, bissexuais e homossexuais 'cisgêneros', ou seja, a identidade de gênero corresponde ao sexo que lhe foi designado ao nascer. Somente um colaborador declarou o seu gênero fluído, com trânsito entre um ou mais gêneros (Pinto, Bruns & Zerbinati, 2020).

Materiais

1. Questionário sociodemográfico (Apêndice 1), elaborado pelo pesquisador com dados referentes à idade, localização, cor, religião, escolaridade, ocupação, condição econômica, estado civil, quem reside com ele, se tem filhos, atividade física e condição geral de saúde, a fim de caracterizar o perfil dos colaboradores.

2. Entrevista compreensiva realizada com um diálogo iniciado pela seguinte pergunta norteadora ou disparadora: "Você pode relatar para mim suas experiências afetivas e

sexuais?" Questão colocada de outras maneiras e repetidas, quando se viu necessário, para que o colaborador pudesse compreender o significado da expressão das experiências vividas.

Procedimento

Após o convite, aqueles que aceitaram participar, tiveram suas dúvidas esclarecidas em relação à pesquisa, foi encaminhado e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), encaminhado por email ou por WhatsApp, conforme a concordância de cada um (Apêndice 2), que garante que suas identidades e informações oferecidas ao pesquisador seriam mantidas em total sigilo. Após o reenvio do termo, os interessados entraram em contato para definir dia e horário para as entrevistas individuais, respeitando a conveniência e as condições de privacidade dos colaboradores. Os encontros ocorreram através de um link do Meet gerado pelo Google Chrome e gravada pela software Movavi Screen Recorder (gravador de tela), previamente orientada e consentida pelos colaboradores.

Em contato com estes colaboradores foram feitas as apresentações, agradecimento pela presença, a importância do ato, a empatia que se sabe pela dificuldade de alguns para falar sobre o assunto e também foram esclarecidas algumas dúvidas. Em seguida, foram orientados da necessidade da resposta ao questionário sociodemográfico para situá-los dentro de um contexto geográfico, histórico e social. O colaborador foi convidado a discorrer sobre sua experiência, sendo que o mesmo deveria fazê-lo dentro de suas condições e possibilidades e, que poderia haver interferência em sua fala, caso o pesquisador sentisse necessidade de um aprofundamento do fenômeno apresentado, ou no caso de alguma dúvida e dúvida.

Algumas anotações foram feitas pelo pesquisador sobre impressões apresentadas na fala ou mesmo nos gestos, quando foi possível observar, pois alguns optaram por manter a câmera desligada. O término da entrevista se deu com a indagação de haver algo mais a dizer e se recordara algum fato mais relevante de sua história. Foram perguntados também, se havia dúvidas a respeito de tudo o que foi dito e feito e, terminou-se indagando como era

para eles exporem o todo que fora citado e como eles se encontravam no momento. Foram informados do término da gravação. Quando então, alguns (dos que optaram por manter a câmera fechada) permitiram-se abri-la, relatando ter alívio por expressar em seus sentimentos e o vivido. Indagaram sobre a pesquisa e também sobre o pesquisador, no qual tinham curiosidade e, principalmente o porquê do tema, como havia-se chegado a ele e, a confirmação de que seria muito difícil encontrar outros pares.

Vale reforçar que foram orientados da importância da contribuição que fizeram e que, de acordo com o TCLE, haveria a disponibilidade de acolhê-los em algum momento, caso houvesse desconforto após a entrevista. Fato acontecido e apresentado por três deles, que expressaram depois, satisfação pelo acolhimento.

Gravada a entrevista, seu conteúdo foi transcrito na íntegra e submetida à análise fenomenológica na busca de compreender os significados e sentidos atribuídos pelos colaboradores às suas vivências.

Mesmo estando à distância, o Estar-com, expressado por Amatuzzi (2011): “cabe ao pesquisador [...] permanecer ativo e presente como um interlocutor que solicita e acolhe” (p.21), foi fundamental para que houvesse um vínculo observador/colaborador, construído no decorrer do Espaço-tempo disponível, de ambas as partes, afinal, o mundo virtual também é um lugar incógnito. “Encontrar e convidar participantes, sem estar frente a frente, é um primeiro desafio que se impõe. O chamado por redes sociais, e-mails, ou outros modos, para sensibilizar e ter o comprometimento de envolver pessoas, coloca-nos em caminhos tortuosos” (Bicudo, et al., 2022, p.5). Porém, nossa experiência evidencia a importância deste distanciamento e das mídias sociais para ter acesso aos colaboradores, como um facilitador e aliado à ciência tão claramente, considerando conceitos éticos e criando o vínculo de forma responsável, confiável, autêntica e espontânea.

ANÁLISE DE DADOS

Importante ressaltar a riqueza existente na interação entre pesquisador e colaborador, como expõe Andrade & Holanda (2010), quando diz da "relação estabelecida entre o *sujeito-pesquisador* e o *sujeito-pesquisado* - duas histórias próprias que se

encontram para compreender um fenômeno” (p.264), no qual o pesquisador deve desvestir-se de toda forma de conceitos e preconceitos. Esta redução fenomenológica “caracteriza-se pela consideração da experiência intencional no encontro das subjetividades envolvidas com o mundo” (Holanda, 2009, p.96). A neutralidade que a epochè nos convida a Estar-com, enriquece o que Holanda (2001) exorta, servindo como “filtro para formulação do vivido” (p.22), àquele que auxilia através de seu processo epistemológico, trazendo não somente seu constructo, mas sua contribuição para evidenciar a forma como este colaborador sentiu ou solucionou sua vivência. Deste modo, “cabe ao pesquisador durante a coleta, permanecer ativo, presente como um interlocutor que solicita e acolhe” (Holanda, 2011, p.21).

Para análise compreensiva dos relatos dos colaboradores no momento da entrevista, utilizou-se do método proposto por Amatuzzi (2011), que consiste, primeiramente, em uma leitura e releitura dos relatos, com a intenção de familiarizar-se com a descrição da experiência vivida e apreender o sentido geral do fenômeno indagado.

No segundo momento, retomou-se a releitura das narrativas, a fim de evidenciar ou discriminar as “unidades de significados”. Estas foram apreendidas pelo pesquisador, numa tomada de postura da suspensão fenomenológica.

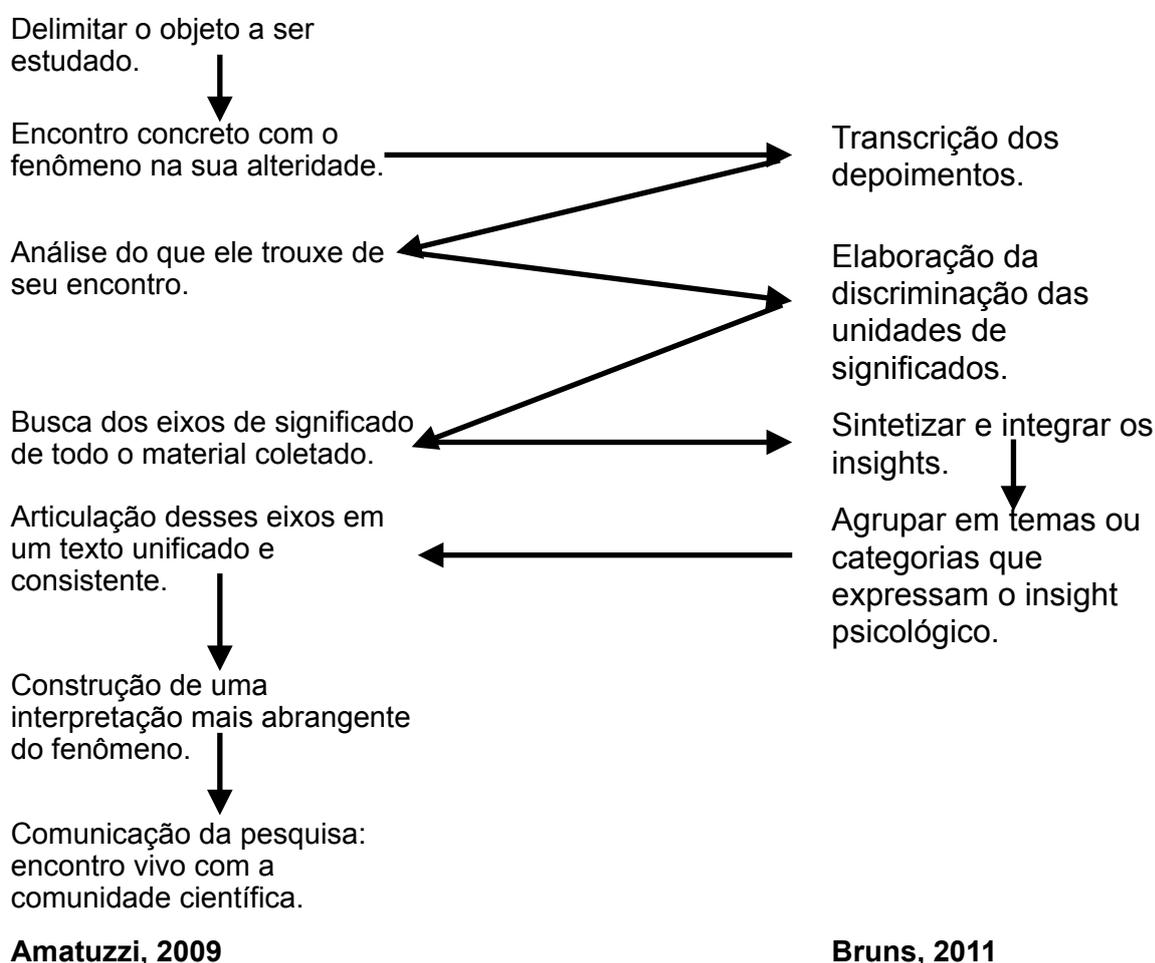
No terceiro momento, após a obtenção das “unidades de significado”, o pesquisador buscou agrupá-las em temas ou categorias que expressavam o *insight* psicológico nelas contidas, ou seja, transformando a linguagem coloquial do colaborador no discurso psicológico (Amatuzzi, 2011).

E por fim, o quarto momento, sintetiza e integra o *insight* contido em todas as unidades de significados agrupados, buscando identificar as convergências e divergências dos sentidos atribuídos pelos colaboradores, para compreender a estrutura geral do fenômeno. Os conteúdos presentes nas categorias são interpretados à luz da literatura consoante ao tema (Amatuzzi, 2011).

Na fenomenologia aplica-se a interrelação dos humanos, que Amatuzzi (2011) chama de relação “sujeito-sujeito, pois o objeto aqui é um outro sujeito” (p.47), que está em

uma constante dialética para esclarecer o vivido e, Holanda (2006) coloca a posição desta persona, que então coparticipa desta interação dizendo que nesta descrição "não tem sujeitos que fornecem informações, mas **colaboradores** que pensam junto sobre o assunto e o fazem com a novidade da primeira vez" (p.21). Complementando então, que nas "ciências humanas o que se tem a fazer é tirar proveito desse envolvimento" (p. 49).

No esquema abaixo apresenta-se de forma esquemática, a perspectiva de análise de AmatuZZi (2009), que nos dirige ao processo de ação do delineamento da pesquisa, acrescentado à perspectiva de análise do conteúdo, dissertado por Bruns (2011), dentro da análise compreensiva apresentada na redução fenomenológica de sua vivência.



Este processo de construção da análise, permitiu obter discernimento do processo para chegar à compreensão e interpretação do epochè, que permeia o foco de interesse. Uma vivência recheada de emoções e sentimentos, travestida de experiência, ou desejo, ou medo, ou dúvida. A apresentação que Forghieri (2017) traz da redução fenomenológica e, o

que produz no indivíduo, “retornar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constitui no próprio existir humano” (p.59). Será que é nesse momento que os colaboradores tem acesso à importância dos conteúdos trazidos? Alguns deles disseram que sim, sendo a primeira vez que se permitiram sentir, narrar e escutar suas próprias experiências.

Evidenciando o essencial como nos elucida Bruns (2011), “não se ater somente ao estudo de comportamentos observáveis e controláveis, mas procurar interrogar as experiências vividas e significados que o sujeito lhes atribui” (p.69). Procurando entender o desvestir-se por parte do pesquisador, onde as indagações são um meio, uma configuração do Estar-com, podendo o colaborador encontrar recosto para sua fala e pouso para suas indagações e medos.

ASPECTOS ÉTICOS

O estudo foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – SP (CEP/FAMERP), de acordo com a Resolução CNS no 466 de 2012, Resolução no 510 de 2016 e Norma Operacional no 001 de 2013 do CNS em 19 de setembro de 2022 (Anexo I).

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS COLABORADORES

A coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2022 a fevereiro de 2023. Ao todo chegaram a ser abordados cerca de 280 homens (difícil computar exatamente o número levantado). No total, foram realizadas 67 entrevistas com potenciais colaboradores; descartada 1, após o colaborador conceder a entrevista e voltar atrás de sua decisão de contribuir e 4, por não corresponderem à proposta inicial.

As informações obtidas por meio da Caracterização do Perfil dos Colaboradores foram distribuídas em tabelas. Conforme síntese apresentada no momento da entrevista, a

partir das informações do questionário sociodemográfico. Os perfis encontram-se nas Tabelas de 1 a 12 abaixo. Os nomes dos colaboradores foram substituídos por pseudônimos nomeados por eles, a fim de preservar suas identidades.

Tabela 1

Idade	<i>n</i>
De 18 a 30 anos	2
De 31 a 40 anos	12
De 41 a 50 anos	14
De 51 a 55 anos	12
De 56 a 70 anos e mais	21

Entre os colaboradores 3,33% possuem idades que variam de 18 a 30 anos., 20% têm idade que variam de 31 a 40 anos, 23,33 % de 41 a 50 anos, 20% entre 51 a 56 anos e 33,33 % entre 57 até 79 anos. Proporcionalmente o núcleo maior e mais representativo está no período de 51 a 56 anos.

Tabela 2

Localização	<i>n</i>
Distrito Federal	1
Estado do Mato Grosso do Sul	1
Estado de Minas Gerais	2
Estado do Paraná	4
Estado do Rio de Janeiro	1
Estado de Roraima	1
Estado de São Paulo	51

Os colaboradores são representados em 1,66% respectivamente entre o Distrito Federal, e os estados do Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Roraima, 3,33% do Estado de Minas Gerais, 6,66% do estado do Paraná e majoritariamente 83,33% do estado de São Paulo.

Tabela 3

Cor	<i>n</i>
Branco	46
Pardo	8
Preto	7

Entre os colaboradores 75% se autodenominaram brancos, 13,33% pardos e 11,66% pretos.

Tabela 4

Religião	<i>n</i>
Ateu	6
Candomblé	2
Católica	23
Cristão	7
Deus Quântico	1
Espírita	9
Evangélico	7
Laico	3
Umbanda	2
Xamanista	1

A diversidade religiosa se contempla constando, 10% de indivíduos ateus, 3,33% candomblecista, 36,66% católicos, 11,66% cristãos, 1,66% Deus quântico, 15% espíritas, 11,66% evangélicos, 5% de laicos, 3,33% umbandistas e 1,66% de xamanista. Sendo 59,98% de denominações cristãs, 24,98 de religiões de matriz africana, espiritualista e autóctone e 15% de ateus e laicos.

Tabela 5

Escolaridade	<i>n</i>
Ensino Fundamental	1
Ensino Médio	14
Superior	11
Especialização	21
Mestrado	3
Doutorado	11

A escolaridade dos colaboradores sendo 1,66% com ensino fundamental, 21,66% com ensino médio e 76,66 com ensino superior.

Tabela 6

Ocupação	<i>n</i>
Administrador	2
Agricultor	1
Analista	1

Ocupação	n
Aposentado	5
Auxiliar de Serviços Gerais	1
Caminhoneiro	1
Comerciante	1
Consultor	2
Corretor	1
Curador	1
Empresário	4
Encarregado	1
Engenheiro	1
Estoquista	2
Fisioterapeuta	1
Funcionário Público	5
Mecânico	1
Médico	2
Pedreiro	1
Pesquisador	2
Professor	12
Profissional Liberal	1
Promotor de Vendas	1
Psicólogo	2
Supervisor	1
Técnico	3
Terapeuta	1
Tradutor	1
Vigilante	2

Como há um grande número de colaboradores com ensino superior, os mesmos trabalham em suas áreas respectivas dentro de suas formações ou como professores e funcionários públicos, e os demais em profissões técnicas ou prestadoras de serviço.

Tabela 7

Situação Socioeconômica	<i>n</i>
A	9
B	27
C	20
D	5
E	0

Os colaboradores se autodeclararam pertencentes em: 15% à classe A, 45% à classe B, 31,66% à classe C e 8,33 % à classe D.

Tabela 8

Estado Civil	<i>n</i>
Casado	31
Divorciado	15
Separado	2
Solteiro	12
Viúvo	1

O estado civil dos colaboradores em proporção, 51,66% casados, 25% divorciados, 3,33% separados, 18,33% solteiros e 1,66% viúvos.

Tabela 9

Filhos	<i>n</i>
Não	18
Sim	43

Colaboradores que não possuem filhos são 28,33% e 71,66% possuem filhos.

Tabela 10

Quem Mora Com O Colaborador	<i>n</i>
Companheiro	2
Esposa	4
Esposa e filho(s)	19

Quem Mora Com o Colaborador	<i>n</i>
Esposa, filho(s) e mãe	1
Esposa e sogra	1
Filho(s)	5
Mãe	6
Pai	1
Pai e filho(s)	1
Pai e Mãe	1
Só	20

Proporcionalmente habitam entre 1,66% com companheiro, 41,66% com esposa e filhos, 8,33% com os filhos, 15% com os pais e moram só 33,33%.

Tabela 11

Atividade Física	<i>n</i>
Não	15
Sim	46

Prática de atividades físicas efetuadas pelos colaboradores, sendo que 76,66% o fazem, e 23,33 não realizam nenhuma.

Tabela 12

Estado Geral de Saúde	<i>n</i>
Boa	47
Doenças Crônicas	9
Média	1
Sequela COVID	4

Para o estado de saúde dos colaboradores sendo que se declararam com boa saúde 76,66%, com doenças crônicas 15%, saúde em estado médio (devido a uma cirurgia) 1,66% e com sequelas da COVID 6,66%.

ANÁLISE COMPREENSIVA E INTERPRETATIVA DOS RELATOS DOS COLABORADORES

A partir dos passos já apresentados anteriormente de acesso à vivência dos colaboradores desta pesquisa, serão apresentadas as categorias emergidas dos relatos, de acordo com o resultado do estudo sobre "Ciclo de Vida", proposto por Gonçalves (2016): "1. Vivências da infância (até 11 anos), 2. Vivências da pré-adolescência (11 a 14 anos), 3. Vivências da adolescência (14 a 20 anos). Para este estudo foram incluídas pelo pesquisador, mais 2 categorias de significados, 4. Vivências da vida adulta ou maioridade (21 a 55 anos)" e 5. Vivências da maturidade (dos 56 anos em diante), com base nas observações feitas no momento de entrevista, pois a partir dos 56 anos possuíam falas e experiências semelhantes aos homens na faixa dos 60 anos de idade ou mais.

Algumas falas dos colaboradores estão inseridas em mais de um contexto de categorias e subcategorias, por compreender serem relevantes em contextos distintos.

Categoria 1. Vivências da infância (até 11anos).

Esta categoria diz respeito à vivência dos colaboradores de sua infância, período demarcado para este estudo até os 11 anos de idade.

A sexualidade na infância sempre foi um foco de interesse para compreensão da sexualidade na fase adulta. No entanto, como expõem Bonfante, Poli & Hohendorff (2023) é possível perceber "a dificuldade de acesso aos participantes, podendo isso estar vinculado ao estigma social em abordar questões da sexualidade, visto que são tratadas como um tabu" (p.11). Embora a sexualidade seja ainda um tema tabu, em muitas sociedades é compreendido com "naturalidade", mais um aspecto do desenvolvimento humano, como o cognitivo e o físico.

Para Hercowitz, Ciasca & Lopes Jr. (2021), a construção que o indivíduo faz de sua orientação sexual encontra-se na atração, no comportamento e na identidade, pilares para sua institucionalidade. Os mesmos autores, também apresentam estudos de Cochran et al. (2014) que ressaltam que o início da expressão da orientação sexual direcionada às pessoas de outro, do mesmo ou mais de um gênero, pode dar-se em torno dos dez anos de idade.

Nos relatos de alguns colaboradores ocorrem momentos anteriores à idade citada, através de lembranças, fantasias ou mesmo desejos, referidos por eles. Importante frisar, que nem todos expõem dessa forma, pois ao longo do desenvolvimento humano vamos construindo o sentido da sexualidade, como descrito de forma nebulosa ou vaga à temporalidade da sua expressão.

A primeira lembrança que eu tenho, eu tinha mais ou menos uns 4 anos e eu tava brincando com meu pai e meu irmão. E a gente tava brincando de bozinho, vaquinha; meu pai era o boi e eu entrei de baixo do meu pai e eu me senti muito bem ali. Me aconcheguei em baixo dele, sabe. (...) Ele como adulto, ele saiu fora e disse: "Vamos dormir, tamo com sono, vamos dormir".

Hoje eu lembrando nisso, eu percebi que ali foi o meu primeiro... Lógico que do meu pai não tem nada a ver, naquela época eu nem sabia o que era isso, eu tinha uns quatro, cinco anos. (Jorge, 56)

Eu comecei a ter relações sexuais com 6 anos de idade e eu não sabia como tratar e nunca foi comentado sobre isso comigo. Então, eu achava que era normal, os amigos maiores, adolescentes... Nós íamos brincar e sempre mantinham relações comigo. Isso passou um tempo... Isso ficou gravado em minha memória. Depois, você começa a saber o que que é, você tenta não fazer mais. Mas o bullying era muito grande, porque apresentava traços de homossexual, de gay, de viadinho (faz sinal de entre aspas e engole seco). (Carlos, 64)

Após os relatos acima, alguns pontos merecem destaque para reflexão, nem sempre o esperado e o que se torna comum entre os colaboradores, é identificado. Relatam vivências da infância destituídas de experiências sexuais abrangentes e influenciadoras, ou mesmo, contribuintes para a construção da orientação sexual.

Na atitude fenomenológica manifestada, vem à tona um constructo de que o indivíduo passa toda a vivência ampliada e ressignificada. As lembranças dos fatos, das falas, dores e interpretações que se mostram para ele, são consistentes com as sensações e emoções definidas pela experiência vivida (Zoiròs). Podem ser a mesma, que é explorada

no momento que é exposta, ou transformada por uma constante intercorrência na busca de entendimento justificando ou identificando a "dor" e suas consequências. Husserl a respeito menciona:

Nós expressamos o que a experiência direta nos oferece. Seguindo os motivos da experiência, nós concluímos diretamente do experimentado (percebido e lembrado), o não experimentado; nós generalizamos, nós transferimos, então, novamente o conhecimento universal para casos singulares ou deduzimos, no pensar analítico, novas universalidades dos conhecimentos universais. (2020, p.73)

A epochè passa por um crivo do filtro universal num diálogo do “mundo-vida” (Neves & Bruns, 2022) próprio, individual e indistinto, com a universalidade encontrada no “mundo-mundo”, repleto de coletivos e especificidades. E quando emergem, são apontadas com naturalidade. O colaborador Carlos, 64, comenta a questão do bullying, evidenciando, o quão está vulnerável a constrangimentos morais, provenientes de uma diversidade de enfrentamentos, de uma construção social que recrimina, um autoconceito que inferioriza, que reforça a homofobia internalizada e institucionalizada e emoldura um sofrimento, tanto reprimido como subjugado.

Eu acho que minha infância foi normal, até os meus 15 anos eu acho, eu acho que nunca tive uma experiência sexual, nem nada. (Ralph, 54)

Na infância eu nunca tive nada que eu possa dizer que me forçou a ser homossexual. Nunca tive nenhum tipo de agressão, nenhum tipo de violência, nunca passei por nenhum tipo de abuso, graças ao bom Deus, mas eu nunca tive nenhum apoio, ninguém que me explicasse o que estava acontecendo comigo. (Leandro, 52)

Desde pequeno eu já tinha atração, relações sexuais. Mas, é aquele famoso troca-troca, né? De criança, com os amigos lá... eu cheguei a ficar com algumas meninas também. Mas era só... não vou falar o nome pejorativo, não tinha pênis o suficiente para qualquer tipo de penetração, de que eu me lembro por gente. (Emanuel, 54)

Nestes relatos, foram percebidas algumas questões do desenvolvimento e manifestações da sexualidade. Dentre estas, a ausência de orientação/educação por parte de adultos próximos, que depositavam expectativas de respostas, nos diferentes momentos vividos de acordo com as faixas etárias. Sabe-se que esta "ausência" se dá pelo despreparo de adultos que respondem, à sua maneira, às intercorrências da vida. Porém, observa-se que já havia um interesse em ajustar as expectativas sobre preocupações da sexualidade, que vieram na urgência de suas curiosidades.

É pertinente que profissionais em todos os âmbitos educacionais, religiosos e principalmente da saúde, possam contribuir não somente com crianças, adolescentes, mas também com jovens e adultos, para que construam seus ideais, valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à sexualidade. Necessitam ser "preparados" para atuar como educadores, quando direcionados para educar sexualmente (Figueiró, 2014).

Desta forma, cabe uma formação continuada e emancipatória, sobretudo, para formar a pessoa como cidadã consciente, crítica e engajada nas transformações de diversas questões sociais, ligadas direta e indiretamente à sexualidade (Goldberg, 1988). Sabe-se no entanto, que ainda a ignorância é a principal precursora do despreparo para a permanência do *status quo* doutrinal, afinal não se deve mexer naquilo que é conhecido e controlável.

Nós tivemos a partir da minha mãe, uma instrução sexual. Ela se colocava aberta: Pode perguntar! Tinha um livrinho, de onde vem os bebês. Não sei se você já viu, era um tipo de origami, tinha umas colagens que ia falando das flores, dos animais, aí chega... quando mostra a questão da gestação e do casal mesmo, não tem a penetração. Aí tem um casal na cama com uma cobertinha assim. Mas a gente quando tinha feito..., acho que 9, não sei que idade, ela dava esse livrinho pra ler: "Você lê sozinho e depois se quiser perguntar alguma coisa, pode perguntar". (Gregório, 61)

Bom, eu fui criado em uma família evangélica, super tradicional, então, família de pastores, missionários, evangelistas. Nunca tive muito acesso nem

à pornografia, nem a falas, nem a comentários, nem mesmo de animais, nada. Minha mãe não deixava chegar nada a mim. Então, eu não tinha muita informação sobre nada. Aos 12 anos, eu achava que as mulheres urinavam pela bunda, eu não sabia que era pela vagina, para você ter uma noção. (Fabio, 36)

Eu tinha uns 10 anos, e ele deveria ter uns 14, e ele voltou a tentar me a... bolinar. E aí dessa vez, acabou acontecendo uma relação, né, onde eu fui passivo e ele ativo. Depois disso, de uma certa forma, eu fui criado numa religião Católica e a gente tinha as nossas crenças e tudo, e aquilo ali assim, acabou me deixando com a cabeça confusa na época. Mas eu tinha uma professora assim muito espetacular que eu acabei comentando com ela, e ela me explicou várias coisas. Porque as vezes, eu tinha vergonha de falar isso com a minha mãe, com meu pai, né, até pelo tipo de criação. Aí ela me orientou, conversou e tudo e aquilo ali pra mim, e passou. (José, 58)

Ah! Assim, eu tive uma infância, assim bem sofrida, sabe. Porque eu tinha esses desejos e eu não concordava com isso, né. Às vezes eu gostava de uma pessoa, tinha interesse numa pessoa, mas não tinha aquela coragem de falar, de relatar pra pessoa, né. Então foi assim, uma coisa bem sofrida. Na infância, isso já com 8, 10 anos, que a gente já entendia alguma coisa, já... A gente teve isso desde moleque, sã? E aí fui sofrendo, sofrendo... Vivendo uma vida que não era minha, né. (Fernando, 48)

As falas dos colaboradores enfatizaram a questão da família, expressando uma maneira informal de educar, que se traduz pelo modo como se lida no dia-a-dia com as situações que envolvem a sexualidade. Alguns afirmaram não terem recebido orientação de seus pais. Eles passam uma imagem positiva ou negativa da sexualidade e, por isso, pode-se dizer que se está educando e, muitos encontram dificuldades em definir o que julgam certo ou errado, se devem aceitar ou condenar (Tavares & Justi, 2018). Outra maneira de educar é a formal, que consiste num trabalho intencional de ensino sobre as questões da sexualidade, que pode ser planejado, ou acontecer, sem um planejamento prévio, a partir

de alguma situação específica que possibilita criar um momento intencional de ensino-aprendizado (Figueiró, 1999), como fez a professora do José, 58.

Há presença nas falas, da angústia existente por não haver orientação adequada às vivências e aos enfrentamentos que refletem na sexualidade. O educador deve estar preparado para responder às supostas dúvidas e problemas quando surgirem. Deve ser uma pessoa coerente em transmitir a proposta, atualizando-se sempre e propiciando enriquecimentos sobre a diversidade (Carvalho et al., 2017). A falta de informações específicas voltada para área da sexualidade, revelam o despreparo dos professores e de líderes religiosos diante da variante sexual.

Nas falas dos colaboradores, a atração por pessoas do mesmo sexo começou a ser despertada sem que eles dessem conta de sua sexualidade, como algo inato, intrínseco ao ser humano. A curiosidade é parte daquilo que nos faz questionar, avançar, evoluir e desejar mais. Como dizer: "Existe em mim, é meu". A sexualidade humana é grande propulsora de desenvolvimento, se orientada e vivida, dilui as angústias, ameniza as ansiedades e direciona a psiquê.

Eu acho que a minha primeira experiência sexual que eu tive foi muito rápida, ééé... foi com a minha irmã. Então tive uma questão incestuosa com ela e isso me incomodou bastante... por bastante tempo. Mas foi a única também, né, eu devia ter uns 8, ela, uns 6. Mas era aquele negócio de encostar, assim, uma "coisa" com a outra. Isso foi a minha infância ali. (Guilherme, 47)

Com 6 anos eu descobri que existia uma tal de sexualidade, uma genitalidade. Que existia, vamos dizer assim, o membro masculino, membro feminino. Tinha curiosidade pelos dois. Com parentes próximos, com primas, primos, descobri isso aos 6 anos. (Fabrício, 79)

Na infância, bem infância, meu irmão mais velho, que é um ano mais velho que eu, a gente tomava banho juntos, a gente se tocou e, ééé... não sei o termo que usa exatamente, um chupou o pintinho um do outro. A gente fez isso, algumas vezes, e um dia ele falou: "Eu não quero mais...", mas eu acho

que eu tinha o que, 7, 8 anos por aí, no máximo. Depois disso, a gente sempre teve uma diferença... até hoje é espantoso. (Gregório, 61)

Eu devia ter uns 5, 6 anos, ou sete, não me lembro. Eu morava numa fazenda, e tinha todos os meus primos... Nós convivíamos muito juntos. Idade um pouquinho maior, um, 2 anos a mais,... 3 anos, talvez. E a gente ficou naquela turminha né..., os pais trabalhavam, tal, e eu me lembro que uma vez, eles quiseram fazer um troca-troca. Então foi assim, uma coisa muito estranha. Mas aí pegou 2 a 2 e, faz um, troca ali. Foi essa experiência que não teve significado nenhum pra mim. Sem sentido nenhum, sem novidade. Uma coisa assim... mecânica, mas eu me recordo disso, tá. (Nilson, 56)

Os relatos são os mais diversos de brincadeiras e jogos sexuais com meninas e meninos, dos quais, apresentam argumentos de não se lembrarem ou se de fato suas recordações foram vívidas a ponto de poder garantir que houve pouca interferência ou questionamentos a respeito de suas sexualidades, mesmo que, internamente algo já os sinalizasse que o funcionamento de seus desejos eram discordantes do que era apresentado socialmente e observado por eles. O antagonismo relatado acima por Gregório, 61, traz a luta desde a infância a respeito da conduta sexual existente, da curiosidade natural e principalmente da condução exploratória de si e do outro que está na criança, do desejo e da institucionalidade da presunção social adequada. E, o quanto reverbera por toda uma vida, se não observado e esclarecido aquilo que denota divergências.

Eu sempre soube que eu era gay, mas..., não sei quantos anos você tem, mas assim, pra minha geração era meio complicado, a gente não podia sair falando pra todo mundo, né. Na infância, eu não tive nenhum tipo de experiência, nem na adolescência. Comecei a trabalhar muito cedo, ia pra escola à noite, voltava... Eu sempre fui muito certinho, sabe. Realmente, eu comecei muito tarde. Fiquei muito tempo me culpando por isso, né, tentando entender porque é que eu tinha tanta atração pelo Mario Gomes, lembra? (Rodolpho, 52)

Desde criança olhava um parente, um amigo de alguém, alguém na rua, mas eu acho que eu ainda não tinha muita malícia, não tinha muito interesse, era muito criança. (João Miguel, 42)

Algumas atividades, brincadeiras entre meninos são comuns nas mais variadas idades, até por volta dos 16, 17 anos. O “troca-troca”, “meinhas” ou “mão amiga”, foi a experiência mais comentada. Tais atividades sexuais ocorreram durante um período importante do desenvolvimento do ciclo vital, da definição dos papéis sexuais e sociais. São atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, muitas vezes vindos de adolescentes que procuram meninos mais novos para satisfazer seus desejos. E quando um menino procura outro próximo à sua idade para exercer o jogo, provavelmente ele pode ter tido alguma experiência no seu meio familiar e/ou círculo de amizade. Rosa em estudo sobre o assunto, destacou que:

foram identificadas a erotização e a sexualização do comportamento, bem como a revitimização – quando a pessoa se coloca nesta novamente na posição de vítima e se orienta a partir de comportamentos abusivos. O comportamento de abusador reflete a própria experiência como vítima. Esses valores sexuais, inclusive os abusivos, a exposição a modelos adultos de agressão, dominância e intimidação e experiências de socialização são fatores significativos nos efeitos a longo prazo. (2022, p.28).

Alguns dos colaboradores relatam abaixo a participação de jogos sexuais que faria parte da construção da masculinidade, e para tanto, consideravelmente natural e pertinente ao desenvolvimento do “ser homem”.

Então, às vezes, a necessidade de você ser e pertencer, faz você experimentar algumas coisas só pelo prazer do pertencimento. Então, eu acho que essas duas coisas ocorreram na minha infância para que eu começasse a fazer algumas experiências. (Namata, 56)

Me vem cenas de eu, meu primo, os amigos de meu primo, das férias, minha mãe deixava a gente tudo solto, sozinho; aí a gente andava de bicicleta a tarde inteira e depois vem cena da gente chegando na casa de um deles e falando vamos tomar banho todo mundo junto? E aí tomava banho, todo

mundo junto, e eu lembro dessa curiosidade, desse desejo de tocar os outros meninos. E isso acontecia, um tocava no pau do outro e tal. (Caio, 47)

Apesar da pouca idade e da falta de compreensão destes “meninos”, do que estava acontecendo, o desejo travestido de curiosidade, desenrolava o intento de saciar a euforia da sexualidade que eclodia. É nesta fase que o interesse por um primo ou uma prima pode se manifestar, visto que o jovem tem uma segurança maior nesse núcleo para experimentar sentimentos e intimidades (Guimarães & Mercatelli, 2017).

Então, eu desde pequeno que... eu já pendia pra esse lado né. Assim sentia desejo, atração por pessoa do mesmo sexo. Eu saía com os meus primos, coleguinhas pra brincar, pra correr, eu me sentia atraído, eu sentia desejo. Tinha brincadeira, vai abraçar, toques... E por aí foi começando, né. E eu fui crescendo, o tempo foi passando e eu comecei a brincar, com meus primos, em especial com um sobrinho. Eu às vezes ficava só em casa com ele, minha irmã saía e eu ficava em casa com ele, a gente se tocava e daí eu fui começando a manter relação. Desde moleque, acho que 10 anos, 11 anos. (Felipe, 46)

Ah, eu também lembro de uma vez eu fui visitar uma prima e enquanto eu estava brincando com ela na piscina, de repente eu tive que pegar uma toalha dentro da casa e a hora que eu entrei na casa, pra pegar a toalha de banho, o pai dela abre a porta, peladão, com aquele pau enorme. Eu nunca tinha visto um pênis na minha vida, porque meus pais nunca conversaram comigo sobre sexo. Inclusive eu acreditava em cegonha, essas coisas. Nunca tive um diálogo com os pais sobre sexo. E aí a hora que eu vi aquele... aquele pau ali, peladão, todo peludo... eu não sabia o que que era. Não entendia. (Lucas, 51)

Olha, quando criança eu tive, eu falo de 8 a 12... 8 a 11, umas experiências de brincar assim de sexo, de troca-troca de moleque, mas era mais uma pegação, não tinha penetração, não tinha nada. Era mais tocar punheta um pro outro, coisa assim. (Pedro, 60)

Desde a infância eu tinha pegação com amiguinhos, com colegas de rua, na escola não, mas na rua sempre rolava uma pegaçãozinha. Depois foi progredindo de pegação pra outras coisas mais. Mas o desejo e o código moral não batia, eu sabia que eu estava fazendo algo errado. Isso acontece muito na infância e adolescência, mas na vida adulta isso se torna um tormento. (Xavier, 65)

Eu fui criado no sítio, então não tinha muita noção, ninguém me ensinou nada, ninguém me falou nada. Eu fui descobrindo sozinho. Aí eu tive uns contatos, tipo sexual com uns amiguinhos, colegas tipo, adolescentes, tal, mas homem. E fiquei com aquele medo, aquele receio. Nossa... por causa de religião, família, sociedade. A gente, aqueles católicos roxo, de terço, de novena e aí fiquei meio assim. (Doni, 52)

Na infância era tipo assim, aquelas brincadeiras entre amigos, né, tipo uma punheta, uma pegação como se diz hoje. Mas pra mim aquilo era coisa de infância, não é? (Zeca, 44)

Eu morava no sítio, era uma colônia de família e eu tive um envolvimento com um primo mais velho. Então, eu tive envolvimento com ele. Comecei a observar essa atração. (Paulo, 49)

O relato acima (Paulo, 49) destaca uma fala notoriamente relevante, pois diverge dos outros, quando o colaborador relata que além da experimentação e descoberta do sexo com o primo, houve "envolvimento". O envolvimento acaba sendo comum por crescerem e conviverem juntos nesta fase em que estão descobrindo os sentimentos, desejos e emoções; que possuem significado e que repercute até os dias de hoje, caracterizando plenamente a expressão da redução fenomenológica. A sexualidade é identificada em pequenas expressões que envolvem contato e desejo para com o outro, e também a "identificação" de uma emoção, que ao seu entender, vai além do contato sexual, quando denota o "envolvimento". Este "impulso" vem envolto em muitas interpretações a serem exploradas, como bem disse o colaborador abaixo:

Acho que é um dos últimos grandes tabus que não se fala muito, que é a sexualidade infantil. Então, por exemplo, quando você fala sexualidade, a primeira coisa que eu me lembro é eu tomando banho com meu pai, por exemplo tipo... Eu lembro da minha curiosidade em relação ao corpo dele, né, e lembro também de tomar banho com a minha mãe, e lembro de não ter essa mesma curiosidade. Em relação a vagina, como em relação ao pênis. (Caio, 47)

As descobertas, as curiosidades e os conflitos surgem cedo, observando o que ocorre ao redor, na tentativa de entender o comportamento humano “adequado” e na forma de se identificar às normas sociais de gênero. A partir das duas dimensões opostas e complementares, esbarra-se na dicotomia do que é notado, do que é sentido, ou vivenciado, também na tentativa de atender às expectativas que são depositadas nele; familiar, social e religiosa, envoltas aos medos, culpas e tabus introduzidos, muitas vezes, de maneira pecaminosa e suja.

Eu tenho uma lembrança assim, de quando eu tinha mais ou menos uns 10 anos, eu tava na quarta série, e meu livro de ciências tinha foto de um homem fazendo exercício junto com o filho dele, e esse homem estava sem camisa, só de short, eu lambi (ressaltou a palavra) aquela foto até rasgar, a foto do homem sem camisa e de short, né. Na parte íntima da foto. E foi até constrangedor, porque depois que eu rasguei a foto, eu disse: “O que que eu faço?” E a minha professora viu no dia seguinte que eu tinha rasgado aquela foto bem num lugar que eu não devia. Ela olhou pra mim e disse: “O que que você fez?” Eu disse: “Nada”. Olha a mancada, desde o começo, né. Então, daí eu já comecei a perceber que eu era diferente das outras crianças, né. Dos outros meninos. (Jorge, 56)

Na infância eu e minha irmã, a gente começa a se descobrir, a nossa diferença. Que eu tinha um pipi e ela não tinha um pipi. E a gente lá... tipo, em torno de 5, 6 anos. Ééé... Tava lá se olhando, mutuamente um dia no

quarto, minha mãe chega assim e acha aquilo um horror e cria um caso assim... medonho. Fala que não pode fazer aquilo, que a mãe morre, que num sei o quê. Tem um ataque já, fica na cama, passando mal aí tem que chamar meu pai, os vizinhos, dá um escândalo federal. Isso porque nós só estávamos olhando um no... naquela inocência da criança. Mas ela tinha um trauma muito grande em relação a isso. Então foi o primeiro choque que eu e minha irmã tivemos e que inclusive nos afastou por muitos anos, como irmãos também né. A gente não tinha afinidade, crescemos... é... eu cresci assim, mais isolado, mais solitário. (Antônio, 73)

Há uma questão moral de como ocorre a descoberta da sexualidade, seja nos livros, seja com os mais próximos, quem dirá com a irmã, como no relato do colaborador acima (Antônio, 73), pois muitos acreditam que seja uma relação de incesto. Como diz Guimarães & Mercatelli (2017) em seu artigo virtual: "Isso depende muito mais da cultura de um país ou da crença religiosa, que acaba sendo algo errado para muitos" (URL).

Em nossa sociedade, o incesto não se refere somente ao ato sexual ou estupro, também a toques, carícias, voyerismo, exibicionismo e assédio, quando ocorre entre pessoas que possuem algum parentesco sanguíneo ou por afinidade.

Estudo realizado por Matias (2006) com famílias onde ocorreu a violação do tabu do incesto, constatou que a ocorrência é mais frequente do que se imagina, e provoca efeitos impactantes na vida de toda família, não só para as figuras parentais, como para a vítima. Tal ocorrência pode repercutir em outras violências, rompimento de vínculo, desconfianças, temores, inseguranças e desorganização familiar.

A busca de compreensão sobre o incesto, necessariamente, traz uma reflexão sobre a família, uma vez que as relações incestuosas ocorrem no espaço familiar, onde são vivenciados os elos essenciais à formação da personalidade. A família é vista como a instância encarregada da proteção e provisão afetiva de seus membros (Matias, 2006). Faz-se entender que esta família se aproveita da afinidade e da "segurança" institucionalizada proveniente desta ligação, para manifestar o abuso incestuoso.

Os abusos e estupros vivenciados por homens ao longo da infância e adolescência, chamam à atenção, pois 30% dos colaboradores relataram alguma forma de abuso,

gerando desconforto, diferentemente de pesquisa realizada por Felipe et al. (2021), que notifica que "o sexo masculino predominou nos casos suspeitos de atentado violento ao pudor – 20,97% do grupo de zero a 15 anos" (p.2). Ressalta-se que relatar e/ou denunciar "é algo complexo que deve ser entendido numa compreensão histórico-cultural, onde a maioria dos casos, principalmente de violência contra meninos, ou não são denunciados ou são sub-notificados" (Costa, 2019, p.50).

Alguns colaboradores trazem detalhes dos abusos ocorridos enquanto outros o fazem rapidamente, não desejando entrar em detalhes. A dificuldade de experienciar o fato e relatar aos pais, implica nos mais diversos medos que isso possa acarretar, algumas vezes compreendendo o ocorrido e outras, observando com naturalidade, cujo tabu não está de todo presente. As emoções e sentimentos são os mais variados. Há quem associe o fato à vivência da sua homossexualidade e relatam que antes mesmo de passar pelo abuso, observava em si o desejo homoafetivo.

Tinha aquilo do menino que... me chamava de viado e depois queria que eu mamasse o pau dele, esse tipo de coisa. Isso acontecia com uma frequência. Eu tive as minhas paixonites pelos meninos mais velhos também... um pouco mais velhos. (Desejo, 36)

Na infância, na primeira infância mesmo, de tudo na minha vida uma coisa que eu lembro assim, que eu tinha uma tia muito filha da puta, que me vestia de menininha, sabe, brincava comigo como se eu fosse uma menininha, entendeu? Eee... tenho essa lembrança. (Jefferson, 44)

Bom, eu não sei se estou correto ou não. Mas eu acho que... uma coisa que me fez tomar outro direcionamento assim, foi que quando eu ia na casa da minha vó... Minha vó teve muitos filhos, e os últimos 3, eles meio que tomavam banho comigo, dormiam comigo e os 3, eles começaram a mexer comigo, sabe. Eles tinham 13, 16 e 19 anos na época, eu 8. Um não sabia do outro, mas começou dessa forma, assim. Mas depois eu nunca mais tive mais nada. Depois eles ficaram moços. Acaba que eles me olham de uma forma diferente... eles me olham, né. Isso aí que iniciou tudo assim. Começou desse jeito assim. (Maxwell, 51)

Eu sempre me vi... me vi com desejos pelo mesmo sexo desde os meus 7 anos, 8 anos. Mas muito confuso, né. Era uma coisa muito confusa. Com 6 anos, 6 pra 7 anos, eu fui abusado. Não fui obrigado, mas fui abusado e, isso me causou um certo trauma. Mas eu já percebi que antes disso eu já tinha algum desejo, alguma vontade. Entendeu? (Pablo, 55)

Eu tinha um primo e a gente sempre mantinha... ééé... não era nem relação, né. A gente se pegava. Mas eu me lembro assim perfeitamente, quando eu tinha 7 anos de idade, eu fui abusado sexualmente por um vizinho meu. Ele tinha 14 anos de idade e a gente morava num sítio nessa época. Aí ele me convidou pra gente ir... ééé... acho que era caçar passarinho. A gente morava do outro lado de um rio, atravessava uma ponte. Aí chegamos lá eu deitei no chão, ele deitou em cima de mim, mas ele não penetrou, nada. Nada disso. Depois ele disse assim pra mim: "Não pode contar isso nem pra sua mãe, nem pro seu pai". Eu falei: "Tá bom"! (Marcos, 56)

Uma coisa que... nunca esqueço, por exemplo, é de um tio meu que ele me convidava pra ir à casa dele, e eu lembro desse tio meu de cueca me dizendo pra... brincar com ele. Eu lembro de eu sentado na barriga dele, mas eu não me lembro de mais nada, além disso. Então eu não sei se chegou a haver alguma coisa, a minha mente bloqueou. Mas a única coisa que eu lembro é ele saindo do banheiro de cueca, a cor da cueca também lembro, que era amarelo clarinho e, lembro de eu sentado na barriga dele. Eu devia ter por volta de uns... 6 anos, isso. (Lucas, 51)

A primeira experiência sexual aconteceu aos 6 anos de idade, sofri um abuso de um tio, irmão de meu pai, depois até os 9 anos eu me recordo que aconteceram umas 3 vezes. Numa outra ocasião, não chegou a acontecer, mas... um vizinho tentou também. A gente tava brincando, um monte de crianças, e o vizinho, adulto, tentou abusar sexualmente de mim também, eu fugi. Não aconteceu, mas aquilo ficou marcado pra mim. (José Afonso, 44)

Pra começar, na infância foi meio ruim assim... teve abuso assim, sexual mesmo, né. Por parte da empregada que ficava comigo quando eu era pequeno, a primeira vez. E depois com um rapaz mais velho, foram umas experiências ruins que eu tive. Depois, né, assim experiência mesmo, troca-troca, essas coisas de moleque mesmo. Pelo menos na minha época era uma coisa comum, onde eu morava, né. (Italo, 61)

Quando eu tinha em torno de uns 6 pra 7 anos, eu tive uma experiência não muito agradável. Porque a gente tinha um grupo de amigos, que moravam ali na mesma rua. Brincávamos todos juntos, e um dia, um deles que era mais velho na época, cerca de 10 anos ele me "buzinou". Que era o termo que se usava naquele tempo. Eee... Eu me afastei e tal, e depois daquilo, passado alguns anos, eu já tinha o quê?... Uns 10 anos, e ele deveria ter uns 14, e ele voltou a tentar me a... a bolinar. E aí dessa vez, acabou acontecendo uma relação, né. (José, 58)

Eu tive uma única conversa sexual com família que foi com meu pai, né. Ele soube de uma história de que havia uns rapazes mais velhos que estavam abusando de algumas crianças. E aí ele queria saber se por ventura eu tinha sido um desses meninos que foi abusado. Porque se tivesse acontecido isso ele iria correr atrás do pessoal, que ia bater, né. Por medo disso, acabei mentindo, que na verdade a primeira vez que eu tive contato sexual, foi através de abuso dos moleques maiores do bairro. Inclusive sobre a alegação que se eu contasse pra alguém a escola ia ficar sabendo. Na época eu acho que eu estava no sexto, sétimo ano. Aí então a escola ia saber, o bairro ia saber, todo mundo ia saber. Foram 3 episódios. (Marcelo,40)

Rapaz foi um caso complicado. Aos 5 anos eu tive abuso por duas babás, depois eu desenvolvi uma sexualidade precoce... e aí eu não tinha muito discernimento não. Eu brincava com uns amigos, brincava com umas amigas, brincava com quem fosse. Só não brincava nem com minha irmã, nem meu irmão. Isso não. Aí eu lembro que dava uma... O coração batia, acelerava assim, e era o gás motivador. Mas não entendia porque, também. Aí, depois

disso, eu fui taxado como um menino... taradinho. Na pré-alfabetização, minha mãe foi chamada na escola porque me pegaram no banheiro com uma menina. Pelados. Pelados assim, né, com a calça baixa. Eu não lembro quantos anos eu tinha, mas era pequenininho. Era pré-alfabetização, então era pelo menos uns 7. Nessa faixa. (Xenovaldo, 41)

Pelo que eu me lembro, 5 anos, eu e meu primo, criança, se descobrindo, inocência. Aí começa a aflorar a sexualidade. Você começa a ficar com vontade né. Geralmente, eu era mais atraído por moleque, né. Então, tinha um vizinho que eu acabei tocando ele, tinha uns 10 anos eu acho, 10, 11. Mas era uma coisa assim, muito mecânica, né. Dava uma coisa pra ele (e riu),... tadinho, pobrezinho, é até covardia. Dava uma balinha, um carrinho e, vinha pro lado de cá e eu traçava ele. (Nando, 58)

Estudos (Neves, et al., 2010; Hohendorff & Patias, 2017; Costa, 2019) retratam a dificuldade em abordar o assunto, principalmente nos meninos. Para alguns colaboradores, os jogos sexuais são maneiras naturais de vivenciar a sexualidade e parte do processo da construção da masculinidade (os ritos), distanciando do sentido de abuso. Porém, a redução fenomenológica a respeito desse período ou fato epistemológico, reproduz consequências e transformam-se em dúvidas, quando não, vergonhas e até troféus. Costa em sua pesquisa expõe:

o baixo número de denúncias, a discrepância dos dados entre meninas e meninos vitimizados, onde aquelas tem uma incidência de três a quatro vezes maior que de meninos, a alta incidência de subnotificação, questões culturais, de gênero e masculinidade, a falta de noção que a violência sexual é o início da vida sexual do menino. (2019, p.49)

Na leitura que fazem os colaboradores Jefferson, 44 e Xenovaldo, 41, da vivência do abuso ocorrido e das consequências trazidas, como um enigma em suas narrativas, no epochè da redução do fenômeno apresentado, pode-se destacar:

possibilidades de consequências psicológicas e comportamentais, como: o medo, baixa-autoestima, sentimentos de vergonha, agressividade, dificuldades escolares, isolamento social, fugas do lar, delinquência e

comportamentos de enfrentamento, conduta sexual anormal, masturbação compulsiva e exibicionista, conduta hipersexualizada, comportamentos autodestrutivos: automutilações, tentativas de suicídio, dentre outras. (Costa, 2019, p.47)

Categoria 2. Vivências da Pré-adolescência (11 a 14 anos).

Esta categoria diz respeito à vivência dos colaboradores da pré-adolescência, período demarcado para este estudo até os 14 anos de idade.

Decorrencia de um período de transição é facilmente observável pelas mudanças fisiológicas marcadas pela puberdade. Momento em que alguns eventos ocorrem e se estabelecem. Tais manifestações surgem, não somente pelas mudanças hormonais e transformações corporais que se iniciam rapidamente, como estatura, peso, maturidade sexual, mas também pela imagem de si, visando a adaptação ao novo corpo. Os processos adaptativos incluem o luto pela infância, a perda do corpo infantil, e aceitação do novo, deixando emergir a nova identidade (Aberastury, 1981).

Os conflitos surgem nos âmbitos, sociais, familiares, religiosos, morais e até mesmo políticos. Os sentimentos e comportamentos são notoriamente reativos de estranheza consigo e com os outros. Dificuldades relacionais tanto dentro, como fora de casa, rebeldia, alterações de valores, maior investimento na sexualidade, na comparação com os iguais, os da mesma idade e os mais velhos, assim como o aparecimento de angústias, dúvidas, ansiedades e questionamentos, considerando um período de maior vulnerabilidade.

Os colaboradores do estudo representam este período puberal, trazendo à atitude fenomenológica referenciada por eles de suas vivências, que com a autopercepção vão ganhando um novo processo de significação. A partir deste processo evolutivo despertam para a sexualidade ou para a acentuação daquilo que já se manifestava. É comum encontrar tal narrativa: "Eu já sabia que eu era gay". Porém, pode ocorrer a repressão instalada pelos "códigos morais", colocando a construção da cisheteronormatividade à prova, com as oscilações, contradições e fragilidades típicas do período.

As curiosidades e o auto erotismo se acentuam com a prática da masturbação, de poder tocar o próprio corpo, de sentir e experienciar as sensações que “este” corpo pode proporcionar. Com a ação dos hormônios, o desejo se intensifica e a iniciação sexual se dá para alguns, neste momento. Independente da idade e da fase de vida em que o indivíduo se descobre, a pressão para atender às necessidades do “padrão” exposto, entendido como cisheteronormativo, chega de maneira inevitável, como nos explana Butler (2003): “Qualificar-se como uma identidade substantiva é tarefa das mais árduas, pois tais aparências são identidades geradas por regras, que se fiam na invocação sistemática e repetida de regras que condicionam e restringem as práticas culturalmente inteligíveis da identidade” (p. 208), podendo refletir que o conflito instaurado nesta fase observa as regras e os efeitos que produz. As observações de estudo de Matta, et al. (2021) expõe que os meninos respondem mais à uma problematização do preconceito, diferentemente das meninas que aceitam com mais facilidade as diferenças, dado este justamente pela pressão da inclusão ao contexto cisheteronormativo que sua virilidade deve responder.

Para Butler (2003), a norma de gênero opera como um padrão de normalização das práticas sociais, ou seja, funciona como um princípio regulador que se incorpora em todos os atores sociais e governa a inteligibilidade social da ação. Assim, mesmo aquilo que se encontra “fora da norma” é regulado a partir da própria norma. Neste caso, pode ser pensada como um dispositivo, aos moldes foucaultianos, pelo qual a binariedade (masculino/feminino) e a cisheterossexualidade são instituídas e reproduzidas. E quanto mais ela é atualizada nas práticas sociais, mais se reproduz e se refaz, garantindo a perpetuação de um padrão comum que é controlado por meio de rituais de vigilância, imposições e penalidades.

No entanto, o desejo e o sentimento que algo de diferente acontece, já é perceptível, da mesma maneira que os conflitos acentuam.

Quando eu tinha já 12 anos, quase treze, foi quando eu tive a minha primeira namorada. Eu percebi que aquilo que tinha acontecido antes comigo, não era realmente aquilo que deveria ter acontecido, porque o meu relacionamento

deveria ser eu com uma mulher. Então, depois disso eu tive a segunda e, aos 14 anos eu tive a minha terceira namorada, a qual foi a minha esposa.

(José, 58)

Eu tive as minhas paixões pelos meninos mais ... um pouco mais velhos. Então, com 10, 12 anos, eu já assistia filmes eróticos, mas na infância mesmo, podemos dizer que, praticamente não tive nada assim, com outras pessoas. Eu descobri cedo que... não tinha atração nem por meninos, e nem por meninas. Eu vejo relatos dos outros e vejo que muitos tinham aquela paixão por um menino e eu nunca tive. Nunca tive nem por menino e descobri que nem por menina, também. Nunca fui assim... a questão afetiva muito aflorada com relação a meninos e meninas da escola, esse tipo de coisa.

(Guilherme, 47 anos)

Com umas primas aconteceu umas pegaçãozinha, assim, quando eu tinha uns 13 anos, umas brincadeiras de leve, sabe. (Thales, 40)

Com 12 anos, eu comecei a ter os meus primeiros relacionamentos afetivos com namoradas. Meninas a princípio. Eu sempre fui muito precoce em tudo, assim, sabe. Mesmo na vida pessoal, profissional, não só na vida sexual.

(Pedro, 60)

Os caminhos para o autoconhecimento revelam além dos conflitos internos, as dificuldades enfrentadas junto daqueles que deveriam acolher e dar suporte para um amadurecimento. Sabe-se que nem sempre é possível estar preparado para desempenhar o papel de orientador e que nas gerações passadas havia uma expectativa de que o aprendizado da sexualidade viesse da rua e talvez da escola, como diz Guimarães (2018): "Ainda é possível que passe a ideia de que sexualidade não faz parte da educação, é algo que se aprende na rua, com os colegas, através da revista pornográfica, do filme 'pornô', ou nas zonas de prostituição" (p.90).

Neste período começaram a estabelecer os focos de interesse. Na maioria das vezes se orientavam para o "código moral" normatizado pela sociedade e que denotava o percurso natural da vida, como era intuído. Alguns dos colaboradores relataram que, a

princípio, o foco se voltava para as “meninas”, afinal, este era o natural e esperado, mesmo com dificuldade para entender onde o interesse despertava mais desejo, podendo refletir na vida adulta.

Quando na infância havia um despertar e uma vivência homoafetiva, chegando na pré-adolescência a avaliação do meio, a observância do comportamento dos iguais, a pressão existente na família e uma religiosidade mais controladora, voltava-se para o que era considerado de natureza normatizadora, havendo uma autocobrança por relacionamentos heterossexuais e inserção em uma estrutura cisheteronormativa.

Entre os problemas comumente relacionados, encontra-se a descoberta da sexualidade. As experiências emergem da capacidade do indivíduo sentir atração e intimidade por outra pessoa, que pode ser manifestada consciente ou inconscientemente.

Desde a minha infância eu sempre senti atração por homens. Um certo tempo, eu fui tomar banho com o meu pai, ele tirou a roupa e foi tomar banho, senti que eu tinha atração por homens, eu tinha uns doze anos. (Falcão, 60)

Eu tinha um tipo de dúvida nos meus 11 anos de idade. Eu não tinha certeza se eu gostava daquilo ou não. A gente foi vendo as coisas assim, eu sentia uma atração, mas só que eu não tinha aquela coragem de me expor. Até hoje, eu não tenho essa coragem, mas tem... uma diferença agora.

(Bruno, 26)

Mas eu achava que já tinha alguma coisa dentro de mim, que falava de um outro lado também. Então, isso já ia apontando pros 2 lados. Eu percebo isso. Não é uma coisa que surgiu do nada. Parece que já veio comigo de alguma forma, ou estava... eu não sei como isso aconteceu. E a educação, minha vida familiar, era uma educação rigorosa e conservadora. Então, os meninos tinham que estar com meninas, né. E as meninas, com os meninos, era nesse sentido, se não era uma coisa muito difícil, era uma pressão muito grande. Eu acho que isso também evitou que tivesse mais experiências afetivas e sexuais com meninos. Talvez isso tenha evitado sofrimento.

(Nilson, 56)

Aí quando eu tinha uns 12 ou 13 anos, fui ter interesse pela outra parte, por meninos... Aí quando eu tinha 14 anos eu fiz um tratamento psicológico. Porque eu não admitia esses sentimentos, entendeu? E aí, que eu olhava os meninos, olhava as pessoas e, eu sentia interesse. Morria de medo de ser afeminado, morria de medo de rebolar na rua, então eu tinha esse conflito dentro de mim. Mas mesmo assim, eu tinha um primo e a gente sempre mantinha... a gente mantinha, não era nem relação, a gente se pegava. (Marcos 2, 56)

Então isso foi uma coisa que marcou muito a minha infância, porque eu não sabia o que que era o sexo, eu não sabia de nada. Eu lembro de uma vez, naquele programa do Flavio Cavalcanti, teve um programa sobre sexo, estavam falando sobre isso, meu pai estava vendo comigo o programa,... eu acho que eu tinha uns 12 ou 13 anos, Falei: Pai... como que eu nasci? Eu vim da cegonha? Ele riu na minha cara... Porque eu não sabia o que era sexo, como as crianças eram geradas. Então a minha infância foi muito, digamos assim, pra estudar, mais pra ir bem na escola. (Lucas, 51)

Fui casado moleque, com 14 anos. Vivia num sítio, não saía do sítio pra nada. Na roça não tinha essa porra de televisão. A gente viveu como meu pai e mãe viviam ali. Porque naquele sítio, eles nasceram, foram criados. Então, eles deixaram o ritmo deles mesmo. E quando eu fui pra casar, meu pai não veio falar pra mim: Olha! Você vai fazer isso, isso e isso na lua de mel. Pegar a esposa, fazer isso... né? Ele falou, você vai casar e acabou assunto. Eu falei: Ta bom. Casei, tudo. Chegou de noite, que era a lua de mel, né, eu era tão ingênuo, que lua de mel eu achava que eram queles docinhos que a minha mãe fazia. Ela era doceira. Pegava, cada um virava dum lado e dormia... Não sabia o que que era. Isso eu acho que levou uns... 6, 6 meses e meio. Cada um virava prum lado e dormia. (Juan, 32)

Então, naquela época eu tinha medo e vergonha. Aí eu lembro quando eu tava com 12 anos, a minha primeira experiência sexual foi assim: o meu vô, pai do meu pai tinha falecido, e a gente foi dormir na casa dos meus tios, e lá

eu dormi com o meu primo. Um primo mais velho do que eu, ele tinha quase 18 anos. Eu tive vontade de ter relação com ele e eu aticei ele até ele me pegar. Daí a gente teve relação. Mas eu nem sabia o que que era isso, nem sabia que tinha que fazer, o que que não tinha. Mas eu sabia que eu queria ficar com ele, e ele... por ser mais velho, ele resistiu muito, mas depois ele acabou fazendo o que eu queria. Depois passou um tempo, aí começou um trauma também. Eu fui na casa desse meu primo, e meu irmão também tava e eu fui dormir de novo com meu primo e eu aticei ele, até ele ter relação comigo. Só que na hora que a gente tava tendo relação, o meu irmão mais velho pegou a gente. Pegou a gente em pleno ato. Aí daquele dia em diante a minha vida virou um inferno. (Jorge, 56)

Notadamente as sociedades possuem ritos de passagem que acontecem por vários cânones de condutas, estabelecendo a aptidão de um indivíduo para se adequar aos conceitos morais e éticos estabelecidos, que o alinharão às expectativas desejadas. Estas expectativas são introjetadas, de modo que refletem na atuação diante do desejo. Na visão de Queiroz:

em qualquer sociedade, o tornar-se homem é menos um processo natural que social. Na nossa, em particular, tal processo se dá a partir de uma série de ações por parte do menino, que devem levar em conta a heteronormatividade que o envolve, de modo que, a cada prática, a cada ritual, ele se torna "mais" ou "menos" homem. (2020, p.35)

É através de como é exercitado o enfrentamento das pulsões que os "meninos/homens são considerados viris, ativos e dominadores e aqueles considerados passivos, subjugados e dominados" (Costa, 2019, p.36).

Para alguns, é neste momento da pré-adolescência que a percepção da homoafetividade é permitida, experienciada e relatada nos focos de interesse ao conhecer e desejar o corpo do outro. Quando o colaborador Jorge, 56 diz que "não sabia o que era sexo", ao mesmo tempo que "instigava" o primo a ter relação sexual, suscita que o desejo presente conhece muito bem o caminho, no entanto, o fato de ter sido pego no ato, o

investe de culpa e medo, por ver exposta a contrariedade das expectativas cisheteronormativas.

Numa atitude responsiva expressada pelo colaborador Nilson, 56, “parece que já veio comigo”, remete como o Zoiròs para aquele menino, manifestada pela fala do homem de hoje, onde a avaliação do colaborador remonta todo o vivido ao longo de sua vida, numa dinâmica processual. Neste momento passa por transformações de julgamento, na percepção de que não se transformou, na realidade sempre existiu a atração e o desejo.

Depois com 13 anos, meu primo, ele também tinha 13 anos. Nós dois descobrimos sexo também, né. Troca-troca... e a coisa foi rolando. Mas logo ele casou. (Nando, 58)

Quando era menino tinha relações sexuais, né, com os primos. Por volta dos 10, 14 anos. (Roberto,58)

Aí eu me lembro que... aos 13 anos... 12 anos, eu não fiz mais troca-troca, porque eu conheci a punheta, e me satisfazia com ela e como na época eu gostava de comer e não gostava de ser comido, aí chegava uma hora que a pessoa queria me comer, e eu comecei a sair da brincadeira. Então dos 9 até os 12, tive algumas relações... troca-troca com amigos lá da favela e com algumas amiguinhas, também, aquela brincadeira de médico, papai mamãe, sabe. (Emanuel, 54)

Eu tinha um amigo, na adolescência, por volta de uns 12 até uns 14 anos, a gente era muito amigos, de um dormir na casa do outro. E foi com ele que a gente despertou mais a sexualidade, então a gente se masturbava, penetrava um no outro, fazia sexo oral... Tinha toda essa descoberta sexual entre nós dois. (José Afonso, 44)

E a gente devia ter... sei lá, 10, 11 anos. Era uma coisa muito de criança mesmo. Mas eu lembro claramente, eu tinha muito mais vontade de tocar nos meninos do que nas meninas. Isso foi uma coisa que pra mim, sempre foi motivo de muita vergonha e culpa. Eu lembro que eu pedia pra Deus... de noite, pra não ter atração pelos meninos. Mas por mais que eu tivesse

vergonha e culpa, não era um impeditivo pra eu fazer o que eu queria. Eu sempre busquei ... estar em relações com outros homens. (Caio, 47)

Em termos de experiências com outros homens, eu tive com 13, 14 anos, duas pessoas... aqueles casinhos de adolescente. Que não é nada... com um vizinho, e um com um primo. Então era aquela coisa, que a gente ia brincar de "gato mia", a gente ficava debaixo da mesma cama e os outros estavam em outros esconderijos e a gente se pegava, se tocava, essa coisa toda. E não passou muito disso né. Depois... depois disso houve um hiato muito grande. Uma sensação de que realmente eu tinha que, apagar isso dentro de mim e que não me permitiu... nem me permitia suscitar alguma dúvida sobre essa parte aí, Né? (Marcos 2, 56)

Alguns autores, como Schutz, Martinez & Salva (2019), comentam que "falar da sexualidade infantil é um grande desafio" (p.455), justamente pela dificuldade de acesso e o pouco incentivo que há neste campo. Observam que na cultura brasileira já possuem características (das mais diversas) próprias que recebem influências das diferentes etnias que compõem o país. Há mudanças de comportamento no enfrentamento e na vivência da sexualidade, retratada pelos colaboradores e comparadas com os períodos por eles presenciados.

As diversas formas de conflitos e crises presentes neste momento da pré-adolescência, onde a efervescência das mudanças corporais e culturais acontecem, o colaborador comenta "que tinha que apagar isso dentro de mim" (Marcos 2, 56), bem provável para diluir as dores do que sentia conduzido pelas dúvidas da direção do seu interesse sexual.

A culpa e a vergonha eram alimentos de discordância, regadas a súplicas para que fossem retiradas de seus sentimentos. Mesmo assim, os jogos sexuais estavam presentes, saciando a curiosidade e o desejo. Neste período os adultos espreitam o comportamento e criam uma expectativa. "O pensamento predominante é de que os meninos sempre expressarão sua masculinidade através de comportamentos de dominação, agressividade" (Costa, 2019, p.35), em contraponto do que é esperado das meninas, que devem

apresentar um comportamento de subjugação e sensibilidade. "Logo, meninos dominam as meninas. Estes são os papéis de gênero que estão sendo construídos socialmente e, reforçados culturalmente" (Costa, 2019, p.35). Fase esta, em que pais e demais interessados alimentam expectativas em relação a formação de cidadãos, ficam em vigia, caracterizando cada passo, exortando, corrigindo e até mesmo procurando pseudo terapias reversivas. Tudo para "que se mantenha intacta a centralização no uso ativo do próprio pênis, o que reforça uma relação de oposição à passividade e/ou à homossexualidade" (Queiroz, 2020, p.36) para tornarem-se homens de verdade.

Quando é retratada a percepção do vivido, o Zoiròs, construído pelo colaborador através do diálogo dos acontecimentos na sua pré-adolescência, é apresentado ao pesquisador a redução fenomenológica que ele entende de si (Aftognosia⁴). As relações abusivas ocorridas neste período é interpretada, dentro de sua concepção, como características de um processo natural para definir sua masculinidade. No entanto, quando o ocorrido é apresentado, traz o entendimento de que o que ocorreu é abuso.

Eu tive um caso de abuso de um homem que era bem mais velho do que eu, que... Lá pelos meus 13 anos, assim... Então eu tive essa experiência. (Desejo, 36)

Aí eu fui pra lá e rolou. Não foi uma coisa forçada, que eu lembro bem. Nunca foi uma coisa forçada, sempre foi de bom grado, assim. E a primeira vez foi com esse rapaz que a gente brincava de esconde-esconde na casa dele. E rolou... rolou o de sempre, sexo oral. Ele era um rapaz, eu acredito que naquela época isso poderia ser até pedofilia mas... isso na minha cabeça nunca passou, não me fazia mal. Ele era mais velho, já tinha a casa dele, era uma pessoa estável. Eu não via com maus olhos, porque nunca saía daquilo ali. Eu já sabia até onde isso ia dar... entendeu? (João Pedro, 29)

Até que no colégio, em torno dos 10, 12 anos, o Padre do Colégio me leva a uma situação de abuso. Aquilo me cria um trauma muito grande a nível

⁴ Aftognosia: explanação sobre esta evidência descrita em capítulo abaixo.

psicofísico, somático e, eu começo tremer muito durante um período longo da minha vida. (Antonio, 73 anos)

Eu tinha por volta de 11 anos mais ou menos. Eu, particularmente, a sexualidade estava aflorando naquele período, eu tive a intenção de conhecer o corpo masculino e foi aí que eu comecei a instigá-lo até que um dia ele topou. Aí um dia que meu pai foi fazer serviço de banco, ele topou e ele falou: Vai lá pro fundo da loja. E eu fui, e aí eu conheci realmente um pênis masculino. Eu tinha uns 11 anos, mais ou menos, ele tinha uns 21, 22. Então eu posso relatar, é realmente um caso de pedofilia. Na verdade todas as experiências que eu tive antes dos 18 anos, foram. E não foram poucas. (Carlos Eduardo, 37)

Para Pinheiro (2021), “no referencial de masculinidade hegemônica, espera-se que meninos sejam sexualmente agressivos e não vítimas da dinâmica do abuso sexual infantil” (p.50), pois ocasionará perda da masculinidade e “também ao receio de ser considerado homossexual”, a partir do acontecido. Pelas observações, estes homens, tanto os que saíram de seus casamentos, os homens cisgays solteiros e os que permanecem no casamento, possuem maneiras distintas de revivenciar e reavaliar as consequências em suas vidas. Encontram-se aqueles que apontam o ocorrido, como precursor de uma vivência homoafetiva posterior, como aqueles em que eles próprios seduzem pelo intuito de satisfazer a curiosidade e os ímpetos sexuais, e ainda, aqueles que relatam já se perceberem homossexuais, mesmo antes de ocorrer um abuso, ressignificando as experiências, colocando as mesmas dentro de um contexto do que é sua homoafetividade.

Chamar a atenção para os relatos das experiências de abuso ocorridas neste período, não amenizam as demonstrações evidenciadas no comportamento dos indivíduos que se manifestaram sobre o assunto, nos períodos posteriores, “tais como comportamento sexual inapropriado, culpa, baixa autoestima, depressão” (Hohendorff & Patias, 2017, p.5), dentre outros.

Os homens de diferentes gerações aqui ouvidos, fazem leituras distintas sobre o impacto do abuso em suas vidas, porém é claro que as figuras revestidas de poder e

influência, que deveriam ser referenciais cuidadores, sejam religiosos, amigos ou familiares, na maior parte das vezes, inferem consequências evidenciadas, que a redução fenomenológica revela, "afetando o físico, o emocional, o mental e o social de um indivíduo e de sua família" (Costa, 2019, p.44).

Categoria 3. Vivências da Adolescência (14 a 20 anos).

Esta categoria diz respeito à vivência dos colaboradores da adolescência, período demarcado para este estudo até os 20 anos de idade.

Neste período, os homens colaboradores sinalizaram o início de suas experiências afetivas e/ou sexuais, cada vez mais íntimas. Percebe-se nos relatos, uma auto cobrança em relação aos valores, à religiosidade, aos conflitos e à educação familiar por não terem vivenciado tentativas e práticas sexuais, devido aos tabus, mitos e estigmatização. Alguns interpõem dizendo que tiveram uma sexualização precoce e outros, tardiamente, no mesmo instante que para alguns, a vida seguia um percurso natural de acordo com o que acreditavam ser o possível.

Tudo na minha vida foi muito tardio, o primeiro beijo, a primeira transa. Isso foi acontecer pra eu ter mesmo convicção na adolescência, mas mesmo assim, eu nunca tinha tido experiência, nunca tive coragem, não sei se é porque eu fui criado em um mundo pseudo hétero, medo disso tudo acontecer. (João Miguel, 42)

Com 15 anos eu já namorava uma menina que a gente tinha relacionamento sexual. E isso acabou emendando com outras meninas... até o casamento, na verdade. (Pedro, 60)

Com 15 ou 16 anos que eu tive a primeira, mas mesmo assim, não foi uma experiência sexual propriamente dita... foi coisa de criança de um passar a mão no outro, de encoxar, essas coisas todas, mas eu já me sentia atraído por homens, por pessoas do mesmo sexo. O primeiro beijo que eu tive, acho que foi com homem eu devia ter mais de 18 anos, eu não me lembro muito bem direito, mas acho que foi isso, com 20 e poucos, que eu tive realmente a

minha primeira experiência sexual, homossexual... foi com amiguinho da mesma idade, vizinho, alguma coisa assim... A vida inteira aprendi que isso era errado, que isso não estava certo, então... eu gostava, mas eu tinha muito problema pra aceitar isso, pra aceitar que eu gostava disso. Até essa idade não tive nenhuma experiência com mulher, por causa dessa minha dificuldade em aceitar que eu gostava de homem. (Ralph, 54 anos)

Minha vida familiar, era uma educação rigorosa e conservadora. Então, os meninos tinham que estar com meninas, né. E as meninas, com os meninos. Então, era nesse sentido, se não era uma coisa muito difícil, era uma pressão muito grande. Então, eu acho que isso também evitou que tivesse mais experiências afetivas e sexuais com meninos, né. E aí eu segui meu curso normal, tranquilo. Tive várias experiências. (Nilson, 56)

Quando eu comecei a trabalhar eu tava com 15 anos, trabalhei como office boy, né. Aí fui crescendo, fui ficando adulto, conheci outras pessoas, mas até então, o medo, a vergonha, naquela época era difícil. Daí eu conheci pessoas e eu tinha vontade de ficar com outros caras, né... eee... mas nunca fiquei, nunca tive coragem de chegar em ninguém, e ninguém nunca chegou em mim, pra querer namorar ou ter uma relação, nunca. E eu sofria muito com isso. Porque eu não entendia, por que, queria saber porque que eu era daquele jeito. Na realidade eu não entendo até hoje (risos), mas hoje convivo melhor com isso. (Jorge, 56)

Durante esse período eu fui extremamente religioso, então eu fiquei um tempo inclusive sem namorar, até uma certa idade, dos 15 aos 19, assim... Eu tive uma experiência com um cara, que eu fui comprar uma sunga e ele me masturbou no provador da loja, uma experiência pra mim que foi muito chocante, porque pra mim eu não tinha desejo, nada. Bem, a partir daí dos dezoito aos dezenove anos, eu saí da religião da qual eu pertencia. Daí eu comecei a namorar. Namorava meninas. (Tadeu, 49)

As experiências que ocorrem no processo de desenvolvimento da sexualidade, dependem das circunstâncias de cada um para as primeiras práticas sexuais. Gerações

diferentes tendem a relatar algumas dificuldades comuns, como considerar “sexo propriamente dito”, a partir do momento que exista penetração, seja com sexo oposto ou do mesmo gênero. Dois focos distintos de iniciação sexual, os mais velhos com profissionais do sexo, os mais novos iniciando a vida sexual com amigas (os) e namoradas (os). Os primeiros também comentam dos poucos recursos à pornografia em, comparação aos outros que possuem facilidade e diversidade. Apesar dos atritos serem os mesmos, relatam controles familiares, sociais e religiosos com pesos distintos, mantendo conflitos internos que atravessam sentidos identitários diversos: o sentimento de medo, julgamento, exposição, decepção, condenação, dentre outros (Rebello, 2009; Cunha, Rebello & Gomes, 2012).

Então, 16, 17 anos, aí... eu também comecei a me relacionar (com mulher), já estava no colegial, eu saía da escola, ia pra praças com os colegas. E aí aqueles incentivos, aquelas brincadeiras, fui despertando, também... desejo. Eu comecei a beijar, e até que... Eu conheci a pessoa que eu tive filhos, que é... que está em minha companhia. Namorei por 3 anos e depois casei. Aos 19, 20 anos eu casei. (Felipe 2, 46)

Comecei uma atividade sexual com homem, na época. Era um conhecido da família, amigo do meu pai, que frequentava o comércio dele. Na época, ele tinha mais de 30 anos, era caminhoneiro. E, eu já me identificava como... que gostava de homens desde pequeno, né. Porém, com repressão familiar, aquilo foi sempre velado e nunca pude, me expressar. A partir daí, essa pessoa sempre constante, próxima à minha casa. Isso foi tomando proporções que fomos ficando por vários anos acho... Uns 2 ou 3 anos... Após isso, eu percebi que eu comecei a buscar essa parte sexual em outras pessoas, em outros parceiros. Ali na juventude, 18, 19 anos, eu comecei a buscar, foi quando eu tive a minha primeira experiência com a esposa, que eu conheci. (Felipe, 39)

Na adolescência, eu me interessei por um rapaz que a gente se correspondeu por carta. Ele também era da igreja, e a gente trocou cartas, telefonemas. Nunca teve nenhum tipo de envolvimento erótico ou

homoafetivo. Até que um belo dia, ele disse que estava apaixonado por mim. Eu fiquei muito... muito... retraído, reprimido, muito estranho aquilo lá, porque na minha adolescência, por ter uma irmã trans, eu sofri muito bullying na escola. Então, eu fui muito zoadado de ser viado, ser gay, bicha. As pessoas, elas queriam me bater ou elas subiam no vaso sanitário no lado da cabine, pra poder sondar, pra ver se eu estava fazendo xixi de pé ou sentado. Então, eu passei por várias situações. Então, quando ele me fala isso eu bloqueei total, falei: “Não! Não é isso que eu quero”. A gente cortou vínculo, relacionamento. Na época, eu lembro que ele chegou a falar, que ele tinha perdido a virgindade com um cara e eu fiquei instigado em saber mais, mas eu não me permitia isso. E passou. (Matheus, 33)

Me sinto envergonhado para estar em grupo, e aí eu começo a reparar que meus colegas começam a elogiar as meninas, a falar aquelas coisas que são típicas, né. Que parece que são exigidas do homem. Ah! Gostosa; olha aquela gostosa; Ah você vai pegar, não vai pegar, não sei o quê... Essa conversa me perturbava demais. E eu não entendia aquilo que eles estavam falando. Mas tinham algumas meninas que me atraíam, e eu queria assim, tipo, namorar, né. Isso já na puberdade, no início da adolescência. Mas eu tinha muita vergonha. Eu sempre... eu não me atrevia a deixar a fluir qualquer atrativo por outro homem. Outro menino. E eu ficava até assustado com os meninos, tomava distância. Tinha medo. Aí eu fiz os 18,19 anos e... encontrei a minha... a mãe de meus filhos. (Antonio, 73 anos)

A literatura frequentemente tem mostrado diferenças na iniciação sexual dos jovens. Os colaboradores que vivenciaram a infância e a adolescência na zona rural ou cidades do interior de seus estados, revelaram que o meio em que viviam ou vivem, a repressão existente era fator relevante das dificuldades e conflitos vivenciados. Enquanto para outros, na vivência em centros urbanos, a iniciação sexual se deu precocemente com prostitutas, incitados por adultos.

Os movimentos internos da psiquê garantem os conflitos, muitas vezes vinculados a religião, nas quais a cisheteronormatividade seria a regra, o que inviabiliza, marginaliza e culpabiliza os jovens. Porém, mesmo com este controle da regra, ao se questionarem do porque do desejo direcionado a pessoas do mesmo sexo, os impulsos se fazem presentes, provocando confusão, ansiedade, medo, uma série de reações desencadeadas para não tê-los. Na defesa destes sentimentos inesperados, é reprimida sua própria experiência interior, a fim de conformar com o modelo mental cisheteronormativo que aprenderam com a família e a sociedade, que diz, que meninos gostam de meninas, e meninas, de meninos, numa forma de proteção e inserção ao meio social exigente, respondendo às expectativas e mantendo-se menos vulneráveis (Siegel, 2016).

A partir dos 18 anos, que comecei a namorar, com uma menina, bem tarde, né. Eu sofria, porque, eu tinha que namorar uma menina pra eu mostrar que eu era um garoto, que era homem. E aí, acabava tendo que viver uma vida meio que escondida né. Ainda é assim. E... hoje é melhor; porque as comunicações ficou mais fácil. Você acaba encontrando pessoas e não precisa ficar se expondo, né. Mas ainda é uma coisa meio que mascarado, escondido. (Fernando, 48)

Mas antes disso eu tinha ido num prostíbulo. Agora que eu lembrei. É. Com dois amigos e um professor, que levava os meninos de 15 anos, 16 anos no prostíbulo. Uma loucura, isso, pensar um colégio todo tradicional de São Paulo, nos anos 80. E eu lembro cara, que a gente foi, chegava numa salinha, e aí tinha lá a cafetina, o nome dela era Amanda. Nunca vou esquecer. E aí tinha... chegava as garotas de programa, né. Aí eu olhei as três, tinha uma que era toda gostosona... eu era... eu não tinha a menor vontade de ficar com nenhuma das três, mas tinha uma, que era gostosa de corpo, um corpo bonito e tal. E aí eu nem lembro como a gente fez, mas eu pude escolher primeiro. Então, eu escolhi ela, Rosana era o nome dela, aquele nome de guerra. E né, obviamente eu não tinha o menor tesão por ela, novamente o meu pau não levantou nada, nem se mexeu. E obviamente a gente ficou conversando e eu pedi pra ela não falar nada pra ninguém,

mentindo que isso tinha acontecido. E obviamente eu sabia que o professor ia saber. Talvez os dois outros colegas, que eram da minha idade, não, mas ela vai passar o B.O. pra Amanda e a Amanda vai passar o B.O. para o professor. (Caio, 47)

De 14 pra 15, foi a minha experiência efetiva né, foi com uma mulher. Profissional do sexo. Depois disso eu voltei lá algumas vezes, né. Porque eu tive namoradas até então, namoradinhas, namoradas, mas nós nunca chegamos... Eu nunca cheguei a fazer sexo com elas, com as namoradas. Naquele tempo né. Hoje em dia seria impensável isso. Naquele tempo era razoável pensar isso. Mas eu tive sim, ao longo da faculdade, experiências com muitos amigos, né. Amigas, na verdade. Falo, sempre experiências heterossexuais. Eu tinha... se aí você me pergunta, você tinha alguma... algum desejo, algum interesse, alguma coisa com relação a natureza homossexual? Eu tinha! De certa maneira eu tinha, eu não sabia se era umas curiosidades... Era uma curiosidade forte, talvez. (Tônico, 60)

Daí no exército também mantive com dois soldados aqui no interior do estado. E o bullying, a coisa ficando mais pesada eu precisava... ter uma pessoa, porque fui obrigado a não seguir a parte sexual, foi muito difícil aqui no interior, ainda é muito difícil. (Carlos, 64)

Eu também tinha atividades na adolescência com meninas, porque eu era assediado e também precisava daquilo como uma defesa, contendo meu desejo, embora meu desejo sempre foi mais pelo mesmo sexo. Aí tive várias namoradas. Várias relações, até com prostitutas etc. e tal, mas o desejo era mesmo do mesmo sexo. (Xavier, 65)

No relato de alguns homens é importante a vivência da curiosidade, da satisfação do desejo e de uma percepção crescente das sensações sexuais, marcada pela adolescência. Para outros, a percepção dessas novas sensações de interesse e excitação sexual, podem ser bem desconfortáveis e parecer fugir ao controle, reprimindo sua experiência anterior, a fim de se conformar com o modelo aprendido de gênero, numa forma de sobrevivência

básica concentrando-se nos estudos, na religiosidade e na adequação à cisheteronormatividade.

Vários relatos revelaram que “sentiam” que havia algo dentro deles, uma sensação de atração sexual, curiosidade daquilo que envolvia a homossexualidade, que neste período, não conseguiram ter clareza e, somente quando adultos se permitiram vivenciar a “curiosidade gay”, compreendendo o significado do interesse, da atração e o desejo pelos mesmos.

Sempre imaginando muitas coisas e não fazendo nada. Muito comedido. Mas ali, nessa fase da escola, eu só venho a perceber isso, depois de muito tempo, mesmo assim, já como adulto, ééé... eu mesmo não tendo uma compleição física de super atividade, sem ser nenhum modelo, estatura baixa, a princípio uma pessoa que parece ser talvez, tímida e mais introvertida, eu faço exatamente o oposto. E de fato até na escola eu acabo tendo relação com as meninas mais bonitas da escola. (Namata, 56)

Nesse momento, eu não pensava em homens. Eu não pensava no sexo com homens, até porque a minha construção social, meu entorno, meu contexto social, não abria essa possibilidade. Então, sempre pensei em arrumar uma namorada. Poder passear com ela de mãos dadas na praça do centro da cidade onde eu cresci. Uma cidade pequena, onde era costume dos namorados irem para essa praça. Então, meu objetivo era arrumar uma namorada pra isso. E aí, comecei a namorar meninas, tive três namoradas, até eu conhecer a minha esp... a que foi a minha esposa. E minha primeira experiência sexual foi com ela, já aos 18, 19 anos. Então, minha primeira experiência sexual, com ela, foi muito bem, eu não tive problema nenhum, não tive... qualquer sentido assim, de não querer ou... não sei, pra mim foi gostoso, era normal, natural. (Fabio, 36)

Depois disso houve um hiato muito grande. Uma sensação de que realmente eu tinha que apagar isso dentro de mim e que não me permitiu... nem me permitia suscitar alguma dúvida sobre essa parte aí, né? Eu... tipo...

programado pra casar e tudo bem é assim que vai ser e pronto. Atravessei quem eu realmente era. (Marcos 2, 56)

Eu acho que a primeira relação minha, eu tinha uns 16 pra 17 anos, com mulher. Namoro, aí teve relação sexual. Aí eu vi que gostava de mulher, mas só que assim, sentia uma certa atração no mesmo sexo. (Zeca, 44)

Aos 16 anos, eu fui criado no sítio, então não tinha muita noção, ninguém me ensinou nada, ninguém me falou nada. Eu fui descobrindo sozinho. Aí eu tive uns contatos tipo sexual com uns amiguinhos, colegas, tipo adolescentes, tal, mas homem. E fiquei com aquele medo, aquele receio. Nossa... por causa de religião, família, sociedade. A gente, aqueles católicos roxo, de terço, de novena e aí fiquei meio assim. Aí perdi pai e mãe, aos 14, 15 anos, né, no começo. E cresci sozinho e fui aprendendo sozinho. Aí eu me descobri sexualmente com homens, só que eu tinha aquilo (faz gesto de aspas): é errado, é errado, entendeu? Na minha mente... E casei e vivi escondido por anos, né. (Doni, 52)

Depois dos 15 eu fui estudar, então a gente perdeu o contato e eu fiquei dos 15 até os 18 estudando de manhã e de tarde. Então foi um processo que eu não vivenciei a minha sexualidade. Aos 18 anos eu conheci a minha... esposa foi a minha primeira namorada. (José Afonso,44)

Acontece que foram duas noites com uma experiência muito secreta, muito escondida, muito tensa. Em seguida, depois, a pessoa, esse parente, esse primo desapareceu de cena. Fiquei muito tempo sem encontrá-lo. Mudou de casa, eu também me questionei porque que tá mudando de casa, de repente ele se assustou, eu me assustei, e aí eu reprimi toda essa atração que eu tinha por ele. Ele fazia o tiro de guerra, era 4 anos mais velho que eu, e aí né, eu tive muita atração por ele. Com a saída dele da residência, sem uma explicação plausível, eu me assustei muito com aquilo. Nós perdemos praticamente o contato, a amizade. (Fabrício, 79)

Eu fui crescendo, vivendo com aquilo e não me aceitando, não achando aquilo uma questão normal, mas tive daí envolvimento com primos, aquela

coisa toda da adolescência, mas tentando sempre fugir dessa situação, por reconhecer que era uma coisa errada, uma coisa que não era aceita... enfim... pela sociedade. Eu sou o filho mais novo de 7 irmãos, eu venho de uma geração que isso, não era uma coisa comum, não era uma coisa bem aceita. Embora minha família é toda tranquila nesse sentido, não tinha ninguém também; eu fui o primeiro. Mas eu sempre fugi dessa situação, e eu acho que na tentativa de fugir, a minha família passou a ser evangélica e eu também, me direcionei para a igreja. (Pablo, 55)

Foi com um primo, eu acho que eu tinha 11 anos mais ou menos e também, no final da adolescência 17, quase 18. Nós tomávamos banho juntos, dormíamos junto... eee... e atrás da bananeira. (Ricardo, 53)

Comecei a ter contato com homens com 16, 17 anos. Na infância eu não tive, a gente era muito caipira, morava no sítio. Eu acho que com 17 anos, que meu primo me falou: "Vamos fazer uma coisa que eu aprendi?" Eu não sabia, então, eu falei: "Vamos"! Aí teve toque, eu já tinha ereção, já tinha coisa... Então, o meu primeiro contato foi com ele. Eu tinha uns 17 anos já, ele devia ter uns 23, mais velho que eu. (César, 55)

Eu acabo tendo as primeiras experiências com uma pessoa mais nova, foram duas pessoas, mas inicialmente, com uma pessoa mais nova, e que efetivamente se dizia... achava que eu que era muito preocupado, que eu deveria estar errado e que eu deveria saber... deixar se divertir comigo. E assim foi durante um tempo, então foi essa pessoa durante um tempo. Nessa época... eu tinha 16, 17, e ele, 14. E eu fiquei muito perturbado, mas eu fui o tempo todo assim, meio que convencido de que eu estava errado, que aquilo tudo era tranquilo, que eu deveria viver aquilo. (Namata, 56)

Dos 14 em diante, eu até tinha vontade de estar com outros homens, mas eu namorava então, eu ficava no meu namoro. Depois, eu entrei pra Igreja, tinha lá as orações, tipo... sobre cura e libertação, eu participava e... a partir desse momento eu não sentia mais desejo, nem vontade de ficar com outro homem, né. Então, eu achei que eu tava curado desse passado aí, dessa vontade. Aí

eu comecei a namorar a minha ex esposa, namoramos por 5 anos. Então, aí eu disse: “Tô pronto, vou casar”. Casamos. (Kaleb, 52)

As salas de bate papo, realmente surgiram na minha vida de uma forma intensa, eu diria, e isso perdura... até hoje, na verdade. Então, eu tô com 37, faz bastante tempo, né. E... é onde a gente acaba encontrando o tal do sigilo, né. O tal daquela coisa que a gente quer que ninguém fique sabendo. E grande parte dos caras que topam fazer isso, são casados, são comprometidos, têm uma vida heteronormativa, são homens que querem apenas gozar e acabou. Falando nua e cruamente, é basicamente isso, um orgasmo e fim. (Carlos Eduardo, 37)

A violação de expectativas presentes nas falas dos colaboradores, pode criar reações internas e externas recorrentes. As internas podem advir da não permissão e falta da liberdade de sentir, criando uma sucessão de pensamentos que condenam tal ambiguidade em si e nos outros; externamente com reações de medo e receio de desviar da norma social e de seus preceitos baseados em determinada religião.

Para alguns, a ansiedade inicial pode ser simplesmente sobre não saber o que fazer com estes sentimentos e desejos (Siegel, 2016). Nota-se esta reação no relato do colaborador Marcos, 56, quando diz: “...realmente eu tinha que apagar isso dentro de mim... nem me permitia suscitar alguma dúvida sobre essa parte... Eu... programado pra casar, e tudo bem! É assim que vai ser e pronto! Atravessei quem eu realmente era”. E no relato de Doni, 52: “...fiquei com aquele medo, aquele receio... por causa de religião, família, sociedade. Aí eu me descobri sexualmente com homens, só que eu tinha aquilo (faz gesto de aspas): é errado, é errado, entendeu? Casei e vivi escondido por anos...”. Também na fala de Kaleb, 52: “... eu entrei pra Igreja, tinha lá as orações, tipo... sobre cura e libertação, eu participava e... a partir desse momento eu não sentia mais desejo, nem vontade de ficar com outro homem, né. Então, eu achei que eu tava curado desse passado aí, dessa vontade”.

Buscam um mecanismo de sobrevivência psíquica para se garantir e se inteirar às normas vigentes, demonstrando através destes meios o conflito internalizado, antes da

homofobia, pois é comum manifestarem que “não existe preconceito”. Nunan, Jablonski & Féres-Carneiro (2010), falam em seu artigo que “homossexuais com preconceito internalizado tendem a utilizar uma série de defesas psíquicas para lidar com seu conflito interior e com a ansiedade crônica decorrente, sendo as mais comuns: negação, formação reativa, racionalização e encobrimento” (p. 258). As defesas compreendem a vergonha que sentem do “estado” do outro que observa e que postulam a si próprios. Esta é uma das justificativas que encontramos nos aplicativos e nas salas de bate papo, mesmo entre solteiros, onde o sigilo é essencial para qualquer contato, afinal, ninguém precisa saber onde se encontra meu desejo.

Outra questão que Siegel ressalta, presente nos relatos, refere-se à “defesa” de seus sentimentos e desejos inesperados, logo, desconfortáveis, que devem ser controlados, externalizando-os com o medo dos sentimentos e desejos homoafetivos dos outros, presentes nas relações de poder. Em contraponto ao relato, em que o próprio desejo é afirmado, falam de situações nas quais há negação ou ausência do desejo sexual.

Eu não tenho costume de beber e o cabra disse que era um suco. Aí eu bebi, quando eu vi, eu fiquei tonto. Aí fiquei meio grogue, aquilo outro. Aí o filho desse amigo meu, o filho dele né, nesse caso, eu disse: “To tonto, cara, eu vou pra casa, senão minha mãe vai brigar”. Porque eu não tinha costume. Ele disse: “Não, vai lá no quarto, fica lá deitado, daqui a pouco te chamo, daí você vai estar melhor”. Aí eu fiquei. Naquele intermédio eu dei um cochilo, quando eu acordei, eu acordei com o pai do cara me mamando. Aí... eu me assustei, não vou mentir não, eu me assustei mesmo. Aí ele disse: Não. “Eu lhe vi a um bom tempo... foi eu que coloquei coisa no seu copo”. Ai eu disse: “Porque o senhor fez isso?” Aí ele falou que ele tinha uma tara e tinha tesão. Possivelmente, quando ele me via de bermuda, ele dizia que ficava excitado. Mas em termos de coisa, foi minha primeira relação. (Allisson, 38)

Tenho ótima recordação disso, né. Com palavras assim, boas, interessantes, ele me aliciou ali. Mas ele me aliciou, no sentido assim, de eu ser o homem né, no caso o ativo, entendeu? E eu deixei-me seduzir... eu tava com 16 pra

17 anos... e acabou que plantou uma sementinha na minha cabeça. Desde essa época, entendeu? Aí, depois daquele dia, assim... eu acho que... eu já entendia o que era o sexo... do outro lado, né. (Jefferson, 44)

A primeira vez foi uma abordagem de ... de um travesti... Ele me abordou tal, e aí... ficou em posição, me estimulou um pouco e eu então, num ... Aí depois me senti envergonhado, tal, aquele negócio todo, me senti mal pra caramba. Toda vez que eu via um assim, eu despertava o desejo, eu tinha entre 14 e 15 anos, ou entre 15 e 16, nessa faixa. Com homem... com um amigo meu, mas foi assim, a gente tinha tomado umas cervejas e ele... não havia se assumido ainda, mas eu sabia que ele era gay. E então ele ... fez um sexo oral, depois... acho que eu tentei penetrar ele, ou penetrei ele, não lembro. Só ficou nisso, mas nunca consegui beijar, nada disso. Depois tive várias, mas tudo com travesti mesmo. (Xenovaldo, 41)

Desde então né, às vezes as coisas vinham acontecendo e eu fui criando coragem e acabei saindo com uma pessoa. Essa pessoa era muito rude, eu lembro disso, era totalmente autoritária. Isso tirou meu foco também, e fez eu despertar dessa situação. Não, não é isso que eu quero não. E por muito tempo, eu esqueci. Esqueci, mas não esqueci. Já estava com uns 19 anos, mais ou menos. Já namorava a minha mulher, já. (Jefferson, 44)

Um certo dia eu tava trabalhando... e o dono de lá... Ele era casado e eu era um menininho qualquer, eu devia ter uns 16 anos já. Já sabia o que era certo e errado, já sabia do que eu gostava... Até que um certo dia rolou. Ele me ofereceu uma coisa, e eu acabei... não por conta do valor em si, mas por conta que eu queria. Porque não seria valor nenhum que faria eu mudar de ideia. Aí a partir disso, eu comecei a ter uma visão ampla. Eu já tinha uns amigos e comecei a namorar com um menino. Ficava meio escondido. (João Pedro, 29)

A sensação de atração surge sobre um amplo espectro natural de seus próprios sentimentos. Percebe-se nas falas, distintas características e vulnerabilidades. Há relatos

de situações adversas abusivas, perpetrada por homens mais velhos, momento que passa à condição de vítima e na maioria das vezes, o desejo sexual está ausente.

A intimidação contra os adolescentes pode repercutir em isolamento social, ruptura de laços familiares e de amizades e, a LGBTQIAPN+fobia internalizada, que seriam fatores de risco para violência, que ocorre em um contexto de relações próximas e íntimas "onde os agressores, geralmente conhecem as fragilidades e utilizam de estratégias para abordagem abusiva. A atividade sexual é necessariamente destinada à gratificação sexual dessa outra pessoa" (Neves et al., 2010, p.100). Segundo a World Health Organization (WHO, 2005), o abuso caracteriza-se por "todo envolvimento de uma criança ou adolescente em atividade sexual inapropriada, com um adulto (ou entre um adolescente mais velho e uma criança)".

Categoria 4. Vivências da vida adulta (dos 21 aos 55 anos).

Esta categoria diz respeito à vivência dos colaboradores no período considerado pela maioridade ou vida adulta, a partir dos 21 aos 55 anos de idade.

A partir dos relatos dos colaboradores no percurso deste período, no desvelamento de suas vivências de um processo rumo à maturidade, foi possível observar a riqueza dos significados e sentidos atribuídos por eles em muitos aspectos convergentes e divergentes de suas vidas.

Embora cada colaborador tenha dado significados diferentes à sua experiência, em comum falam da sexualidade, ora sendo protagonista das atitudes a serem tomadas, ora às margens de decisões, recebendo influências e confluências para obter uma postura perante a realização dos desejos e do crescimento pessoal. A complexidade de aspectos a serem compreendidos na construção de suas identidades foram diversos, porém serão destacados os mais relevantes, e as falas mais significativas e distintas dos colaboradores.

Alguns trazem para este período reflexos das vivências mais representativas e conflituosas da infância até a vida adulta. Abordaram questões dentro de suas condições sociais, religiosas e psicológicas onde manifestaram suas dificuldades perante o conflito que percebem viver. Alguns apresentaram a homoafetividade de forma conflitante, outros um desejo ainda reprimido e alguns, em processo de aceitação de suas condições.

Falar de um período conflitante é bastante diverso e designaria um estudo abrangente e audaz. Temos um paradoxo. Por um lado, a sociedade segregacionista que rotula o diferente e ameaçador (mãe das fobias), fazendo chacotas e depreciando o indivíduo, por outro lado, temos aquele que vivencia os conflitos, que “possui” um sentimento persistente, que tem dificuldade de nomear como dor, pois muitas vezes, ele mesmo, inserido no contexto cisheteronormatizante, desqualifica os iguais a ele, não se reconhecendo, na tentativa de não se entregar, conforme o estigma.

Temos pesquisadores que chamam e nomeiam de dor, afinal, a psicologia reconhece que a dor é proveniente de diferentes instâncias, sejam elas psíquicas ou físicas. Um estudo de Yang et al. (2020), traz que "os HSH atualmente casados apresentaram os mais elevados sintomas de depressão" (p.5) e complementa acrescentando: "o casamento atual está associado a níveis significativamente reduzidos de sintomas de ansiedade entre HSH chineses. Mais estudos são necessários para compreender os mecanismos subjacentes aos efeitos dos diferentes estados matrimoniais no *sofrimento emocional* dos HSH" (p.1).

Foi encontrada uma construção de aspectos relacionados ao aparecimento, à acentuação e à atenuação de sentimentos conflitantes que geram medo, culpa, remorso, desilusão, patologias somáticas provindas do estresse, e em contrapartida, descobertas afetivas, realização e plenitude sexual, paixão, dissolução de conflitos internos, compreensão de si e tantos outros.

São dois caminhos encontrados nesta pesquisa: daqueles que resolveram assumir a si próprios e viver em um aspecto livre, sua sexualidade, e daqueles que preferem permanecer na estrutura cisheteronormativa que o regulamente e o institui para um funcionamento psíquico e social, que contorne as fobias e estigmatizações que tanto temem. Swan & Bennack (2014) observaram em sua pesquisa: "qualquer uma destas forças pode levar a uma crise de identidade na idade adulta (uma “crise de meia-idade”), na qual o ressurgimento de desejos anteriormente negados, leva à reabertura de questões fundamentais de identidade e a uma reavaliação do plano de vida” (p.129).

Aspectos fundamentais observados, tanto nas apresentações de fala dos colaboradores, como em artigos pesquisados, “falar” ou expressar-se, salva (Adler & Ben-

Ari, 2020), do mesmo modo que o apoio social e o acompanhamento psicoterápico. Os mesmos autores trazem que "enquanto o terapeuta mantiver percepções estereotipadas, ele não conseguirá oferecer um espaço seguro" (p.16) e adequado para o acolhimento, para que sejam construídos meios onde estes homens consigam encontrar uma adequação ao que acontecem consigo e para chegarem a uma solução, que melhor os represente.

Existe uma grande preocupação de objetivar os rótulos, as condições sexuais ou as identificações. Pouco se detém para ouvir os reflexos destas dores e seus significados. É necessário que haja maior compreensão para serem reconhecidas as dores destes homens.

Categoria 4. Subcategoria 1. Única Mulher.

Diante da complexa estruturação social e religiosa, é comum que pessoas com orientação sexual não conforme, respondam às expectativas depositadas, uns para fugirem da cobrança familiar e social, outros por uma postura que naturalizaram e acreditam ser o percurso natural da vida, mesmo que se deparem com uma série de dúvidas e inseguranças em relação a si mesmos e uma resposta a um desejo que se percebe indistinto, carregado de estigmas que a sociedade e a família impõem.

Tal concepção é destacada por Gonçalves (2018): "Reconhecer que gosta de alguém do mesmo sexo, de forma afetiva e sexual, que se trata de algo saudável e que não há nada de errado, é um grande desafio que nem todos conseguem superar" (p.180), propondo um início de luta contra um conflito interno indistinto.

Alguns colaboradores relataram se relacionar com uma única mulher e que nem mesmo haviam beijado outra, que não fosse aquela com a qual se casaram. Dado este encontrado em um estudo de Ross (1979), que observou estas características em homens que posteriormente assumem para si a homossexualidade e se permitem viver o desejo. Neste estudo, numa amostra de 63 indivíduos, "48% tiveram relações sexuais com uma mulher. Os dados sobre relações heterossexuais estáveis dão continuidade a estes números" (p.143). 44 anos após, fora observada a mesma peculiaridade de comportamento,

não na mesma porcentagem, porém com um número expressivo e caracteristicamente semelhante. Outros tiveram “namoricos” onde relações sexuais não aconteciam, principalmente manifestadas em homens a partir dos 56 anos de idade, que expressavam costumes sociais vigentes no período de sua juventude e início da vida adulta. Os mais novos já tiveram outros namoros e relações sexuais com amigas e namoradas, mas optaram por se casar, pois acreditavam que a amizade se transformaria em afeto e teriam uma sexualidade aprazível, enfim, o casamento e a paternidade. Muitos destes homens se mantiveram casados até o momento da pesquisa. Alguns relataram uma vida sexual considerada “normal”, outros abaixo do que já possuíram e os demais, uma vida sexual parca ou inexistente.

Por enquadrarem-se no estereótipo da cisheteronormatividade, o desejo homoafetivo era uma sombra que pairava na curiosidade. Alguns homens trouxeram uma procura por homens mais tardiamente, e descreveram uma experiência sexual decorrente de seu histórico de vida (no caso, cisheterossexual) condizente com a expectativa e prazerosa com a(s) parceira(s). No entanto, em ambos os grupos, o desejo direcionado a um homem sempre é persistente, com maior ou menor intensidade, porém instigante. Não se pode esquecer daqueles, cujo bloqueio era intenso, no qual depois de um tempo de casados, deram lugar e voz ao desejo homoafetivo.

Quando o colaborador Carlos, 64, utiliza a expressão “a coisa foi ficando mais pesada”, são observadas duas características: o meio em que está inserido já percebe sua postura e conduta discordante da virilidade normatizada, cobrando um posicionamento, que se adeque ao padrão de uma sociedade que “inclui preferencialmente”, aqueles que possuem uma fala e uma postura “concordante”; e o medo de sofrer as consequências estigmatizantes que a sociedade tanto apregoa. Para adquirir os benefícios que a inserção ao contexto cisheteronormativo proporciona (Benack & Swan, 2016), opta por inserir-se às regras de conduta, para não sofrer represálias e não ser visto com chacota e vergonha para a família.

Os mitos criados acerca da homossexualidade, ao longo dos tempos, acabam eficazmente por produzir noções normativas que posicionam a cisheterossexualidade como sendo a sexualidade estável e natural, inviabilizando o sujeito homossexual de vivenciar os

seus impulsos, levando muitos a um isolamento social e emocional (Britzman, 1996). Ainda para esta autora entende-se que:

[...] A identidade heterossexual normativa exige que se construa... a homossexualidade como falta, o que se deixa de pensar é que todas as sexualidades devem ser construídas, que nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda nossa vida e que a moldagem sexual não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição. (Britzman, 1996, p. 91)

Eu trabalhava com aquela que viria a ser a minha esposa, no mesmo setor. A gente era muito próximo, mas ela não sabia nada de mim e nem o pessoal do serviço. A gente acabou se envolvendo. Tivemos um namoro fixo. A gente tinha programado pra em 2 anos casar, no fim ela engravidou e a gente acabou adiantando o casamento. (Paulo, 49)

Namorei, 9 anos uma mulher e, nesse namoro eu vi que eu não gostava da coisa. Tive relação sexual com ela, mas como ela era muito mais velha do que eu, aquilo era um alívio, ela não tinha muito desejo, ela não tinha libido. Eu namorava com ela, olhava os homens e sentia tesão pelos homens. Então, eu terminei o namoro, até hoje a gente é amigo, conversa numa boa, e aí eu comecei a ter experiência mais profunda com homem. (César, 55)

A coisa foi ficando mais pesada e eu precisava ter uma pessoa, porque fui obrigado a não seguir a parte sexual. Foi muito difícil porque aqui no interior, ainda é muito difícil. Eu acabei encontrando uma pessoa maravilhosa... Acabei casando com ela, mas sempre tive o homossexual muito forte em mim. (Carlos, 64)

Até então eu não tinha nenhuma experiência com mulher, por causa dessa minha dificuldade em aceitar que eu gostava de homem. Por volta dos 20 anos eu revii uma amiga, que havia estudado comigo, se formado comigo no ginásio. E aí nós começamos a namorar. Minha primeira namorada, foi a primeira mulher que eu beijei, a primeira que eu tive relação sexual, que eu casei e que eu to casado até hoje há trinta anos. (Ralph, 54)

Eu tinha mais ou menos uns 15 anos, e eu não consegui penetrar ela. Eu fiquei com muito medo, muita insegurança. Fiquei ereto, mas quando foi pra penetrar, eu não consegui. Não consegui várias vezes, tanto que ela terminou comigo dizendo que eu era viado mesmo, que eu não gostava de buceta, essa foi a história... Aquilo me marcou demais, e assim foram vários lugares que foram me colocando nessa condição de homossexual que eu nunca quis... aceitar. (Matheus, 33)

Eu não me atrevia a deixar fluir qualquer atrativo por outro homem. Eu ficava até assustado com os meninos, tomava distância. Tinha medo. Aí eu fiz 18, 19 anos e... encontrei a minha... a mãe de meus filhos. (Antonio, 73)

Ali na juventude, 18, 19 anos, eu comecei a buscar, foi quando eu tive a minha primeira experiência com a esposa, que eu conheci. Me casei, eu tinha 19 anos. Foi a única pessoa que eu conheci do sexo feminino, tivemos relação... A partir dali demos continuidade, até que ela ficou grávida, ela tinha uma filha, então a partir daí resolvemos casar, né. (Felipe, 39)

Uma cidade pequena, onde era costume dos namorados irem para praça, então meu objetivo era arrumar uma namorada e passear de mãos dadas naquela praça. E aí, comecei a namorar meninas, tive 3 namoradas, até eu conhecer a minha esp... a que foi a minha esposa. E minha primeira experiência sexual foi com ela, já aos 19 anos. Então, minha primeira experiência sexual com ela foi muito bem, eu não tive problema nenhum, em qualquer sentido assim de não querer ou sei lá... pra mim foi gostoso, era normal, natural. (Fabio, 36)

Ali eu conheci a minha esposa, a gente começou a namorar. A gente morava em cidades diferentes... então, eu namorei por 4 anos, aí aos 22, nós casamos. Casamos virgem, dentro daquela construção religiosa e nós só fomos ter a nossa primeira relação sexual, logo após o casamento. E foi tranquilo por um bom tempo. Foi tudo muito natural, foi gostoso.

(José Afonso, 44)

Depois eu entrei pra Igreja, tinha lá as orações, sobre cura e libertação, eu participava e... a partir desse momento eu não sentia mais desejo, nem vontade de ficar com outro homem, né. Então, eu achei que eu tava “curado” desse passado aí, dessa vontade. Aí eu comecei a namorar a minha ex esposa, namoramos por 5 anos. Então aí eu disse:” tô pronto... vou casar... casamos”. (Kaleb, 52)

Quando a gente casou ela achou que eu era homem realmente. Até foi muito engraçado, que ela foi a minha primeira mulher. Eu nunca tive relação com uma mulher antes, só ela. Então, na minha lua de mel, no meu casamento, eu tava em pânico, porque eu achava que eu ia pra lua de mel e eu não ia conseguir ter uma relação sexual com ela. Porque eu nunca tinha ficado com uma mulher. E pra minha surpresa eu tive uma relação sexual muito gostosa. Eu gostei muito, foi muito bom... e foi melhorando, melhorando, eu gostava de ter relação com ela. (Jorge, 56)

Eu conheci a minha esposa num curso de aconselhamento cristão. Eu não tinha condições de fazer faculdade, eu não tinha recurso nenhum. Uma família extremamente empobrecida e lá eu conheci ela. Ela voltou pra Salvador, eu voltei pro Acre, nós ficamos 9 meses namorando à distância. Nos apaixonamos, foi um amor louco. Nós acabamos nos pegando, tivemos uma pegação gostosa, foi muito legal... e aí a gente se casou. Sexo com ela foi muito bom, sempre foi muito gostoso. (Mateus, 33)

Neste sentido, quando revelam que houve contatos sexuais com homens, anterior ao período da cobrança por uma postura cisheteronormativa, no início da vida adulta e pré casamento, as dificuldades por responder às expectativas da parceira no relacionamento se acentuam, tanto na resposta sexual, como afetivamente. Apresentam inclusive uma indagação: se há a possibilidade de haver relacionamento afetivo conjugal com um outro homem; ou se seria somente fruto da curiosidade, ou o “descarregar” da energia, afinal o que é apresentado e conhecível é, a estereotipia de relacionamentos e casamentos cisheterossexuais.

O processo de autoaceitação é um caminho pessoal que pode variar de pessoa para pessoa mas, que em última análise, é crucial para o bem-estar emocional e para a construção de uma identidade autêntica. A internalização destas normas sociais pode levar à negação da própria identidade, criando um conflito interno que pode afetar a saúde mental e o bem-estar destes indivíduos (Sobrinho & Santana, 2023).

A religiosidade é um impeditivo estrutural outorgado pela família e até mesmo pelo próprio indivíduo, que encontra na “fé”, o baluarte para uma salvação daquilo que possa condená-lo nas diferentes instâncias da vida (Kreutz, 2020; Mesquita & Perucchi, 2016). Um poder que modela uma expectativa, acreditando que irá defini-lo, porém, os entrevistados que relatam tal observação, demonstram que a homossexualidade não seria uma opção, mas sim, um sentimento de desejo e amor que em algum momento cederá. O desejo se faz implícito, mas somente romperá quando decidirem se relacionar ou não, contar ou não para a sociedade e família, enfrentar ou não os padrões sociais representativos da sociedade em que se está inserido (Molina, 2011). Os entrevistados apresentaram fatos dentro de suas experiências, onde muitos homens em igual situação, continuaram presos a esta “luta”, como ainda observaremos nos relatos deste estudo.

Os colaboradores revelaram ter tido um único namoro e casamento, mesmo aqueles que já se separaram, portanto exerceram sua sexualidade heterossexual e afetiva com uma única mulher. Esta fala é trazida principalmente por homens provenientes de famílias religiosas, onde não tinham acesso a discursos e educação sexual, nem dentro e nem fora de casa. Havia somente as exortações que a “igreja” proporcionava a respeito da conduta sexual pertinente aos gêneros, no qual há o incentivo à castidade, inclusive aos homens. Postura que contribui para “nos aproximar de formas distintas de homofobia, presentes no discurso religioso que pouco se discute, mas que estão no nosso cotidiano” (Santos, Barbosa e Lagôa Jr., 2018, p.3.). Afinal, “é neste contexto que a instituição religiosa, constitui-se como única e legítima depositária do tesouro da fé”, (p.3) e da verdade absoluta. Posto este que entra em dissonância à moral machista sempre vigente, que apregoa que o homem “tudo pode” e deve, na busca de sua sexualidade, desde que dentro dos padrões cisheteronormativos. Pode-se apoiar esta concepção epistemológica dentro das conclusões de Ribeiro, Russo & Rohden, onde

a sexualidade é considerada o conjunto de crenças e comportamentos que se relacionam com "o corpo e seus prazeres". Sendo construções socioculturais e não inatas ou universais, as concepções acerca da sexualidade se alteram, dependendo do lugar e do momento histórico, estando submetidas às formas de atuação do poder em cada sociedade. (2013, p.464).

Esta não deixa de ser uma postura e uma comparação, até mesmo uma justificativa, para o seu desejo por homens, procurando assertividade para os impulsos homoafetivos, crendo que caso houvesse outras experiências heterossexuais, poderiam se enquadrar no "padrão" cisheteronormativo. Na pesquisa de Benack e Swan(2014) em dois momentos eles comentam sobre este duelo de sentimentos, "eles desenvolveram padrões de vida adulta de intimidade e generatividade em termos do roteiro cultural dominante para o casamento heterossexual, incluindo o casamento, os filhos, as relações com a família alargada e amigos" (p. 130), e complementando que "na idade adulta relatam que geralmente entravam no relacionamento que desejavam e esperavam ficar satisfeitos com um casamento heterossexual tradicional e monogâmico" [...] "acreditavam que seus desejos pelo mesmo sexo era "uma fase" (p.130). Considerar a população ouvida, que são provenientes de uma geração, cuja conduta social em suas juventudes (décadas de 60, 70, 80 e até 90 do século XX), facilitava, naturalizava e outorgava este tipo de comportamento.

Muitos destes homens são provenientes de cidades pequenas e de médio porte do interior do Estado São Paulo, apesar de haver um escore proveniente de outros estados e de grandes cidades e capitais. Na fala destes homens do interior, é comum encontrar a dificuldade em obter parceria sexual pelo medo da exposição e os reflexos que possam ocorrer. Comentam que dificilmente buscam relacionamentos nas próprias cidades, que dão preferência por cidades próximas de médio ou grande porte, ou em capitais distantes onde vivenciarão a sua sexualidade anonimamente. De Cicco & Pelucio corroboram dizendo:

no interior paulista os temores advindos das relações que esses homens mantêm com a esfera do trabalho e da família são determinantes para a busca e efetivação desses fluxos desejantes fora de suas cidades de residência. Assim, o trânsito entre cidades próximas visaria preservar uma

presumida heterossexualidade, que os protegeria também do estigma da homossexualidade e suas consequências advindas. (2018, p.357)

Ainda para os autores caracteriza-se uma busca que possa dar suporte à necessidade de manterem-se dentro de um contexto social e de posturas cisheterossexuais, ainda muito presentes nos "interiores", onde até mesmo os mais descolados se preocupam e se preservam, muito mais os homens em relacionamentos, ditos fixos e cisheterossexuais, que procuram discrição e sigilo. Quando estão em cidades maiores ou capitais "são "apenas mais um" frente a outrem, em meio a uma multidão. Esta "invisibilidade" do sujeito, transformado em número colaboraria com o esgarçamento das amarras morais" (Cicco & Pelucio, 2018, p.356) e das possibilidades de sentimentos e experiências do sujeito no seu universo sexual.

Nesta perspectiva, o medo perpassa os estigmas ainda apresentados aos "homodesejosos", colocando-os num estado de vulnerabilidade e risco, chegando a consequências advindas de uma homofobia internalizada que os leva à agressividade, violência e morte, em um país onde é sabido, que mais mata homossexuais no mundo, segundo o levantamento do Grupo Gay da Bahia, e a ONG Transgender Europe, entre 2008 e 2016 (Rádio Senado, 2018 e CNNBrasil, 2023).

Categoria 4. Subcategoria 2. Ocultamento no namoro e no casamento.

Os colaboradores mencionam em suas falas a "normatização" de uma conduta, colocando a postura cisheterossexual como algo desejado para poder ser admitido e reconhecido pela sociedade. O medo das consequências, estando longe desta atitude ou da inclusão, acaba direcionado para um lugar nem tão desconhecido assim, afinal desde a infância, a postura da convivência entre um homem e uma mulher é habitual e o que sai deste arranjo, faz parte de uma composição obscura, melhor dizendo, o conhecimento que se tem previamente a respeito de uma vivência homossexual, fica em um lugar inóspito, carregado de uma conceituação estigmatizante.

Zimmerman comenta sobre o fato em sua pesquisa, dizendo que estes homens descrevem:

vários estágios de desenvolvimento de sua identidade gay quando conheceram suas esposas, desde terem uma vaga consciência das atrações homossexuais em uma extremidade, até se identificarem plenamente como homens gays e terem tido relacionamentos anteriores com pessoas do mesmo sexo na outra extremidade. (2013, p.70).

Demonstra existir um período de tempo envolto a contradições e conflitos, na busca de uma resposta para poder entender-se como pessoa e encontrar a identidade sexual.

Durante o período que eu namorei com essa mulher eu saí com homens, umas 2 vezes. Como eu venho de uma tradição católica, se você está namorando, você tem que ficar com uma pessoa só. Então, eu tinha na minha cabeça... fidelidade. Eu ficava de boa, sem nenhum tipo de sentimento. Não tinha remorso, não tinha peso de consciência, eu me sentia muito bem. E aí, depois que eu terminei o namoro, eu me senti livre. Entre aspas. (Cesar, 55)

Não casei com o objetivo de me ocultar socialmente, nem com motivo sexual, nem nenhum. Eu sempre tive envolvimento com mulheres, é uma coisa que me deu muito prazer, de amor realmente. Tive grandes amores por mulheres. (Pedro, 60)

Mas assim, não era aquela pessoa que me falava fundo, entendeu? Acabei seguindo, me deixando a deriva, de uma certa forma. Eu não escolhi, eu fui escolhido. E aí eu segui... me casei. Segui um rumo tranquilo, natural. (Nilson, 56)

Eu comecei a namorar mulheres, tendo desejos por homens, tendo vontades e, de vez em quando dava uns pulos fora do namoro, mas só para satisfazer uns desejos de contato. Eu fui realmente me dar o direito de sair do armário, como a gente se refere, depois do casamento. Até durante o casamento, eu não era assumido. Eu era bastante reprimido. E durante o casamento, eu não vou mentir, eu dei alguns pulos fora do relacionamento. (Leandro, 52)

Antes de morar com ela, eu já a conhecia. A gente tava namorando, aí começamos a fazer os "programas". No começo ela não disse pra mim, mas

depois de um tempo eu descobri. Ela me convenceu e eu também comecei a fazer. Por dinheiro. (Bruno, 26)

A entrada para desfrutar da sexualidade homoafetiva atravessa diversos caminhos, que em algum momento será apresentada. Na fala de Bruno, 26, ela vem pela observância dos ganhos financeiros possíveis que a companheira revela. Teremos neste estudo a continuidade dos ocorridos deste colaborador que passa a gostar, identificar-se com a sexualidade e o afeto desenvolvido por homens.

Aos 18 anos eu conheci a minha... esposa. Foi a minha primeira namorada. Conheci, gostei dela, me apaixonei por ela... Tinha dúvidas, no fundo, se eu gostava de mulheres, se eu gostava de homens, porque eu sentia muita atração por homens... Eu já tinha experimentado a vivência com homens, mas eu não tinha experimentado a vivência com mulheres. Dado o contexto religioso familiar que eu morava, que eu vivia, qualquer coisa fora de um casamento, de uma relação heterossexual é pecado, vai pro inferno.

(José Afonso, 44)

A partir dos 18 anos, que comecei a namorar com uma menina. Bem tarde, né. E sofria, porque, eu tinha que namorar uma menina pra eu mostrar que eu era um garoto, que era homem. E aí, acabava tendo que viver uma vida meio que escondida. Acaba ainda, né? Ainda é assim. Hoje, é melhor, porque as comunicações ficaram mais fáceis. Você acaba encontrando pessoas e não precisa ficar se expondo. Mas ainda é uma coisa meio que mascarado, meio que escondido. (Fernando, 48)

Aí eu me descobri sexualmente com homens, só que eu tinha aquilo (faz gesto de aspas): é errado, é errado, entendeu? E casei e vivi escondido por anos. Casei aos 24 anos com mulher... por não me assumir, por eu não me aceitar. Só que não era aquilo que eu queria. Aí vivi 6 anos casado... amiguei né. Fiquei 4 anos amasiado aí casei, fiquei 2 anos casado e aí não deu certo, não aguentava mais e acabei divorciando. (Doni, 52)

Para o colaborador Nilson, 56, a sensação mencionada anteriormente, depois de vivenciar o casamento, numa reflexão de sua vivência, é que o mesmo se sentiu

“escolhido”. Com esta observação efetua um autoquestionamento do que passou e sentiu, indagando se era realmente de sua vontade aquele vínculo, crendo que tenha sido levado por um contexto cisheteronormativo de uma conduta social, dada como natural e esperada. Esta postura aparece depois de um continuum reflexivo, demonstrando uma não conclusão sobre o fato, um Zoiròs ainda questionador, constante e conflitivo.

Aqueles que não demonstram antagonismos em suas experiências cisheteronormativas, apresentam relações prazerosas. Incluem o questionamento: “Porquê não amar uma mulher tendo como foco o desejo sexual por ela e obter resposta afetiva adequada”? Uma tentativa de resposta encontra-se no estudo de Zimmerman (2013) quando é apresentado que “a atração inicial um pelo outro não era diferente das atrações iniciais que muitos casais heterossexuais experimentam, incluindo apreciar a personalidade um do outro, sentimentos de paixão e querer passar tempo juntos” (p. 70), e complementa ainda dizendo o quanto estes homens “descreveram como se apaixonaram pelas suas esposas” (p. 71).

A discordância aparecerá posteriormente quando obtiveram retorno prazeroso sexual e afetivamente, com homens. Desta forma conseguem trazer para dentro de si, as aflições decorrentes, na tentativa de solucionarem as indagações, envoltas de todas as estigmatizações provenientes, conhecidas. É possível dizer que algo que era revestido de curiosidades, dúvidas, desejos ocultos incompreendidos, ganham nova roupagem com a coragem do “permitir-se” e experimentar, como bem expõe Foucault (2007): “Levar pelos apetites e prazeres, que permite proteger-se contra seu domínio e superioridade, manter seus sentidos em um estado de tranquilidade, manter-se livre de qualquer escravização interna em relação às paixões, e atingir um modo de ser que pode ser definido pelo gozo pleno de si mesmo ou pela perfeita soberania sobre si mesmo” (p. 216).

Na pesquisa de Silva (2021), numa identificação para a apresentação acima, questionando sobre os conflitos da dualidade, menciona que muitos homens acreditam “que mulheres e homens são complementares emocionalmente, mas não sexualmente. Eles pensam que as mulheres podem se tornar muito apegadas emocionalmente depois de uma conexão, enquanto os homens não. Esta crença não é necessariamente verdadeira, mas muitos homens acreditaram nela” (p. 48). Outros relatam encontrar dúvidas em relação ao

desejo, desde a infância ou juventude. Uma curiosidade contínua enredada de medo de todos os significados como a homossexualidade é apresentada, até o momento de se permitirem viver uma experiência com um homem e a partir de então, surgirão outras concessões de busca de respostas, incorrendo àquilo que Zimmerman (2013) narra que há "vários estágios de desenvolvimento de sua identidade gay quando conheceram suas esposas, desde terem uma vaga consciência das atrações homossexuais em uma extremidade até se identificarem plenamente como homens gays" (p.71).

A procura, os meios para se identificar com iguais, ter confiança e sigilo, provém de confissões das relações reais de proximidade dos colaboradores, quando cedem lugar aos intercâmbios virtuais. Várias vezes mencionou-se que o "advento" da internet facilitou o acesso, a troca de experiências, reflexões sobre as dúvidas, o encontro de iguais nas mesmas condições e características. Relacionam-se on-line, com a liberdade de escolha e as formas de rebeldia que contribuem para a auto-afirmação (Neves & Bruns, 2022).

Os sites e aplicativos ampliam as possibilidades de encontros e a renovação de esperanças amorosas, um mundo mágico do consumo romântico, onde cada um pode se relacionar com uma ou várias pessoas, inclusive simultaneamente (Saraiva, Santos & Pereira, 2018; Tavares, 2021),

A preferência por atributos conforme estudo apresentado por Reis, Ferro & Rodrigues (2022) e Morelli & Pereira (2018), quando discutem os corpos, a exemplo: homem másculo, que preza o sigilo, está a fim de contato e práticas sexuais com homens, mantendo sua cisheteronormatividade preservada, seu papel social e familiar, simulando estar intactos, assentindo desfrutar do contato homoafetivo, sem a necessidade de exposição de sentimentos dentro e fora deste encontro, afinal, o "armário" é um lugar ainda seguro ou necessário e aconchegante, para muitos.

Alguns destes homens, aventuram-se com alguma facilidade e destreza, apesar das necessidades das artimanhas para manter o sigilo e a família, salientando a fala de Nando, 58, "já consigo atender o telefonema da mulher dentro do Motel, estando com um amante". Lembrando que para chegar a este universo, a lógica é se exhibir para ser escolhido. Fotos, textos, condutas são performances construídas por eles para atrair e agradar (Figueiredo,

2016), como uma carta de vinhos, cuja palavra deve se adequar a cada acompanhamento. Os encontros na internet passam a ser uma realidade e a busca na rede se torna constante.

Categoria 4. Subcategoria 3. Período de latência.

O período em que os homens casados revelam não buscar se relacionar sexualmente com parceiros do mesmo gênero é um aspecto bastante interessante a ser observado. Algumas considerações devem ser levantadas com o intuito de compreender os sentidos e significados atribuídos pelos colaboradores. É um momento da existência onde deve-se colocar à frente de todo contexto, os conflitos que possam persistir (essencialismo), deste modo a vida adulta perscruta à fuga das estigmatizações recorrentes na sociedade, vivenciando uma vida normal e sem pesos (Swan & Benack, 2012).

Primeiramente, destaca-se a necessidade de dar entrada ao contexto cisheteronormativo para corresponder às expectativas, tanto sociais como próprias, em decorrência de estar inserido a um sistema considerado “normal”. Por mais que o desejo pelo afeto e pelo sexo com homens permaneça, é necessário adequar-se a um determinado contexto para aquilo que Roberto, 57 chama de “fundação da família”. Considerar este caminho, determina tempo, investimentos e possibilidades. Algumas vezes, uma presunção de “cura”, passível de ser modificada para alguns, ou mesmo, desviar o foco do desejo (ocultamento), para não ser revelado inadvertidamente à sua diversidade, observado na narrativa do estudo efetuado por Swan & Benack (2012) quando trazem "que geralmente entravam no relacionamento que desejavam e esperando ficar satisfeito com um casamento heterossexual tradicional e monogâmico, [...] acreditavam que seus desejos pelo mesmo sexo eram “uma fase” (p. 130).

Em contrapartida, a caracterização da homo/bissexualidade como “doença a ser curada” ou “expressão da diversidade que deve ser mantida”, são construções históricas, sociais e políticas. O que se tem verificado ao longo do tempo, é que a orientação sexual não é passível de modificação e que não se trata de uma escolha ou opção da pessoa, mas sim um aspecto da personalidade e expressão da sua identidade. Por não ser uma escolha,

tentar revertê-la seria uma violência, desrespeitaria sua identidade e geraria maior sofrimento (Hercowitz et al., 2021).

De qualquer forma, alguns homens relataram que se casaram, mesmo sabendo do desejo por homens. Para outros, é evidente se encontrarem em conflito, não entendendo ao certo o que se passa com este "outro lugar de existência". O relacionamento sexual e amoroso com mulheres, cria uma sensação de sentimento intenso e prolongado. Com o passar do tempo despertam um olhar ao corpo masculino, como possibilidades de expressão de desejo e relacionamentos passageiros. Estas presunções de exploração do desejo, suscita questionamentos de afetos duradouros, no mesmo instante que querem fugir desta probabilidade por uma demanda de diversos motivos.

No início do meu casamento, fiquei um bom período, de 10 a 15 anos sem relacionamento homoafetivo. Por esse negócio de não aceitar, eu não tive. Eu não conseguia sair. Lógico que observar, a gente observa, pensava assim: "Olha que rapaz bonito". Sair... e procurar, não. (Pablo, 49)

Um ano depois casamos, tive 2 filhos. E aí por muitos anos, você fica nessa... coisa da fundação da família que ocupa muito. Você nem olha muito dos lados. Fiquei uns anos, só transando com ela... (Roberto, 57)

Aí nós casamos, fiquei uns 2 ou 3 anos assim de boa, tranquilo.
(João Miguel, 42)

No tempo que eu era casado eu não saía com homens, só tinha aquilo na mente. Aí quando eu me divorciei, eu comecei a me relacionar com homens, entendeu? Agora eu só me relaciono com homens, mulher não mais. Porque eu nunca senti atração pelo feminino, mulher e coisa e tal. E eu nunca quis filho. (Doni, 52)

No comezinho, quando eu estava com 2 anos de casado, eu não saí com nenhum homem, só com minha mulher; e eu tava morrendo de vontade de sair com um homem, né. (Jorge, 56)

Os estudos encontrados, foram reveladas semelhanças nos estereótipos de comportamento, no enfrentamento aos mitos estabelecidos pelas sociedades e pelas respostas à normalidade considerada padrão, que teoricamente é mister da felicidade. Dado

pelas observações de Ross (1979) em seu estudo quando traz: "a ideia de casar porque se estava "apaixonado" tende a sugerir a noção romântica de apaixonar-se, casar-se e viver feliz para sempre, que se tornou um tal estereótipo e objetivo que pode ser considerado por alguns "de pressão social" (p.144). A observação, na fala dos colaboradores desta pesquisa é a mesma, quando Ross (1979) expressa: "se alguém não estivesse "apaixonado" antes do final da adolescência, poderia ser considerado um tanto estranho" (p.144). Pode ser colocada a questão deste apaixonamento como um resultado das expectativas familiares e sociais, afinal este era o percurso considerado natural da vida. Nos estudos de Ben-Ari & Adler (2010), encontram-se as mesmas observações, como resultado de comportamento e delineamento de uma vida para um enquadramento esperado.

Eu vim ficar com outro homem eu acho, que depois de 3 anos de casado. Eu levei uma cantada de um cara dentro de um ônibus, quando eu ia trabalhar.

(Allisson, 38)

Depois de casado foi só com ela, entendeu? A questão da minha sexualidade não tem a ver com a minha separação. Até hoje ela não sabe de nada. Ela não sabe da minha "opção" sexual, (Thales, 40)

Casamos. Fiquei um tempo... acho que uns 2 anos sem me relacionar com homens. Eu achava que com o casamento esse desejo, essa vontade passaria. Aí... não teve jeito. Voltei a me relacionar com homens, voltei a buscar isso via internet. (Felipe, 39)

Na verdade quando eu casei, eu parei por um bom tempo, né. Era muito sofrido, mas parei, fiquei uns 10 anos sem, até mais, eu acho, sem transar com homem. Só fiquei com a minha parceira, né. (Fernando, 48)

O desejo foi alimentado pelas facilidades da vida moderna com o advento da Internet, fazendo parte do cotidiano familiar. A busca por respostas das curiosidades e dúvidas, encontrou respaldo e consentimento para encarar os impulsos ambiciosos e reprimidos, no outro lado da tela, de modo simples e prático. Com "o surgimento de sites na internet, tornou-se possível que indivíduos acessassem pornografia gay, salas de bate-papo, grupos de discussão e redes sociais para facilitar a organização de encontros sexuais, tudo sem sair de casa" (Swan e Benack, 2012, p.130). Os colaboradores,

apresentam aqui, como no estudo acima mencionado, aquilo que os mesmos autores retratam "uma diminuição da intensidade de sexo e romance no casamento" (p.130), justificativa para aflorar e investir em novos parâmetros de desejo. Não se pode esquecer que os impulsos reprimidos geram ansiedade e angústia, cujas sensações e sentimentos alimentam a obsessividade, e a busca é na realidade, uma resolução. A pesquisa de Francisco et al. (2020) mostra nitidamente estes fatores: "sendo o risco de desenvolver ansiedade duas a três vezes maior que nos heterossexuais" (p.53). A dor da angústia fornece instrumento para a procura de uma cura, aqui vista como conflituosa pela transgressão.

Faz 1 ano que estou casado, mas antes disso eu já fui casado 4 vezes. Sempre sendo infiel, desde os namoros. As vezes eu conseguia segurar um pouco, mas fatalmente acontecia. Eu não procuro, eu só não sei dizer não. (Xenovaldo, 41)

Depois de 3 anos nasceu meu filho. Aí ela teve essa depressão pós parto. Ali desencadeou de novo a vontade de se relacionar com outros homens. Comecei a procurar pela internet, naquela época, né... ou site de relacionamento. Foi nessa busca aí... eu encontrei uma pessoa, eu gostei dela e a gente ficou um tempo saindo às escondidas, sem dar nada pra perceber. (Kaleb, 52)

O casamento foi sossegado, uma coisa que eu sempre quis, entendeu? Só que daí, durante o casamento bateu a vontade de novo. Eu tentei me controlar, mas não deu muito certo não. Eu to há 20 anos casado, acho que uns 2 ou 3 fiquei sem procurar um homem. (Gabriel, 40)

Depois disso houve um hiato muito grande. Uma sensação de que realmente eu tinha que apagar isso dentro de mim e que não me permitia suscitar alguma dúvida sobre essa parte aí. Eu, tipo... programado pra casar e tudo bem, é assim que vai ser e pronto. (Marcos 2, 56)

Aqueles que investem no casamento como alternativa de "cura", relatam a "vontade" persistente, desviam o interesse sexual e depois de uma latência que pode durar de 2 a 15 anos, ou mais, retomam ou despertam para o conflito, para o desejo, para a procura e para

o abrigo do sigilo. Muito bem colocado pelas apresentações destes fatores trazidos por Swan & Benack (2012), quando em sua pesquisa se encontra instigações para os questionamentos que passam a surgir a partir de então.

É percebido existir uma necessidade de amadurecimento psíquico para esta abertura, além de uma maturidade financeira e social, adquirindo um empoderamento das atitudes em resposta à liberdade desejada. Para tanto "os seus cônjuges, filhos, familiares, amigos e colegas partilham os custos do processo e têm interesse no seu resultado" (Swan & Benack, 201, p.129), instintivamente. A sociedade como um todo aguarda e investe por uma dissolução desta angústia, pois as mesmas são afetadas reflexivamente. Importante reforçar que a masculinidade histórica e responsável pela virilidade, se instala e se restaura pelo assentimento de uma conduta real, através da verdade. Foucault (2022) revela esta ação necessária, quando usa da expressão da "realidade como técnicas que tornam o indivíduo capaz de ir de um tipo de realidade a outro", onde a autenticidade e a verdade de um homem "transformam sua própria realidade enquanto sujeito" (p.111).

Existe um sofrimento interno por se adaptar a este espaço-tempo denominado "fundação da família", retratado pelos atritos de interesse e receio de exposição, colocando em jogo o conflito das "verdades" que pairam na vida destes homens durante este período.

Xenovaldo, 41, fala em não saber dizer "não" às investidas que o ameaça. Caracterizando mais uma vez, a luta interna para satisfação do desejo e a prerrogativa de estar adequado às investidas naturais e características do legado mitológico e viril do homem no percurso da história. Afinal, ele deve dar voz e vez aos impulsos que o transforma em macho viril, como diz Tamagne (2013): "as noções de virilidade ou de masculinidade, se prestam à ambiguidade" (p.426).

Categoria 4. Subcategoria 4. Vício do desejo.

Dizer que homens gays são muito sexuais é uma colocação excludente. Alguns homens possuem desejos e necessidades sexuais independentes de sua condição. Porém, é possível dizer que muitos homossexuais manifestam desejo intenso, em razão do histórico de repressão, que quando das possibilidades de vivenciar a sexualidade como

desejam, buscam de forma vigorosa, diversa e intensamente. E quando se fala dos homens em condições de estarem em relacionamentos cisheteronormativos dentro do casamento ou não, a impressão que surge é que este momento usufruído em suas “escapadas” poderá acabar a qualquer momento por diversos motivos, seja pelos reflexos da culpa e do medo, seja por serem descobertos, seja por suas vulnerabilidades constantes.

Alguns se utilizam para dizer que o sexo com outro homem passa por uma “plenitude”, ou mesmo que é “mais profundo”. Estão, obviamente falando das próprias experiências e a sensação obtida por eles, pelas comparações da sexualidade com uma mulher. Vê-se que falam de uma intensidade própria, de um *modus operandi* que expõe e expande. Podem desenvolver e irradiar o desejo reprimido, caracterizando a sensação como plena, profunda e intensa. O casamento continua possuindo o cunho sagrado, onde as relações dentro dele são emolduradas pela exclusão de uma vivência mais liberta de dogmas, com verdades pobres e explorações do desejo, pouco sinceras.

Um dado interessante quando consideram um comportamento viciante é a expectativa de poder ter um encontro, ter contato com o corpo de um homem. Na realidade, todos os movimentos intrapsíquicos e extrapsíquicos que demanda o “evento”, os múltiplos investimentos necessários para que o encontro aconteça, está se falando sobre a aflição que o proibido investe. É o medo revestido de desejo, assim como a culpa com a mesma roupagem, o “pecado”, o não permitido e mesmo a traição travestida de retaliação, “o sentimento de prazer vinculado à vingança” como diz Godoi & Almeida (2023, p.230). Matheus, 33 traz exatamente este acontecimento: “A maioria das vezes que eu transei com outros caras eu tava com muita raiva da minha mulher. Então, eu voltava meio que vingado”. “São formas de vingança subjacente do autor, contra ter sido “humilhado” por mulheres ou, no caso de homossexuais, vingança contra elemento homossexual reprimido no próprio autor” (Pereira & Rigo, 2023, p.6). Em contraponto, outros retratam a sensação “terrível” que é voltar para casa, sinalizando o reflexo do medo e da culpa gerados pela traição. No entanto, mesmo na fala destes, é vista a satisfação pela realização e a chamada “plenitude” dos momentos obtidos exercendo a necessidade de sexo com homens.

Este chamado “vício” do desejo homoafetivo é assunto que merece ser pesquisado, escutado, entendido, pois compõe um complexo psíquico que deve ser mais explorado para

conhecer a intensidade da emoção, mostrando as revelações e descobertas, num emaranhado de sentimentos resultantes do acontecimento, e até mesmo a questão dos inúmeros recursos de sedução que envolve o desconhecido, o inusitado. Lembrando que esta busca traz o interesse no reconhecimento do próprio corpo e dos investimentos que se faz para a sedução.

Então, foi um peso muito grande viver isso, de não poder viver de uma forma plena, mas foi muito bom sentir sim. Me senti vivo e muito (ressalta) com essa situação. Me fez pensar em muitas coisas... (Ricardo, 53)

E aí, eu sou uma pessoa muito sexual, como a maioria dos homens fazem sexo com homem, né. Eu tenho 57 anos, eu tenho maneiras de quem tem 27. Por mim, assim, se eu tiver oportunidade eu transo todos os dias, não tem problema não. (Roberto, 57)

A gente começa a perceber, que os homens héteros querem ter relação com outros homens, até pra descobrir o outro lado, né. O que eu conheci e fiquei durante 9 anos, eu fui o primeiro homem dele. Aí ele gostou, ele dizia que era muito bom. Ele era passivo... "Ah, você é muito bom, eu quero ficar com você, eu não quero mais mulher, a pegada da mulher é muito chata, a mão da mulher é muito fria, o homem tem uma pegada diferente..." Então, geralmente eles falam essas coisas, né. Eles inclusive falam que são heterossexuais. (Falcão, 60)

Aí tive várias namoradas. Várias relações, até com prostitutas mas, o desejo era mesmo do mesmo sexo. Mas como os códigos morais não batiam com o desejo em si, aquele desejo genuíno, aquele visceral que todo mundo sabe do que eu estou falando e, a partir de então comecei a ter experiências mais profundas. (Xavier, 65)

As consequências da aventura, são às vezes, aquelas coisas que eu tenho curiosidades e que eu quero descobrir. Sem consequências, se sentir culpado, qualquer coisa do tipo. Foi uma experiência bem louca. Porque não foi 1, ou 2, ou 3 ou 4 pessoas, foram muitas pessoas comigo só. Foi bem louco, porque eles não queriam que eu fizesse nada, queria que eu ficasse

simplesmente parado para eles poderem me usar. Só que somente a parte do... de trás, né. E eles sendo ativo. E aí depois eu tive que parar, porque esses caras se apaixonaram por mim. Tive que parar com isso, tive que cortar a amizade com eles, parei com tudo, bloqueei. E até hoje me procuram. (Bruno, 26)

Foi elaborada uma busca de estudos relatando esta apresentação dos colaboradores, no intuito de encontrar falas que caracterizem a expressão dada, no sentido do que consideram intensidade do sexo com homens e o que denominam ser viciante, a partir do momento que é praticado. No entanto, nos artigos e livros encontrados há muito pouco ou nenhuma referência ao assunto. Homens em relações cisheteronormativas, a partir do momento que se permitem vivenciar este impulso sexual, demonstram dificuldade em “abandonar” aquilo que consideram prazeroso, que consiste na realização de sua sexualidade. Esta afirmação é apoiada em Foucault (1995), quando comenta sobre as conquistas do corpo, o “saber”, o “poder” e o “prazer”, afinal “o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder” (p.146). Ter autoridade sobre o próprio corpo e seus desejos, demandam ganhos difíceis de serem abandonados, como se observa nos relatos aqui presentes.

É complicado, porque tipo, eu deitava na cama com a minha esposa e imaginava um homem comigo, entendeu? É uma coisa complicada. A gente se gostava, mas não era aquele amor, né. Era um gostar, um desejo de carne. Então, mexeu na carne, a carne funciona. Você tá lá, você tem aquele desejo, aquele prazer, mas é que tá mexendo com a carne, mexendo com tudo aquilo, que aí acontece.

No seu consciente, no seu psicológico, não é aquilo que você quer. Não é aquilo que você almeja, que deseja pra você. Você quer uma outra coisa. Pelo menos no meu caso era assim. Eu queria estar com homem, não com uma mulher. (Doni, 52)

Assim, você nunca sabe o que vai acontecer e talvez é esse desconhecido que me motiva tanto. Talvez seja, o quem será aquela outra pessoa, quem será o dono daquele peitoral, quem será o dono daquele pau, vamos falar assim. Então, isso realmente é um estimulante. E é uma droga. Não vou ser

hipócrita. É uma droga. Se eu pudesse virar uma chavinha no meu cérebro hoje, eu faria: “Chega”! Eu não sei quais foram as entrevistas que você fez, mas hoje eu falo abertamente pra você, eu já vivi todo tipo de experiência que eu queria na minha vida sexualmente falando. (Carlos Eduardo, 37)

O tal do controle. Quando eu vou conseguir controlar isso, sabe? Se eu vou ou não vou, eu não sei. Qual é o meu medo? HIV, Sífilis, Gonorreia, todo tipo de doença que eu posso pegar, apesar de me cuidar. Quando eu falo de me cuidar, é o que? Usar camisinha. Em nenhum momento passou pela minha cabeça tomar o PrEP, já cheguei a tomar o do Pós, não sei o nome do pós, do tratamento, eu fico me apoiando na camisinha. Se você me perguntar hoje: “Cara, você tem medo de chegar no momento que você vai fazer um exame e dar positivo? Eu tenho. Morro de medo. (Carlos Eduardo, 37)

Aí na semana seguinte começou a vir aquele tesão, e eu falei: “Ah, eu não acredito né, que eu vou ter de voltar de novo pra essa internet”. “Vou ter de caçar alguém para poder ter mais um pouco de experiência”. E aí fui, encontrei um cara casado e começamos a ter uma relação, tal. (Nilson, 56)

Acho assim, quando a gente tem desejo, tanto de um lado como pro outro, bate uma atração física e, tem muita gente que fala que o desejo que você tem de ficar com outro homem, não é a mesma coisa de ficar com uma mulher. Pra mim, não é só desejo, pra mim é tesão, é atração, é vontade de estar ali junto, tocar, sentir, entendeu? (Allisson, 38)

As expressões de fala e comportamento engendram em atitudes semelhantes entre estes homens, e o questionamento se coloca em uma posição de como se sucede. Vê-se diversas leituras de si mesmos (Aftognosia) na tentativa de identificar o porquê de se comportarem com estas atitudes. Muitos relatam não se conformar com o que vivenciam, outros relatam ter controle, outros ainda a perda total do controle de suas ações, desejando ter uma “chave” que os retire desta intensidade. Observa-se que há exemplos característicos de Transtorno de Comportamento Sexual Compulsivo (TCSC), porém o que chama mais a atenção é o despertar do desejo, a descoberta do corpo masculino e o quanto é prazeroso a entrega ao sexo e ao afeto a este igual. O peso da repressão e da

educação cisheteronormativa, lugar que o indivíduo é moldado e monitorado na conduta, quando rompe a barreira que o assombra, entra em um estado de assombro, cuja margem de sentimentos espalda os rompantes que alimentam o desejo (prenunciam a fome por querer mais).

A idealização de que este desejo é errado é proveniente de diversos fatores, dentre eles a posição de estar casado, em uma relação de confiança e que deveria ser de exclusividade, pela homofobia internalizada que provoca prejulgamentos e os esteriótipos sentidos no comportamento da sociedade que demonstram exclusão, como diz Lima & Wollman (2020) "em grande parte, a sociedade administra de modo precário o saber sobre a sexualidade do outro, ou seja, quando se sabe da sexualidade de alguém, causa um não-saber agir diante disso" (p.53). Portanto, este chamado vício, é o lugar representativo do medo retroalimentado, lugar de fala dual e conflitante: "eu não devo, mas eu quero", "não é conveniente, porém me satisfaz", "é pecado, mas eu vou aos céus".

Cara, eu to agindo errado com a minha mulher, mas... o desejo era muito mais forte do que o pensamento que diz: "Eu to errado! Eu to errado!" Eu to errado, mas não tinha como. (Allisson, 38)

Comecei a experimentar... Saber entender o que eu sentia... Aí eu comecei a perceber que eu gostava mesmo, entendeu? No primeiro momento, eu acho que é um sentimento... selvagem. Como eu posso dizer a palavra certa? Sentimento carnal. Sentimento de satisfazer carnalmente, de ser diferente... porque é diferente, né. (Thales, 40)

Eu entendo que parece que é um caminho sem volta. É uma energia diferente, é um toque diferente, é um olhar diferente. O que eu gosto muito é do toque. Porque o toque da mulher, é um toque mais sutil, mais leve e do homem tem um toque mais forte, mais firme. (Sayó, 48)

Só que eu sempre quis mais, sempre queria mais. Aí ficou que eu não queria mais repetir nenhum. Eu tinha medo de me envolver de novo com outra pessoa. Aí eu só queria sexo pelo sexo mesmo. Marcava com um cara, se o cara era do meu agrado, já era. Sexo e ponto. Não perguntava nem nome. (Fabio, 36)

Aí eu fui saindo com muitos homens. Teve vezes de eu sair com 3, 4 homens no mesmo dia. Outras vezes ... saí com 4 ao mesmo tempo. Foi uma fase bem assim... promíscua. Mas foi a fase do descobrimento também, porque eu tinha que descobrir o que eu queria, como eu queria, os meus interesses, vontades. Então, tudo o que foi reprimido, nessa época, soltou. (Fabio, 36)

Retomando o assunto, sexo com uma mulher no relato de alguns, quando o foco de desejo está nas fantasias com outro homem, passa por uma resolução como Doni, 52 apresenta: "mexeu na carne, a carne funciona". Interessante a posição de alguns ao relatarem que o homem sabe como e onde pegar ou mesmo, quando comentam da mão fria da mulher. A mão não é fria, frio é o diálogo que muitos casais heterossexuais têm sobre a sexualidade que exercem e compartilham. Frio é como tem sido tratada a sexualidade, pela falta de uma educação adequada, espontânea, exploradora e inclusiva. Foi procurado material a respeito deste assunto, e não encontrado tópicos que aborde temática própria ou próxima. Algumas considerações devem ser relevadas sobre o porquê destes homens trazerem tal comentário. Homens possuem características e performances distintas no exercício da sexualidade, que difere da conduta feminina. Não será discorrido este aspecto da relação sexual homem/mulher, que não é o foco da pesquisa. No entanto, deve-se considerar o que Weeks (2000) exorta a respeito da construção da sexualidade, quando a sociedade interfere nos funcionamentos (performances) dos corpos, usando de uma metáfora, referindo-se naturalmente às diferenças entre homens e mulheres, sustentados por uma variedade de linguagens, que buscam a divisão do gênero masculino do feminino, publicamente organizados.

A configuração da resposta sexual do qual eles dizem vivenciar, demonstra uma excitação de modo diferenciado quando estão praticando o sexo com homens, pelo fato do homem saber que estará no embate sexual com outro homem, ele se permite pegar e ser pego de modo mais intenso. Esta atitude pode resultar em diversas linhas de avaliações e interpretações. Na apresentação que fazem, percebe-se que os estímulos se diferem, assim como a variedade do desejo e fantasias.

Eu via que era uma ilusão, só que eu necessitava, entendeu? Era uma necessidade, eu tinha vontade. De início, eu comecei a ter a cada 30, 40 dias

alguns encontros, mas nada forte. Nada intenso... depois começou a diminuir esse tempo. Aí comecei a ficar mais atento com as coisas, nos lugares que eu ia, observando que o pessoal me olhava, né. (Maxwell, 51)

Ah, eu acho assim que, a gente não ter um garoto na história da gente, eu acho que é perder muito tempo. Porque é uma coisa diferente, é uma coisa gostosa, coisa que os 2 percebem que gostam da mesma coisa. Assim... pega melhor, né. (Fernando, 48)

Então, aí que eu fico numa saia justa, porque o que eu faço não é uma coisa certa, eu tento sair e não consigo. Às vezes eu até acabo não procurando ninguém, sabe. Hoje mesmo eu estava pensando a respeito disso. Mas aí quando faz uns dias já que eu tô meio sossegado, acaba aparecendo, entendeu? Aí você acaba não aguentando, mas meu pensamento é parar e... sei lá, não sei de onde eu tenho que tirar forças. Eu acho que é um vício muito forte também. Acho que é o tipo de um vício, de uma droga, uma bebida, cigarro. É um vício também. Não é fácil abandonar ele.

(Fernando, 48)

Na verdade eu queria assim... parar com isso. Mas é aquilo que eu falo pra todo mundo, que eu conheço, que isso é como se fosse uma droga, como se fosse álcool, né. Você não pode ter nem a primeira cheirada e nem o primeiro gole. Porque você experimentou uma vez, você não consegue parar mais. (Gabriel, 40)

Eu me considero como hétero, tem amigos meus que falam que isso aí não é. Se fosse hétero eu não saía com homem. Mas eu falo que é uma vontade que dá e depois passa, entendeu? Eu me considero como hétero. Passa por que eu gozo, até dar vontade de novo. Isso! (Gabriel, 40)

Não associo isso à minha condição de casado. Quando eu procuro, eu procuro porque estou sentindo falta de alguma coisa, porque é mais prazeroso, entendeu? É aquela coisa assim, a mulher por mais que ela saiba fazer as coisas, ela não sabe fazer tudo. E o homem, ele não precisa pedir,

ele já sabe o que tem que fazer. Então ele te dá prazer. Porque ele sabe onde ele sente prazer. (Gabriel, 40)

Apesar deste “vício”, identificado e manifestado pelo sexo com homens, da necessidade da busca pelo igual se intensificar, ainda se caracterizam como cisheterossexuais, por se manterem dentro de relações cisheteronormativas e estarem se adequando às expectativas sociais desejadas, inclusive deles mesmos. A repressão enfrentada em determinados momentos de suas vidas é transformada em intensidade de experiências diversas, principalmente quando o desconhecido os motiva, incorrendo à exposição de DSTs e o medo das consequências delas, utilizando-se da negação e da fantasia que o “acaso possa os proteger” (Britto, 2002).

Mesmo considerando os conflitos que são evidentes, que relatam em diferentes momentos, de acordo com o histórico de cada um e que é persistente, não conseguem ficar longe desta intensidade e da entrega para o que é compreensível. Destaca-se a fala de Ricardo, 53, que exemplifica e resume muitas das observações trazidas, que a partir do momento que se entrega ao sexo com um homem, é possível sentir-se “vivo... e muito”.

Esse tesão meu é mais forte do que eu. Porque eu tenho uma vida maravilhosa na minha casa, tenho uma família linda, eu tenho sabe... Eu sou uma pessoa bem estruturada. Sou bem querido na minha cidade. Sou uma pessoa pública, só que não posso me expor. Então, hoje... eu procuro pessoas assim que tenha a mesma condição do que eu. (Jefferson, 44)

Eu sou muito atraído por travesti. Eu não quero ser ativo com elas, eu gosto do corpo da mulher em si, só que eu gosto do sexo do homem, tá? Acho que isso deve ter bastante relevância aí pra vocês... eu sinto muito, mas muito tesão nisso. Só que eu não procuro, entendeu? Eu não procuro porque eu não gosto de envolvimento financeiro, como eu falei pra você, eu não gosto de cobrança. Tenho medo de ser... chantageado. Eu já fui chantageado por um cara que eu conheci. Eu tive que pagar... quase deu merda.

(Jefferson, 44)

E hoje, como eu tava dizendo pra você assim, eu tenho um fetiche muito grande de sair com homem e me expor. Me expor usando uma lingerie, sabe.

Entendeu? Não sei como que chama esse fetiche ééé... CDzinha né, CD? Eu gosto de ser uma CD. (Jefferson, 44)

Sexualmente, eu achei bom. Eu não gosto de ser passivo, né. O homem tem uma bunda mais dura assim, redonda assim, dá mais prazer. Sexualmente, então, eu achei que foi bom. Por carência eu acho que teve um apego passageiro pelo GP. Eu tenho um ficante fixo, fico com ele mediante pagamento mesmo. Como se fosse um "Sugar"⁵, né? (Ítalo, 60)

Aí eu realmente senti que aquilo ali era realmente o que eu queria. Porque eu senti entrega, eu senti prazer de estar com outro homem, entendeu? De uma forma que eu me senti mais completo como ser humano do que quando eu estava casado com minha mulher. (José, 58)

Aí eu comecei a sair com outros homens. Uma necessidade física aí, energética eu acredito. Se eu não transar eu fico com depressão. E aí tinha muita culpa e... com o passar do tempo você vai ficando sem vergonha, né (e riu). Essa culpa vai (faz um gesto de: sei lá)... Tem pessoas que você sai, você se arrepende totalmente, e tem uns que você até se apaixona.

(Nando, 58)

Na busca de adequar-se a uma cisheteronormatividade, a procura por prostitutas e/ou garotas de programa, realçam em diferentes momentos a tentativa de adequar-se aos padrões estabelecidos de "normalidade", incluindo a isso a busca de garotos de programa, para poderem vivenciar o sexo e o sigilo. O acesso ao desejo e às possibilidades de resolução de fantasias, facilitariam, como é explanado por Portella & Lopes:

a flexibilidade ou rigidez nos valores é importante fator na vivência das fantasias sexuais, levando o indivíduo a experimentar suas fantasias sexuais com mais ou menos prazer ou culpa. Se as fantasias sexuais forem julgadas de forma rígida, é bem provável que os sentimentos despertados com isso, sejam negativos à resposta de excitação sexual. Por outro lado, se a fantasia

⁵ Sugar ou Sugar Daddy = Tradução do inglês, Açúcar + Papai, expressão utilizada para o homem mais velho que banca um homem ou mulher mais nova, em troca de companhia e sexo.

sexual é explorada e apreciada pelas sensações prazerosas que desperta, estará disponível e acessível sempre que se desejar (2008, p.34).

Enfim, neste caso, “um vício difícil de abandonar” como Fernando, 48, apresenta.

Este vício apresentado, é a mola motriz que alimenta e diversifica o medo e a culpa, da mesma forma que impulsiona a novas buscas para resolução dos impulsos. Crê-se que continuará por tempos até que seja possível desdemonizar, e se prepararem para que o convívio com a sexualidade seja evidenciado sem mentiras, medos, vícios, culpas, esconderijos e sigilos; sendo possível viver o desejo de forma livre, plena, intensa e verdadeira. Os que não conseguem sair deste lugar de sigilo, deste local de oclusão ou reclusão, dão continuidade aos conflitos e à crise de suas personalidades, colocando-se nos mais diversos riscos a qual estão sujeitos (Swan & Bennack, 2012), como relata Nando, 58.

Categoria 4. Subcategoria 5. Conflito e crise.

Na descrição dos colaboradores pode-se perceber o comportamento destas pessoas, pela condição de um deles ser casado e buscar relacionamento com homens casados, vivenciar o seu desejo, paralelamente. Este comportamento homoafetivo vai além do sigilo, geralmente relacionado à busca de intimidade (Hercowitz et al., 2021).

Por suas experiências, nota-se que alguns possuem antagonismos intensos que lhes trazem muito sofrimento, comparado à própria história de vida. Apesar de conseguirem manter uma vida paralela, alguns casados não querem comentar com o parceiro sexual, os conflitos e dúvidas que estão passando, pelo receio acentuado de exposição de conteúdos sobre si mesmos, enquanto outros, compartilham com os amigos que fizeram neste meio, e que estão na mesma posição, para compreender e auxiliar no enfrentamento do desgaste de manter o sigilo de sua condição sexual. Desta forma conseguem diluir a angústia, em detrimento das confrontações reflexivas. O que efetivamente constrange é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não cisheterossexuais (Louro, 2015).

A dualidade do compromisso com o casamento, discordante do interesse sexual, interfere na forma de viver a identidade sexual. Ressalta-se aqui a questão de casar, na fala do colaborador João Miguel, 42: “colocar uma pedra em cima” para enfrentar o desejo, como propósito de cura ou para driblar os conflitos.

Nos relatos, encontram-se percepções das angústias de forma velada e intimista. A partir do momento que passam a vivenciar a sexualidade desejada, uma luta se instala, talvez até mais intensa que os conflitos anteriores. Ocorre um processo de reconhecimento de seus sentimentos, muitos deles entendidos e nomeados, outros atribuídos à culpa, aos relacionamentos com a família, com os parceiros sexuais, trazendo consequências e alto preço da estigmatização.

Em uma época em que as relações são mais fluídas, a mídia se tornou um poderoso mecanismo de subjetivação. Nos tempos atuais, as salas de bate papo e os aplicativos facilitam o acesso aos que procuram o mesmo desejo. Da mesma forma que alimentam a ameaça de seus impulsos, os conflitos se instalam ou até mesmo sentem que são solucionados, dependendo do modo como cada um vivencia o fato.

Assim, as relações de proximidade cedem lugar aos intercâmbios virtuais. Tais confissões são reveladas, não somente de forma presencial, mas sobremaneira, no espaço das redes sociais. A instabilidade de desejos e uma certa incapacidade dos mesmos de serem saciados é uma constante. Assim, qualquer tentativa de planejamento e de investimento a longo prazo são incapazes de acontecer (Bauman, 2007).

Admitir a própria identidade não será um exercício sem dificuldade. O movimento que o indivíduo faz para assumir que tem desejos por homens, fatalmente trará uma repercussão interna significativa. A princípio mediante à família, posteriormente no contexto social com os amigos e no trabalho. Os questionamentos a respeito das consequências são por diversas vezes repensados. As dores subsequentes, o nível de suporte, os recursos internos e externos, para os embates serão avaliados. Alguns possuem clareza dos fatos, às vezes supervalorizam a dor, outros, ao inverso, subestimam o ocorrido e suas consequências. Devido a estes embustes, alguns desistem e continuam a sofrer calados. Muitos adoecem, outros alcançam estabilidade para ter alguma garantia de se manter por certo período de tempo e seguir adiante, outros dão sequências a pensamentos suicidas,

pois não suportam a pressão e dificuldades que possam vir a surgir (Albertini, Costa & Miranda, 2019).

A naturalidade do sentimento ou das percepções referentes à direção do desejo homoafetivo, quando suspeitada ou evidenciada na infância, mesmo a partir de outro momento de suas vivências, adquirem um comportamento diferenciado quando permitido experimentar nova forma de afeto e desfrutar das vontades de contato com o corpo de um homem. É momento de apaziguar a crise da identidade, procurando compreender o que são e o que querem nas relações, como solucionar ou como conciliar o todo estabelecido, que envolve a compatibilidade dos estigmas, das feridas dos corpos como nos traduz Foucault (2007), onde a identidade está “naquilo que se percebia como obscuro impulso sem-nome. Daí a importância que lhe atribuímos, o temor reverente que o revestimos, a preocupação que temos de conhecê-lo” (p.170), ressignificam o discurso sobre a sexualidade e passam a trazer novas significâncias ao contexto do desejo.

A fala do “contato com o corpo de um homem”, passa pela proibição existente nas normas culturais estabelecidas na sociedade: o corpo do igual não deve ser explorado, compartilhado, contactado. Afinal, homens não se beijam, pelos costumes institucionalizados dos brasileiros, não devem demonstrar afeto por homens, somente por aqueles próximos da família e mesmo assim com restrições. A demonstração de afeto é parte do campo de atribuições femininas e a ela deve ser dirigido, fazendo parte do enamoramento e das cortes de conquista (Blasco & De Antoni, 2020).

Eu tenho relacionamentos de vez em quando, muitas vezes com homens casados também, pelo sigilo, pela confiança. Por ser um risco menor. Essa transição de aceitar isso depois de casado foi muito complexa. No início eu era muito revoltado, não entendia como digerir isso, sabe? Estar com ela e tendo atração por homens. (Paulo, 49)

Eu sei que a minha história, apesar de não ter sido fácil, ela é muito mais fácil do que de muitos outros. Pra mim, viver na clandestinidade seria muito pesado. Vivi pouco tempo, e foi muito ruim. (Roberto, 57)

Eu estava gostando de pisar naquele caminho ali, e também nunca me fechei para isso. Sempre quis ter família, ter filho, né. A questão da sexualidade eu

acreditava que de certa forma ela podia ficar numa página escondida. Não digo escondida; vamos dizer, por uma pedra em cima. (João Miguel, 42)

Sendo frequentador de igreja e católico, isso sempre era um problema, óbvio. Existia desejo, existia alguma procura na internet, mas ficava só nisso porque era alguma coisa extremamente errada. Então, não era uma situação fácil, mas não existia uma dualidade de fato. Porque existia somente uma curiosidade em tentar entender esse outro lado. Agora, desejo tinha, mas não era tão latente como acabou se tornando depois que eu acabei realizando de fato, encontros de uma forma mais plena. Existia curiosidade e o desejo, mas ele aumenta muito quando eu saio pela primeira vez com uma pessoa. (Ricardo, 53)

Tento entender toda essa situação, tento aceitar essa situação. E viver... ! "Ah, eu vou continuar tendo essa vida dupla até o fim? Não sei". Eu nesse momento, eu procuro saber quem eu sou e até onde isso vai me levar. (Ricardo, 53)

Com o advento do computador, e essas facilidades que até então a gente não tinha, de conversar com pessoas que gostam de homem também, pelo computador, nessas salas de bate-papo de forma anônima... Porque eu tinha tido lá, bem antes, experiência com homem, mas acho que ficou esse desejo latente, escondido, talvez adormecido. Ele voltou à tona. Foi daí que eu voltei a me relacionar sexualmente com homem. (Ralph, 54)

Sentia atração por homens e eu tinha uma relação com uma mulher e, eu percebi que eu não estava contente com a relação que eu tinha com essa mulher. E aos poucos, eu fui me descobrindo, mas isso foi muito lentamente. Eu tinha mulher, mas saía com homens também. Mas pra chegar a sair com homens, demorou muito, eu tinha uns 35 anos. (Falcão, 60)

No final do casamento, eu tive experiências homossexuais. Eu já tinha atração. Era uma coisa que eu tinha desde jovem, mas que eu achava que era muito normal. Como se todo mundo tivesse aquilo, entendeu? Eu tinha a sensação que todos os homens tinham como eu e que era uma coisa

administrável. Que todo mundo tem, mas não é o ideal. Como eu tinha por mulher também, confundia tudo e fui tocando. Até que por fim, eu tive as minhas experiências sexuais e vi que eram muito mais fortes do que eu imaginava. (Pedro, 60)

Fiquei muito sem paciência e eu acho que eu consegui aproveitar uma oportunidade de um deslize, não um deslize de traição, mas por conta de um problema de família. Por conta de sogros e tudo o mais, que começaram a questionar a demora do meu casamento, de querer ter filhos, de eu querer comprar uma casa. Fazer indireta e tudo o mais, que eu achei ideal finalizar e deixar as coisas como estão. (Marcelo, 40)

É possível identificar, além da crise e do conflito pessoal, a exclusão, a homofobia, a desinformação, a não representatividade que poderiam ser traçadas pela orientação e educação sexual, agregados a sentimentos negativos de mais exclusão.

Estudos (Hopwood et al., 2019; Cáceres et al., 2015; Becker & Arnold, 1986) sobre a estigmatização no comportamento social destes homens, referentes aos enfrentamentos efetuados pelo público LGBTQIAPN+, pouco se fala. São consumidos pelas diversas formas de preconceitos e deméritos mesmo pela comunidade que deveria representá-los. No meio gay, ou fora dele, quando é perguntado sobre um homem na condição homossexual ou bissexual, por estar em uma relação considerada cisheteronormativa e buscar sexo e afeto “no sigilo” com homens, a primeira expressão usada é “que cara sem vergonha”. Depois desta, uma enxurrada de expressões e designações são ditas. Parar e questionar porque desta situação, o que o levou a buscar uma estrutura social, sexual, religiosa e economicamente cishétero excludente, é difícil. Demonstração de escárnio, deboche e preconceitos são comuns, mesmo por outros homens gays e ditos “resolvidos” em sua sexualidade.

A resposta da sociedade quando é confrontada com os estigmas traçados por ela mesma, na nomeação e perjúrio do indivíduo, não condiz com o que é estabelecido, na dor de uma sociedade que se vê aviltada pela contra-regra que alguns ousam transgredir. A palavra “vergonha” deriva do Latim *Verecundia*, que deriva de *Vereri* (respeito, mérito, honra, digno). No latim, o prefixo *Re* designa “para trás”, portanto vergonha é igual a

“*reverer*” (Dicionário Oxford Languages), conseqüentemente, “sem vergonha” designa “não merecedor de respeito” (inferior, imoral, infame, humilhante, descrédito ou desacreditado). Esta é resposta que a sociedade leva àqueles que transgridem às suas próprias expectativas.

Encontramos nas narrativas dos colaboradores, que desde a infância, a crise e o conflito estão presentes e imperativos na formação destes homens, que buscam adequar a psiquê para o encontro de uma cura real e verdadeira. É difícil e constrangedor falar de uma cura que a sociedade, com cunhos religiosos e sexistas impõe como normatização, como concordante. A adequação verdadeira deve estar envolta ao caráter que a sociedade é capaz de moldar em seus cidadãos, chegando com isso a um modelo político que permeie a conduta de qualquer ser humano, através da política social, da religiosa, da institucional, até encontrarmos a manifestação de uma política pública, como a sociedade chinesa tem procurado compreender e dar suporte a estes indivíduos, conforme artigos trazidos por Song et al. (2021), Wang et al. (2019), Zuosen et al. (2020) e Shao, Chen & Borelli (2021), capazes de mover sociabilidade, inclusão e igualdade, no país que mais mata indivíduos pertencentes a uma minoria que não se adequa à normatização esperada.

É comum encontrarmos nestes homens, expressões que procuram convencer a si próprios de que a felicidade está na adequação ao sistema, sendo que o que foge desta “normalidade” é signo de sofrimento. Porém, como fugir a algo que é intrínseco e que pulsa a todo instante? Muito tem sido feito por muitos, dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+ e muito mais deve ser conquistado. Os últimos 20 anos são retratados nas falas dos colaboradores, demonstrando o quanto isso tem mudado, e o que ainda há de ser alcançado.

Apresentam uma confusão de sentimentos a respeito da manifestação dos desejos e dos sentimentos, associada aos receios de passar pelo abandono, pelo julgamento e pela exclusão. O tal movimento “vexatório” acaba interferindo na saúde física e psíquica. Tanto que a fala comum é a intenção de “se curar”, e “ter um casamento de respeito”, ficar longe deste “vício que acaba comigo” e com o seu entorno. Viver a plenitude do que “eu sou” é designação de sofrimento e dor. Seguem os discursos:

Tentei por muito tempo esconder de mim mesmo, eu não aceitava, por longo tempo eu não aceitava. Sempre achei errado. Mas quando eu conheci através de um amigo a vida gay, eu falei: "Opa, peraí, então tem outras pessoas iguais a mim?". (Carlos Eduardo, 37)

Cheguei pra ele e falei: "Olha Fulano, a questão é o modo de gestão que você trabalha, você às vezes por causa de uma... você dá um tiro de canhão. Você acaba gerando um rombo, um estrago muito grande. E aí foi o motivo para ele pegar, chegar e falar assim pra mim: "Ah! Se eu fosse viado, eu tomaria as rédeas, eu seria o líder de todos. Não ficava me escondendo". Então, aquilo doeu muito forte em mim. Me atingiu de uma forma, que me destruiu. Fui pra casa e fiquei arrasado. Isso eu quero te dizer que talvez seja algum troço do meu comportamento, talvez na minha forma de tratar as pessoas, desse a entender alguma coisa. Conte pra minha esposa e ela falou: "Ah! É pra você mesmo". Eu fiquei mais arrasado ainda (e riu muito). Fiquei mais arrasado. Falei: "Poxa! Eu acho que eu estou sozinho". Esse foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. (Nilson, 56)

Eu sempre quis viver uma vida... entre aspas (faz o gesto)... "normal", sabe. Sempre procurei tentar ser uma pessoa normal. E nessa igreja eu achei que eu conseguiria. Pelas orientações que eu recebia, pelo tipo de convivência com as pessoas que eu tinha. Aí nessa igreja... olha só como são as coisas. Nessa igreja, tinha um serviço de orientação para os novos convertidos, e pessoas que tinham algum tipo de dificuldade, como eu. Poderia ser drogado, ou que era homossexual, uma mulher lésbica, esses tipos de assistência pessoal, e foi determinado um rapaz pra me ajudar. Mas olha só o que aconteceu? Ele acabou virando meu namorado. (Jorge, 56)

Eu tava na igreja crente, casado com mulher, meus pais estavam super felizes. Porque qual era a minha intenção de ser normal? Fazer meus pais felizes, eu não queria dar vergonha pra eles, queria que eles sentissem orgulho de mim. (Jorge,56)

Você acha que aquilo vai ser somente experiências, não era uma coisa que buscava. Então eram situações que ocorriam em lugares inusitados, como bares, clubes, balada, de repente... acontecia, mas depois de um tempo isso começou a despertar um interesse maior, e aí começou a busca, mesmo. E as coisas mudaram, porque até então a intenção era casar, ter filhos... aquela coisa, mas aí depois eu vi que não, que passou a ser o fator, a minha motivação principal na busca pelo sexo. (Jorge, 56)

Nesse tempo eu namorava com uma moça, mas quando eu via um cara com a bunda grande ou... do jeito que eu falei pra você, barbudinho. Menino! Eu ficava doido. Sabe o que é doido? De tesão. Mesmo com uma mulher do lado, o pau sobe assim de um jeito que parece que eu fico doido.

(Allisson, 38)

Falar é difícil. Eu tenho vários amigos, que tem experiência, mas o medo que eles têm... é muito mais grave. Não é só assim, o preconceito da sociedade. O preconceito mesmo vem de dentro de casa, porque tem família que não aceita, né. (Allisson, 38)

Na adolescência... eu achava que era uma coisa que não era normal, que era pecado, por causa da igreja, e aí eu entrava em confusão comigo mesmo. Só que isso passava. Isso passou. Eu achando que casando isso ia passar e passou, entendeu? (Thales, 40)

A questão da rejeição que os colaboradores mencionam através de suas percepções, podem advir de fatos concretos vivenciados ou pelo imaginário construído através das observações feitas dos acontecimentos ao redor. A chamada "aflição" que o desejo e o sigilo produzem, entoa uma "adrenalina" que os impulsiona e desafia ainda mais. A mesma adrenalina gera o proibido, enquanto que o desejo, a atração e a sedução que este movimento proporciona, gera o conflito. Este ciclo que envolve impulsos versus conflitos, aguça as ameaças gerando novos desafios. A compreensão de toda esta movimentação psíquica que ocorre no indivíduo vem através da Aftognosia (leitura de si mesmo) que cada um compõe no percurso das vivências e das ressignificações que o Zoirós proporciona.

E na verdade eu usava isso como uma desculpa para não ter filhos. Porque eu não queria hoje ter um filho que dissesse: "Meu pai se separou da minha mãe porque ele se assumiu". Eu não queria submeter isso a uma criança. Então eu sempre tive isso na cabeça, vamos usar isso como desculpa. (Leandro, 52)

Um casal amigo, assim... eu percebia que ele sentia algo por mim também, um... aproximação muito grande. Como se fosse uma atração. Até porque nós éramos casados e nunca nem se cogitou de qualquer coisa, mas... havia uma tensão... vamos dizer assim, né. Como eu posso dizer? Eu sentia curiosidades, eu sentia atração, mas nem cogitava... (Tônico, 60)

Então eu fiquei ponderando tudo isso, naquele momento e no fundo, eu achava que eu tinha condições de... me curar, né... Acho que por aí, pra ser bem sincero. Era uma sensação de que um dia eu iria encontrar uma cura... "Vou tocar, minha vida legal, casamento bacana, de diálogo, de parceria, de colaboração... Enfim, casamento de respeito". (José Afonso, 44)

Eu falava: "Eu não sei se eu sou isso". Eu não quero ser isso, eu quero ser hétero, eu quero manter o meu casamento. Eu quero manter a minha vida. Eu estava muito em conflito, porque eu não me aceitava. Hoje eu entendo bem isso. Eu tava num processo de tentar entender essa identidade homoafetiva, homossexual. Até porque eu reprimi ela desde a minha infância, a minha adolescência, a minha vida de casado, a minha vida toda. (José Afonso, 44)

Antes de eu casar, teve um momento que a gente tava viajando e no meio da viagem, eu contei pra ela que eu sentia atração por homens também. E foi muito difícil, sabe, foi muito difícil. Eu acho que foi a noite mais difícil da minha vida. Teve muito choro, muito drama. (Caio, 47)

E a gente se relacionou muito, uma coisa muito intensa. Eu não sei como eu não deixei transparecer isso na minha casa. Acho que eu sempre fiz muito pra proteger a minha família, né. Aí nasceu meu filho, continuamos... ele mudou de cidade. Fiquei muito triste, porque a distância separa, né. E

chorava... e eu só tinha ele. Não tinha outro cara. Tava bem com a minha esposa mas não era a mesma coisa, era diferente. (Nando, 58)

Porque... meu pênis é pequeno. E eu sofri muito na adolescência por causa disso. Não pelas outras pessoas, mas eu mesmo né. Por não me aceitar. É claro que a sociedade é cruel (e riu). Não to querendo colocar a culpa na sociedade não, mas existe isso, a comparação, a ridicularização, a piada e eu tinha vergonha do meu corpo. E talvez isso possa ter pesado também por eu não ter me assumido. Porque eu nunca pensei que um cara pudesse gostar de mim. (Roberto, 58)

Porque esse desejo ele não se despertou em mim de uma hora pra outra, eu tenho desde que eu me entendo por gente. Então, eu tinha curiosidade, e eu sabia que se despertasse, eu poderia gostar. Então por isso eu fui devagar nisso... e medo, medo também. Então por isso que eu demorei a me relacionar com outro homem. Não tinha essa coragem. (Seraphim, 38)

Do mesmo modo que se apreende como encontramos falas referentes aos sofrimentos, encontram-se outras de colaboradores que conseguiram sair de determinada instância psíquica referida à dor e conseguem se perceber mais confortáveis em suas condições. Observa-se em alguns homens, que o conflito muda, conforme a vivência da sexualidade, a partir da procura por aconselhamento (adequado) dentro da espiritualidade, por psicoterapia e do discernimento em suas observações, no próprio comportamento e mesmo no comportamento de outros iguais que passam a fazer parte de suas convivências, uma ressignificação constante de si mesmos (Zoirós). É notável que o relaxamento da aflição vivida, acontece quando homens casados deixam o casamento, ou a partir do momento que se permitem enfrentar e expor suas realidades e verdades, não somente para si, como para o meio no qual estão inseridos.

No convívio com os iguais, observam-se falas angustiantes e prejuízos que as crises e os conflitos causam na estrutura de uma pessoa, e agradecem por não passarem por tal sofrimento.

A angústia também passa por outras instâncias, pela negação ou pela psicopatia, quando Matheus, 33, relata: "raríssimas vezes eu vi sofrimento", mesmo estes indivíduos

estando inseridos em contextos religiosos, pois acreditam que estão usufruindo daquilo que a virilidade os outorga, afinal "uns pegam mulheres, outros pegam homens".

É possível encontrar lugares de fala no qual o homem vai em busca da compreensão do que acontece consigo e através de uma exposição ocorrida, pela retaliação de um homem gay, que levou comentários via redes sociais à sua mulher, provocando grande mal estar na relação do casal, fazendo que os mesmos fossem para terapia. Hoje, depois de muito conversarem e procurarem entender todos os processos que ocorrem com cada um deles e com a relação à fala apresentada por este casado é que a "verdade" veio à tona, mas também elaborada, do ponto de vista terapêutico.

Quando sai das costas o peso da mentira do acordo matrimonial adulterado, as omissões de buscas pelos aplicativos, as escapadas às escondidas, a fala apresentada é que a partir deste momento se lida com a verdade, até mesmo o desejo se organiza, a necessidade de busca arrefece, pois não existe mais a aflição por concretizar o proibido, como diz Rodrigo, 31; "A verdade acomoda o que é vicioso, faz com que eu não tenha tanta necessidade de procurar, apesar do interesse persistir. A mentira alimenta o proibido; o desconhecido excita, o fato de ninguém poder saber acelera a adrenalina", nos remete à fala de Michel Marc Bouchard no drama "Tom na Fazenda", "Os homossexuais aprendem a mentir, antes de aprender a amar" (2013). Sobre a verdade, Foucault (1994) expõe o sentido dos gritos revoltos no imerso daqueles que procuram o entendimento, dizendo: "para quem a experiência de si não é a descoberta de uma verdade escondida em si mesmo, mas uma tentativa de determinar o que se pode fazer e o que não se pode fazer da liberdade de que se dispõe" (p.628).

Eu tô muito bem assim. Já conversei com umas pessoas que tem uns grilos na cabeça, que... Nossa! E eu falo: Ainda bem que eu não tenho esses grilos. (Cesar, 55)

Poucas vezes, eu percebi sofrimento. Na maioria das vezes, eu percebo uma naturalização de gênero, onde diz; "Eu sou homem, e a diferença entre eu e meus amigos, é que eu pego outro homem, o outro vai pegar outra mulher, mas é coisa do masculino". Raríssimas vezes eu vi sofrimento. (Matheus, 33)

Tem muitos conflitos na cabeça ainda, bate uns conflitos vamos dizer assim,

mas já não é mais como era antes, entendeu? Conflito de ser errado, de estar fazendo a coisa errada, de ser fora do normal. De eu me sentir anormal, de sentir atração por pessoa do mesmo sexo que eu... Eu achava que eu era o único. Que Deus não gostava de mim, porque eu tava fazendo errado, porque na vida era homem e mulher; e agora eu estava sentindo atração por um homem. Isso me afetava bastante, entendeu? Hoje, não mais, hoje eu acho que eu me aceito mais, eu acho que a partir do momento que eu aceitei a minha sexualidade, eu percebi que as coisas mudaram. (Thales, 40)

A questão revelada por alguns colaboradores, mesmo não apresentada em sua Zoiròs, cujos focos não atingiram o questionamento da inveja de um homem, como bem colocaram Antônio, 73 e Nilson, 56: encontrar no outro um ideal de ser que desejo para mim, e que observo no outro. Declarar o quão é satisfatório e desejado o prazer com este "ideal" invejado e ainda, carregar a dúvida de conseguir manter um relacionamento, guardando a potencial homofobia e a inserção ao contexto cisheteronormativo apresentado pela sociedade e de adequação a este sistema. São os temores alimentando as crises de identidade e os conflitos de sentimento e da postura do eu-sou.

Eu sinto que o que me atrai nos homens, talvez deveria ser uma pergunta... é a masculinidade. O que me atrai num homem, é o ser masculino, é o comportamento masculino dele. É lógico que ele pode ter a bunda assim, a rola assim, não sei o quê, o peitoral, mas o comportamento masculino, o "atitudinal"... isso me atrai muito em um homem. Talvez seja um comportamento que eu busque. Talvez eu queria isso pra eu incorporar na minha vida... "mais" na minha vida! Eu tenho prazer com homens, me sinto atraído por eles, mas não tenho certeza se é realmente a pessoa que vai estar do meu lado e que eu vou me sentir muito completo. Desde essa primeira relação que eu tive, podemos dizer que tem aí 15, 16 anos que eu tenho experiências com homens. E ainda não me decidi (e riu). (Nilson, 56)

Quando eu fico insatisfeito na relação com o feminino, eu começo a sentir atração pelos homens. Existe uma outra coisa nessa história que eu descobri

dessa vez, que meu interesse pelos homens tá muito pautado na inveja.
(Antônio, 73)

O sigilo é a máscara do silêncio e a outorga à normatização de uma cultura cisheteroexcludente. É também a instituição do sofrimento da homofobia inter e externalizada, a lacuna existente dentro do próprio ser e a constatação das crises existenciais e das emoções conflituosas. A forma rasa de viver o vazio de algo que algumas vezes estão no imaginário, na curiosidade e até mesmo na fatalidade, visto os muitos casos reportados no Brasil de indivíduos que sofreram revezes em decorrência de acreditar que o sigilo pudesse proteger, no entanto desvendam o pior, exposições, extorsões, sequestros e mortes. Então, não é somente adequar-se àquilo que é considerado “natural”, mas é crer também que se possa estar privado de alguns males. Swan & Benack (2012) diz: “os custos destes caminhos são consideráveis, como atesta a vasta literatura sobre viver “no armário” (p.47) e no mais, podemos dizer que é um indivíduo e duas realidades conjuntas, ou melhor, dois sigilos, pois com os parceiros sexuais o segredo e a discrição são imperativos. É um indivíduo cindido que “tenta possuí-los como mais do que uma vida secreta compartimentada e escondida e integrá-los de alguma forma ao resto de sua vida” (Swan & Benack, 2012, p.47), na tentativa de unir-se a um único personagem (Polícia Civil News, 2023).

Categoria 4. Subcategoria 6. Culpa e medo.

Esta categoria apresenta um assunto muito controverso sobre a culpa e o medo. São emoções e sensações que se transformam em sentimentos, caso não sejam compreendidos e reelaborados. Cada colaborador apresenta suas vivências de maneira singular, relacionadas ao modo como foi constituído. Para alguns, resultam em gatilho para mudanças de situações esmagadoras, para outros, alimento de um auto flagelo culminando em conflitos que surpreende pela não resolução da complexidade destes sentimentos, gerando um sistema no qual se subordinam, que ora é aversivo, ora é contemplador de continuidade em suas vidas.

A culpa é manifestada por estar inserido numa dualidade que leva à fuga da realidade, por temer enfrentar determinadas situações que o denuncie. A estrutura social, a religiosa e as expectativas familiares moldam e emolduram tal conduta. O desejado se torna aversivo, subversivo, porém prazeroso e identificante, enquanto o institucionalizado é ideativo, pseudo autêntico e natural, o que emana desta confusão é passado para culpas e medos. Estes sentimentos trazem significados persecutórios, como relata o extenso estudo de Zimmerman (2013), quando descobre que "a homofobia social e internalizada, manifestada como culpa, vergonha, negação ou auto-ódio, prejudica ainda mais a saúde dos relacionamentos de orientação mista" (p.17).

O sofrimento revelado será somente discernido por aqueles que passam por todas as margens de erros e seguranças, que vivenciam e sofrem de uma confusão imposta, provocando pressão proveniente de fora (o meio) e assumida internamente (o biológico) como revela Dejours (2023), narrando das mutilações psíquicas que o indivíduo produz em si. Elabora recalques das seduções desejadas, trazendo adoecimento. É comum falas como a do colaborador Pedro, 60: "Esta foi a última vez, não vai acontecer mais". "Eu não acredito que eu vou ter que ir pra esta internet outra vez..." (Nilson, 56), mencionando a vontade de ter controle sobre os impulsos sexuais que emerge "do nada", como revelam.

Todas as emoções e sensações relatadas positiva ou negativamente, quando manifestam o Zoiròs, apresentam o vivido ressignificado. Estas se revelam impregnadas de medos, ameaças e culpas, dos riscos provenientes de suas atitudes e pensamentos, e os perigos identificados que fragmentam a pessoa: "Motivo de entrar em desacordo com o código moral" (Xavier, 65).

Por meio dos relatos já apresentados buscou-se mais elementos de significado que permitiram acessar a estrutura do vivido: medo de ser quem é, sentir-se estranho, sentir-se sujo, o desconforto da mentira, dentre outros. Destaca-se aí a não conformidade com o "código moral" existente, na fala de Xavier, 65, onde trair é sinônimo de prazer.

Para Amatuzzi (2019), o sujeito é influenciado pelos modelos de pensamento e linguagem presentes no contexto sociocultural e da história de vida de cada um, ou seja, vivenciar a sua homoafetividade desencadeia uma série de sentimentos; sentir-se decepcionado consigo mesmo, culpado pela traição e por viver os sentimentos provenientes

das emoções e sensações obtidos pelo prazer. Sentimentos dicotômicos que muitas vezes perpetuam em ambas as relações, dentro do casamento e naquela com quem encontra prazer real.

Uma culpa, de não entender que eu estava com ela, casei com ela, tinha um filho com ela e tinha esse outro lado, essa atração com pessoa do mesmo sexo. Então me sentia muito culpado de colocar ela no meio disso, entendeu? (Paulo, 49)

Eu tive relacionamentos clandestinos, obviamente, e longos, por ser casado. Longo que eu falo; fiquei 1 ano com 1 rapaz. E depois... foi muito sofrimento, isso, obviamente, né. (Pedro, 60)

Ter uma vida dupla. Aquela situação de você chegar e ter muito prazer fora de casa e chegar em casa assim, tendo relacionamento com outro homem, eu me sentia bastante desconfortável com isso. No começo, como todo mundo que vive isso, você acha que é a última vez, que não vai acontecer mais, depois você vê que acontece mais vezes. Mas era uma situação de mentira, de desconforto. Me sentia sujo. Eu associava esse sexo homossexual com sujeira... Hoje, não mais. A traição era uma coisa muito negativa, de eu visualizar. Me incomodava muito o fato de ter de trair para ter aquele momento de prazer, entendeu? (Pedro, 60)

Ah, eu me sentia mal. Porque não era o que eu queria. Não era aquele jeito que eu queria. Eu queria estar livre para poder viver aquilo que eu queria viver. Tanto é que eu fui fazendo as coisas se resolverem. Uma palavra: "Decepção"! Decepção, eu acho que eu estava decepcionado comigo mesmo. Também, um pouco de culpa. (Pablo, 55)

Sentimentos de culpa terríveis, terríveis, porque esse código moral, no qual meu grupo familiar, meu grupo de amigos, que estamos inscritos... não batia com meu desejo. Isso dava dificuldades terríveis. Você imagina como... uma pessoa que sente que está fazendo tudo errado. Que seu desejo é errado, pecado e criticado. (Xavier, 65)

O medo transita por diversos lugares, perpassa inclusive pelo medo do outro, quando Matheus, 33, revela o medo da mulher do parceiro sexual vir a descobrir, e as consequências que possam desencadear. A princípio existe a ideia de que consegue ocultar, mas isso é percebido como muito desestabilizador e “de risco”. O medo e a culpa estão em outra instância psíquica, atingidas pelas transformações e subversões da sexualidade (Weeks, 1995).

Observa-se uma projeção da responsabilidade do conflito existente nas relações, ou da toxicidade das mesmas, como relata Nilson, 56, “é contexto de divergência de sentimentos”. Atribuir ao outro a responsabilidade do que vivencia, implicaria a um medo de anular-se, perder-se de si mesmo, questionando os reflexos e consequências na própria vida, ou seja, fazendo uso de mecanismos psicológicos predominantemente imaturos, para diminuir a percepção da vulnerabilidade distorcendo a realidade, e assim prosseguir com a sua vida "normal", de modo a proteger-se (Lerner, 1980). Este e outros colaboradores trouxeram a expressão: “estou tentando sobreviver”. Realmente é o fenômeno que vivenciam, uma luta na tentativa de sobreviver a uma enxurrada de impressões subsequentes.

Ralph, 54, nesta mesma narrativa: "Estou tentando sobreviver pra não me matar...", refere-se: por mais que haja uma negativa de ideação suicida, muitos apresentam a repulsa pela vida, como mecanismo de fuga ao sofrimento. O suicídio pode estar associado a transtorno de humor, tais como ansiedade severa, depressão maior, transtorno bipolar e aumento da impulsividade. Entre os fatores associados, especificamente no grupo LGBTQIAPN+ destacam-se os de ordem social e relacionais (Araújo et al., 2019).

Medo eu tinha, mas eu aplicava uma injeção nele. Eu me dizia: "Ai, será que você está fazendo a coisa certa? Será que isso que você está fazendo tá certo?" Eu justificava da seguinte forma, a minha relação afetiva com a minha esposa estava tóxica, né. Tava muito deficitária. Então, eu tinha comigo, que se... eu não extravasasse dessa forma... eu ia morrer. Eu ia ter algum problema ou alguma coisa assim. (Nilson, 56)

Culpa, não sei. Eu não sei se eu teria esse sentimento de culpa. Eu acho que se eu tivesse... Eu sou muito sensível a essas coisas. Talvez eu tivesse

mudado. Eu acho que eu tinha, realmente um sentimento de... "estou tentando sobreviver", é mais ou menos assim. Eu estou tentando sobreviver nessa relação. Estou tentando sobreviver pra não me matar... morrer, né. Não que eu quisesse... jamais me passou essa ideia de suicídio, não é isso... era me matar aos poucos. Enquanto pessoa dentro de uma relação.

(Nilson, 56)

Sempre tive medo. Sempre tive medo de doenças. Medo das coisas, medo de ser descoberto. O que ajudou a me separar é que eu percebi que ela já estava se aproximando dessa situação. Um dia ela pegou um celular meu, porque eu tinha 2, né. "Uai, porque que esse celular estava na minha mochila?" Tava com senha, é lógico. Eu falei: "Ah não! É de uma pessoa que deixou lá no meu espaço de trabalho, eu vou devolver pra ela amanhã". Daí ela ficou meio desconfiada. Então, eu também percebi que havia passos que começaram a me rondar. E eu comecei a entender que não valia a pena.

(Nilson, 56)

Aí eu comecei a fuçar nesse aplicativo de namoro e eu encontrei uma pessoa e eu acabei indo. Eu saí com essa pessoa e foi muito bom. Só que depois vem a culpa, né. Tudo tem uma consequência, né. Aí eu saí mais algumas vezes e vivia me sentindo mal, culpado, por ter traído minha mulher. Mas eu continuei no aplicativo e conhecendo outras pessoas. Só que quando eu vi que o negócio ia descambar... vi que eu não ia mais sair daquilo. (Jorge, 56)

Acho que não tem uma outra forma de definir, medo delas (namoradas) descobrirem esse meu outro lado... lado de relacionamento com homem.

(Tadeu, 49)

Medo e culpa em todos os momentos. Culpa de ser estranho, de me sentir estranho, de não ter amigo homem na adolescência, de ser menino, de ter defendido a minha irmã o tempo todo. Culpa por não sentir tesão por mulheres; como as pessoas que eu conhecia sentiam. Culpa por não olhar pra uma bunda e falar: "Putá que pariu! Eu quero comer essa mulher agora". Culpa por não saber flertar, culpa por não ter transado com minha namorada,

por não ter penetrado ela. Ela me deu inúmeras oportunidades. E aí lógico, culpa por ter deixado a religião censurar tanto uma coisa que poderia ser vivido na minha adolescência. (Matheus, 33)

E lógico que a culpa por ter traído... e trair. É uma coisa muito complexa, porque ao mesmo tempo que eu sentia culpa, eu comecei a anestesiá esse tipo de culpa. E aí vem o medo né, o medo de ser descoberto, a vergonha de ser descoberto. O medo, sei lá... da mulher desse cara descobrir, o medo da religião descobrir, o medo de ser eu. De alguma maneira, medo de compartilhar algo que não seja hétero top e as pessoas me censurarem. Nossa! É um misto de culpa e vergonha... e medo. Até hoje, eu tenho sentido isso. Eu acho que é, como eu estou me sentindo, para eu me separar, para tomar essa decisão. (Matheus, 33)

Outro ponto a refletir é a comparação existente entre os afetos, provenientes da esposa e de um outro parceiro, homem, independente de ser um parceiro “fixo” (relação que acontece durante um período de tempo), ou os eventuais ou esporádicos. Os colaboradores ao assimilarem suas vivências, apresentam condutas associadas à culpa e ao medo, recorrendo mais uma vez a mecanismos de projeção de sentimentos negativos, como forma de resguardar sentimentos que possam culpabilizar (Lerner, 1980).

O medo recorrente nas falas, é o medo da exposição. Fator que alimenta o sentido do sigilo, afinal ele trará consequências difíceis de lidar, podendo quebrar o constructo social e os códigos morais ao qual procura responder no meio em que vive, como diz Swan & Benack (2012), “a ameaça de perder o casamento [...] e um incentivo a mais para permanecerem no armário” (p.49). Há colaborador que apresenta a vivência da traição estendida, atingindo os filhos, os pais, a igreja, os amigos e o ambiente de trabalho. Ademais a esta configuração de enfrentamento, há o silêncio do sofrimento realizado de forma isolada, um luto inseguro, quase eremítico (Canosa, Uziel & Barbosa Jr. (2021).

Para Soares (2021) fugir a uma castração psíquica possível e a presença política que o ambiente militar proporciona, impondo condutas, faz-se aniquilar o desejo e dar voz às expectativas da sociedade, como relata Rodolpho, 52, “a tropa vira as costas”.

Embora cada colaborador tenha atribuído significados diferentes à sua experiência, um deles, Sayó, 48, diverge por apresentar uma experiência de grande valia para este estudo e que passa pelas entrelinhas sublinhadas de outros, quando apresenta um fator preponderante para reduzir as ameaças ao seu bem-estar subjetivo. Elaborado pelos mecanismos de defesa na busca de uma satisfação adequada do self (Alves, 2015), integra a dimensão da satisfação com a vida e a dimensão afetiva consigo mesmo, com a parceira/esposa ou qualquer outra pessoa que esteja envolvido sentimentalmente: A verdade.

Quando Sayó diz que se viu comprometido afetivamente por um homem, sentiu necessidade de contar à sua parceira, a sua experiência, depois de muito refletir e lutar contra o desejo. Revela em primeiro lugar o alívio de se permitir sentir e viver o desejo, e o segundo, entender que a companheira não teria condições de saber naquele momento. A vontade e necessidade de falar a verdade, é alimentado pelo sentimento histórico de cumplicidade em uma relação e esta atitude alivia o fardo da culpa.

O envolvimento afetivo vem acompanhado de diversos fatores. Dependendo da relação ainda existente com a mulher, os compromissos e os contratos estabelecidos, a ferida dos sentimentos (a traição), ora desvelam a culpa em relação à mulher, ora em relação onde ao novo afeto que encontra. Por isso Fabio, 36, comenta da decisão tomada quando se viu em condições assim:

Com os homens eu não tinha sensação de traição. Não tinha sensação de eu estar fazendo algo que a prejudicasse, ou... fosse infiel [...] a hora que eu me envolvi sentimentalmente com ele, eu entrei em parafuso. Aí sim, eu senti traição mesmo. (Fabio, 36)

Então no início eu sentia muita culpa, mas depois... eu sofri tanto nesse casamento... Hoje, eu consigo nomear um casamento tóxico. Vários comportamentos abusivos. Então, a maioria das vezes que eu transei com outros caras eu tava com muita raiva da minha mulher. Então eu voltava meio que vingado. Sabe? Meio... foda-se, você merece isso. Então, eu deixei de me conectar com o medo... ou melhor, da culpa, eu me conectava muito mais com o medo da exposição. Medo de alguém ter visto, medo do que realmente... remorso, assim. (Matheus, 33)

Mas enquanto eu estava casado eu não fiz nada, entendeu? Porque eu acho que... se eu estivesse traindo ela, eu estaria traindo meu filho também. No final do casamento eu via vídeo, entendeu? Mas era mais curiosidade mesmo que eu tinha, não era nada. (Thales, 40)

Quando eu voltei pra casa, no primeiro momento, eu me senti culpado. Não vou mentir, muito culpado. E com uma grande vontade, porque eu tenho uma esposa muito parceira, de falar a verdade pra ela. Não falei (riu muito). Porque ela não tava preparada. Ela agora tá ficando, naquela época não. Meu... falar seria minha libertação... eu ia tirar 100 kg de uma perna, mas ia colocar 200 kg em outra. (Sayó, 48)

Me arrependo muito do que eu fiz, porque eu magoei muitas pessoas, na tentativa de ter um relacionamento com mulher. Minha preocupação hoje é que eu as magoei bastante. Enganando-as, usando-as para me esconder. O fato de usar outra pessoa pra mostrar quem eu não era. Hoje, eu não gostaria que tivessem feito isso comigo, né. E eu fiz com algumas pessoas, inclusive com a minha esposa. Que não foi legal. (Leandro, 52)

Teve uma vez, nesse período, que teve um cara que queria que eu saísse com ele e a mulher dele. Até disse sim na hora, mas eu me senti muito mal, por ter uma mulher junto. Porque aí deu a sensação de eu estar traindo a minha esposa. Eu sei que é loucura né, mas com os homens eu não tinha sensação de traição. Não tinha sensação de eu estar fazendo algo que a prejudicasse, ou... fosse infiel. Embora eu soubesse e o lado racional dissesse: "Fábio, é traição do mesmo jeito". Mas não tinha aquele sentimento de pesar, de culpa e de arrependimento com homem. (Fábio, 36)

E a hora que eu me envolvi, sentimentalmente com ele, eu entrei em parafuso. Porque aí eu não conseguia mais ter relação sexual com ela, e aí eu me senti mal. Aí sim, eu senti traição mesmo. Eu senti o peso da traição com relação a ela e aí eu não aguentei e pedi o divórcio. (Fabio, 36)

O sentimento de culpa começa a tomar outro sentido quando as experiências vividas com homens são avaliadas, quando o encontro se torna prazeroso, quando é possível

encontrar afeto, quando se obtém resposta sexual adequada, quando há identificação. Não é mais, simplesmente o sentido de "descarregar a vontade, o desejo ou a energia acumulada". Um fato é sentir culpa por estar procurando e saindo com homens, outro é a sensação de traição ao voltar para casa. Uma comparação na fala destes homens é a questão da excitação que eles apresentam desta busca e a sensação de saciedade logo após o orgasmo. Revelando neste momento que as satisfações físicas são mais importantes para responder o que sentem. "Muitos desses indivíduos casados podem relutar em se identificar como não heterossexuais devido ao medo das consequências negativas" (Zimmerman, 2013, p.3).

Teve uma vez aqui no shopping, tinha um menino, jovem, meio que se oferecendo, mas aí vem aquela coisa da barreira. Tô dentro da minha cidade, dentro de um banheiro, achei ele lindo, querendo me levar pra cabine, mas não vou. Por dois medos, o social e o de contaminação de alguma coisa. (Gregório, 61)

Eu servi o exército e todo mundo falava que quem fosse pego, era expulso, era humilhado, a tropa virava as costas. Então era aquela coisa, eu me segurei "muito". (Rodolpho, 52)

Eu saía, ficava com o cara e não me sentia culpado. Me sentia bem, me sentia tranquilo. Mas eu tive toda sensação de culpa, depois. Até em ter ficado com ele, ter transado. Eu me senti culpado em relação ao casamento, pois foi como se estivesse caído a ficha. Falei: "Cara, o que eu tô fazendo com a minha vida. É tão gostoso estar aqui. É tão bom fazer isso. É isso que eu gosto. Agora eu volto pra casa... como eu volto pra casa? Fingindo! Eu boto uma máscara pra ser uma outra pessoa". Entende? Então eu comecei a pensar muito e aí eu senti muita culpa. Mas muita culpa não por ter traído a esposa, mas culpa por eu não estar dando conta de ser verdadeiro comigo mesmo. (José Afoso, 44)

Acho que tem muitos homens da minha geração que estão dentro do armário até hoje, com quase 50 anos. Mas muito disso foi... um medo de ser rejeitado

mesmo, sabe. Medo de ficar sozinho, medo do julgamento e da expulsão. Medo mais do julgamento do que do veredicto. (Caio, 47)

Ficava mal, muito mal. Uma coisa que eu não aceitava, sabe. No início voltava pra casa super chateado, cabisbaixo, porque eu mesmo não aceitava, né. De uma forma ou de outra eu... curto minha família, tal. E era uma coisa que eu não queria que acontecesse. Há um arrependimento, não é verdade? (Maxwell, 51)

Mas eu voltava pra casa com muito medo. Comecei a ter medo de sair de casa, porque ela era muito brava. Se eu saía eu ficava em pânico, sabe assim? No final, ela acabou por desconfiar. Então, ela teve um ciúme doentio. No início eu saía de boa, mas depois você voltava pra casa meio amuado, meio arrependido: "Nossa, o que eu fui fazer?" Eu tinha muito medo de sair. Medo! (Maxwell, 51)

Expressões dadas como: remorso, desespero, derrota, arrependimento, medo alimentam os conflitos e os questionamentos do porquê agem assim. Alguns colaboradores colocam que gostariam de entender o que se passa com eles, de encontrar saída para este desejo, no mesmo instante em que entendem que não conseguem ficar longe do "lugar" que querem estar.

Tem culpa e eu nunca gosto. Às vezes... não tem nada, eu fico tranquilo, porque eu sei que vamos botar uma palavra assim, foi mais energético. Foi uma conexão, uma coisa bonita. Acontece, e aí eu não me sinto culpado não. Mas às vezes eu sei que foi só... um desejo não controlado, então... É uma sensação de derrota pra mim mesmo. (Xenovaldo, 41)

Eu comecei a sentir culpa de me relacionar com homem e minha mulher em casa. Foi que, eu não tava mais aguentando e aí foi o tempo que eu me separei. Eu ficava quieto, não falava nada, não conversava, meu comportamento mudava, eu ficava outra pessoa depois que eu chegava em casa, de ter saído com um homem. Era bom quando estava com a pessoa, mas era ruim quando chegava em casa e via a esposa ali... Vinha aquele sentimento de culpa, de arrependimento. Interessante é que eu não tinha

medo que descobrissem. Não pensava se alguém descobrisse. Porque quando eu saía eu fazia “certo”... Não deixava descobrir. (Kaleb, 52)

Lógico que tem culpa, entendeu? Tenho sentimento de culpa, de que você está fazendo merda, que você está errado, porque querendo ou não, é uma traição... (Jefferson, 44)

É difícil, porque você chega em casa e muitas vezes você olha na cara da esposa e pensa: "Não! Ela não merece isso". Mas, o fato de me satisfazer também é importante, né? É onde pesa um pouquinho na consciência.

(Zeca, 44)

O sentimento é ter de fazer às coisas escondidas, mas o simples fato de eu ter de ficar arrumando espaço numa agenda pra fazer sexo, pra mim me incomoda. Isso é ruim. Sensação de estar preso numa situação.

(Guilherme, 47)

A sensação ao voltar pra casa era de culpa. Culpa e desespero...

(Fabrício, 79)

É medo, receio de ser descoberto também, né. Porque eu vejo o seguinte, pra nós que somos casados, se você depois de um determinado período, assume a sua homossexualidade é bem mais impactante. Porque você já foi casado com mulher, de ter 2 filhos, entendeu? Porque de uma hora pra outra você se assume que é homossexual, porque eu acho que a sociedade em si, acaba julgando bem mais ainda. Ainda há muito preconceito. Eu vejo preconceito na minha família, vejo preconceito no meu trabalho, então... é bem difícil. (Seraphim, 38)

Ainda sobre as vivências singulares da homoafetividade, alguns dos colaboradores (Cesar, 55, Rafael, 43, Falcão,60, Carlos Eduardo, 37), relatam que saem com homens casados, e com homens que mantêm relacionamentos cisheteronormativos diante da sociedade. Apesar deles se incomodarem com a posição dos companheiros, para eles é bem tranquilo, assim como para muitos outros homens que são solteiros, que desejam se manter assim e se declararem gays. O foco de interesse para relacionamento se encontra em homens casados, ou que foram casados, passando por um fetiche, refletindo

claramente a busca de uma virilidade desejada e constituída diante da sociedade. O contrário do que se possa imaginar, estes homens solteiros querem que estes outros homens permaneçam casados. Assim podem usufruir o melhor de dois mundos. Dizem que os casados, ou os que foram casados, são mais carinhosos e a resposta sexual mais adequada às suas expectativas, como diz César, 55, "os casados, eles são... como eu posso dizer... eles são mais fiéis, reservados, sigilosos, mais carinhosos, então eu tenho uma segurança maior". É a cisheteronormatividade funcionando de acordo com os interesses pré estabelecidos, respondendo às expectativas da virilidade, para melhor se adequar à sociedade.

Algumas colegas travestis já me disseram, onde os caras... são meio estúpidos na hora do sexo. Porque ele tá gostando daquilo, ele quer aquilo, mas ele não aceita 100% aquela situação. Então, de alguma forma eles te subjulgam. (Desejo, 36)

Mas ele vai inclusive gostar, mas vai sair meio que correndo, não dando muito tchau. Colocando a roupa, meio que correndo, tipo: "Tenho que sair desse lugar onde tá a minha vergonha". Onde ele depositou essa... experiência que ninguém pode saber. Eu não tenho contato de ninguém, mas quem eu encontro em bate-papos, se eles me veem, eles voltam a me procurar sim. (Desejo, 36)

Tem caras... É importante dizer, que tem caras que pra eles... beijo é um tabu muito grande. O cara pode até... pode comer o seu cocô, não que comigo isso tenha acontecido, o cara pode fazer qualquer coisa, mas beijar ele não quer beijar, sabe. Talvez porque pra ele entra em uma esfera do afeto, pode ser que sim ou que não, "Nossa, se eu passar daqui eu já não sou mais macho, sabe"? (Desejo, 36)

É importante ponderar que a moeda possui o lado reverso. Vamos encontrar alguns colaboradores que lidam com o sentimento de culpa, se arriscam enfrentando o medo e fazem amizade com este sentimento, como expressa Nilson, 56, "dei uma injeção no sentimento de culpa". Em contrapartida, o medo e a culpa também apresentam um outro modo de manifestar as consequências de uma construção, distorcida das percepções em

relação à sexualidade, "que estariam mais preocupados em serem rotulados como homossexuais e que saber que são homossexuais os faz sentir culpados e envergonhados" (Ross, 2008, p.150).

Nas falas a seguir, o caminho do desejo passa pela euforia do encontro com o proibido, do exercício do desejo e do enfrentamento com vários meandros que reforçam a luta contra aquilo que supostamente remetem a um erro histórico e religioso.

Culpa não sentia. Mesmo dentro do relacionamento com ela. Porque depois eu descobri o que ela fazia então, não tenho porque sentir mais culpa. Mesmo antes de descobrir que ela fazia programa, eu não tinha culpa nenhuma não. (Bruno, 26)

Eu tinha medo, que ela descobrisse alguma coisa e isso machucasse ela. Aí se acontecesse isso eu acho que iria me sentir culpado. Eu tinha medo dessa culpa, mas eu não sentia que eu estivesse fazendo nada de errado. Eu tava sendo verdadeiro. Eu não me sentia um cara que ficava caçando tudo quanto é homem na rua, eu não tinha esse desejo assim de caça, de ir pra balada, boate gay, eu nunca gostei. A minha busca sempre foi por alguém. Então eu achava legítimo aquilo, e acho legítimo. (Antônio, 73)

Eu acho que hoje não tem problema nenhum voltar para casa. Eu acho que eu tive no início do casamento, que é: "Poxa, eu to fazendo algo de errado, to buscando algo fora". Depois foi se tornando natural, né. Algo que não me gerava mais sofrimento. Não me gerava vontade de sair daquela relação e viver algo com alguém. (Felipe, 39)

Eu acho o seguinte, no meu caso eu sei que eu errei, né, por estar casado, mas eu tava fazendo algo que eu gosto e assim, se a gente tem vontade de fazer aquilo desde que não vá prejudicar ninguém, eu acho que a gente tem que realizar, tem que ser feito. Eu falo sempre, a vida é muito curta pra gente perder com bobeira, se a gente tem vontade de fazer algo, se é aquilo que a gente sente que quer... Tem que fazer. (Felipe, 46)

Eu comecei a ter muito tesão... tava com muito tesão por homem. E aí eu comecei a ter esses encontros clandestinos, né. Eu tinha sempre uma

sensação muito forte, assim, de excitação, era muito gostoso e de alguma forma, bem narcisista, eu não sentia culpa, não. (Caio, 47)

Ah... não tenho uma lembrança assim específica, sempre foi uma coisa boa, uma coisa gostosa, uma coisa que eu vivi. Não me arrependo porque me fez muito feliz e ainda me faz. (Fernando, 48)

Com muita culpa, muito nojo de mim mesmo. Uma sensação muito pesada, eu ia direto pro banho, como se eu tivesse assim... uma sensação de que eu tava sujo. De que eu precisava tomar um banho pra poder me limpar e, era essa a sensação, muito ruim. Mistura de culpa e nojo. (Marcos 2, 56)

Depois que eu gozava, que era aquela coisa fisiológica, eu me sentia muito mal. Eu achava aquilo nojento, queria ir embora o mais rápido possível. Chegava em casa e tomava banho... me limpar, né. Eu achava que aquilo não era legal. A maioria das vezes era assim. Tiveram casos que foram diferentes. (Nilson, 56)

Duas instâncias distintas, medo e culpa, porém, estes homens enquanto casados, vivenciam estas emoções e sensações, concomitantemente. Na perspectiva da psicodinâmica da estrutura destes sentimentos, encontra-se na culpa, a personificação de uma punição, pela não adequação à cisheteronormatividade de uma sociedade que estabelece os padrões de comportamento, da mesma forma que quer induzir a cura para os desvios que não estão de acordo com seu controle. Como bem diz Gonçalves (2019), a culpa vem embasada pela angústia e pelo desejo.

Consequências do medo: sentir-se excluído do contexto familiar e social. A família e a sociedade não sabem lidar com as mudanças provocadas pela suposta exposição de uma homoafetividade, pois elas refletem e sofrem o preconceito vindo em direção a elas, pois temem ser excluídas do restante da família e da sociedade. Os agentes estressores internos e externos que o meio direciona, provocam uma dificuldade em saber lidar com a agressão sofrida e o adoecimento. O mito da expulsão que temem sofrer, tanto o indivíduo, como a família e o meio social que frequentam, provém de diversos aparatos psíquicos e da coletividade que suportam e também cometem. Aqueles que não aceitam suas condições, se auto sabotam com exclusão e expurgo, originadas das fobias que se instalam. A culpa, a

vergonha, a depressão e as violências sofridas são originadas através destes diversos estressores, nunca imaginado passar, pois não reconhecem os sintomas e suas consequências (Albertini, Costa & Miranda, 2019), na agressão sofrida.

Não há dúvida de que a angústia permanente se encontra na eminência de punir o sujeito por sua condição de desejo. Fato é que a mesma linha teórica (Gonçalves, 2019) crê que estes aspectos psíquicos irão encaminhá-lo a uma perturbação, e que é possível encontrar meios para expor esta dor, através da palavra fugindo às consequências do adoecimento, apresentando assim a verdade.

Categoria 4. Subcategoria 7. Apaixonamento.

Questão por demais delicada de ser abordada em um terreno tão difícil de ser explorado, apesar de ser sentido, desejado, ainda é amedrontador e rechaçado. A negação vem pelo simples fato de que ao longo do tempo aprendeu-se que o amor se manifesta entre um homem e uma mulher, baseado na lógica binária. Fato histórico, naturalizado e esperado. Hoje é sabido, por pesquisas, interpretações narrativas da historiografia humana, que bastam dois indivíduos se vincularem e trocarem afetos mútuos, o amor se manifesta. Denota-se também, que a construção do afeto passa por engendramentos psíquicos que são naturais e característicos de cada indivíduo. Afinal, o afeto é depositado e sentido onde existe reposta, Camelo (2020) narra das relações e dos afetos: "A reciprocidade corresponde ao envolvimento genuíno com o outro a partir do momento que participo de sua existência" (p. 21).

Imprime-se a manifestação desta "resposta" afetiva em diferentes momentos e circunstâncias, sempre emoldurada pelo histórico de cada um, no enfrentamento do sentimento, ou da homofobia internalizada, do medo da exposição por não se adequar aos padrões sociais hegemônicos e da estigmatização. O sujeito desaprovado por algum aspecto da sexualidade, identidade ou pela orientação, tem seu convívio social inviabilizado (Goffman, 2015).

Deve-se levar em consideração que nas últimas décadas o trato humano a esta população, tem passado por um grande processo de transformação acerca deste fenômeno, a despeito das mudanças de valores e comportamentos sociais atualmente vivenciados, graças aos avanços que a comunidade LGBTQIAPN+ tem conquistado em diversos países (Ciasca et al. 2021).

Uma frase que esta comunidade ostenta em sua defesa é: "O amor incomoda". Incomoda inclusive àqueles que o sentem, ou desejam. Veremos alguns relatos desta diversidade, em diferentes momentos da vida de quem os expressa, nas circunstâncias mais diversas às expectativas e crenças que normatizam as identidades e sexualidades, sempre regado às crises que são provenientes dos sentimentos. Os medos e as implicações, a culpabilização, os desafios do processo de se assumir, se revelar e lidar com as perdas e angústias, impõem ao indivíduo uma constante reflexão sobre a relação que mantém com o outro e o casamento (Ciasca et al., 2021).

Esse menino que morreu o ano passado de COVID, eu fui apaixonadíssimo por ele. Minha maior paixão, meu amor. Se o tempo voltasse e eu tivesse me reaproximado dele, e ele estivesse vivo, eu diria pra ele: "Eu te amei". Eu lutaria pra ficar com ele, mesmo próximo aos cinquenta. Porque eu acho que ele era um homem digno, de verdade. Nada do que eu vivi até hoje se compara ao homem que eu conheci aos 15... que eu me apaixonei aos 15, que se casou com uma mulher... Minha grande paixão, meu grande amor. (Joaquim, 47)

Enfim, isso virou uma paixão avassaladora. E daí eu entendi uma coisa que nunca tinha entendido. Eu poderia gostar de um homem de novo, eu já tinha gostado anteriormente, mas não poderia me apaixonar por um homem. Isso eu achava que não poderia acontecer. Porque aí eu voltei pro Brasil, todo mundo percebeu que eu voltei encantado. Eu voltei pra academia, fazendo dieta, eu tava gordinho, né. Eu voltei rindo de fora a fora. (Roberto, 57)

Foi quando as coisas começaram a sair do controle, porque eu não conseguia nem esconder mais (lágrimas). Acabava ficando a madrugada fora

de casa, não tinha mais nem desculpa para dar, mas também não queria ficar longe dele. Também não queria largar ele. (João Miguel, 42)

É muito ruim você acabar se apaixonando numa situação que você nunca imaginou de verdade. Você de repente materializa todo um desejo, toda a abertura de uma vida. E é muito complicado. Você é simplesmente você mesmo na sua totalidade. Essa pessoa você conhece, sabe quem você é, você não precisa mentir. Ela te conhece de alguma forma por inteiro. E fui correspondido. O que também é um pouco incomum no meio e tudo mais. (Ricardo, 53)

Esse casado que eu fiquei por 9 anos, eu fui muito apaixonado, mas depois o jogo virou. O tempo foi passando, o jogo virou, ele que ficou e não eu. Na época eu procurava bastante ele, mas depois assim: "Quer saber! Não quero mais". Depois era ele que ficava me ligando as 3 horas da manhã: "Ah eu tô aqui no banheiro, eu fico pensando, eu não consigo dormir, eu quero ficar com você". Ele tinha medo da mulher dele. Ele falava: "Eu levantei, vou conversar com você baixinho". (Falcão, 60)

Eu tive um momento com uma pessoa e ela perguntou se eu queria ser namorado dela. É engraçado porque nessa época eu achava, até então, que não era possível isso, você ter um relacionamento afetivo com um homem. Eu achei que era só físico. Aí que me despertou a possibilidade de eu ter uma experiência afetiva. Aí que virou um balaio de gato na minha cabeça, uma situação assim, insustentável. Por que daí eu queria experimentar essa outra vida afetiva com outra pessoa. (Pablo, 55)

Eu fazia uma academia e, conheci uma pessoa, ficamos muito amigos, ele era casado também. Até que rolou e rolou forte, profundo. Fui até padrinho de casamento de um dos filhos, até que acabou, tudo acaba né. (Xavier, 65)

Alguns dos colaboradores relatam a intensidade de suas experiências e os significados na compleição do que se tornaram e as implicações em suas vidas até o dado momento. Revelam que passaram a conhecer o sentido de entrega e amor, a partir do instante em que aceitaram a própria verdade. Lidar com este contexto diante da sociedade

é ainda mais angustiante, demonstrando a existência de uma ruptura de tabu, estabelecida pela construção da sexualidade constituída desde a infância. Passa a existir uma lacuna, que em alguns momentos, as crises e os conflitos tanto podem ser atenuados como sobrecarregados. Uma constatação é garantida: eles continuam sendo eles mesmos. Uma demonstração de novos parâmetros é possível encontrar na fala de Bruno, 26: "Ele comprou um gelzinho tal, a gente fez uma coisa que foi gostoso, não vou mentir, foi gostoso".

Ainda há quem perceba, que o sentimento experimentado é maior e mais intenso do que puderam obter com a mulher, ou as mulheres que se relacionaram, mesmo mantendo vínculos duradouros e romantizados por ela(s). Pesquisas de Lopes Jr, et al., 2021; Rodrigues e Boeckel, 2016, demonstram que homens gays tendem a valorizar mais o respeito à privacidade e à capacidade erótica da parceria do que mulheres e homens cisheterossexuais.

Crê-se que o fato demanda do histórico percorrido por estigmatizações e medos das decorrências do que seria ser gay e do investimento na intensidade, quando se permitem. Muitos dizem das transformações em suas vidas, apesar da insegurança que sentem ao viver uma relação homoafetiva, vinculada aos conflitos da inserção e no contexto cisheteronormativo, que inviabilizam. Muitas vezes marginalizam e culpabilizam as pessoas que vivem a diversidade, pelos reflexos da estigmatização presentes na sociedade. Outros apresentam a dificuldade em reconhecer e expressar sentimentos ou mesmo em aceitar o que vivenciam: lidar com a comoção resultante das emoções e sensações que foram em busca, através da abertura e acesso aos impulsos sexuais, ora se assustando com o encontro do afeto, ora assimilando o desejado, ora se recusando a conhecer. Revelam um mundo pseudo desconhecido, pois já tiveram acesso às informações e vivências do afeto, naturalizado na vida heterossexual. Conseguem usufruir da sensação que dizem obter da libertação de sua sexualidade e da totalidade de si mesmos, não havendo barreiras, nem limites, para conseguir desfrutar e finalmente apropriar-se do Eu-sou, sem regras e mentiras.

É importante trazer para este conteúdo o que nos diz o psicanalista e filósofo Erich Fromm (2000): "No exercício de um afeto ativo, o homem é livre, é o senhor de seu afeto;

no exercício de um afeto passivo, o homem é impelido, é objeto de motivações de que ele próprio não tem consciência” [...] “o caráter ativo do amor pode ser descrito afirmando-se que o amor, antes de tudo, consiste em dar, e não em receber” (p.24), reforçando o que os colaboradores tanto relataram, a dificuldade da entrega no sentimento e no que desejam, a “*Difícil Arte de Amar*”.

Eu começava a gostar da pessoa. E teve alguns homens, amigos que eu fiquei mais tempo que eu não consegui separar a atração física da atração emocional e eu me envolvi e eu não sei como, nem o porquê na época. Eu não terminei o casamento por 2 ou 3 vezes, ou talvez até mais, fiquei bem apaixonado. (Ralph, 54)

A primeira vez que eu fiquei apaixonado, ele também era casado, também dois filhos, também mora aqui, a gente ficou junto por mais de 5 anos e nós casados, com os filhos aqui em casa e tudo mais, e eu saía, me encontrava com ele e, ficamos muito envolvidos. A sorte é que quando um tava extremamente envolvido, o outro tava com o pé mais no chão, porque a gente chegou a conversar dos 2 terminarem o casamento, mas quando um queria terminar, o outro não queria. Aí passava mais um pouco e invertia, quem no início não queria terminar. Enfim, o tempo passou e a gente não terminou o casamento. Com ele foram assim, 3 anos que eu vivi no céu, eu tava muito feliz. (Ralph, 54)

Outra vez eu caí na armadilha do amor. Eu me apaixonei outra vez, e fazia loucuras... pra gente se encontrar, pra gente ficar junto. Eu cheguei a ir pra Nova Iorque, ele também foi, ficamos 10 dias juntos. Ele vinha pra cá, eu fui pra Europa, foram mais ou menos 1 ano e meio, a gente se vendo todo mês, e assim, ou um ia pra lá, ou o outro vinha pra cá. E eu outra vez falava que dessa vez ia ser diferente, que esse cara era diferente. (Ralph, 54)

Eu não vou mais... Não vou mais me apaixonar por homem!... Eu morro de vontade de me apaixonar outra vez (e riu muito). (Ralph, 54)

Aí eu me apaixonei por um cara, que eu conheci no aplicativo, ele era vizinho, a gente morou no mesmo prédio. Ali foi a primeira experiência homoafetiva propriamente dita. Foi quando eu me vi em cima de um sofá assistindo filme.

Foi quando eu me vi querendo jantar com ele. Foi quando eu me vi querendo me envolver emocionalmente. Então assim... complexo. A gente ficou junto durante 9 meses, a gente se via 2, 3 vezes por semana. Mas eu não era o único parceiro dele e nem ele meu único parceiro. E aí nós chegamos a fazer sexo a 3, por exemplo, numa dessas eu descobri que ele estava envolvido com outra pessoa, e foi quando ele bloqueou a nossa relação. (Matheus, 33)

A gente tinha essa vida paralela. A gente tinha muito prazer nela. Isso me dava um alimento afetivo, parece que me fortaleceu, ou uma culpa eu não sei... que eu compensaria depois tendo um relacionamento razoável com a mãe dos meus filhos e que... eu sempre tive um afeto grande, um amor por ela, assim, um amor... independente de tesão. (Antônio, 73)

Eu sofri acho que quase uns 6 meses, meu, sofri sozinho. Não conversei com ninguém. Porque assim, as pessoas julgam a gente, né. Demais... E eu não queria ser julgado. Porque a coisa simplesmente aconteceu. Até a gente, realmente ter uma relação, levou uns 4 meses. Uns 4 meses pra gente ir pra cama, cara, do medo que eu tinha, do receio, do temor. Eu gostava do tato da pele, do cheiro. Tanto é que o pessoal hoje chama de "brotheragem" é o termo que as pessoas utilizam. Aí eu e ele ficamos juntos nessa, uns 2 anos. E com a minha relação dentro do casamento. (Sayó, 48)

Ficamos por 3 anos juntos, de se ver toda semana, sair... foi assim bem próximo. Um relacionamento mesmo. Aí essa pessoa, também conheceu uma pessoa e quis casar, ter filhos. Foi aí que a gente rompeu. Creio que foi um momento bem difícil da minha vida por eu gostar muito dessa pessoa.

(Felipe, 39)

Em alguns momentos, observa-se nos relatos, a dificuldade de expressar o sentimento, alegando que o que fazem são somente explosões dos impulsos que buscam nos homens. Não há, até estes momentos, abertura para viver, admitir ou associar o desejo

e o afeto. Segundo Lopes Junior et al. (2021) “são comuns acordos para a atividade sexual “fora” da relação, muitas vezes entendida como uma travessura ou atividade recreativa” (p.217). Um território perigoso que coloca em risco outras condições que se transformam em ameaçadoras, já que intuitivamente, percebem que são capazes de se envolverem esporadicamente em atividades homossexuais.

Ao se permitirem uma experiência, uma abertura de sentimentos, vivenciam mais de uma paixão, sempre na busca do amor-perfeito. Perdura no meio gay a insatisfação e a busca pelo melhor, o que não é diferente entre os homens inseridos em um contexto cisheteronormativo constituído, quando se apaixonam.

O sair para satisfazer o desejo de estar em contato com o corpo de um homem é uma constante, mesmo sabendo, que o pretendido não passará deste encontro. É frequente a busca por uma resposta afetiva: encontrar uma “pessoa” que possa manter o sigilo que tenha os mesmos interesses, comungue dos mesmos ideais cisheteronormativos e permita usufruir de sentimentos que são revelados somente entre eles, com confidencialidade e cumplicidade (Zanello, 2020).

Eu comecei a sentir uma atração muito forte por ele, mas tão grande, que eu ia dormir pensando nele, acordava pensando nele e foi uma loucura. Aconteceu, às vezes ele ia lá pra casa, às vezes o pessoal saía. A gente se relacionava só que não tinha sexo anal, tinha só oral, beijo. E isso aconteceu por uns 2, 3 anos. (Felipe 2, 46)

Até que aconteceu em um dos nossos passeios, um primeiro beijo, e esse primeiro beijo foi assimmm... excelente! Que eu quis continuar. E não rolou sexo com todas as letras, mas teve aquela pegação, sabe. Aquele namoro mais ardente, vamos dizer assim. Até... que nesse dia que aconteceu, ele falou que ele queria mais, que ele queria tentar tudo, e eu falei que eu tava com medo, pois eu não sabia se eu queria... Só que essas pegações começaram a ficar frequentes. Até que ele me convidou pra fugir, nessa altura o filho dele já tinha nascido, eu tinha 1 filha pequena. Ele falou que me assumiria, que a gente fugiria pra viver isso. E eu disse que não, que eu não deixaria a minha filha. Até porque eu tava muito confuso ainda. E ainda nem

tinha acontecido penetração. Era só pegação, então meu não sabia se era realmente isso que eu queria. E aí, ele brigou comigo, ele ficou bravo, falou que eu estava sendo covarde. Nós brigamos, discutimos. (Fabio, 36)

"Eu sou casado, você também". E a gente terminou aquela relação. Foi uma coisa ali que durou 1 mês e pouco. Mas foi muito legal. Acho que foi uma das primeiras vezes que eu comecei a despertar algum sentimento por um outro homem. Foi um ano muito marcante na minha vida, em relação à minha sexualidade, em relação à homoafetividade. (José Afonso, 44)

À noite, eu encontrei um cara, numa balada, numa festa gay. E, puta... eu adorei o cara, a gente saiu, foi transar e eu só pensava nele. Eu fiquei uns 3 dias lá, a gente transou todos os dias... E aí eu voltei, encontrei minha ex-mulher e a gente foi pra Bahia. E quando a gente tava na Bahia... eu só pensava nele. Aí eu falei: "Putá, acabou. Esse casamento acabou". (Caio, 47)

Depois que me apaixonei duas vezes, não quis me apaixonar mais. Chega! A gente sofre muito. Reflete em casa, porque as pessoas acham que a gente é... com todo respeito viu, um depósito de esperma. Você vai lá, faz o que faz e tchau. É um pedaço de carne assim. (Gabriel, 40)

Ele me fez virar a cabeça e eu quase me separei da minha família para poder ficar com ele. Ainda mais que ele foi embora da cidade. Era tudo o que poderia dar certo, entendeu? Eu cheguei a pensar dele largar da mulher dele, eu largar da minha mulher e a gente ir morar junto. Mas... não, não aconteceu. E pronto. (Jefferson, 44)

Eu tive vontade de jogar tudo pro alto, eu acho que se a pessoa tivesse falado: "Vamos embora comigo", eu acho que eu jogaria tudo pro alto e iria. Que foi assim, um negócio que balançou bastante, bastante mesmo. Mas, passou, me recuperei... (Zeca, 44)

Antes da separação eu acabei me apaixonando por um homem. Apesar de não ter tido relação com ele. Porque ele era comprometido. Aí eu resolvi contar pra minha ex-mulher, e aí eu me separei... (Roberto, 58)

Aí teve outro daqui da minha cidade, que eu comecei a me relacionar. Já tem mais de 1ano e, aí por ele também despertou um sentimento. Por ele ser da minha cidade, eu tinha mais vontade de estar com ele, ficar com ele, dar preferência pra ele, não com os outros. E, ele também, parece até mais do que eu, e aí foi que no ano passado, ele foi embora. (Seraphim, 38)

São inúmeros os contratos de relacionamentos propostos pelas parcerias homoafetivas existentes entre estes homens. Os pesquisados são provenientes, em grande parte, de um contexto cisheteronormativo formal, que conjugam esta formalidade de acordo com os preceitos sociais e religiosos vigentes na sociedade.

A vivência da homoafetividade procura permear os ideias dos dois mundos, sendo que a monogamia paralela, é a procurada e defendida entre alguns destes homens. Obtemos nas falas dos participantes esta expectativa, tanto na questão do que almejam, como no sofrimento, quando passam pela “traição”, como o exemplo de Felipe, 39: "Agora eu tenho cobrança porque eu tenho um relacionamento, né. Digo cobrança, no sentido de que eu digo: Oh meu. Não vai fazer nada fora entre a gente. Você não vai aprontar nada...", e de Ralph, 54: "eu amava a pessoa, eu me divertia... enfim, era um estímulo pra mim, era a parte boa da minha vida e de repente... o cara chega e apronta comigo... desmoronou. Eu fiquei traído, desgostoso".

É sabido da diversidade de vínculos existentes nestas parcerias. Alguns abrem a relação com seus parceiros, como no exemplo de Lucas, 51: "Já estive com vários homens. O Fulano soube que eu ia ficar com eles, alguns pra dominar, alguns só pra sexo. Ou seja, hoje está como eu queria". Observando na historiografia de Lucas, 51, a presença da perda de controle de suas ações e sentimentos, se dá quando a mulher descobre seus feitos paralelos e o coloca contra a parede, desmoronando aquilo que acreditava estar sob sua vigilância. O narcisismo latente e manifestado corrobora com o desejo sádico-masoquista nas buscas de satisfação sexual. Izquierdo (2015) diz que tendo o corpo como instrumento de controle e poder, que é um "processo social e político" natural do ser humano, também é "prisioneiro de um dispositivo de dominação, mas ao mesmo tempo livre desse dispositivo, estabelecendo relações de poder entre um corpo social e um corpo individual" (p.104). Estabelecer um lugar onde as fantasias transfiguram-se em expectativas sociais de estar no

comando, "ser dominado por um homem parecia-lhes menos ameaçadora do que ser dominado por uma parceira fixa, talvez porque pudesse ser interpretada como uma fantasia temporária" (Carrilo & Hoffmann, 2017, p14).

Felipe, 39 comenta das experiências que presenciou: "O que mais tem mesmo é ter alguém fixo e acabar dando umas escapadas. Teve um cara casado que eu conheci que ele queria que eu fosse o fixo dele, mas descobri que ele saía com todo mundo, e negava até a morte". Em sua pesquisa, Lopes Junior et al. (2021) traz sobre a diversidade de contratos, a abrangência dos mesmos e suas consequências, no qual demanda das prerrogativas existentes entre o casal. Neste caso específico, o que se observa na fala, são as experiências onde a procura do amor vitoriano é presente, buscam e desejam fidelidade. Lembrando que é uma prerrogativa para que o parceiro não transmita ISTs, cuja resposta possa trazer consequências inclusive para dentro do casamento. No entanto, estes mesmos vitorianos não vivenciam a fidelidade com suas parceiras. Os homens mais velhos estão mais propensos a este ideal, que inclusive são os que mais tem dificuldade em procurar ajuda nos Centros de Referência Nacional em DST (CRN-DST), devido às estigmatizações, fobias e lutas com os medos e conflitos, resultantes da formação cultural na qual "estavam" inseridos, enquanto as gerações mais novas demonstram lidar de modo alternativo com estes contratos. Muitos aspectos psíquicos e sociais envolvem estes ideais de procura, de sexo, de afeto e acordos.

Este período da maioria engloba diferentes gerações e se diferenciam por posturas referentes à expressão da afetividade por um outro homem, à coragem de vivenciar e compartilhar sentimentos.

No Brasil, em 2011, foi garantido o direito à confirmação das relações homoafetivas através do vínculo comum à cisheteronormatividade chamado "casamento".

Ao declarar atitudes e expressões diferentes na faixa dos 20 aos 40 anos e assumirem-se gays, envolvem-se em relacionamentos mais duradouros, constituindo "famílias" homoparentais. Barboza, Cerqueira & Pereira (2020) destacam a postura dos homens de gerações mais velhas, estreitando uma justificativa para esta diferenciação quando dizem: "Os seniores cresceram durante um período em que as relações entre pessoas do mesmo sexo eram muitas vezes escondidas e até mesmo consideradas ilegais"

(p.204). Possuem uma justificativa para o persecutório que envolve esta maneira de expressar-se frente aos conflitos, que ora confrontava o desejo e a postura diante de uma sociedade excludente: "A atual coorte de pessoas idosas LGB viveu um período histórico onde não podiam compartilhar a sua sexualidade, por medo de rejeição e perseguição, e tinham receio de admitir a sua orientação para si mesmos, visto que haviam internalizado os estereótipos negativos que a sociedade impunha sobre a população LGB" (Barboza, Cerqueira & Pereira, 2020, pp. 204,205).

Eu conheci ele e minha mulher na mesma época. A gente viveu um coisa louca, uma paixão... Eu sabia que nunca poderíamos viver outra coisa, ele casado, filhos, e eu ia casar, também queria ter filhos. No dia do meu casamento... foi numa chácara; depois que todo mundo foi embora, eu tirei os sapatos e fui até a piscina, estava muito triste e alegre ao mesmo tempo. Coloquei meus pés na água e comecei a chorar, não sabendo bem como seria meu futuro com ou sem ele. Muita saudade dele. 8 anos depois a gente se encontrou e eu tive coragem de dizer o quanto eu o amava... (Nando, 58)

Esse rapaz que eu gosto, a última vez que eu saí com esse cara, foi no programa, justamente no programa. A gente se conheceu, tal. Antes eu tinha vergonha de fazer... vou falar o português claro... fazer a mamada, essas coisas, a pegação. Depois, de um tempo pra cá, foi indo, foi indo eu perdi a vergonha. Tô liberal, tô nem aí com nada. E hoje eu ainda tenho essa pessoa. A gente sempre sai, brinca. Às vezes quando dá tempo a gente sai de carro, vai conversar. É tipo uma amizade que rola tudo. (Bruno, 26)

A minha relação com ele tinha entrado em crise, porque ele tinha medo que eu me separasse. Porque eu falava que eu ia me separar pra gente ficar junto e ele odiava essa ideia, tinha muito medo... Ele acabou conhecendo uma moça, e se casou, com medo assim que eu me separasse: "Você não vai se separar, não! Eu que vou casar". Aí virou uma meleca. Aí ficou pior ainda. A gente acabou rompendo, acabei rompendo com ele, rompi meu casamento, rompi com trabalho, rompi com tudo. (Antônio, 73)

Sinceramente, não tem muito o que falar. As pessoas assim, que eram carinhosas comigo, eu gostava delas serem carinhosas. Não tinha paixão, coisa do tipo. Mais o que mais me fazia mesmo gostar era por causa do dinheiro, mas depois foi outra coisa, não foi mais só o dinheiro. Foi atração. Se bem que algumas pessoas que saíam comigo, às vezes não queriam fazer o que geralmente eu fazia. Por exemplo, eu era o ativo, e aí a pessoa falava que queria fazer outra coisa. Acabou acontecendo uma coisa que eu acabei vivendo lá, um cara que queria fazer outras coisas. Só que ele não tinha me notificado isso. Ele comprou um gelzinho tal, a gente fez uma coisa que foi gostoso, não vou mentir, foi gostoso. (Bruno, 26)

Já me apaixonei. Da mesma forma que eu lidei com o meu primeiro amor. Meu primeiro casamento. A mesma coisa que eu sentia nela, eu senti nele. O único. Porque eu sabia que ele era sincero, não falava besteira, assim... (Juan, 32)

Quando passam por sentimentos de “traição ou decepção” nos relacionamentos homoafetivos, são percebidos os reflexos na vida quotidiana. A fala principal é o mal estar provocado e o sofrimento, muitas vezes, não antes experimentado, trazendo desorganização interna e ao seu redor, refletindo sobre a dissociação do desejo e do afeto, na rotina da vida social, profissional e afetiva destes indivíduos.

Para alguns, o encontro pode ocorrer em banheiros públicos, chamados de banheirões, em saunas, no meio de árvores em parques (dogging), estradas isoladas em periferias, bares, festas, clubes, etc. ou ainda, por meio de aplicativos de pegação e salas de bate papo, cujo intuito é o sexo rápido e satisfação imediata para usufruir de realizações e prazer que a sexualidade proporciona. São duas atribuições distintas, uma proveniente da historicidade humana, outra dos subjetivos virtuais das últimas três décadas, que estão associados e são complementares. Ambos usando da sedução para a vazão do desejo e da possibilidade de ter encontros, negociando o sigilo e a discrição, no exercício da liberdade (Monica & Costa, 2020).

Encontros anônimos também ocorrem em grupos fechados em diversos aplicativos, onde um indivíduo só pode ser inserido tendo sido convidado por outro participante, que se

comprometa com o sigilo e que esteja disposto a “interagir”. Como diz a fala do colaborador Matheus, 33: “Porque a gente se comunicava né. Vira meio que uma comunidade sigilosa. Quando você veio com essa proposta da entrevista, eu mandei pra mais de 20 contatos, num grupo de WhatsApp”, como reflete Hocquenghem (2009): “o desejo homossexual só existe em grupo e, ao mesmo tempo, é proibido na sociedade” (p.89). Assim, mesmo os contatos sendo impessoais e passageiros, a sexualidade transitória pode ser uma forma positiva de experiência do cotidiano (Lins, 2010).

Foi uma coisa louca, cara. Eu vivi uma coisa que eu nunca vivi com ninguém. Nem com a minha esposa. Porque era uma coisa muito leve, muito transparente, a gente era muito honesto com a gente, com as nossas verdades, com os nossos desejos. A gente conversava cara... de tudo. De tudo, sexualmente, de vida, de futebol, mas sobre tudo ao que tange nesse momento da sexualidade. A gente aprendeu juntos, praticamente. E aí, ele ia ser transferido de cidade e ia se casar também (e riu). E aí não tinha como; a gente resolveu guardar aquele carinho, aquele sentimento, que a gente tinha um pelo outro, até hoje. É uma pessoa que eu falo e que eu tenho profundo carinho. Não tem como levantar o passado. Passou. E até hoje eu procuro... vamos chamar ele de Du, tá bom? Até hoje eu procuro um Du. Um cara que seja gente boa, honesto, de princípios, de valores... Não tive tantas experiência assim, homoafetivas, eu tive o Du e mais uns três, no máximo. Mas essas pessoas... não são casadas, não compreendem, querem uma coisa a mais que nesse momento eu não tô podendo dar. Não é por falta de coragem, mas eu não consigo... largar a minha família. (Sayó, 48)

As decepções encontradas e vividas neste ambiente de homens “casados” que se apaixonam por homens, é um ponto a ser considerado. Há uma expectativa de fidelidade dos parceiros que se apaixonam, porém estas relações se mostram também vulneráveis e permeiam por diversas instâncias de relacionamentos, nas quais a fragilidade, a inconstância, a voracidade pelo novo, pelo diferente e com um sexo mais apelativo e atraente, culminando naquilo que Xavier, 65 traz, “até que acabou... tudo acaba, né”? No entanto, a procura pelo amor perdido é constante, presente em muitos colaboradores, como

diz Sayó, 48: "Até hoje eu procuro um Du. Um cara que seja gente boa, honesto, de princípios, de valores..." e mesmo como quer Ralph, 54, "Eu morro de vontade de me apaixonar outra vez"! E na observação feita por Marcos 2, 56, quando é indicado sobre estar preparado para viver e interagir com o afeto: "A sensação de você se apaixonar por alguém, é diretamente proporcional a você se aceitar. Enquanto você não se aceita, você realmente não consegue ter uma relação afetiva, uma relação homoafetiva" (Marcos 2, 56).

Alguns autores comentam sobre uma libertação de atitudes a partir do momento em que o indivíduo assume para si a homossexualidade em sua vida, como traz Lins (2010) dizendo que se estabilizam psicológica e emocionalmente e, permitem experienciar o amor e desejo por outro homem. Com isso, não incorporará para si o que pensa a sociedade a seu respeito. No entanto, estamos aqui trazendo homens que passam por um modo diferenciado de desconstrução do eu, tanto no sentido constitucional, como no afetivo, como no social.

Este homem necessita de um espaço-tempo, como retrata Davi & Bruns (2016), de uma temporalidade estendida, para assimilar os diversos meandros que serão renovados, com diferentes aspectos de sentimentos, transitando por diferentes mundos. Observa-se que os colaboradores comentaram que quando podem expor sua "identidade renovada", sentem que um peso sai de suas costas. Aqui eles expõem um dos armários transpostos, no entanto este *closet* é muito extenso. Alguns destes homens nunca conseguirão enfrentar todas as barreiras que gostariam, e como vimos nos relatos. Alguns não passam do limite de admitir a si próprios que realmente possuem e usufruem de um desejo, que estão em desacordo com os contratos estabelecidos diante da companheira e da sociedade. Este encobrimento vivenciado por eles, são mecanismos para transpor os caminhos da temporalidade de resolução, "estratégia utilizada por grande parte dos homossexuais durante algum período de suas vidas, geralmente enquanto ainda não são capazes de assumir sua orientação sexual" (Nunan, Jablonski & Feres-Carneiro, 2010, p. 259).

Categoria 4. Subcategoria 8. Antagonismo libidinal.

Um fato complexo observado na fala dos colaboradores e importante para ser apresentado, encontra-se na resolução sexual manifestada por estes homens. O episódio merece especial atenção, apesar de que ainda há muito a ser pesquisado a respeito: a perda do interesse sexual pelas parceiras, a diminuição paulatina da libido e a resposta erétil, enquanto que o interesse em buscar parceiros homens se intensifica e os estímulos para a ereção se mantêm.

É sabido que a sexualidade humana passa por diversos fenômenos exploratórios que demandam das características de cada indivíduo e que também será conduzida e manifestada através dos encontros que a pessoa conquistar com cada parceira(o). Afinal, desejo e sexualidade é comunicação, como retrata Andrade-Silva (2007), quando diz: "a comunicação e o simbolismo transformaram o significado do impulso sexual nos humanos" (p.136), e ainda traz que as respostas humanas para o desejo encontrado no "outro", o exercício pleno da sexualidade com as manifestações corporais e psicológicas, são "condicionantes sociais e encontrando-se inter-relacionadas, às diversas experiências emocionais do desenvolvimento de cada um" (Andrade-Silva, 2007, p.136).

Algumas determinantes regulam a excitação à resposta sexual do homem, visto pela dinâmica dos medicamentos que surgiram na década de 90 (Século XX), auxiliando o desempenho do indivíduo nas performances sexuais (sildenafil, vardenafila e tadalafila). Paiva Neto (2023), em uma colocação a respeito destas respostas, assinala que "referentes aos fármacos em questão, o efeito esperado não é alcançado, caso não haja estímulo sexual; em outras palavras: é necessário que aquele que tenha ingerido a medicação se sinta sexualmente estimulado ou em uma situação sexualmente estimulante" (p. 65).

Alguns dos colaboradores relatam a necessidade do uso de medicamento, quando procuram pela esposa para sexo, enquanto que com homens não necessitam. Outros relatam que mesmo com homens necessitam de uso para garantir a performance, associando a isso, os conflitos existentes.

Para falarmos especificamente sobre o assunto, é importante entender que o desejo está intrinsecamente ligado às manifestações culturais, vinculadas à normatização intuída, disseminada e assimilada, corroborando para o que já foi dito sobre a necessidade do

homem adequar-se às expectativas sociais operantes. Pelo observado, estes homens passam por ressignificações de sua sexualidade, avaliando até que ponto podem explorar seus desejos e em quais contextos sua libido responde.

Independente de sua condição de desejo sexual, o principal fator da resposta da libido se encontra na ereção peniana, e quando a mesma não procede dentro da expectativa depositada, diversos fatores fazem retroceder aos questionamentos do sentido do funcionamento erétil. De acordo com Coutinho et. al. (2020), a "disfunção erétil (DE) é a incapacidade persistente ou recorrente para conseguir e manter uma rigidez peniana suficiente para uma relação sexual satisfatória" (p.323). Os autores apresentam que a etiologia orgânica da disfunção se encontra em problemas vasculares, endócrinos, neurológicos, associados ao envelhecimento dos tecidos, decorrente de cirurgia ou medicação, assim como em fatores psicológicos gerados pelos impactos negativos das relações interpessoais, humor e qualidade de vida. Os fatores psicogênicos apresentados pelos autores são a depressão e a ansiedade, situação evidenciada através de estressores compartilhados com parcerias (Coutinho et al., 2020).

A especificidade do assunto apresenta uma característica notadamente envolta a diversos fatores psicogênicos associados ao medo, à culpa, ao remorso, tanto no envolvimento da família neste contexto, como por ter-se negado a vivenciar o desejo intrínseco; sentimentos complexos sofridos a partir das emoções e sensações presenciadas no vivido.

Neste caso, considerando-se as particularidades de cada narrativa, o homem que vive uma relação cisheteronormativa e que procura homens para sexo e afeto, revela que o desejo e o prazer sexual obtido com mulheres e/ou parceiras sexuais, começa a arrefecer na razão direta do aumento do desejo por homens, quando mantém considerada constância, na busca da realização deste desejo. Relatam histórias e experiências diversas, desde aquele que diz que "funcionará" perfeitamente com uma mulher, mas dá preferência ao sexo com homens, aqueles que perdem todo o interesse por sexo com mulheres, mas se mantém casados, mesmo tendo dificuldades sexuais, com a desculpa de um quadro disfuncional ou com justificativas de patologias que o desestimule, ou pelas cobranças

quanto ao desempenho. Aqueles que se recusam a fazê-lo, ficam sob suspeita, como se o fato de não querer, diminuísse sua masculinidade, preferindo manter-se no casamento, dado o movimento contra posições e manifestações preconceituosas.

Estudo relevante de Souza et al. (2022) realizado com homens em idade mais avançada, constatou a satisfação das relações sexuais e o desempenho efetivo pelos estímulos que possuem, "em uma cultura onde a virilidade masculina é traduzida pela maior capacidade sexual" (p.7).

Neste estudo, homens mais jovens, na faixa dos 30 anos, apresentaram uma disfunção de estímulos com parceiras mulheres, enquanto os mantiveram com homens. Visto também, uma maior valorização das respostas afetivas que vêm agregar à performance sexual.

O curso da convivência dentro do casamento passa por diversos momentos, a considerar: as descobertas do início do relacionamento, o nascimento dos filhos, a construção da família, o investimento profissional, dentre outros, como foi expressado por Roberto, 57: "Casamento e tal, tive dois filhos. E aí por muitos anos, você fica nessa... coisa da fundação da família, ocupa muito tempo. Você nem olha muito dos lados. Fiquei uns anos só transando com ela..." Junto a estes fatores, a adaptação aos ditames da sociedade cisheteronormativa e às respostas adequadas a ela. Quando então, depois do hiato existente no início, diversos problemas se manifestam: a pressão interna represada devido aos questionamentos do desejo sexual por homens, a opressão sentida, que faz este homem buscar contatos para "liberar" seu desejo, ou realizar a satisfação libidinal que se transforma, muitas vezes, em vício, como os mesmos nomeiam ou então, como conceitua Lins (2010), desejo regulador e não episódicos, de explorações das possibilidades oferecidas pelas sexualidades distintas, de forma positiva e não patológica.

Com a necessidade de explorar este desejo, existe um investimento contínuo nas "escapadas" e nas satisfações alcançadas. Neste momento, percebe-se que algum estímulo psíquico induz estes homens a uma excitação diferenciada, quando acentua o envolvimento em relações homoafetivas (Coleman, 1982; Swan & Bennack, 2014; Silva, 2018).

São vários os fatores que levam a alterações fisiológicas e hormonais como é possível encontrar na experiência relatada por José Afonso, 44, quando comenta o que sofria pelo conflito do desejo e da convivência dentro do casamento:

Foi ficando mais difícil eu manter a minha vida... heteroaferiva, com a minha esposa. Fui perdendo libido, fui perdendo tesão, aí minha testosterona quase zerou... Tive problema de tireóide... Aí comecei a fazer acompanhamento com endócrino, comecei a fazer aplicação de testosterona a cada 3 meses para poder ter libido e dar conta de transar no casamento. Mas no fundo, no fundo, eu sabia que o problema não era esse. Porquê... mesmo com a libido lá embaixo, eu não tinha atração em casa, não tinha vontade de transar, mas quando eu via um cara na rua que me excitava, eu ficava de pau duro na hora. Então a questão não era fisiológica, a questão era emocional. (José Afonso, 44)

Para Braga Júnior: a homoafetividade trata de ações subentendidas para se aproximar da pessoa desejada:

No universo homoafetivo, são possíveis e desejosos os olhares trocados, as palavras subentendidas ou intencionalmente suspensas, de modo a favorecer o surgimento de uma constante ansiedade pela proximidade do outro. O ato sexual em si, mesmo que sua sombra permeie cada discurso homoafetivamente construído, não precisa necessariamente ser consumado. (2006, p.18)

Lins (2010) traz que o número de homens casados que se envolvem regularmente em atividades homossexuais cresceu significativamente. Com os novos investimentos aumenta a necessidade de estar com o outro, as “escapadas” se acentuam e a resposta sexual com o parceiro torna-se mais eficaz e satisfatória, intensificando a frequência e a relevância do sexo. Como já apresentado, estes homens falam de uma “plenitude” de sentimentos, com a sensação de completude e prazeres, sendo verdadeiros consigo mesmos e com os parceiros sexuais. Este aumento se dá principalmente por dois fatores preponderantes: a facilidade que a internet e o mundo digital proporciona e o avanço do

pensamento humano, cujas ações passam por crivos diferenciados, quando o permitir-se é explorado e empossado.

Muitas vezes, o desejo homoafetivo existe inconscientemente, porque o desejo está reprimido. Em outros casos, percebe sua atração pelo mesmo sexo e reconhece que esta atração sempre existiu. Por vezes, pode acontecer da pressão social ou familiar ser tão forte que ele renuncie à realização de seus desejos e passe a vida toda insatisfeito ou mesmo culpabilizado (Lins, 2010).

A impossibilidade de efetivarem seus desejos por homens, extraconjugalmente, como também a de assumirem sua sexualidade e seu desejo homossexual, pode levar a crises existenciais (Meneghini, 2017), como revelado por muitos. “A noção do proibido, o impedimento de fazer algo, aumenta o gosto e o desejo, da mesma forma que o desejo só existe enquanto não é saciado” (Cortella, 2017, p.165). Souza (2010) comenta o que Bourdieu elucida sobre o desejo, um “sentimento individual e natural, portanto, pode ser ocultado”, mas não suprimido. Isso faz com que o “conservadorismo dominador, tente conter, reprimir e ditar normas do que é aceitável ou não” (p.22). Indo além, Bourdieu (2023) ressalta que estes impulsos podem ser evidenciados através de um movimento de dominação, marcado pelos estigmas concernentes, que dão margem a uma categorização, através da sociedade que veicula medos e que possa marcá-los em definitivo.

A insistência nas relações heterossexuais demonstrada por eles em determinada fase de suas vidas, reforça o conceito atribuído à adequação aos contextos sociais, religiosos, políticos e econômicos esperados pela sociedade, que cobra posicionamento. Em alguns momentos a resposta a esta demanda até se sustenta, porém haverá momento em que a cobrança interna se tornará presente, e haverá um aumento do desejo homoafetivo. Alguns colaboradores chegam a dizer, como Sayó, 48, que ter uma parceria sexual com homem equilibra o desejo de organização sexual e afetiva dentro de casa.

Mas assim, as minhas experiências... algumas femininas, fora o meu casamento, não foram boas. Porque não entra atração suficiente para ter uma relação, com mulher... até agora, depois do casamento, entendeu?

Então eu não tive experiências boas com mulher, com a minha esposa sempre aconteceu, nunca teve problema. (Pablo, 49)

Então, assim, ela tem preguiça... depois que começa é bom, mas... ela tem preguiça. E... com o tempo a preguiça foi aumentando, aí entrou na menopausa, ela tem menos necessidade que eu. Aí começou não querer muito. Então foi rareando, rareando, e ao mesmo tempo eu fui aumentando a intensidade de saídas. (Roberto, 57)

Eu me considero bissexual, tenho atração normal, mas como eu tive uma relação muito longa com mulher, eu só procuro homens nesse momento. (Nilson, 56)

É querer que... uma força masculina me acalente, me coloque... não no colo, mas no ombro. Falar assim: "Oh! tô aqui com você". E isso é muito importante. E aí sim, eu percebo que quando eu fico muito tempo sem essa energia, eu tô falando de energia masculina, e também de tesão, desejo, eu começo a ficar estressado, cara. O engraçado que até o meu libido dentro de casa cai. Eu preciso literalmente de um equilíbrio, do masculino e do feminino. Não foi fácil achar esse ponto de equilíbrio. (Sayó, 48)

E então, aquilo começou a ficar pesado pra mim. Porque tinha vez que eu não tava nem afim, não queria nem pensar nisso. Aí ia deitar... Pensava: "Putz, a mulher tá com vontade de transar eu vou ter que transar". Então eu ficava meia hora fazendo um exercício na minha cabeça, pra eu poder ter ereção, pra eu poder ter vontade, pra eu poder dar conta de transar com ela. Isso foi ficando ruim. Foi ficando pesado... (José Afonso, 44)

Os homens me chamavam às vezes para bater papo, surgia interesse... Acabou que foi esfriando, esfriando... a parte sexual minha de casamento foi enfraquecendo muito. Em nenhum momento, eu procurava mais ela, então eu não procurava mais. Aí foi ficando fraco né, o casamento. Só briga, ela é muito agressiva nas palavras... (Maxwell, 51)

As respostas das disfunções eréteis, são também provenientes dos conflitos e crises que homens com atração afetivo sexual por homens, trazem. O funcionamento da ereção depende tanto de condições orgânicas, quanto de condições subjetivas, fator preponderante de busca por uma outra alternativa de elementos. Tais referências podem bloquear, inibir, dificultar ou simplesmente não responder ao desejo, quando consideradas as "denominadas "causas psicológicas" de uma obstrução da ereção: a "ansiedade por temor de desempenho" ou o "medo de não ser bem avaliado pela parceira" seria o principal fator desencadeante" (Paiva Neto, 2023, p.65). Destaca-se a importância de auxiliar estes homens que passam pela "confusão" de significados, afinal houve momento, em que apresentara excitação e ereção com mulheres e em outro o interesse se alterava, o foco mudava, mas as respostas sexuais, já não eram as mesmas.

Retratam-se os conflitos, as crises, os medos, as culpas, e outros aspectos da psiquê humana, que interferem na vida cotidiana desta parcela da população que evidencia esta descaracterização do desempenho sexual, conforme pesquisa de Coutinho et. al. (2020).

É necessário que haja investigações quanto ao mecanismo de funcionamento sexual descrito pelos entrevistados, apresentando principalmente possibilidades da perda de interesse e, conseqüentemente da resposta libidinal e afetiva pelo sexo feminino e, concomitantemente da manutenção da função erétil no contato com o corpo de um homem e do estímulo ao sexo.

A pornografia homossexual também funciona como veículo do desejo e impulso para a busca e satisfação. Conforme relato de José Afonso, 44, que necessita de muito estímulo mental para o sexo com a esposa e deixar de ver pornografia homoerótica:

Eu já ficava trabalhando na minha cabeça: "Cara, eu não posso ver nada de homem hoje, eu não posso ver uma foto, eu não posso ver um vídeo, eu não posso ver nada. Eu tenho que me concentrar que eu tenho que transar com ela". Então eu ficava projetando na minha cabeça, ela. A mulher, o corpo dela, a vagina dela. Todas as sensações que eu ia ter que ter com ela. Então eu ficava vivendo isso na minha cabeça pra que eu pudesse chegar lá na hora e

dar conta de transar. Só que nem sempre dava, eu comecei a brochar, o pau não ficava duro, e aí ela começou a me cobrar: "O que que está acontecendo"? (José Afonso, 44)

Todas as namoradas que eu tenho é difícil as que eu não tenho dificuldade de... nos primeiros relacionamentos não ter problema, entendeu? Aí, por exemplo se a menina não entender, tipo 2, 3 vezes assim, a gente acaba sofrendo, porque não consegue se entrosar nas primeiras vezes, entendeu? Eu tenho assim, uma vida bem complicada com garota, entendeu? (Fernando, 48)

Às vezes eu fazia, 1 vez por semana, as vezes ficava tipo, tempo aí... tentado e não era aquela transa gostosa. O pênis não ficava muito duro e, a parceira começava a reclamar, entendeu? Ficava mais difícil, né. Porque aí você tinha que satisfazer a mulher, e você não tinha vontade. Não tinha desejo. Ai acabava ficando difícil. (Fernando, 48)

Era um relacionamento... que eu vou dizer pra você, era para mim o prazeroso. Eu fazia sexo com a minha mulher por obrigação. Eu tinha mais vontade de ir lá, ficar com ele. (Jefferson, 44)

Aí ela se apaixonou por mim. Eu não me apaixonei por ela. Então pra você entender, porque que essa relação não foi pra frente. Porque que 1 gay não deu certo com 1 hétero? É porque eu não gostava tanto... do lado mulher. Ela era uma boa companheira, divertíamos muito, éramos muito companheiros, um cuidava muito do outro. Só que não bastava. Seria bom se tivesse outro homem no meio, entendeu? (E riu muito). (Joaquim, 47)

Atravessei quem eu realmente era, e depois disso, obviamente, tive filhos, A vida sexual com a minha ex-mulher era razoável, nunca foi boa. Mas era uma coisa que para mim era um sacrifício, né. Foi ficando cada vez pior o sacrifício. (Marcos 2, 56)

Mas vida social e vida afetiva, muito próximo de zero. Tive algumas namoradas... 2... depois da separação, mas eu percebi que não era bem aquilo que eu queria. Queria uma relação homoafetiva, estável. Mas eu

também, pela amostragem que eu tinha na época, eu não me sentia seguro pra me associar, fazer uma parceria com alguém. (Fabrício, 79)

Com minha esposa estou totalmente sem ereção, sem vontade. Gostaria de ter, mas é zero. O desinteresse por mulher aumentou na medida que eu saía com homens. Até o ponto de não ter o mínimo de vontade. Tem alguns caras casados que não beijam quando saem com outro cara. Eles dizem que é pra ter algo de cumplicidade com a mulher. Eu perdi tudo, toda vontade, infelizmente. (Nando, 58)

No período antes da pandemia, de eu pegar COVID, eu já estava com dificuldade de ereção com ela, então eu já tava perdendo o tesão por ela. Fui a médicos, fiz exames, tudo direitinho, check up, relatei tudo o que tinha passado, e a princípio não tinha nada. E ele me disse que não era nenhuma doença. E então o urologista passou um remédio... o Viagra. E ele falou para eu passar a usar pra ter ereção, pra satisfazer... No início funcionou, com o remédio, foi bom. Até hoje eu uso, na verdade, ou com ela ou com qualquer outra pessoa. Mas com ela eu tô com mais dificuldade ainda de ter relação... E ainda estou com pouca produção de sêmen. Isso eu não falei pra ela, né. Ela não sabe. Só falei pra ela que com o COVID eu perdi libido, perdi a vontade de fazer sexo, mas na verdade eu perdi mesmo é o tesão por ela. Eu sinto vontade de fazer sexo com outro homem. Com os homens eu dou conta, a maioria gosta né, (e riu muito). Pelo menos falam que estão satisfeitos. (Seraphim, 38)

O homem enquanto casado, na maioria das vezes, não gosta de ficar expondo sobre os percursos sexuais vividos com a esposa, sobre a vida íntima do casal. Comenta que a partir de um determinado momento, a vida sexual torna-se morna ou inexistente.

O desgaste das relações e os muitos conflitos vivenciados ao longo de suas histórias como casal, trazem algumas vezes perda de libido total para se relacionarem com suas esposas, conforme Nando, 58, quando revela a patologia que interfere em seu desempenho sexual, ou mesmo por parte dela (Gusmão, D'Agotini & Carneiro, 2023).

Há quem relate inclusive a busca por outra mulher, na tentativa de colocar à prova sua resposta sexual. O duelo das condutas para manter-se no casamento são provenientes de diversos fatores: pela história que possui, pelos filhos, pelo trabalho, pela família de origem, pela igreja a que pertence e pelos conflitos internos existentes, num misto de descoberta do afeto, misturado com a realização da sexualidade e os temores estigmatizados, provenientes da inserção a um contexto homoafetivo, que os faça imaginar excluído.

No entanto, se para alguns destes homens, a libido e a resposta sexual não estão a contento na relação heteroafetiva, nas relações homoafetivas estão. Esta colocação traz diversas tentativas de respostas, que carecem ser investigadas. Um emaranhado psíquico com diversos sinais mentais e fisiológicos, enredados a uma estrutura social capaz de transformar o conceito de normatividade e gênero.

Categoria 4. Subcategoria 9. Descoberta do sigilo.

Esta subcategoria aborda as singularidades das vivências dos colaboradores sobre o casamento e o relacionamento com a esposa, diante da posição delas, quando surpreendidas por revelações e comportamentos homossexuais deles. Tal fato provocou tensões e repercussões significativas no relacionamento. Nota-se que, embora tenham lutado durante anos contra os próprios sentimentos, chegou o momento em que não foi possível continuar mantendo aquele estilo de vida que, embora atendendo aos padrões sociais, não os satisfaziam.

Diante do novo contexto de descoberta da orientação sexual, após longo período de relação cisheteronormativa, a esposa apesar das evidências da homossexualidade, passa a saber dos desejos sexuais de seu companheiro. Depois da revelação ela é levada a percepções, a exemplo do exercício da sexualidade conjugal, algumas vezes reduzido, quando não, nula, conforme relatos dos próprios colaboradores.

Algumas ainda desejam manter-se dentro do casamento, aceitando o comportamento homossexual do parceiro, ou ocultando e encobrindo para não ter que encarar a realidade do que sabem, o que causará sofrimentos, além dos receios e dúvidas

por todo o contexto, sustentando uma relação de aparências perante a sociedade. Outras aceitam a escolha da orientação sexual do companheiro com maior naturalidade, sem se importar com as questões de estereótipos e julgamentos da sociedade.

Para D'Andrea (2006) consiste num mecanismo de defesa chamado de negação, que insiste em agir como se nada tivesse acontecido, mesmo percebendo a realidade. Embora sofram com a orientação sexual do parceiro, elas também se preocupam com o enfrentamento dos preconceitos e ainda lutam pela aceitação da nova realidade. Percebe-se pelas falas que há um misto de sentimentos, a inabilidade de lidar com uma situação do qual a mulher não se vê preparada para enfrentar. Existe uma expectativa de que a traição, quando possa ocorrer, venha pela presença de uma mulher. Na educação, nas mídias sociais e nas igrejas, é a figura da mulher que se apresenta como interveniente nas relações conjugais.

Como foi observado na fala de alguns colaboradores, no âmbito familiar, o casal procura manter um bom relacionamento, seguir os padrões sociais em consideração aos filhos, para evitar que sofram preconceitos e outras adversidades, porém o casamento já não existe mais (Machado & Gonçalves, 2018), e este arranjo nem sempre se sustenta por muito tempo.

Aí eu disse pra ela: Oh, eu vou ser muito sincero com você, eu gosto também de pessoas do mesmo sexo, eu sou bi, né? Mas assim, é um risco que você vai correr comigo, porque, pode ser amanhã, pode ser daqui 5, 10, 20 anos, que eu conheça alguém do mesmo sexo, me apaixone e deixe você. Aí fica da sua escolha. Mas eu estou sendo muito sincero com você. No fim ela aceitou, ela disse assim: "Ah, eu quero correr esse risco". Até hoje a gente tá junto, 24, 25 anos. Ela sabe de mim lá atrás, que eu tive esse envolvimento, que eu tenho essa atração, mas atualmente ela não sabe que eu saio. Eu procuro manter o sigilo. (Paulo, 49)

Aí todo mundo olha pra sua cara e pensa: "Quem que liga à meia noite e um no ano novo". Você diz: "É um paciente!" Mas não cola. A minha mulher assim, pegou recibo de motel no bolso. Já fui um problema, mas nunca foi pra

ela. Ela nunca colocou uma questão: "Olha! Assim eu não topo". Eu fui na direção de quando a gente começou a transar menos, ela achou bom, tipo: "Oh! Olha, você já está cuidando da sua vida, então não me enche muito aí". (Roberto, 57)

Até que um dia a minha ex-esposa na época surtou demais, porque ela descobriu que eu estava lá, deu muito trabalho, o WhatsApp tocando a cada 5 minutos com ela me chingando, me ofendendo. Aí foi quando eu resolvi voltar pra casa... Eu pedi um caminho, né. Eu estava perdido. Nesse 1 tocou o WhatsApp era a ex, pediu para eu voltar. Pensei assim: "Poxa, eu pedi um caminho... Em 30 segundos Deus foi rápido comigo". E foi quando eu resolvi voltar. (João Miguel, 42)

Daí eu me abri pra ela. Olha, acontece isso, isso. Eu tenho atração por homem... Daí ela relatou: "Eu já percebi algumas coisas em você". Mas aí eu falei: "Agora você fica livre pra você fazer o que você quiser. Se você quiser separar, a gente se separa". E ela falou: "Não, você não está em condição ainda, porque você não sabe nem o que você vai fazer de sua vida. Na hora certa a gente separa. Agora eu vejo que não é o momento nem pra mim, nem pra você. (Pablo, 55)

Mas eu logo me separei quando me apaixonei por uma pessoa do mesmo sexo. Cheguei, contei e, logo me separei. Hoje, depois de 15 anos separados, a gente voltou a viver juntos há 5 anos e nos damos muito bem, com respeito, com harmonia. Os filhos frequentam a casa, vão todos ver o jogo lá, filhos, netos e etc. (Xavier, 65)

Eu falei pra ela que eu já tinha tido outras relações sexuais com homens, e que eu tinha gostado "muito" (dá ênfase no muito) e, que eu não queria voltar por isso e por aquilo... Mas ela falou que queria voltar... que queria voltar. Então eu voltei a morar com ela, a gente está juntos ainda. (Ralph, 54)

Temos lidado, de uma certa maneira e cogitado efetivamente a separação. Estamos vendo que não tem cabimento. Ela me traz a religião como uma alternativa pra de novo me domesticar, me censurar, me reprimir. E eu digo

que eu não vou mais, pra mim não faz sentido. Cogitamos a possibilidade de abrir... a relação, pra ver a possibilidade de trazer um terceiro elemento, homoerótico, e não mais homoafetivo, porque o afetivo fica exclusivamente dentro do casamento e o erótico fica numa parceria por fora, ou a 3, ou por fora. Então estamos cogitando a possibilidade apesar de machucar muito ela. (Mateus, 33)

Hoje não temos mais relação, nós moramos na mesma casa, só que nós não temos mais aquele vínculo. Só moramos juntos porque temos 1 filha de 5 anos... Eu pedi um tempo, eu falei que não dava mais, que eu havia perdido o tesão por ela, que eu tava ali por ela e que a partir de agora cada um seguisse a sua vida. Que eu ia ajudar ela no possível, eu ia "tar" sempre do lado dela, mas como marido e mulher já não dava mais. Foi uma sensação, vou dizer... horrível. Fiquei sem chão. (Felipe 2, 46)

E aí eu inclusive propus pra ela né, eu falei: "Fulana, a gente pode continuar casados desde que você aceite que de vez em quando eu saia com alguns caras. Ela aceitou no início. Inclusive algumas vezes, eu marquei o encontro com o cara, com ela sabendo. Então, ela aceitou. Até então a gente continuava tendo relações, mesmo eu sendo descoberto, a gente continuava se relacionando sexualmente. Porque eu convenci ela a aceitar essa parte minha. Que eu ia sair, que eu ia sair muito pouco, Mais com pessoas que aceitasse dominação, sadomasoquismo, que eu não ia sair por qualquer coisa, só pra transar. Então ela aceitou esses termos e a gente continuou transando. (Lucas, 51)

Chega um momento em que estes homens não são mais capazes de controlar o desejo e muitos resolvem encarar a realidade para finalmente conquistar o direito de viver os próprios sentimentos, sem ter que agir de acordo com as convenções sociais (Soares, 2008). O momento da revelação, não é fácil para nenhuma das pessoas envolvidas, pois na maioria das vezes, o indivíduo sabe que vai vivenciar situações de preconceitos, retardando assim a tomada de decisão.

Um estudo realizado por Pollak (1990) com homossexuais franceses, fala de uma diversidade de atitudes e enfrentamentos que estes homens tiveram, evidenciando que entre os mais velhos, a maioria optava por esconder a sua orientação sexual. Já os de idade intermediária, se identificavam e se assumiam como homossexuais. Os mais jovens não enfrentavam nenhum problema, não se preocupavam em tentar se esconder das pessoas, por entender que se tratava de algo natural. Movimento este que demonstra a entrada de novos conceitos a respeito da vivência da sexualidade. Na narrativa dos entrevistados é perceptível este comportamento, levando em consideração o contexto de cada um.

A compreensão sobre esta problemática, passa por muitas prerrogativas, dentre elas: o conflito existente na psique deste homem casado com esta mulher, a dinâmica de envolvimento do casal e seus contratos, o percurso deste relacionamento, o preparo para haver uma revelação e até mesmo a discussão sobre uma suposta "bissexualidade".

São consequências que envolvem a todos, inclusive filhos, família de origem de ambos, ambiente de trabalho, relações de amizade, a repercussão social e como cada um pode lidar com o assunto. Crê-se que outros aspectos possam ser levantados e analisados no âmbito, neste caso, principalmente da mulher e dos filhos, como complementa Kauche (2021): "a traição é sim um meio de realizar violência psicológica contra a mulher, ainda mais quando a traição ocorre de forma desleal, sem qualquer conhecimento da vítima, e está conjugada com mentiras, humilhações, manipulações e intimidações decorrentes dessa traição e perpetradas pelo traidor/agressor" (p.252).

Uma coisa relevante, na realidade, foi quando ela descobriu, que eu era bissexual. Não foi eu que contei. Era uma coisa que eu já queria contar, mas não tinha coragem, sabe. E aí aconteceu de alguém que eu tive um relacionamento sexual só, ter descoberto meu Facebook. Não me pergunte, como, mandou uma mensagem pra ela perguntando se ela sabia que eu era gay. E aí, a partir disso, a gente... né, enfim... Teve uma crise grande, fomos fazer terapia de casais, mas aí ela basicamente, aceitou esse fato, só que ela não está disposta a abrir o relacionamento. (Rodrigo, 31)

A minha esposa me pegou trocando mensagens e, nos 3 dias que eu tinha viajado, eu tinha transado com 2 mulheres e 1 homem... e acabou que ela me pegou e eu falei: "Eu acabei transando com 1 rapaz". Não falei pra ela que eram 30 pessoas. Mas ela disse: "Não sei porque, mas eu ainda acho que tenho que ficar com você. (Guilherme, 47)

Então, a minha esposa sabe... eu contei pra ela da necessidade no período que eu tava fazendo faculdade, que eu tava com um relacionamento com uma colega de curso e ela meio que me pressionou e aí quando ela perguntou, eu falei que eu estava ficando com essa, mas que eu tinha ficado com 1 homem na viagem que eu tinha feito. Aí a gente conversou bastante, ela falou que me amava, que não queria a separação, queria continuar, até porque ele morava distante. Então ela viu que assim, o que podia acontecer era só quando eu fosse viajar. (Seraphim, 38)

Quando a mulher estava próxima de descobrir. Alguém "printou" uma foto, "printou" uma conversa, ameaçou que ia falar com a mulher dele... Eu vi essa cena várias vezes, porque eles vinham conversar comigo: "Meu! Fudeu, a casa caiu", "Vão descobrir, vou perder meu casamento". E por incrível que pareça, na minha cabeça agora lembrando, 5 casos, que as mulheres descobriram e perdoaram os seus maridos. Pra ser honesto com você, desses 50 do grupo, eu não vi uma separação por conta disso. Por incrível que pareça. (Matheus ,33)

Ela pegou umas coisas assim meio que no ar, né. Mas ela aceita, não deixa de querer. Na verdade, deixei bem claro, ela quer ter um relacionamento sério comigo, de se relacionar, de casar. Eu disse, eu não quero isso pra mim. Eu sei o que eu quero, qual a opção que eu mais preciso por isso eu não quero compromisso com ela, entendeu? Com qualquer outra mulher também.

(Dino, 54)

Ele era noivo e a gente ficou amigo, era uma amizade com sexo, né. Então, a gente ia pedalar junto e as vezes ele ia pra casa da namorada que depois virou noiva, depois ele passava em casa... A gente pega amizade, se

envolve... Acho que durou 1 ano e meio a 2 isso. Depois eu tive que ir embora da cidade e o tempo tratou de afastar. O curioso é que ele sempre namorou essa menina, que ele me falava. Ela tinha uma dependência emocional muito grande dele, e ele ficava com ela, entendeu? Depois veio a se casar e tudo mais, não sei se teve filhos. Não sei o que rolou mais na vida dele. (Rafael, 43)

Então meu medo a princípio era não ser mais aceito pela sociedade. Que minha família ia virar a cara pra mim, ninguém ia falar comigo. Isso realmente aconteceu. Porque ela me expôs pra todo mundo, daí. Ela me expôs pra minha família, umas professoras do meu trabalho que eram amigas dela, ela expôs também. Então todo mundo ficou sabendo. (Lucas, 51)

Chegou uma hora ela perguntou porque eu tava triste, por causa dessa dupla situação que eu vivia, aí eu abri o jogo pra ela. Eu falei. Abri... pra ela que eu queria separar porque eu era bissexual, que eu gostava de homem, eu gostava de mulher também... Aí foi aquela tristeza. Aí nesse período difícil aí, foi que ela falou pras minhas irmãs, usando as palavras dela: "Que eu era viado. E que eu queria separar por causa de homem", e foi que a gente se separou mesmo, não teve jeito. Ela já tinha "abrido" pra todo mundo.

(Kaleb, 52)

A psicologia e o direito têm questionado sobre a abrangência do sentido do abuso, no quesito psicológico, quando retrata a traição como um sofrimento que demanda investigações, quando aponta sentido nas decepções que envolvem o relacionamento amoroso e a quebra de vínculos, como o que apresenta Kauche (2021), quando expõe que "a violência psicológica pode ser realizada de diversas formas, como por exemplo através de ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, traição, intimidação, atitudes grotescas e que gerem sofrimento, ou qualquer outro meio de agressão psicológica e/ou que motive sofrimento à psique" (p.252).

Outro ponto relatado é a necessidade destas mulheres exporem as descobertas, principalmente diante da família, como um ato de vingança, aliado à necessidade de apoio devido à inesperada descoberta. Aqui teremos a fragilidade revertida. Homens que pela

dificuldade de lidar com a verdade de seus sentimentos, algumas vezes ignorando como enfrentar, associado aos medos decorrentes das exposições possíveis mais uma infinidade de enredos psíquicos, sociais, religiosos, familiares e até mesmo econômicos, acabam por prorrogar atitudes, negligenciando a maturidade e o discernimento.

O mesmo autor mencionado acima (Kauche, 2021), faz uma apresentação em sua pesquisa de que "a traição é sim uma forma de violência psicológica, uma vez que em conjunto com outras questões ou não, traz sofrimento psíquico à vítima". Faz-se aqui uma ressalva, quando é questionado a quantidade de vítimas existentes no contexto da traição, tendo em vista que estamos também refletindo os efeitos de uma educação cisheteronormativa e uma sociedade cisheteroexcludente, que produz como dinâmicas de dores e dissabores o enfrentamento dos desejos. Coloca-se em pauta, os dois impulsos obstruídos, o de uma mulher que vê uma história de promessas e sonhos quebrados e um homem que passa por diversos outros sofrimentos. Claramente que concordamos novamente com o mesmo autor quando diz: "quando descoberta, ela gera humilhação, intimidações, e profundo sofrimento à vítima" (p.252). Somente acrescenta-se à colocação, às vítimas no plural.

Sobre o sofrer e o sofrimento, é advertidamente relevante acrescentar que a "verdade" deve sempre imperar nas relações, pois ela é a grande norteadora de vida, refreando discórdias, sobressaltos e desilusões em todas as partes envolvidas. Nem todos os homens que possuem o medo, a crise, a culpa e o conflito dentro de si, vislumbram e conseguem atingir a consciência desta realidade. Muitos não conseguem por diversos fatores de sua historiografia e outros ainda, não o podem. Foucault nos apresenta um esclarecimento sobre as verdades da sexualidade quando diz:

essa obrigação de dizer a verdade sobre si não recai simplesmente sobre as ações (permitidas ou proibidas) que se teria cometido, mas sobre os afetos, sobre os sentimentos, sobre os desejos que se teria experimentado; essa obrigação impele o sujeito a buscar em si aquilo que pode se esconder e aquilo que pode estar disfarçado sob formas ilusórias. Diferentemente da

maioria dos outros grandes sistemas de interdições, o que concerne à sexualidade foi acoplado à obrigação de certa decifração de si.

(1982, pp.25, 26)

Alguns destes homens (José Afonso, 44; Rodrigo, 31; Seraphim, 38, Pablo, 55; Jorge, 56; Felipe 2, 46; Lucas, 51) trazem em suas narrativas convergentes, a imagem de uma mulher que sofre com a revelação. Existe uma diversidade desta dor, pois agrega o trauma recebido, a quebra do contrato no qual houve um depósito afetivo, a desconstrução de futuro, a desconfiança estabelecida nas relações vindouras, o tempo de ressignificações e a reconstrução de um projeto de vida. Ziliotto & Marcolan (2019), trazem que "os indivíduos acometidos pelo sofrimento psíquico apresentaram visão pulverizada da sexualidade humana, manifestando preconceito de acordo com seu próprio referencial construído a partir de vivências reais experimentadas ao longo da vida" (p.6). É a história mais uma vez trazendo seu peso e contribuindo para as 2 dores apresentadas.

O posicionamento desta mulher, demonstra seu foco de dor e também confusão, diante das prerrogativas de se defender do peso de ser mulher, do peso da história e das cobranças que elas próprias se impõem, face à auto avaliação de sua postura, através de seu posicionamento nos avanços conquistados ao longo do tempo. Um ditado que foi comum escutar nas casas de "família" no interior do Brasil foi: "Casa com chapéu pendurado, tem respeito". Designava a necessidade da presença masculina para que marcasse território, reverência e também distância de qualquer abuso e intruso.

Ainda hoje, algumas mulheres imersas a uma fragilidade trazidas pelos medos estruturados na família e na religiosidade, valorizam esta postura. Percebido claramente que apesar de tantos avanços na apologia à mulher e ao feminino, ainda o patriarcado é vivido, respeitado e desejado, até mesmo pelas mulheres, seja como uma defesa, seja como material conservador, que claramente denota medo de mudanças e suas consequências, como é visto nas manifestações de grupos sociais que defendem a família, a ordem e o conhecido. Conclui-se que a sociedade "necessita" da cisheteronormatividade reguladora, centralizadora, com pitadas de misoginia, fobias várias e machismos estruturais. Butler (2022) retrata os passos dados e os desejosos para a transformação quando

argumenta que “essas questões não resolvidas, embora possam nos levar ao desespero, estão entre os problemas mais interessantes e produtivos do começado século” (p.295).

Quão importante é a educação/orientação sexual, desde a mais tenra idade, para auxiliar na construção de posturas, tanto para o homem, para que identifique seu real posicionamento diante de uma sociedade igualitária e incluyente, quanto para a mulher compreender a grandeza de seu real valor e seu lugar nesta sociedade em formação perene. “As diferenças surgem em torno do significado de igualdade, se esta igualdade implica que homens e mulheres devem ser tratados de modo intercambiável” (Butler, 2022, pp. 293, 294). Afinal, “Casa que “também” tem echarpe pendurada, tem respeito”.

Categoria 4. Subcategoria 10. Adoecimento.

O processo pelo qual a sociedade impõe normas sociais rígidas de gênero e sexualidade pode levar os sujeitos à negação da própria identidade e de sua orientação sexual, internalizando conflitos que podem afetar a saúde mental e o seu bem-estar.

Pessoas que se conformam com as normas de gênero consideradas apropriadas, podem vir a ser toleradas pela sociedade cisheteronormativa, já os que fogem às normas e preferem o encobrimento, característica de homossexuais não assumidos, sofrem altos níveis de estresse em decorrência de sua estigmatização (Silva, 2003). Para Batista & Pereira (2020), “o stress relacionado com o estigma social pode estar na origem de problemas ao nível da saúde mental entre minorias sexuais” (p.54). Neste contexto, algum tipo de conflito entre o seu status de minoria e o universo social dominante o levaria a sofrer os efeitos negativos do estresse (Silva, 2003).

Pode-se considerar que alguns sentem a pressão psíquica desde muito cedo, apesar de relatarem momentos distintos em que o conflito pode se manifestar de modo mais intenso. Na vida adulta, associado aos muitos sentimentos persecutórios como o medo e a culpa, quando estão em relações paralelas, os sintomas se manifestam ou se acentuam. Ainda segundo Batista & Pereira:

a exposição dos indivíduos gays e bissexuais à discriminação pode ser considerado um fator de risco para problemas de saúde mental e física,

sendo que os indivíduos bissexuais são os que têm maiores probabilidades de experienciar dificuldades ao nível da saúde mental, devido à sua exposição a um efeito duplo de estigma. (2020, p.54)

Neste estudo, é compreendido o estigma como uma situação onde o sujeito não se encontra habilitado para uma aceitação plena da sociedade; é uma marca diferencial de valor pejorativo que o inferioriza, definida a partir de critérios impostos arbitrariamente nas relações sociais cotidianas (Goffman, 2008).

Chama a atenção a prática de muitos colaboradores ao identificar sintomas e doenças no próprio corpo. Atribuem as suspeitas, ao estresse e a pressão em que a dualidade das relações ou mesmo a dedicação a uma relação homoafetiva em paralelo, possa provocar um aumento no nível de ansiedade, por viver uma vida que pode entrar em colapso a qualquer momento. Dentro de todas as verdades ocultas, e todas as mentiras edificadas por sobrevivência há motivos de consternação, não somente para o indivíduo, mas também a todas as pessoas que estejam envolvidas. Portanto, são vários os estressores vivenciados, como diz Ben-Ari & Adler:

a combinação de vários processos de simulação de estresse, como a ocultação da orientação sexual, pode provocar problemas de saúde mental. Em conclusão, a ocultação da orientação sexual pode ter implicações destrutivas para os homens homossexuais, tanto emocional como fisicamente. Curiosamente, embora o desconhecimento da esposa pareça ser um fator que contribua para o sucesso do casamento, pensa-se que a ocultação da homossexualidade é um fator perturbador. (2010, p.107)

Lógico, em situações onde eu vivi, por exemplo, esta questão do momento de eu me apaixonar e tudo mais, a ansiedade piorou e muito. Mas a maioria das pessoas que eu conheço, que vivem a dualidade, em algum momento, vivem o Transtorno de Ansiedade. E cheguei a tomar mais de um medicamento inclusive. (Ricardo, 53)

Depressão, ansiedade, tomei medicações psicotrópicas para ajudar, com as terapias, sabe, frequentava psiquiatra. Aí tomava medicações pra depressão. A ansiedade que desencadeia isso. (Pablo, 49)

E esse rapaz tinha um problema muito sério de depressão, foi até mesmo por isso que eu me envolvi com ele, aquela sensação de cuidar, sabe? (Lágrimas no rosto). Aquela sensação de cuidar, tomar conta, eu acabei herdando essa depressão. Nós ficamos em depressão juntos. Só que começou a rolar droga cara, e já ficou uma "vibe" meio sinistra. Eu não vou falar que eu não participava, mas eu não gostava, mas eu fazia pra agradar ele. Pra estar junto dele, se não ele saía, sumia, desaparecia. (João Miguel, 42)

Eu... me vi muito ansioso. Desencadeou uma ansiedade muito grande. E eu procurei um psicólogo e comecei a fazer terapia. Daí nesse processo todo, confuso, eu acabei entrando num processo de depressão. A psicóloga me indicou um psiquiatra pra eu entrar com um tratamento medicamentoso. Eu comecei... a desenvolver uma depressão, e aí foi tratado. (Pablo, 55)

Até hoje, eu tenho medo ainda. Nesse meio de tempo, eu desenvolvi pressão alta, eu tive um AVC, depressão. Eu tomava antidepressivo. Toda vez que eu recebia ameaça, a minha pressão ia lá em cima, parecia que eu ia ter um treco. (Thales, 40)

Então, primeiro eu quase morri. Pra você ter uma noção minha pressão subiu... foi pra 20. Eu fui ficando mal, fui verificar minha pressão tava 20 por 12. Porque eu não entendia o que eu queria, eu não entendia isso de ativo, passivo, "brotheragem", eu não entendia isso na época. Porque a minha vontade não era de penetração ou de ser penetrado. Meu negócio era disso aqui (faz movimento de abraço). (Sayó, 48)

A culpa, na verdade, eu lidava tomando muito medicamento pra ansiedade e pra depressão. Eu era uma pessoa bastante agressiva, uma pessoa nervosa, uma pessoa mal humorada no trabalho, uma pessoa frustrada com a vida. Frustrado com tudo, frustrado comigo mesmo. Eu vivia sempre em psiquiatras em busca de medicamento. Na verdade quando eu saí do casamento eu consegui substituir minha medicação pela liberdade de assumir quem eu sou. (Leandro, 52)

Nas falas apreendidas, observa-se que não são todos os que desenvolvem condições psicológicas adversas, provenientes deste estresse provocado pela demanda contínua de conflitos. Santos & Peixoto Jr. (2019) em seus estudos fundamentam "na hipótese de que o adoecimento somático ocorreria com maior frequência e gravidade em indivíduos que apresentam uma organização psíquica específica que os torna mais vulneráveis a padecer de uma enfermidade orgânica" (p.2). Porém pode-se supor que em algum outro momento, na constância e acentuação do estresse, o indivíduo pode manifestar tardiamente sintomas orgânicos ou psíquicos, dentro de suas vulnerabilidades, mas não o suficiente para fechar um diagnóstico de transtorno mental.

Os estudos de Santos & Peixoto Jr, (2019) trazem a relação corpo e psique, mostrando a dualidade existente entre a ação destas duas instâncias, quando em dissonância do real desejo de desempenho, na necessidade de se adequar às normas cisheteronormativas impostas pela sociedade e a vontade de expressar os impulsos sexuais e afetivos. Em algum momento, este diálogo pode entrar em colapso e o sofrimento pode incorrer, seja no corpo físico ou no aparelho psíquico. Do mesmo modo Ben-Ari & Adler (2010) relatam em sua pesquisa, que os conflitos, assim como tudo aquilo que é ocultado "pode resultar em doenças ou reações relacionadas ao estresse" (p.107). E no entanto, a dissolução desta dor através de manifestações reais da mesma, do poder partilhar aspectos significativos da própria vida, "são importantes para manter uma boa saúde física e mental" (p.107).

Eu achei que eu estava com uma queda de pressão, muita sudorese, mãos geladas, pés gelados, e aí quando eu verifiquei a pressão, ela tava em 20 por 13. Aí fui direto pro Pronto Socorro, fazer eletro, parecia que eu tava tendo um infarto, um monte de exames... E eu fiquei uns 3 dias assim, casa, pronto socorro, casa, pronto socorro. A pressão, 20, 21. Não abaixava. E não tinha nada. Fiz um monte de tomografia, tudo normal, não tinha nada. E o médico falava assim: "É alguma coisa de emocional, o quê que você tá carregando, o quê que você está segurando? Você não tem nada, mas seu coração está a mil". E eu sabia o que que era. "Putz, eu vou ter que olhar pra isso, não tem como". (José Afonso, 44)

Nas 2 vezes que eu "se" apaixonei, o que não deu muito certo. Você entra em depressão, você fica cabisbaixo. Então a pessoa que está ao seu lado fica perguntando o que você tem, o que você não tem. Por isso que eu não quero mais isso não. Chega! (Gabriel, 40)

Há 5 anos, eu apaixonei por um cara... um dentista, um estudante. E eu fiquei muito apaixonado, eu fiquei sem comer, emagreci 7 quilos. Foi obsessão. Aí eu superei. Espero nunca mais apaixonar por homem, mas é difícil... (Nando, 58)

E o medo, né cara, o medo de doenças, isso daí... me assombra. Me assombra muito, né. Então tem que fazer com cuidado, com camisinha, etc. Mas doenças você pega até com beijo né. (Nando, 58)

Foi uma época do "boom" do HIV, lá na década de 80, 85, esses anos. Então eu tinha muito receio de contrair o HIV. Porquê? Por que era uma doença desconhecida, era uma doença que os recursos na época, eram muito precários em termos de medicação. Então, eu me refluí muito. (Fabrício, 79)

Era um rapaz interessante, 19 anos, então a gente tinha uma relação sem penetração, assim sem maiores intimidades. Era mais uma brincadeira sexual, porque era tempos de AIDS e, eu não aceitava nem penetrar e nem ser penetrado. Ele também era passivo, não tinha interesse na penetração, eram tempos difíceis, né. E eu acabei não me relacionando com ele, vamos dizer assim, de uma maneira mais íntima. Era mais uma brincadeira sexual de... brincadeiras mais superficiais. (Fabrício, 79)

Buscando aprofundar a compreensão da experiência vivida dos colaboradores, a paixão é um outro aspecto que aponta como grande fonte de sofrimento e depressão. Sentir-se apaixonado como em qualquer relacionamento no qual criamos laços de afeto, torna-se mais difícil para os homossexuais, uma vez que os riscos do encontro e desencontro de amar alguém simbolizam romper com o mundo sociocultural em que os indivíduos estão inseridos (Molina, 2011).

Segundo Bezerra & Justo (2010), este sentimento intenso e arrebatador fundado com o amor romântico, não seria capaz de sustentar um relacionamento na atualidade,

mais frágil e flexível, como bem apontado por Bauman (2004). Quando não encontram alguém como se deseja, a comoção de descontentamento emerge, ainda que sua busca seja incessante, com expectativas de perpetuação dos sentimentos. Assim, quando há algum desequilíbrio entre os pares ou falta de interesse, o sentimento e o relacionamento, como relatam os colaboradores, tendem a se enfraquecer e até a romper (Giddens, 1993), mas a dor, por sua vez se manifesta no corpo e na alma, sempre referida ou misturada ao prazer, identificada como tristeza, luto ou descontentamento.

A história da epidemia da AIDS, que até o final da década de 90 ainda se caracterizava como uma “doença homossexual” foi marcante, como relataram os colaboradores. O fato do vírus ser transmitido principalmente pela via sexual, expõe ao risco aqueles que se colocam sexualmente vulneráveis.

Apesar das campanhas da época e dos avanços nos estudos relacionados à medicação e às terapêuticas nos dias de hoje, ela continua sendo uma questão de prevenção extremamente importante para esta população. No entanto, entre os colaboradores, o relato de medos referentes ao assunto é persistente e a preocupação de levar alguma IST para casa, provoca pavor e ameaça. Mais uma vez o estigma sofrido por eles está presente.

No entanto, relatos de sexo sem proteção e sem outros cuidados, também aparecem. Tudo em nome do “vício” que o desejo provoca, assim como na expressão da “energia” que necessita ser explorada ou concretizada, provocando efeitos contraditórios. Mais uma vez acreditando que o “acaso os protegerá” (Britto, 2002).

Neste momento se narra o aspecto do adoecimento do indivíduo, o conflito evidenciado na busca da satisfação sexual, penhorada durante um período de sua vida, que determina o momento de entrega à realização deste desejo. Aqui se manifestam as descobertas e as entregas que o sexo possa trazer para sua realização. Juntam-se às suas dores e sofrimentos, o sigilo, os impulsos, a euforia, as seduções, os conflitos todos, as crises existenciais e mais os medos e culpas.

As descobertas e a necessidade de viver o desejo traz um homem cindido, de acordo com Ben-Ari & Adler (2010), ao objetivar a orientação sexual e muitas vezes crer

que possa ser um evento temporário, o "ser e o fazer" é incerto, desta forma se apregoa também na dualidade vivenciada na vida conjugal:

Contrastar a normalidade com o brincar, serviu para ganhar uma sensação de controle, permitindo-lhe decidir se isso fazia ou não parte dele. Esta divisão cognitiva serviu para normalizar a sua situação de vida e gerar um sentimento de estabilidade e segurança. As duas vidas não eram simétricas: a vida heterossexual era considerada "normal" e recebia a maior prioridade. A sua "coisa com os homens" era apenas um passatempo passageiro, implicando a homossexualidade, como temporal, insignificante; um objeto cuja excitação acabará por diminuir (Ben-Ari & Adler, 2010, p.109).

Estar cindido, deixa este homem vulnerável e propenso a outras exposições. As paixões são um campo fértil, do mesmo modo que ele fica vulnerável à doenças, mais uma vez mencionando que as fantasias e a crença de que não será acometido por dissabores impera, como nas falas de Lucas, 51: "Ela sempre me lembra que ela poderia ter pego uma doença venérea séria, porque eu fui muito irresponsável. Então, ela tem razão...", mostra o quanto ficou exposto a diversas possibilidades de acometimentos.

Apesar dos antirretrovirais na Pré e na Pós exposição (PreP e PEP), que estão a serviço da prevenção, pode-se evitar que novas pessoas se infectem pelo vírus HIV. É sabido que muitos destes homens, pela pedagogia existente na pornografia homossexual (Oliveira & Sales, 2023), a prática do "*bareback*" (sexo anal sem camisinha), tem crescido muito (Silva & Iriart, 2010). De acordo com Rafael, 43: "Eles não têm coragem de ir até o Centrinho para buscar a medicação, eu mesmo cheguei a buscar para alguns deles, eles têm medo da exposição". E complementa: "Mas não deixam de querer fazer sem camisinha".

A dor, independente das condições psíquicas ou somáticas no indivíduo, decorrentes do estresse gerado pelas consequências dos conflitos, provenientes da dualidade no relacionamento, do apaixonamento ou busca por sexo e contato com o corpo de um homem é um fenômeno que contribui para uma leitura da aflição deste homem que adocece por perpetuar um sentimento distorcido de sua realidade, através da possibilidade de uma escuta livre e de instâncias que sejam capazes de realizar um acolhimento adequado. A

afetividade, a leitura que ele fará de si mesmo, traz suas emoções, suas sensações e seus sentimentos, decorrentes do vivido, experienciado e sofrido. Santos & Peixoto Jr. (2019) dizem: “na medida em que apresenta uma concepção não dicotômica das relações entre corpo e psique e uma visão do indivíduo como um sistema complexo e aberto às relações com o entorno, a matriz de compreensão do adoecimento somático” (p.12), complementa-se que é convidado a encontrar outros espaços no constructo psíquico e elaborar ressignificações da dor.

Quando este vivido dinâmico está estagnado, é importante e necessário que seja a ele apresentadas as possibilidades de um Zóirós (a dor revisitada e ressignificada), para que tome posse de uma maturidade de pensamento, de uma apropriação dos signos e de encontrar meios para elaborar novos significados libertadores. No que diz respeito à pesquisa e ao *setting* terapêutico, é necessário que este sujeito, portador de um fenômeno que passa por um adoecimento, e que é aqui estudado, sinta que pode ser reconhecido por sua angústia e pelo desconforto, que o somatiza e o adocece, onde a fala e o acolhimento necessitam ter lugar.

Categoria 4. Subcategoria 11. No limite.

Um aspecto dos relatos dos colaboradores que chamou a atenção, é a presença de um sentimento de finitude: acabar com sofrimentos do qual não existe condições de suportar, não ver saída, não encontrar uma solução para contornar ou ainda vencer aflições, angústias, preocupações e tristezas.

A ideia “simples” de não mais existir, abandonar o constructo de uma vida, ou de um ideal do qual qualquer esforço para compreender ou vencer barreiras, dá-se como em vão. Resultante das crises e dos conflitos de quem faz parte de um contexto cisheteronormativo e foi educado para responder a ele, percebe dentro de si, desejos e afetos discordantes do apresentado. Assunto delicado de ser abordado, e que merece maior investimento em pesquisas para compreender os sentidos e significados atribuídos à esta vivência, a fim de auxiliar em específico estes homens.

Os entrevistados revelam conflitos no enfrentamento de sua sexualidade, pois a exposição resulta numa instabilidade emocional. Eles manifestam nos desejos de finitude, um estado de inferioridade e culpa, levando a sua vida a um estado de colapso. Falam de sentimentos que têm pelos “amantes”, que não tiveram por suas mulheres, ou do nível de envolvimento e expectativas que não foram suficientes para manterem ou investirem na relação com seus parceiros. É relevante apontar, que esta crise na existência e toda demanda de sentimentos provenientes dos conflitos gerados pela discordância dos desejos na comparação com os propósitos assumidos perante a família e sociedade, é resultante de "como a não correspondência aos ideais hegemônicos intensifica esse comportamento entre homens gays e bissexuais" (Baére e Zanello, 2020, p.4), por não corresponder aos ideais da masculinidade e virilidade esperados e desejados por eles próprios em consonância às respostas de uma sociedade que elege a cisheteronormatividade, como ideal de funcionamento.

O sentimento de desamparo e impotência que os atinge, leva-os muitas vezes, a uma diminuição extrema de seu auto-conceito⁶. Estes indivíduos mais vulneráveis à depressão, discriminação, uso de substâncias psicoativas, insegurança e suporte inadequado, seja familiar ou social, tornam-se intimamente susceptíveis a comportamentos ou ideação suicida (Carvalho et al., 2019).

Muitas frustrações apresentadas acentuaram as desilusões afetivas: falta de esperança em solucionar o conflito da dualidade, questionamentos do seu próprio valor como pessoa, a não vivência do que se deseja, dar voz aos seus sentimentos e à dor internalizada, que muitas vezes não conseguem e não podem ser expressados, às mentiras do que é exercido secretamente e os encobrimentos que somente diz respeito a eles próprios, mas que influenciam todo um contexto à sua volta, principalmente o familiar. Na maioria das vezes, a dificuldade em lidar com todos esses aspectos, é mantida em sigilo, o que não ameniza o sofrimento e efeitos negativos do estresse.

Nem todos procuram ajuda profissional pelo medo da exposição e pela repercussão que possa alcançar. Alguns colaboradores relatam ter bloqueios para tomar alguma atitude

⁶ Auto-conceito: Distorção do próprio valor como pessoa.

fatal, pois existem fatores preocupantes em seus pensamentos que desfoam a ideia suicida, como exemplo, a repercussão do ato e suas consequências, gerando medo e remorso na antecipação do sofrimento de um desgosto aos pais por verem um filho cometendo o suicídio. Outros revelam ter tentado de fato, por não conseguirem lidar com o contexto do conflito, pedindo ajuda à família, muitas vezes de forma velada, e não sendo atendidos.

A família ignora a dor e o sofrimento existente, não compreendem e negam a necessidade da ajuda profissional, acreditando que há soluções "caseiras" para o acontecido, como é relatado:

Aí chegou uma hora que o médico aconselhava a ir num psiquiatra, num psicólogo [...] Uma pessoa que ia pro Psiquiatra era considerada louca, então meu pai odiava essa ideia, ele ignorava essa ideia, ele não deixava eu ir, eu não podia ir, o filho dele não era louco. Eu to falando de uma forma grosseira, mas é uma tradução do comportamento que ele tinha na época. Aí... eu faço uma tentativa de suicídio e aquilo dispara uma "coisa" dentro da família.
(Antônio, 73)

Dessa forma, as relações familiares em que ocorrem reações de rejeição são apontadas em diversos estudos como fator de risco, quando comparadas com aquelas em que houve apoio familiar, muitas até interrompidas (Carvalho et. Al. 2019; Domingos, 2020; Medina & Millán, 2023; Oliveira & Vedana, 2020). A fala apresentada por Antonio, 73, assim como as outras que trazem uma ideação suicida, por mais que os próprios colaboradores enfatizem que há uma "brincadeira" na intenção, demonstra a solidão existente por não poder encontrar um lugar de fala e um local de escuta para a angústia vivida.

Deve-se levar em consideração, as datas e períodos vivenciados por cada colaborador. Por mais que seja uma expressão que os mesmos tendem a consertar, vê-se presente a dificuldade em lidar com o conflito, o desespero ambíguo de sentimentos passados e a ilusão de que seria melhor "não existir", que difere de não querer viver. Sendo o primeiro, uma fuga do conflito e da dor que aflige, e o segundo, acabar com o conflito e a dor com um ato de finitude. Estas expressões todas, revelam a intensidade do viver, a

violência dos investimentos, do descrédito e das transformações resultantes do choque de uma nova realidade (Cassorla, 2019).

E outra vez eu sofri, e outra vez quase que eu cortei os pulsos, e eu falei: "Não, agora eu não vou mais cair nessa". Cortar os pulsos é entrar em desespero. Eu fiquei desesperado, porque... o meu mundo, essa minha vida paralela tinha acabado e, a monotonia do casamento, da casa, com filhos e tudo o mais, era amenizado com essa vida que eu levava paralela.

(Ralph, 54)

No escritório eu conheci um outro rapaz e, aí acontece uma paixão. Que de novo eu fiquei velado. E eu fui ficando muito perturbado, não estava conseguindo trabalhar direito, porque eu sentia isso por ele... Então, isso gerou um conflito, uma depressão muito grande que me levou a uma ação na qual eu tinha muitas recaídas durante a minha adolescência, que era o desejo de suicídio. (Antonio, 73)

Você sabe que eu nunca falei dessa forma pra ninguém, mas eu imaginei que um dia eu falaria algumas coisas. Eu falo: "Pô! Eu queria dividir a minha história..." Porque eu vi... Eu tenho amigo que tentou se matar, e eu nunca tive isso. Porque eu me via assim, ainda que me causasse alguma angústia, por algumas coisas que a gente passa, desejo e etc. Mas nunca nesse... extremo. Como eu nunca tive um descontrole e, como eu fui propondo pras pessoas... terem experiências. (Namata, 56)

Cheguei a me apaixonar, cheguei a pensar a fazer besteira, que, inclusive... Cheguei em pensar em suicídio, né. Mas... não era correspondido, a pessoa com a qual eu me apaixonei me fez a proposta que eu saísse do relacionamento, pra que a gente assumisse o nosso... Mas era uma pessoa no qual eu já não confiava, e graças a Deus eu não fiz essa besteira. (Leandro, 52)

Então, isso foi me afundando cada vez mais. Foi mexendo muito comigo, a ponto de eu tomar remédios. Eu tava com pensamento de me matar, me

suicidar. Então foi um período muito difícil. Isso aconteceu assim que ela descobriu tudo. (Lucas, 51)

Durante esse período de eu descobrir quem eu era, que eu era gay... Eu entrava em muitas crises, por várias vezes eu quis, me matar. Isso foi recorrente, mas eu nunca tentei, me matar efetivamente. Mas porque? Porque eu pensava muito nos meus pais. Nenhum pai merece ver um filho morto. (Jorge, 56)

Dessa forma ele já tinha rompido comigo, afetivamente estava convivendo com outra pessoa, passando as férias com outra pessoa, quando na verdade eu tinha oferecido a mesma alternativa pra ele. Aí nós rompemos. Foi muito sofrido, quase morri. Pensei em me matar várias vezes... Mas claro que eu tenho filhos, profissão, isso me salvou, mas me doeu muito. (Guilherme, 79)

Estes relatos apontam dentre vários fatores, os de ordem social e relacional em manifestações associadas a pensamentos, comportamento suicida e atos auto lesivos. A autolesão mencionada, é especificamente utilizada como estratégia para alívio temporário de sofrimento intenso, enquanto o comportamento suicida, para alguns, uma alternativa reconfortante e efetiva para o término do sofrimento (Cassorla, 2019).

No estudo de Dias et al. (2021) buscou-se verificar se havia diferença significativa entre índices de suicídio da comunidade LGBTQIAPN+, representada pelos bissexuais e homossexuais, quando comparados aos heterossexuais. Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa, quanto à ideação suicida, na qual bissexuais e homossexuais pontuaram mais que os heterossexuais. Corroborando com esse resultado, Souza (2016) afirma que a taxa de suicídio neste grupo é significativamente maior quando comparada à população em geral e, para Fraser et al. (2018), "estima-se que a taxa de tentativas suicidas entre os indivíduos LGBTQ é de duas a sete vezes maior do que o observado entre os heterossexuais". Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2018), este risco aumenta em 20% quando vivem em ambientes hostis à sua orientação sexual.

Além de sofrerem preconceito fora de casa, também vivenciam com frequência situações de hostilidade, decorrente da sua orientação sexual. Portanto, a incidência de discriminação tende a aumentar em consonância com aparecimento dos sintomas

depressivos que por sua vez elevam o comportamento suicida (Carvalho, et. al. 2018, Dias, 2021; GGB, 2018).

Dentre os relatos aqui expostos pelos colaboradores, alguns demonstraram temor em assumir publicamente ou revelar sua orientação sexual, outros apresentaram falas de intolerância familiar e social. As frustrações nas relações homoafetivas contribuem para sentimentos de rejeição real e fictícia, marcando dependência afetiva, percepção de vazio e medo da solidão (Carvalho et.al., 2019; Neiva, 2019; Oliveira & Vedana, 2020).

Os estigmas relacionados ao enfrentamento do real desejo sexual dão margem à homofobia internalizada, reflexo da pressão da própria imagem que defendem e expressam para adequarem-se ao contexto cisheteronormativo.

Categoria 4. Subcategoria 12. Vida no Sigilo.

A vida no sigilo se confunde com a história da humanidade, a partir do momento em que os códigos morais e religiosos se entrelaçam e passam a representar a normatividade propagada, regulada, controlada e esperada nas ágoras em que se discute política e nas portas das instituições religiosas.

A vivência de uma liberdade do desejo sexual e o exercício dela, vem mudando através de lutas intrínsecas da psiquê humana e de muito sangue, suor e saliva dos movimentos que procuram assegurar respeito, acolhimento e reconhecimento da liberdade de ser o que se é e o que se deseja ser.

A partir de meados dos anos 90, o uso da tecnologia e da internet se intensificou, facilitando o acesso das pessoas em tempo real, possibilitando novos meios de interação e comunicação, trocas de experiências e confidências sem necessidade de divulgação da sua identidade, mantendo-se no anonimato. Desta forma, tornou-se um campo propício para vivências de relacionamentos interpessoais.

A internet pode ser também, especialmente útil para iniciar relacionamentos em circunstâncias específicas, como no caso de homens casados que procuram relacionamentos com homens, sendo a curiosidade e a exploração de conhecer outros homossexuais uma constante, associada ao desejo reprimido. Surge um “aventurar-se”,

diferenciado do que se conhecia até então, pois por mais que “banheirão” sempre tenha existido, como as saunas, e em grandes centros, os cinemas e bares específicos, a partir da internet muitos homens, como os de cidades menores e com acesso remoto, puderam estabelecer relações interpessoais virtuais, o que até então, dificilmente se permitiam.

Nesta perspectiva, um estudo taiwanês investigou os motivos para a busca de relacionamentos interpessoais em meio virtual, sendo os principais: o anonimato, conhecer pessoas novas, se comunicar, a curiosidade, a obtenção de apoio emocional, a compensação social, a distância do mundo real e a busca por afeto e por parceiros sexuais (Wang & Chang, 2010).

A abertura de acesso traz uma busca por práticas sexuais que ficavam nos campos da curiosidade, por mais parceiros, realização e satisfação dos desejos, algumas vezes associados às fantasias e fetiches. Esta proximidade e diversidade que a internet produz, facilita o “permitir-se”, caso contrário, muitos ainda estariam à margem da mediocridade normativa.

Muitos dos colaboradores se revelaram surpreendidos ao utilizarem destas facilidades midiáticas, ao depararem com a quantidade de iguais, casados, nas mesmas condições, em salas de bate papo, sites e plataformas específicas para relacionamentos, nos grupos de aplicativos de troca de mensagens e demais redes sociais.

Uma das situações que eu mais vi foram justamente as pessoas que vivem essa dualidade, para minha surpresa. Eu sempre imaginei que esse fosse o universo de pessoas assumidas. E na realidade não são. São pessoas que vivem o dualismo, saem desde a juventude com outras pessoas, com outros homens. Alguns com outros homens e outras mulheres, inclusive. Além da pessoa que está casada, namorando, noivando ou simplesmente ficando. (Ricardo, 53)

Eu me pergunto sempre, o que no final das contas é o normal? Pela quantidade de pessoas que eu vejo, pessoas da minha idade, onde existia uma opressão grande, uma dificuldade maior. Mas quando eu vejo alguém de 20 e poucos anos nessa mesma situação, onde, em tese, já é um outro mundo, uma outra realidade, que tem um pouco mais de abertura pra se viver

outras situações. Você não precisa viver uma vida de dualismo nessa faixa etária, tá. (Ricardo, 53)

Tive poucas relações com homens casados. Tudo gira em torno do fetiche né... A galerinha gosta de sair com homem casado. (João Miguel, 42)

O primeiro que eu fiquei apaixonado, ele também era casado, também 2 filhos, também mora aqui, a gente ficou junto por mais de 5 anos, eu e ele, casados. (Ralph, 54)

É como eu falei pra você, a maioria das pessoas que são casadas... casadas com mulher, que gostam de ter relação com outro homem, ficam assim... mais no sigilo, fica com medo, preconceito. (Allisson, 38)

Cara é bizarro (E riu muito). A maioria não assume isso. Então, me faz lembrar, por exemplo quando eu estava transando com esse parceiro e mais um terceiro, que a gente senta num sofá depois da transa e aí, 3 casados e eu falo: "Nossa! É muito louco isso aqui que a gente tá vivendo, né"? E o terceiro diz assim: "Mas o que que a gente tá vivendo"? Falei: "Como assim, o que a gente tá vivendo? A gente acabou de transar, a gente tem esposa, tem filhos". Ele respondeu: "Mas isso aqui não é nada, isso aqui é um passatempo. Não! Isso aqui não é nada. A gente tá só conversando aqui". (Matheus, 33)

Eu vejo muita negação, eles falam assim: "Eu não assumo esse lugar, eu tenho medo". "Eu tenho uma atração, mas eu não sou gay". "Eu gosto de comer, eu não gosto de dar, então eu não sou gay". É muito comum essa fala, o passivo é o viado. A questão do afeto é, enquanto a gente tá metendo pra gozar, maravilhoso. Tá ok. Quando a gente vai abraçar, assistir um filme, pedir alguma coisa pra comer, existe uma sensação como um siri na lata⁷. Havia um incômodo, um estranhamento. Enquanto você tá lá se pegando com o outro, brincando de luta, o sexo... Depois do sexo? Vamos embora.

⁷ Siri na lata = expressão usada no Nordeste para quem não consegue ficar quieto com alguma situação ou alguns lugares (Meio e Mensagem, 2022).

Levantou a calça, não lavou nem o pau, vai embora, porque não dá mais pra ficar ali. Porque isso é coisa de casamento. (Matheus, 33)

O que mais me incomoda é, a maioria dos homens que eu saí, no dia que a gente transa, ou no dia que eu via eles... Porque a gente se comunica, né... vira meio que uma comunidade sigilosa. Nós temos os nossos parceiros de conversa... "E aí você comeu quantos? Você pegou quantos? Como é que foi? Foi no banheiro? Foi na escada, foi aonde"? Todo mundo casado, todo mundo conversando entre nós. Mas é interessante. Nunca tem conversa de afeto do tipo: "Você se apaixonou"? Porque, geralmente a conversa é: "Quando eu estou me apegando, eu corto. Não quero problema, eu já tenho o meu casamento". (Matheus, 33)

No dia que eu transo com outro cara, eu posto alguma coisa no Instagram: "Amor da minha vida". Uma foto com a esposa. Muito mais comum do que você imagina. Eu já vivi isso e a maioria dos caras que eu converso... no mesmo dia que está batendo punheta ali, no *direct* do Instagram comigo, tá lá dizendo: "A mulher da minha vida", e posta um *story* e marca a mulher. (Matheus, 33)

No relato de Ricardo, 53, é observado que os conflitos existentes em homens que se encontram na faixa dos 50 ou 60 anos, apresentam os mesmos antagonismos dos de 20 e 30 anos, idade em que se espera uma sexualidade vivida com mais liberdade. Apesar de apresentarem um discurso responsivo às mudanças mais conscientes e maduras em ambas as faixas de idade, vê-se que a punição e o controle, institucionalizado por movimentos religiosos e políticos repressores e dicotômicos, continuam impondo normatizações rígidas, limitando o desejo e a liberdade. Reverberando assim, o conflito imputado pelas dúvidas e distorções reflexivas, alimentando os discursos de ódio e os pensamentos alinhados à hipocrisia (Noriega, 2015).

O sigilo é o lugar do medo, da culpa, da ansiedade, da angústia, dos remorsos, dos conflitos e da repressão, caracterizando deste modo, a estigmatização do indivíduo, os reflexos homofóbicos e preconceituosos até mesmo entre homossexuais (Noriega, 1997).

Muitos destes homens (Bruno, 26; Carlos Eduardo, 37; Rafael, 43; Desejo, 36; Lucas, 51; Jefferson, 44) tiveram acesso à uma diversidade de fantasias e fetiches sexuais, quando passaram a vivenciar a sexualidade com homens e como eles disseram: "passaram a viver a sexualidade em plenitude, podendo ser verdadeiros e livres para expressar o real desejo", sem temer serem julgados, estando diante de outro igual que vislumbra dos mesmos sentimentos e impulsos, apesar de se observar a mesma crença em relação à virilidade, para quem é ativo e quem é passivo.

Outro aspecto mencionando é o da negação do que sentem e vivem. Reprimem os sentimentos e procuram justificar uma cisheteronormatividade condizente com posturas assumidas diante do casamento, família de origem, que muitas vezes representa um peso significativo, principalmente para obter reconhecimento e aceitação. O mesmo pode-se dizer em relação ao grupo religioso e ao ambiente de trabalho, que mesmo não sendo homofóbico (que é pouco provável) por pressão de política social, se expressam dentro do padrão cisheteronormativo, garantindo a sua aceitação e inserção.

Apesar de todos os avanços considerados e as novas posturas diante da sexualidade, o homem ainda permanece o mesmo, regado às estruturas sociais que o normatiza, consolida e institucionaliza sua virilidade.

O sigilo possui diversas faces, mesmo entre os iguais. Nos relatos dos colaboradores percebe-se que falar sobre o assunto é muito difícil, algumas vezes, suportável, apenas em conversas com homens nas mesmas condições de sigilo, seja por serem casados ou por estarem inseridos em posição cisheteronormativa e assim precisam se manter. Complementa este raciocínio Hopwood et. al. (2019) quando menciona: "As pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo são motivadas a evitar a estigmatização e a violência homofóbica e algumas trabalham para se enquadrarem na forma relacional dominante, compartimentando a sua atração pelo mesmo sexo para se identificarem como cisheterossexuais" (p.7).

Quando iniciou-se as buscas por colaboradores desta pesquisa, houve um grande número de convidados, porém nem todos aceitaram falar sobre o assunto, devido temerem acessar as diversas competências psíquicas. Ter acesso e contato com estas instâncias, estar diante dos próprios conteúdos, traz algum mal-estar.

Ao relatar, o indivíduo necessita elaborar um diálogo consigo e construir o que chamamos nesta pesquisa de Zoirós, processando suas experiências, acessando emoções e sensações vivenciadas, que produzem reflexos no comportamento e nos sentimentos do vivido. Mais difícil ainda, estando ele numa redução fenomenológica diante do pesquisador. Ao serem convidados à entrevista dialogada, obteve-se as seguintes respostas: “Prefiro manter isso no sigilo”, “Não tenho nada a falar a respeito”, “Não me vejo nesta condição”, “Tenho medo de exposição”, “Temo a repercussão disso”, “Tenho medo disso se espalhar”, “Melhor não”. São expressões que traduzem que o “desejo” e o “afeto” por um homem, estão em um lugar muito privado, como relata o colaborador: “É algo tão secreto que é inominável” (Dionísio, 59).

Quando você apresentou a proposta da entrevista, eu mandei pra mais de 20 contatos, e todos diziam: “Eu tenho medo. Eu não me identifico com esse “lugar”! O mesmo casado que se sabe que pegou geral. No nordeste, o cara disse: “Não! Isso foi só na época da pandemia, eu to muito bem agora com a minha mulher” (E riu muito). Sabe, outros dizem: “Não! Eu não quero que ninguém saiba disso”. Então, é muito louca essa realidade (Matheus, 33)

O que eu ouvi de muitos amigos, é que é uma coisa muito traumatizante. Tanto os que assumiram que eram gays, quanto os que viviam a duplicidade. Então tinha todo um auto julgamento. Eu não tirava nada de mim ou de uma outra pessoa, por eu estar vivendo um momento de prazer, sem colocar em risco a relação que eu tinha. Eu não pensava dessa forma. Mesmo.

(Namata, 56)

Olha, eu já fiquei... vou ser bem sincero com você, fiquei com 1 cara casado que pro cara ficar com outro cara, ele tinha que se vestir. Vestir roupa feminina pra poder ter relação. Eu acho também que é um fetiche, da cabeça de muito homem, não todos. Mas assim, como eu falei pra você eu curto homem, mas quando eu vejo esse lado meio afeminado, eu perco o tesão.

(Allisson, 38)

Eu fui convidado por outras pessoas para viver experiências. Pessoas que são casadas, tem filhos hoje e que supostamente são héteros na verdade. (Namata,56)

Eu conheci algumas pessoas casadas, em sauna. Na sauna, geralmente a segunda-feira é o dia dos casados. Então, eles ficam presos no sábado e no domingo, e na segunda-feira, todo mundo vai pra sauna. Então eu já saí com muito homem casado, principalmente lá. Geralmente, eles estão com a aliança, não fazem questão de tirar, aí você pergunta: "Você é casado"? "Sou". "Com homem ou com mulher"? "Com mulher". E aí, para aí, entendeu? Eles querem tanto na frente quanto atrás, tanto minha quanto deles, entendeu? Então, não vai além disso. Porque se ele está naquele lugar, ele não quer ficar falando da esposa. Ele quer se divertir, satisfazer o eu dele e não ficar lembrando que tem uma mulher em casa, ele quer se satisfazer. Eu acho que de alguma forma pesa na consciência dele, sei lá... (Rodolpho, 52)

Pra mim, o mais importante, que me deixa mal com essa situação hoje, na minha cabeça, amadurecida, é o esconder. De verdade mesmo, já conversei com vários amigos casados que passam pela mesma situação. Sempre é esse o grande fator, meu e dos meus amigos que têm relacionamentos extraconjugais com outros homens. (Rodrigo, 31)

Eu converso com os garotos de programa e eu pergunto pra eles, e eles me falam que a maioria das pessoas que eles saem, são homens casados mesmo. Eu não saí com muitos, uma meia dúzia. Então eu pergunto pra eles: "E como é, eles são ativos, eles são passivos, como é?". E eles falam assim: "No começo eles querem ser ativos, mas depois eles querem mesmo é ser passivos". (Ítalo, 60)

O que eu percebi no Grindr⁸ o que tem de gente no sigilo... Acho que 90% das pessoas é no sigilo. E são pouquíssimos assumidos. E pessoas

⁸ Grindr = aplicativo de relacionamento dedicado às comunidades gay, bi, trans e queer lésbicas, bissexuais e transexuais

buscando por outras pessoas casadas, porque querem... porque acham que um outro casado será melhor pra se manter no sigilo. (Guilherme, 47)

Falar do ato sexual em si e dos múltiplos espaços no qual ele acontece, confundiria-se com a realização dos fetiches (os impulsos), com a disponibilidade dos encontros (a sedução) e as oportunidades de encontros (os espaços elegidos para que aconteça). O impulso, a sedução e o encontro, são marcados essencialmente pelo sigilo, pela ocultação de si mesmo (estando sempre dentro do possível no anonimato), não sendo ninguém, somente um corpo com desejo de saciar uma fome, sem identificação. Como relata Deleuze & Parnet (1998): “o desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente no campo social” (p.53). Nos dias de hoje há diversos espaços produzidos, adaptados e direcionados para a satisfação, a eclosão ou o transbordo daquilo que alguns colaboradores chamam de vício, enquanto ainda se encontra na configuração de pecado, medo e culpa. A diversidade como as saunas, motéis, clubes secretos, festas nos “apês”, orgias direcionadas a públicos específicos ou diversificados, parques públicos com espaços ocultos, banheiros públicos (rodoviárias, shopping centers, edifícios públicos, etc), escadarias de prédios, cruzeiros marítimos, dentre muitos outros lugares e possibilidades, prenunciam a chance da realização deste “segredo inominável”,

Os espaços onde ocorrem as festas são tidos como lugares que se destacam no cenário urbano, que cria uma espécie de dobra ou de fenda espaço-temporal e só aqueles que sabem ler os sinais ou que têm conhecimento prévio de sua existência, são capazes de reconhecer e de acessar (Barreto, 2017, p.177); caracterizando que o desejo se direciona aos ambientes para a complementariedade e/ou concretização de fetiches que provavelmente não serão realizáveis no casamento, alimentando a possibilidade de ser quem realmente é e deseja, no exercício da sexualidade.

Como diz Barreto (2017): “A divisão de papéis sexuais relativo à posição durante a relação sexual é tida como constituidora de nossas relações de gênero e sexualidade em vários contextos” (p.111). Para esta colocação, que muitas vezes é encontrado em diversas pesquisas científicas, quando se trata da discussão de gênero na universalidade homonormativa, dois tópicos são plenificados nas falas dos entrevistados: quando um

homem "ingressa" nas buscas da satisfação de sua homossexualidade, existe a preocupação da continuidade de um posicionamento ainda cisheteronormativo, sendo ele "ativo" na relação sexual. Posteriormente, com as experiências vivenciadas e as curiosidades por explorar as possibilidades de sua sexualidade, ele se permite ser "passivo", acabando por desmitificar o significado e a importância de determinado posicionamento. No entanto, a abertura permitida, que está intimamente ligada à expressão que é dada por eles, de viver a plenitude do que "é e deseja", pode incorrer em alguma preferência. "A dicotomia ativo/passivo tende a deixar de ser correspondente a masculino/feminino" (Braga, 2013, p. 30). Complementando com a narrativa de Barreto (2017), que categoriza "a versatilidade também pode ser entendida em termos de uma vontade inesperada, de algo que acontece no calor do momento" (p. 113).

Eu tive uma experiência que não foi muito agradável. Eu conheci uma pessoa pela rede social, eu já estava separado fazia 2 anos. Essa pessoa... tinha acabado de se separar também. A gente se encontrou 1 vez, eu falei um pouco da minha vida, ela falou um pouco da vida dela. Foi uma coisa de uns 20 dias pra acontecer tudo. Na terceira vez que a gente saiu, a ex-mulher dele percebeu as conversas no computador, porque eles ainda estavam na mesma casa. Ela me ligou, me chamou pelo nome, falou que eles estavam separados mesmo, falou que era para eu aproveitar, porque do mesmo jeito que os filhos dela... iam saber do pai, o meu filho também ia saber de mim. Me ameaçando assim. (Thales, 40)

Observa-se o medo associado a tudo, desde o início. Um mundo distinto, regado a todas as aflições possíveis, tendo a mentira da porta para fora do lugar onde se compartilhava o desejo, as novas possibilidades da porta para dentro, um igual que se pode confiar e expor sobre si mesmo. Os conflitos estão presentes dos dois lados.

Falei que eu não queria mais. A fala da ex-esposa era que eu estava atrapalhando o casamento. Mas ela confirmou que estavam separados. Isso me deixou muito mal e aí eu não mais atendia à pessoa. Ele apareceu na porta do meu trabalho, me esperou e conversamos. Eu falei: "Eu não quero mais, porque sua ex-mulher ligou e falou tudo isso. Boa sorte pra vocês, que

sejam felizes e eu não quero mais nada". Essa pessoa disse estar já apaixonada, e ameaçou: "Se você não ficar comigo, vou dar um tiro na cabeça dela, na sua cabeça e na minha cabeça". E aí então... (riu de modo angustiado) começou a me perseguir. (Thales, 40)

Eu tinha encontros meio forçados, porque... eu era ameaçado, se eu não fosse, ele viria no meu trabalho, ele ia contar pra minha família, bater no portão da minha casa. Ia contar pra minha mãe, pro meu filho se eu não fosse, me encontrar com ele. "Se você não vir, eu vou até aí e falo pra sua mãe. Se você não vir eu vou no seu trabalho. Se você não vir eu vou fazer mal pro seu filho. Se você não vir ou vou fazer mal pra sua mãe"... era assim. E com medo eu ia forçado. Isso perdurou por 8 anos. Você acredita? A única forma que ele tinha pra "me ter", era na ameaça. Eu não queria desde os primeiros dias que a gente se conheceu, eu não queria mais. Ele foi covarde? Bastante. E eu fui covarde de não enfrentar, entendeu? (Thales, 40)

Toda vez que ele me ameaçava, eu cedia, e eu estava sozinho. Nesses 8, quase 9 anos, eu tive várias reações negativas, de querer fazer mal pra minha vida, de planejar alguma coisa contra a vida dele, entendeu? Porque ele tava me colocando na parede, me encurralando como um rato. E eu não sabia o que fazer, eu não tinha saída... Até hoje, eu tenho medo. (Thales, 40)

Uma situação específica chama a atenção quando um dos colaboradores surpreende relatando sobre ameaças e violência psicológica acontecido com ele. Homem adulto, recém separado, sem nunca ter passado por nenhuma experiência homoafetiva anteriormente, relatando somente que sempre houve curiosidade sobre relações sexuais com homens e que a partir do momento que está separado, permite-se então, experienciar.

Os casos de ameaças e violências sofridas por homens adultos são subnotificados, tanto que pouco estudo a respeito existem e são vários os fatores relacionados a isso que inundam o espectro das relações homoafetivas e devido a diversos fatores, passam despercebidos. Segundo Pereira (2020), estes motivos estão relacionados a "barreiras à divulgação em três domínios, nomeadamente o pessoal (e.g., vergonha), o relacional (e.g., medo de repercussões negativas) e o sociocultural (e.g., mitos em torno da masculinidade)"

(p.20). Muitos mitos são estabelecidos que dificultam a visualização, a compreensão e a notificação dos abusos, sexuais e/ou psicológicos que um homem possa enfrentar.

Entre relacionamentos homoafetivos não é diferente. Os estigmas e os preconceitos a respeito da masculinidade, da virilidade e até mesmo devido à postura cisheteronormativa que muitos homossexuais defendem, fazem com que "vítimas do sexo masculino de abuso sexual tendem a resistir a retratar-se como "vítimas", porque esse rótulo minimiza a sua masculinidade" (Pereira, 2020, p.14).

Estudos realizados por Paiva e Figueiredo (2005) retratam que por volta do ano 2000, cerca um milhão de homens em idade adulta sofreram violências sexuais e psicológicas por seus parceiros no ano. Efetuando um paralelo na sociedade brasileira em 2023 (já que não possuímos dados atualizados, os dados podem ser inferiores ou superiores), considerando as populações relativas e observando-se que são culturas diversas, no Brasil, cerca de 750 mil homens sofrem violência sexual e psicológica por ano.

Alguns mitos, dentre outros, sobre o abuso sexual e psicológico ocorrido em relações homoafetivas, devem ser considerados, notificados por Paiva e Figueiredo:

1. Os homens ou rapazes não podem ser vítimas de abuso sexual, nem podem ser forçados contra a sua vontade;
2. Se um rapaz ou um homem tiver prazer ou uma ereção durante o abuso, significa que permitiu o abuso;
3. Se a vítima não tentar parar fisicamente o ato, não podemos considerar que se tratou de violência sexual;
4. Os abusadores sexuais são indivíduos desconhecidos das vítimas. (2003, p.18).

Apesar de não se tratar de uma forma severa de abuso, a sua ocorrência pode suscitar no indivíduo um estado de apreensão e tensão pelo medo da escalada, a propósito da resposta aumentada aos estressores pelas vítimas de abuso, que se reflete na (hiper) ativação do sistema endócrino e imunológico. (Paiva & Figueiredo, 2005, p.22).

As consequências que se instalam no indivíduo pela violência, trazem reflexos que podem perdurar pelo restante de sua vida e em suas relações. A insegurança e os temores assolam de maneira a crer que qualquer pessoa que queira se aproximar, ou que o mesmo deseja conhecer e ter um relacionamento mais eficaz, seja difícil de se estabelecer.

O abuso produz efeitos nocivos na vítima do sexo masculino, tanto psicológico como no funcionamento físico e social, aumentando o risco de sintomas. Estas vítimas podem experimentar vulnerabilidade, depressão, pensamentos suicidas, distúrbios de sono, problemas sociais, isolamento, disfunção sexual, e confusão sobre a sua orientação sexual se o agressor for do sexo masculino (Pereira, 2020, p.15).

Eu passei cada "batatinha" ali, que isso me transtornou de uma forma, que eu tenho medo de confiar nas pessoas, eu tenho medo de falar da minha vida pras pessoas. Essa pesquisa que você está fazendo caiu numa hora certa, eu acho. Não sei se eu to podendo contribuir ou não, mas eu estou podendo falar um pouco com uma pessoa que eu não conheço. Porque eu não tenho coragem de falar isso pra um amigo, pra pessoas mais próximas.

(Thales, 40)

Eu conheci 2 pessoas, nesses 2 anos pra cá, 1 advogado e 1 policial, eu me abri com eles. Eu consegui contar pra eles, e me disseram: "Não! Isso tá errado, não pode ser assim". Me auxiliaram como proceder e isso me deu força pra enfrentar, encarar ele de frente. (Thales, 40)

As ameaças e a violência psicológica revelam várias faces à vítima e ao abusador. Olhar para o vivido e compreender que o que foi sofrido, foi, ou é um ato de agressão, não caracteriza o furor do fato, podendo desempenhar ou desencadear na vítima uma estagnação das atitudes, movidas pelo descrédito de que aquele objeto que compartilhava o prazer é capaz de trazer dor, repulsa, conflito e medo.

Medir os parâmetros do acontecido há algumas décadas quando a pressão social era maior, o comprometimento com a religiosidade e com a família na continuidade das expectativas depositadas sobre o exercício do ser, aliado à um período de repressão política instalada no país devida à ditadura militar, configurava mais que dor, trazia culpa por não responder à normalidade aguardada e ainda servia de escárnio junto a sociedade.

Era o final da década de 70, eu tinha 17 anos e João 22. Fomos nos aproximando, nos abrindo sobre os problemas familiares, as coisas da vida, e quando percebemos, já estávamos íntimos e, daí para a cama foi apenas questão de não resistir. Mas, toda essa excitação tinha que ser reprimida

diante dos amigos e familiares. Nossa sociedade era só pré-conceito.
(Dionísio, 59)

No Colégio ele conheceu Camila. Começaram a namorar. Isso não me incomodou, pois eu mesmo já havia me relacionado com garotas. Às vezes, eu até me entusiasmava com o desejo dele... Depois do encontro com Camila, me procurava para transarmos. Era um modo estranho, mas prazeroso para ambos. (Dionísio, 59)

Fui me desligando, para não sofrer um impacto muito doloroso. Só que João percebia e me questionava. Eu dizia que ele estava para casar e que aquela não era uma situação que eu sonhava para mim. Feriado de carnaval eu passei 4 dias paquerando um rapaz. Trocamos números de telefone fixo. E o que restava era esperar que fizesse contato e, que desse “match”. E deu. Foram dias e meses de uma paixão grandiosa e cheia de afetos.

(Dionísio, 59)

Aquele que provoca a violência, pela perda do controle ou pela perda das benesses que usufrui, desencadeia um sofrimento que não está somente no violentado, mas nele próprio. A violência é resultante de uma pressão interna existente. Neste caso, nota-se claramente que o abusador passa por uma pressão familiar e social, procurando responder à sociedade, aquilo que ele usufrui numa relação de afeto, e que é verdadeira, porém que não corresponde às respostas da opressão. A violência se caracteriza na luta da continuidade do controle sobre o afeto e sobre a relação sexual, que para ele é a mais aprazível. A resposta à violência diverge, porém além do abuso, outros aspectos da vivência humana é manifestada ali.

Aquele que sofreu a violência pode concordar ou não com o vivido e por mais que seja ameaçadora, toma alguma atitude, pois observa as consequências das movimentações da relação. Paiva & Figueiredo retratam os mecanismos estressores e suas consequências:

O abuso no relacionamento íntimo pode, pois ser entendido como um estressor que suscita na vítima uma resposta interna, a qual compreende uma série de mecanismos, organizados num circuito que é ativado perante

uma ameaça percebida e cuja função consiste em preservar a vida do organismo, o que é habitualmente chamado de 'resposta de estresse.

(2005, p.247)

Eu achei que para João eu pudesse contar, mas ele não recebeu bem e tentou argumentar vários riscos e perigos que eu estaria correndo. Na verdade, ele sabia que o risco era todo dele. Mas como eu não dava ouvidos a ele, passou a usar outra estratégia, me ameaçar. Eu dizia que já não havia mais nada entre a gente, a não ser amizade, mas ele não se conformava. Percebendo minha resistência às suas investidas, jogou uma ameaça no ar, dizendo que iria contar tudo para meus pais, sobre nós e sobre Paulo.

(Dionísio, 59)

Me vesti de uma coragem que eu nem sabia que cabia em mim e disse que fôssemos ao encontro de meus pais para que ele contasse toda a verdade. Só pensava que ia me ferrar, mas que talvez fosse melhor assim. Poria um ponto final nesse segredo. O segredo da minha vida. Quando chegamos ao portão, disse que podia chamar meus pais, que podia contar tudo. Ele hesitou, não teria coragem de abrir o armário e sair, já que seu casamento estava marcado para breve. (Dionísio, 59)

O assunto é polêmico e gera muita discussão, no entanto é necessário ser examinado, conhecer os condutores da agressão, investigar aqueles que provocam e produzem estes atos, as origens das ameaças e das violências e as consequências das mesmas na vida dos vitimizados. Lembrando que "o interesse que este tipo de abuso suscita atualmente deve-se ao fato de muitas vezes ser o precursor de outras formas de abuso" (Paiva & Figueiredo, 2005, p.246). A controvérsia ao assunto se estende e merece adequação às violências e ameaças.

Vê-se algumas campanhas a respeito de abusos sexuais e psicológicos direcionados à mulher, à criança e ao adolescente, porém o assunto abrange uma dimensão maior, que merece ser pesquisado como diz Pereira:

verifica-se que existe uma lacuna importante na literatura científica sobre o abuso sexual masculino, que pode contribuir para a baixa visibilidade deste

fenômeno, a publicação de estudos científicos sobre o abuso sexual contra vítimas do sexo masculino pode ajudar a corrigir equívocos, contribuindo para que a revelação de uma experiência de vitimização sexual no sexo masculino se torne menos difícil e para que os mitos sejam quebrados. (2020, p.20).

No período de busca de possíveis colaboradores, contatou-se homens solteiros que tiveram relacionamentos com homens casados; solteiros que possuem fetiches por homens casados, sigilosamente; homens que estão separados ou divorciados e que foram indicados por homens que tiveram relacionamento com eles, enquanto casados. Foram mantidos seus lugares de fala, pois contribuíram com observações de suas intimidades, com homens que mantêm relacionamentos heterossexuais. Alguns convidados, mesmo sendo solteiros não desejaram participar, alegando medo de exposição dos homens no qual mantinham contato, numa forma de proteger a ligação que mantinha com eles.

A fala dos homens solteiros e/ou separados possui claramente uma postura diferenciada no enfrentamento quanto ao desejo, às buscas, à homossexualidade e ao julgamento. Principalmente entre os solteiros, existe uma visão distorcida de julgamento, semelhante à postura do meio cisheteronormatizante, postulando, claramente uma posição homofóbica e preconceituosa. Vê-se nesta postura um misto de fetiche pela condição viril, atribuída aos homens casados, e repulsa/inveja de uma situação que garanta a estes homens "casados" transitarem entre os dois mundos, incorrendo a malabarismos para manterem o desejo e o relacionamento cisheteroafetivo.

Alguns destes homens dão preferência de relacionar-se com homens casados pois alegam que estes mantêm o sigilo que necessitam, têm uma sensação de que são mais carentes e portanto carinhosos, bons amantes e fiéis. Possuem muitos relatos, e sempre aparecem com um julgamento de posturas, curiosidade sobre como lidam com esta "diversidade", alguns se apaixonam por eles e acabam fazendo uma exposição à família, à sociedade, no ímpeto de vingança quando se vêem preteridos ou abandonados.

Impressiona a quantidade de homens casados que estão em seus núcleos de relacionamentos cisheteronormativos, que abordam outros homens para sexo. Dados encontrados em estudos sobre prostituição masculina, gera uma percepção de que o número de homens casados que experimentam o desejo e o sexo com homens é muito

superior ao que se supõe, como no estudo de Santos et. al. (2023) que narra: "Essa clientela é formada em sua maioria por homens, heterossexuais, casados, que possuem desejos homossexuais latentes, mas que necessitam de discrição, pois o cone social atribuído à homossexualidade ainda é pesado, marginalizado e excludente" (p.9). Como revelou Ítalo, 61: "Eu converso com os garotos de programa e eu pergunto pra eles, e me falam que a maioria das pessoas que eles saem, são com homens casados, mesmo". Como já foi dito, difícil precisar por se encontrarem em um "lugar desesperador" (Dionísio, 59) e de extremo sigilo. Porém, como admira Rafael, 43: "É impressionante o quanto que estes casados abordam, o quanto que eles chegam junto".

Mas aí eu comecei a conhecer homens aqui da cidade próxima, geralmente homens casados. Nunca me interessei por jovens, nunca gostei. E os casados eles são... como eu posso dizer... mais fiéis, reservados, sigilosos, então eu tenho uma segurança maior. Eles têm muito mais vontade, desejo. Como eles são casados, eles tem outros sonhos, outras vontades na cama. A pegada deles é totalmente diferente. No começo eles ficam com medo, depois você vai passando uma confiança aí eles ficam a vontade, basicamente 95% deles são assim. (Cesar, 55)

Eu já tive paixão... mas por casados não. Só que eu tive uma paixão por um período, mas depois passou. Hoje, essa outra pessoa, ele é casado, e muito bem casado, ele gostava demais, então eu tenho as minhas dúvidas. Como é que aguenta. Ou tem com outros, não sei... Não vou perguntar não.

(Cesar, 55)

Então, uns 40% dos casados, eles tem fetiches, acho que é essa a palavra. Tem uns que gostam de usar calcinha, tem uns que gostam de umas coisas esquisitas. Eles gostam, mas eu falo, não tenho nada contra, mas: "Não faz o meu tipo, se você quer usar, o problema é seu". É meio complicado esses negócios sabe. Nossa! (Cesar, 55)

Eu tive um caso com um casado aqui da cidade. Nós tivemos um caso por uns 3 anos. A cada 10, 15 dias, a gente se encontrava. Tirei a virgindade dele, ele disse que foi uma experiência muito boa. Aí se voltou pra uma igreja.

Ficamos uns 2 anos sem a gente se encontrar. Antes a gente se encontrava, conversava, eu sempre dava uma cantada nele, e ele: "Não, não posso, não posso, por causa da religião". Aí a uns 20 dias atrás eu conversei com ele, dei umas cantadas mais forte, aí... em 2 semanas ele caiu. Ele disse: "Mas eu gosto, mas eu não posso. Mas eu gosto, mas eu quero"! É uma briga muito grande dentro dele com isso. (Cesar, 55)

Aí uma vez eu entrei em um toilette...Tinha um professor, casado, também com mulher, aí eu encontrei com ele ali no banheiro, aí eu vi que ele tava tendo uma relação com um cara, e eu fiz que não tava vendo nada. Depois a gente se encontrou em reuniões, e toda vez que me via, ficava meio sem graça. O tempo foi passando... aí eu conheci um cara também casado e eu fiquei um tempo com ele. Depois eu conheci um outro cara, casado, e fiquei com ele, uns 9 anos. Então eu percebo que, na verdade, na modernidade, homens heterossexuais, querem ter relação com outros homens. E muitos estão descobrindo... Eu conheci um cara casado, e ele diz: "Ah eu tô viciado. Eu sou monogâmico, mas eu queria ter prazer "desse lado", saber como que é... Eu preciso me abrir mais pra esse mundo. Eu não estou muito contente com a minha relação com a minha mulher. Eu queria até ter um homem fixo". (Falcão, 60)

E eu disse: "Mas você é casado"! "É, mas eu gosto de homem". Uns querem se separar da esposa, outros já separaram, preferem ficar com homens, se sentir livres também. Alguns falam que querem manter por enquanto o casamento, mas que querem continuar saindo com homens. Outras falam que nem têm mais relação com a mulher. (Falcão, 60)

Muitos desses caras, casados falam que já sentiam "isso", mesmo antes de se casar, mas que não tinham coragem. Mas aí a "emoção" foi aumentando e eles começaram, assim eles falaram. Eles tinham medo, mas queriam arriscar sair com homem. Todos os que eu me encontrei diziam que gostavam de sair com homens. Todos gostam. (Falcão, 60)

Vou ser bem sincero, 75% dos caras que eu saio são casados. São casados com mulher, tem namorada, tem uma vida totalmente à parte, isso não quer dizer que eles não são passivos. Já teve muito cara que veio aqui em casa, que eu disse: "Hoje eu vou transar e vou ser passivo". Não! A pessoa chegou aqui e aconteceu que eu de repente... eu que estava ali atrás.

(Carlos Eduardo, 37)

Agora se perguntar os perfis de homem que eu realmente tenho interesse, são os casados. É o cara que não vai te ligar depois... Isso não quer dizer que eu não gostaria que ele ligasse, por que já teve caras que a coisa foi muito boa, que você fala: "Nossa! Poderia rolar de novo. Mas não vai rolar".

(Carlos Eduardo, 37)

Muitas vezes aconteceram nesses ambientes que eu falo. Turmas de amigos. Aconteceu e acontece bastante, com homens casados, ou que namoram e tudo o mais. Tomando cerveja, não sei o que lá: "Ah, vamos tomar a saideira"? (rindo). E aí, o pessoal indo embora: "Vamos lá em casa, tomar lá em casa". E aí acontecia, vira e mexe tem uma oportunidade. Dessas pessoas, tem algumas que são contatos frequentes, então vira e mexe procuram. Eles vêm em busca do prazer deles, então é a necessidade deles naquele momento que impera e, geralmente são muito rápidos, entende?

(Tadeu, 49)

Isso é uma coisa que sempre me surpreende, porque são pessoas que às vezes você não espera que vá acontecer alguma coisa do tipo. Sempre pessoas da turma de amigos, que estão ali com suas namoradas, ou mulheres e, que cria-se uma situação que acontece. Isso acaba surpreendendo. E essas pessoas, por me conhecerem, e por saberem que eu não vou falar nada, acabam procurando, sabe? Geralmente são eles que procuram, porque eu não procuro. Mesmo porque essas pessoas têm seus relacionamentos e tudo mais, né. Então, fica bem que assim: "Oh e aí, beleza? Como é que você está?" "Bem, você?" "Vamos tomar uma?" Então, a

desculpinha é essa. Entendeu? Nunca se fala abertamente sobre o assunto. (Tadeu, 49)

Já peguei um monte de casado, um monte. Naquele "labirintus", o que tem de homem casado... pior que bicheira em boi. E tem! Já fiz tanta coisa "fii"... Orgia? Já... (e ri muito). (Juan, 32)

Nessas experiências, dos 20, até os 30 anos, eu conheci pessoas que eram casadas. Então conheci alguns homens que tinham esposas e que procuravam outros homens, né. Então, que eu me lembre, de duas pessoas, na época eles deviam ter uns 40 anos, eu devia ter uns 20 e poucos, e a gente ficou algumas vezes e depois a gente perdeu o contato. (Rafael, 43)

E hoje em dia, eles vem pelas redes sociais, Facebook e Instagram. Então eles aparecem muito, eles abordam muito, chegam junto sem medo. Isso é até uma coisa que eu fico admirado pela coragem. (Rafael, 43)

Na rua, por exemplo... quando um cara casado me para... esses me dão o contato deles, fala um horário, tipo, não posso falar, tal e tal horário por causa da minha esposa, em tal outro horário você pode. Tem gente de outra cidade, por exemplo, que tenta me avisar: "Ah, eu vou estar aí, você estará disponível"? Então, assim, mesmo que eu não tenha nem saído com essa pessoa, mas se ele vê essa oportunidade de concretizar todo esse fetiche, ele vai ficar tentando. (Desejo, 36)

Teve um que eu saí esses tempos que era casado também, ele foi bem bacana, mas ele falou: "Me come..." Eu falei: "Eu não gosto muito", ele falou: "Tenta"! Daí eu fui lá tentar e logo ele... gozou. Aí ele falou: "Ah, é a primeira vez que eu fiz isso". Aí eu pensei (puxando o olho direito em sinal de desconfiança): "Uhummm. Primeira vez? Tá bom, né gato". Então tem isso sabe... Ah, esse mesmo cara, inclusive, eu falei com ele acho que ontem, e ele queria. (Desejo, 36)

Estar com a Vida no Sigilo, revela que esta afirmação nem sempre vem à tona para se referenciar ao que se oculta, ou ao segredo que necessitam para viver o desejo. As expressões se travestem, como nas narrativas dos colaboradores a seguir: "É uma coisa

que eu me reservo, né. Não é uma coisa aberta" (Italo, 61); "Eu tento bloquear o que acontece fora de casa e blindar a minha família" (Jefferson, 44); "Eu sofri sozinho. Não conversei com ninguém. Com ninguém. Porque assim, as pessoas julgam a gente né. Demais. E eu não queria ser julgado" (Sayó, 48); "Aqui no interior é complicado, todo mundo se conhece geralmente, eee... assim, eu não detalho nada pra ninguém, mas a sociedade é muito preconceituosa" (Thales, 40). "E pra mim, é impossível assumir algo, nesse sentido, né. Seria a minha destruição se eu fizesse isso. Então eu to aí até hoje, na luta" (Nando, 58). A Vida no Sigilo vem acompanhada de dualidade e justificativas, manifestando o adoecimento de um homem cindido.

Quando é utilizada a expressão "No Sigilo" é preciso compreender o significado que a mesma proporciona aos homens casados, àqueles que já se separaram e até mesmo aos que não desejam contrair um casamento cisheteroafetivo.

A palavra Sigilo tem origem no latim *sigillum* (Dic. Aurélio) e significa: "segredo, oculto, mistério, o que não se conhece", designado também para dar nome ao selo utilizado para lacrar com cera, cartas e documentos direcionados a autoridades, de forma a garantir que será aberta somente por aquele a qual foi destinado, desde cerca de cinco mil anos atrás. O conteúdo contido dentro do selo, não pode ser mostrado, não se conhece. É algo que não se pode revelar a qualquer pessoa, pois é necessária discrição, é reservado somente àquele que é portador de determinadas comendas, portanto, em silêncio.

A fé e as religiões, muitas vezes se utilizam até os dias de hoje para professar o que é de grande valia e responsabilidade delas, afinal são "profissões de fé" indelévels e devem ser permanentes. A violação do sigilo pode ocorrer quando um destes homens se separa, afinal, ele sai de um determinado contexto, onde é possível compreender o lugar do casamento e o *modus operandi* do desejo homoafetivo. Acontece uma cisão do selo... E, aqueles que permanecem dentro de suas esferas cisheteronormativas se sentem traídos e os excluem do convívio, pois passam a ser ameaçadores de um *status* que "precisa" permanecer intacto. Eles vêm a saída do "grupo" como uma ameaça:

Quando eu falei no grupo de casados que eu queria me separar, sabe o que eu ouvi? Como assim você vai pro outro lado? Você não é igual a mim? Você não consegue ficar no sigilo?... Eles falam como se houvesse uma

necessidade de estar dentro do armário, dentro de uma relação heterossexual para poder ter relações não monogâmicas. Existe um julgamento, uma cobrança e até mesmo uma ameaça. Uma vez que você não está mais casado, você sai desta bolha de sigilo, de segredo, de interesse deles. O interesse está na manutenção de uma aliança no dedo. Eles passam a ser hostis, por você não querer fazer mais parte disso... (Matheus, 33)

Categoria 5. Vivências da Maturidade (dos 56 anos em diante).

Esta categoria diz respeito à vivência dos colaboradores na sua maturidade. Período demarcado para este estudo dos 56 anos em diante para estudo.

O posicionamento a respeito da sexualidade nesta fase, diverge de acordo com as conquistas e as mudanças de postura da própria sexualidade. Os conteúdos psíquicos nas diferentes idades estão apresentados, mesmo chegando a uma idade madura.

Um dos fatores relevantes é como se autodefinem, sexualmente. Dos 62 entrevistados, somente 2 disseram manter uma postura cisheterossexual, apesar de saírem, constantemente com homens, mesmo estando casados e na intenção de continuarem nesta condição. Os demais, se tiveram um relacionamento cisheteroafetivo em algum momento da vida, consideraram-se bissexuais. Os que saíram do casamento e tiveram experiências homoafetivas mais efetivas, declararam-se gays. Estudos apresentados por Silva (2020) são dissonantes, pois os homens, mesmo com atração e buscas constantes por homens, consideraram-se cisheterossexuais e exerceram um comportamento cisheteronormativo. Deve-se guardar aqui as devidas proporções culturais e sociais na existência destas diferenças de posicionamento. Outro fator relevante a esta desarmonia é o público alcançado e o modo de pesquisa aplicado. No entanto, em ambos, independente do modo como se autodenominam sexualmente, a postura e a conduta refletem o padrão cisheteronormativo que ambas sociedades esperam como resposta destes homens como modelo.

Em sociedades cisheteronormativas, como no Brasil, pessoas que vivem a diversidade sexual LGBTQIAPN+ estão relegadas à marginalização e à exclusão social.

São submetidas ao sofrimento psíquico e estresse pela estigmatização e pela condição de minoria, na qual impacta, significativamente na formação da subjetividade, na construção de autopercepção e autocuidado, bem como na construção de relações interpessoais (Borret et al., 2021).

Quando se vêem diante de uma circunstância de saírem do casamento, o *coming out*⁹, concebido através da aceitação individual da identidade homossexual, poucos conseguem posicionar-se como gays e se assumirem em meio à família e à sociedade. No entanto, não é incomum serem tomados por um sentimento ambivalente em relação à “confissão”. Afinal, lidar com um mundo onde aprendemos desde cedo a assimilar valores hegemônicos, é uma tarefa que exige um esforço de desconstrução, ainda tenso e penoso para a maioria, mesmo numa idade, onde assumiram para si a sua sexualidade, evitando exposição (Saggese, 2009).

Alguns destes homens descreveram o quão sofrido é este processo e o que suportam pelos estigmas e dúvidas, que os fazem repensar sua trajetória. A não vivência do desejo também traz consequências.

Muitos desses caras casados falam que já sentiam “isso”, mesmo antes de se casar, mas que não tinham coragem. Mas aí a “emoção” foi aumentando e eles começaram, assim... Eles tinham medo, mas queriam arriscar sair com homem. Todos os que eu me encontrei diziam que gostavam de sair com homens. Todos gostam. Eles gostam e gostaram. (Falcão, 60)

Teve um cara, do Rio de Janeiro, também casado, e aí a gente começou a se relacionar... Na época, eu estava em São Paulo e eu tinha que ir de carro pro Paraná pra resolver algumas coisas, e ele ia comigo. Ele vinha, nos encontrávamos, íamos de viagem, dormíamos no mesmo hotel, eu fazia as minhas coisas e voltava. Ele foi uma pessoa bacana, assim, que eu encontrei. Mas nada que eu me apaixonasse. Nada que eu sentisse assim: "Nossa, essa pessoa é a pessoa da minha vida, quero estar com ela o tempo todo, quero respirar o ar que ela respira, aquela coisa toda" (e riu). Estou pronto

⁹ *Coming out* = Sair do armário (em inglês), processo psicológico de revelação de orientação sexual.

pra amar. A verdade é essa, estou muito fértil pra amar. Tão fértil que eu tenho que tomar cuidado, falar assim: "Tenho que me policiar!" Eu não quero cair nas mãos de malandro, entendeu? (Nilson, 56)

Antes eu tinha umas neuras... Eu não gostava nem de pensar a hora que eu ia dormir, porque ela vai adivinhar os meus pensamentos. Isso aí foi passando eee... Tinha certos medos, né. Meu medo agora é ser pego. Não vou dizer que semanalmente... tem épocas que eu fico... que eu não preciso. Fico quietinho, né. Mas eu tenho umas pessoas que me curtem e eu curto. Tudo assim, na boa, sem compromisso, sem cobrança. Geralmente são solteiros, né. De vez em quando pinta um casado. E o medo, né cara, o medo de doenças, isso daí... me assombra. Me assombra muito, né. Então tem que fazer com cuidado, com camisinha, etc. Mas doenças, você pega até com beijo, né. (Nando, 58)

Eu converso com os garotos de programa e eu pergunto pra eles, e eles me falam, que a maioria das pessoas que eles saem são com homens casados mesmo, né. Eu não saí com muitos não, né. Uma meia dúzia. Então, eu pergunto pra eles: "E como é assim, eles são ativos, eles são passivos, como é?". E eles falam assim: "No começo eles querem ser ativos, mas depois, eles querem mesmo é ser passivos". É uma coisa que eu achei interessante. (Ítalo, 61)

Tem pessoas corajosas, eu conheço... esse rapaz, né? Assumiu perante a família, a família virou as costas, depois voltou. Mas é necessário muita coragem pra você assumir isso. E eu vivo uma vida dupla, né. É doloroso. Já foi mais difícil. Agora a gente vai acostumando, a gente vai ficando... você consegue atender o telefonema da esposa no Motel (e riu),... quase isso. Não vou falar que eu consigo. Uma vida dupla... ééé... desgastante... física, emocionalmente. (Nando, 58)

Os homens casados, não possuindo experiências com homens, demonstram curiosidade por tudo o que se envolve ao mundo LGBTQIAPN+, fazendo escolhas de

acordo com suas preferências sexuais e afetivas. Observam e apreciam de longe, sem demonstrar ou, como se diz no meio, não “dar pinta” (Rios, L. F. et al., 2019).

A partir do momento que se permitem direcionar o desejo por homens, não sabem ao certo o que os satisfazem. Observam que é uma vivência comum entre os iguais e que outros casados dão preferência a estes homens que buscam uma relação homoafetiva fora do casamento, mesmo que não se identifiquem com seus desejos, ou por serem legitimados em sua existência (Defendi & El Khouri, 2021).

Alguns dizem não entender o significado e a abrangência do ser “ativo ou passivo”. Este modelo de exercício da sexualidade, percebe-se pela recusa em explicitar os diversos fatores de medo, a doença ou o confronto com a virilidade questionada, existente na cisheteronormatividade propagada. Enquanto ser passivo, passa a designar o inferior, igualando-se a um posicionamento feminino (Costa, 2019), demonstrando nesta expressão a localização hierarquizada da sociedade machista. No entanto, a atração e o desejo de contato com o corpo masculino é grande, e é o que os impulsiona permitir-se.

O sigilo, aspecto fundamental deste estudo, pode ser considerado uma estratégia utilizada por grande parte dos homossexuais, durante algum período de suas vidas, geralmente enquanto ainda não são capazes de assumir sua orientação sexual, optando-se em encobrir ou ocultar seus desejos afetivos e sexuais. A revelação, inadvertidamente se torna tão ameaçadora e aterrorizante que a negação é a única saída psíquica que eles encontram para lidar com este sentimento considerado, inaceitável. Em consequência, estes homens podem passar a vida procurando esconder sua orientação sexual (Nunan et al., 2010).

As chamadas “neuras”, referenciadas por Nando, 58, são carregadas destes medos e de atitudes ameaçadoras. Na busca de colaboradores para a pesquisa deparou-se com dezenas de homens, que se esquivaram, cuja resposta ao serem convidados à entrevista foi: “Quero não, tô de boa”! Estes homens se reportavam ao sigilo e à necessidade de permanecerem neste “lugar”. “Final, ninguém pode desconfiar de uma coisa destas”, completavam. Fazendo ressalvas à própria vivência, dizem que na realidade sempre

sentiram atração e desejo por outros homens, porém faltou coragem para assumir, mantendo-se no armário (*in the closet*) numa vivência de angústias, conflitos, sofrimentos e muito desejo.

A maturidade traz certa tranquilidade, uma sensação de que os tormentos já não são tão expressivos e o pior pode não mais acontecer. O medo vai se diluindo, enfraquecendo. A experiência social revela o comportamento sexual de pessoas com mais idade, num histórico manifesto de homofobia internalizada, o engajamento a um contexto social cisheteronormativo presente no cotidiano, na religiosidade e nos demais fatores que o distingue. Acentuam sua posição e sua reputação diante de um enquadramento que o imputa uma "normalidade" natural de postura como macho viril. A aflição do conflito da sexualidade continua em menor grau, mas presente, com uma avaliação do que foi feito de seus desejos, o que conseguiu exercer e o que foi reprimido num misto de realizações e frustrações.

As fantasias que jamais se perdem, são vívidas e constantes, como relata Carlos, 64: "Fico abobado de ver São Paulo, que é assim, a plenitude da pessoa, entendeu ... É maravilhoso isso. Mais ainda eu tenho que me conter em vários aspectos". Esta fala retrata tanto a fantasia persistente, como o remorso por não ter usufruído do desejo, da liberdade e da vivacidade de ser. As amarras da cisheteronormatividade frustram e escravizam (Costa, 2021).

Porque relacionamentos trazem problemas desde que o mundo é mundo. Mas sem dúvida, hoje eu me sinto muito mais autêntico, nessa personalidade que eu tenho, do que naquela que eu tinha que ficar dividindo, né. Sofrimento não. Provocava auto regulação. E aí vai de maturidade. Mas aí, eu acho que tem a ver com minha condição familiar. Eu tive de amadurecer cedo por ter uma família muito maluca, assim. Muito... (Namata, 56)

Quem é culpado? Ninguém é culpado, nós estamos aqui todos na mesma merda. Nós estamos aqui todos para aprender, quebrar a cara, pra errar, para descobrir, então, se culpar de quê? Porque a igreja falou não sei o quê? Porque a etiqueta social não permite que você faça determinada coisa. Que sei lá... que você anda fora da moda, porque teu cabelo tá horrível. Ah não!

Dá licença! O fato de eu ser assim... eu sei que eu incomodo. Então, eu procuro ser ameno, não ser agressivo; porque eu já fui muito, já fui muito impositivo pra defender essas posições. Então, a gente fica "véio", a gente vai ficando mais calmo com isso, mais tolerante, ter mais paciência com o outro... São aprendizados. (Antônio, 73)

Sentimento de culpa religiosa, definitivamente, não. Social...? Culpa também não. Não sei se medo. Um certo receio, vamos dizer assim. Um receio, de certa maneira. Praticamente nós estamos falando de bastante tempo atrás, era menos natural. Hoje em dia, as coisas mudaram de uma maneira impressionante. Mas, naquele momento que eu tinha meus 20 anos, era menos comum, ou menos aceito... Então, aquilo era um ponto da minha vida. Era um ponto que de alguma maneira pegava, mas não que eu sentisse culpa. Eu acho que eu não sentia culpa. Culpa do que? Eu não tinha tomado nenhuma decisão. Poderia sentir culpa se eu tivesse traído. Então, seria culpa por traição, digamos assim. Mas culpa por eu sentir uma atração por alguém. Eu sentir algum tipo de tensão, né, assim como aquele meu amigo, eu não sentia culpa. Fazer o quê, era o que era. (Tônico, 60)

Não tem como eliminar esse sentimento, né. Agora, a parte da religiosidade que vem junto. Não posso nem me batizar, né, como eu vou fazer?... Se eu quisesse. É muita hipocrisia da minha parte. Aí vou sendo feliz, me dou bem com a minha família. Eu tenho que representar um pouco, não posso ser eu, totalmente. Falar tudo o que eu acho, né. E aí, vamos seguindo em frente. A minha geração é muito difícil assumir isso. (Nando, 58)

Sensação ao voltar pra casa!... Culpa! Culpa e desespero, porque eu não tinha, vamos dizer, uma reciprocidade. Eu acredito que a minha ex, poderia estar afetiva, me receber bem, ser mais cálida, mais amorosa, mas o que eu tinha em casa era muita cobrança. (Fabrício, 79)

Se no passado a homossexualidade era encarada muito mais como prática transitória, hoje ela está constituída como parte integrante da personalidade dos sujeitos. A

redução fenomenológica sempre nos propicia retornar ao sentimento vivenciado, o mais próximo do tempo real (Bello, 2004). Percebe-se um discurso que enfatiza uma maior “liberdade”. A aflição, os medos e as culpas trazidos pelos colaboradores são presentes, ao mesmo tempo em que, o desejo necessita ser direcionado ao que os tornam eles mesmos. Este “desejo” não é manifestado na maior parte das vezes. O processo para se alcançar o entendimento passa por aquietações e sofrimentos, quando é permitida uma integração daquilo que vivencia a homossexualidade na vida cotidiana (Saggese, 2009).

Então... houveram lances na minha vida, nessas passagens, que também... me destruíram. Então, era uma coisa assim, não era nem um lado, nem o outro. Era uma loucura, certo? Então... uma dualidade, vamos dizer assim. (Nilson, 56)

Sempre tive medo. Sempre tive medo de doenças. Medo das coisas, medo de ser descoberto. Sabe? Eu talvez ainda... O que me ajudou a me separar, que eu percebi que ela já estava se aproximando dessa situação, de descobrir sobre mim. (Nilson, 56)

Porque esse código moral, no qual meu grupo familiar, meu grupo de amigos, estamos inscritos... não batia com meu desejo. Isso dava dificuldades terríveis, terríveis. Você imagina como... como uma pessoa que sente que está fazendo tudo errado. Que seu desejo é errado. Errado, pecado e criticado. Que agora ainda existe uma tolerância maior. No meu tempo, nos anos 70, 60... 70, isso não era aceito. Hoje é mais. (Xavier, 65)

A maturidade faz os colaboradores observarem a conduta de suas vidas de modo mais realístico e com mais possibilidades. No entanto é perceptível a dor, quando retomam ao passado e trazem à memória as emoções sentidas nos dois aspectos, a descoberta e a vivência da homoafetividade, e a retomada da postura que os delega aos chamados códigos morais. A aflição os leva estar entre o céu e o inferno.

Este processo de revelação social ou de “saída do armário”, impõe uma constante reflexão sobre a relação custo-benefício em revelar ou não, sua orientação afetivo-sexual. Exercer ou cultivar o padrão hegemônico cisheterossexual de homem, pelo menos para

alguns, provoca conforto e prazer, outros, preferem o encobrimento, construindo múltiplas identidades, a título de preservar sua privacidade, a partir da narrativa de vivência de uma “vida dupla”, sendo estas alteradas e (des) construídas ao longo da vida (Oliveira & Gomes, 2021).

Eu fui um cara extremamente sexualizado, eu fui... e sou muito sexualizado. Mas hoje, o meu lado emocional é muito mais forte que o sexual, entendeu? Depois que eu comecei a ficar com homens, eu comecei a analisar o meu desenvolvimento. Eu vejo que eu sempre fui associado ao mundo gay, sempre fui gay, sempre tive atração por homens, embora eu não entendesse aquilo e não achasse que era uma coisa incomum. (Pedro, 60)

Com minha esposa estou totalmente sem ereção, sem vontade. Gostaria de ter, mas é zero. O desinteresse por mulher aumentou à medida que eu saía com homens. Até o ponto de não ter o mínimo de vontade. Tem alguns caras casados que não beijam quando saem com outro cara. Eles dizem que é pra ter algo de cumplicidade com a mulher. Eu perdi tudo, toda vontade, infelizmente. Mas eu sou viciado em sexo. Eu não sou mais tão potente como antes, preciso de um... tenho 58... metade de um azulzinho mastigável, né, se não... Se eu for fazer o papel do ativo, preciso de um reforço. O contrário não, aí eu nem uso. Percebeu que eu sou flex, né. Flex 5.8 (e riu muito). É isso aí, tamo na luta. (Nando, 58)

Hoje eu me considero, totalmente gay, gosto só de homem, não tenho o menor interesse por mulher, acho bonito, às vezes passa uma mulher bonita, mas não me atrai, nem um pouco. Então, a sensação é essa, um processo gradual de autoaceitação e a partir daí, você está aberto a conectar o desejo com a... com o sentimento né. (Marcos 2, 56)

Eu gosto de homem. Eu não sei a palavra certa. Até hoje, eu não sei porque eu sou assim. Porque eu tive uma formação cristã, católico, depois evangélico, e pra formação cristã isso é uma aberração. É um pecado mortal, é um pecado que não tem perdão. Um pecado que quando eu morrer eu vou

pro inferno. Essa é a formação cristã que eu tenho. Só que a minha mente pensa, porque que é errado eu amar uma pessoa do mesmo sexo do que eu? Porque é errado eu ter relações sexuais com um homem como eu?

(Jorge, 56)

Eu não tenho nenhum sentimento de medo ou de culpa. Eu tenho ameaças, né. A minha esposa, ameaça a contar na escola, minha esposa ameaça a contar na Loja Maçônica que eu faço parte, isso aí só. Não tenho remorso também, só tenho a culpa do meu filho não ter entrado na faculdade por causa de mim... Acho que isso não está muito certo. Não sinto remorso em relação a minha sexualidade. (Massimo, 60)

Os homens que saíram do casamento e aqueles que estão casados e passaram por um processo de aceitação de sua sexualidade, relataram que "aceitar ser gay" foi um processo longo e doloroso. Mesmo aqueles que vivenciaram relacionamentos homoafetivos estando casados, dizem que não sabem como identificar o que são, nem seus sentimentos. Quando possibilitam o "permitir-se", através de investimento nos impulsos sexuais, enfrentamentos pessoais ou através de terapia, dizem ser possível configurar o que chamam de liberdade. Para alguns, com a maturidade, as imposições sociais já não fazem tanto sentido.

Numa temporalidade, homens a partir dos cinquenta e seis anos, que estiveram presentes à repressão dos anos 60 aos anos 90, carregam visões, ainda estigmatizadas e uma institucionalidade da heteronorma-conduta dominante em diversos segmentos da sociedade (Ramos Filho, 2023). Relatam que acompanharam o desenvolvimento da sociedade e dos homens com afetos homossexuais e percebem mudanças de comportamento, no que se refere às práticas sexuais e aos relacionamentos em si (Ciasca et al., 2021).

O processo de assumir a própria verdade pode gerar novas dinâmicas na qualidade dos relacionamentos. No discurso de Nando, 58, o peso da culpa persistente e reguladora, o mantém adequado às expectativas próprias e de seu entorno. Existe nestes homens, algumas suposições equivocadas, como de apontarem o erro a outro, muitas vezes à

“parceira”, principalmente aqueles que já não estão vinculados mais a ela, para livrarem-se de sentimentos que ainda estão vivos e em sofrimento. A intelectualidade, aqui no sentido reflexivo, faz projetar a culpa para aplacar a própria angústia, diluindo assim a dor. Quando descrevem a falta de afeto da esposa ou da ex esposa, intui-se o ideal de mulher “vitoriana”, submissa e doce. Posição de pensamento que não cabe mais do mesmo modo e que reforça a visão machista da virilidade institucionalizada, colocando-se em posição de supremacia, mesmo não se identificando assim. Por acreditarem passar por processo de entendimento de vida diferenciado frente aos homens de visão cisheteroafetiva, continua-se respondendo à institucionalidade cisheteronormativa aprendida, na observância e nos anseios da sociedade. Alguns creem que o afeto feminino traria “cura” para o desejo homoafetivo. Esta postura é mais uma resposta para diluir a culpa por não se existir de acordo com a heteronormatividade (Ramos Filho, 2023).

A manifestação de acreditar que o casamento poderia salvar a heterossexualidade pelo reforço do afeto feminino, é um fato não exclusivo de homens que possuem 56 anos ou mais. Homens na faixa dos 20 ou 30 anos de idade, ainda acreditam que o casamento pode tirá-los da procura por sexo com homens, demonstrando a dúvida no contexto histórico e social. Apesar do avanço no respeito aos direitos da homoafetividade, a sociedade começa a elaborar conceitos apropriados à conquista da igualdade, sabendo que há muito a ser desconstruído nos preconceitos e na construção de uma sociedade mais justa e ética.

Existe um campo do conflito que merece ser observado. Os homens que permitem-se viver o sexo e o afeto homossexual, por mais que consigam perder o peso da cobrança da virilidade, usufruem de uma postura reguladora das conquistas afetivas e econômicas que os mantém no mercado competitivo.

Os homens que estão na maturidade e que mantiveram-se nos casamentos, e os que saíram dele, quando relataram o período que se permitiam as “escapadas”, retrataram um sofrimento profundo por viver a traição, com medo e culpa pelas exposições que se submetiam. A partir de meados dos anos 80, a mídia já explorava posições mais avançadas sobre a homossexualidade, apresentando um “estilo de vida”. Por um lado os avanços das

liberdades de expressão da sexualidade e por outro, o estigma da epidemia da Aids, amplamente noticiado, alimentando no senso comum de que todo gay poderia ter HIV (Sorofobia¹⁰). Dificultando-os a viver seu desejo, se assumirem e revelarem sua orientação para suas parceiras e/ou família. O terror maior estaria na desonra que a contaminação pudesse representar: o peso do código moral, em duelo com a satisfação dos impulsos sexuais. Guerra sem precedentes, cuja vitória está numa possível conciliação dos dois mundos (Almeida, 2021).

Alguns colaboradores relataram a perda do interesse por sexo com suas esposas ou por outra mulher, a partir do momento que o interesse e a busca pelo corpo masculino se intensificou. Expressaram que "o homem sabe onde tocar e o que fazer", "a pegada é mais forte", e utilizaram outros adjetivos para justificar a preferência e a necessidade de viverem a entrega à intensidade de um prazer em plenitude, não antes permitido. Perceberam que há um potencial maior de exploração sexual e possibilidades, que anteriormente estava na curiosidade ou na proibição. Olharam para o pecado com autorização, refazendo conceitos, diluindo preconceitos e posturas.

A intensidade do novo proibido e as conquistas que mudam de posicionamento, fazem sentir que o concorrente agora é mais criterioso e exigente, investindo mais no próprio corpo, conforme a fala de Nilson, 56: "Eu procurei um médico de medicina esportiva falei pra ele: "Oh! Eu quero ficar fortão (rio muito). Quero ficar bombado".

Neste estudo observa-se que 75% dos homens pesquisados procuram atividades físicas e que estar com o corpo em dia poderá despertar desejo. Quanto mais resposta à sexualidade é obtida, mais interesse é investido para as conquistas, sendo que o estímulo de outro homem desperta uma resposta mais intensa e prazerosa. Aos poucos a intensidade da resposta sexual e o interesse por sexo com uma mulher, vai diminuindo. Quando passam a aceitar o desejo e os reflexos do que lhes provoca, observam menor resposta erétil.

Bom, enfim, eu entro em alguns banheiros públicos, dou umas olhadas, já dei uma pegadinha, mas eu tenho... eu moro numa cidade pequena no interior,

¹⁰ Sorofobia = preconceito e discriminação contra pessoas que vivem com HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana).

eu tenho muito medo. Eu tenho muito respeito por ela, pela nossa relação. Eu sei que ela não aceita e eu não quero muito menos que aconteça uma situação desagradável dentro da cidade. (Gregório, 61)

E ele veio a substituir assim... a minha mulher, a atual, esse sentimento de vazio. Preencheu muito. Eu fiquei muito feliz nessa época. Foi muito intenso. E eu sou um cara meio morno, então, quando uma pessoa morna vive intenso, é muito bom. A sensação dela de prazer, daquilo que não podia ser feito, fazer. O sexo é muito importante pro ser humano, né. Agora eu to achando que deveria ser menos importante. (Nando, 58)

Não tenho remorso não, eu tenho frustração de não ter tido um casamento que me ajudasse a encontrar a minha heteronormatividade, vamos dizer assim. Tenho um sentimento assim... ééé... não é de falha, de um desencontro. Pra você ter uma ideia, depois da nossa separação, eu tive muitas evidências, de que a minha ex estava se relacionando com mulheres. Faz sentido? Tive muitas evidências. Muitas. (Fabrício, 79)

Eu me arrependo de não ter sido ousado, ter falado: "Não! Eu quero"! Acho que até esse momento, eu não tinha descoberto. Eu não tinha tido nenhum tipo de pensamento. Vim a ter mais tarde... (Gregório, 61)

O relacionamento aqui está meio complicado, não estou mais conversando com o meu filho, e a minha expectativa é tentar acertar o meu caminho, pra que eu me sinta mais feliz, porque do jeito que está não tá dando.
(Massimo, 60)

Falei: "Vou tomar uma posição na minha vida, e eu vou sacrificar a minha sexualidade de certa forma, mas eu vou começar uma nova vida". E... acabei acostumando. Agora, há um bom tempo não tenho tido relações sexuais, nem com ela, nem com ninguém, apenas vontade. Primeiro era medo, medo de ser pego. Mas era legal, eu me satisfazia e... acabava, simplesmente, acabava. Às vezes, era com a mesma pessoa, porque esta pessoa, também tava namorando, então era tudo muito discreto, não é como hoje. Hoje seria

totalmente diferente, a vida, o posicionamento, a aceitação, entendeu?... Foi numa época muito de repressão. (Carlos, 64)

Nunca tive uma relação, nunca tive uma penetração. Não aconteceu. Era assim... eu tinha vontade de ter um... uma... um triângulo, né. (Gregório, 61)

Na dinâmica dos casais surgem desafios estressores específicos como: medo da companheira descobrir, de uma resposta sexual não adequada com a esposa, da exposição diante da família e da sociedade, dos filhos se afastarem, de encontrar um companheiro que o pressione, motivando a preferência de se relacionar com outros homens casados, pois eles conhecem os mecanismos da vida conflituosa.

Apontam ainda os medos dos conflitos internos, que trazem as descobertas, o das preferências sexuais estigmatizadas pela virilidade, que são discordantes dos estímulos sexuais experimentados e que melhor respondem às suas satisfações. Medo, também dos reflexos de questões financeiras distorcidas e impactantes, que geram pesar e remorsos, como o fato de gastarem com amantes ou pressão de abusadores. É possível acrescentar ainda, o medo da solidão, da não correspondência do afeto empregado a um homem, de forma saudável, autêntica e prazerosa, conforme o desejado, e também das consequências de um envolvimento na sua dinâmica de vida e do seu entorno.

Hoje, o que é relevante pra mim é o seguinte... É muito difícil a gente encontrar um parceiro que realmente queira ser companheiro, ser leal, em todos os aspectos. Até por que, veja bem, eu já tenho... ééé... 58 anos, e hoje, tenho as minhas limitações, né. Até por conta dessa diabetes. Então assim... Uma coisa que prejudica muito, às vezes, hoje, um relacionamento meu, é justamente essa questão da pessoa aceitar eu no todo. Porque você sabe que a diabetes, ela causa às vezes... ééé... um transtorno, e que prejudica muito... a ereção. Então, às vezes isso, num relacionamento, se a pessoa não ver a outra além do sexo, ela vai se perder em relação a todo o relacionamento, mesmo sendo um relacionamento homoafetivo. Porque eu acho que o relacionamento vai muito mais além do sexo. Porque quando a gente chega numa determinada idade, às vezes o sexo é mero complemento. (José, 58)

Até meu filho, a geração do meu filho... Acho que está entrando naquilo que eu acredito, né. Não tem gênero, tem sexo, de todas as formas. Outra coisa também, que eu ouvi de algumas pessoas, é que: " Ah! Eu nunca consegui me relacionar com uma mulher"!... "Ah, eu me relacionei... mas foi algo forçado"... Sabe essas coisas? Pra mim foi bom. Hoje, eu acho que é meio difícil porque eu estou construindo as minhas relações homoafetivas e gay, tal. (Namata, 56)

Neste momento da historiografia dos colaboradores, os interesses e as curiosidades persistem travestidas de frustrações. Gregório, 61, expressa bem: "Eu me arrependo de não ter sido ousado, ter falado: "Não! Eu quero"! Carrega um peso do qual não acredita mais em poder resgatar uma vivência de uma sexualidade de forma plena, como outros conseguiram em distintos momentos de suas vidas, na inteireza de conseguir manifestar-se em absoluto, sem estar omisso consigo mesmo (Cardoso & Rocha, 2020).

O tempo passou. Apesar da idade e da maturidade, o duelo interno e as curiosidades, persistem: a busca da felicidade não se define, afinal o monitoramento da família e da sociedade, associado ao peso da culpa é maior. A famosa "moral discordante" faz tomar decisões de persistir no conhecido e confortável, mesmo que frustrante.

É a partir deste momento, que o medo de ficar só, também se manifesta. A dificuldade de encontrar quem compartilhe dos mesmos ideais de busca e que aceite seu corpo e sua idade, amedronta. No entanto, este futuro projetado na fala das novas gerações, comparando-se aos tempos e as lutas percorridas até o momento, por igualdades de direitos e reconhecimentos das pessoas LGBTQIAPN+, faz acreditar em uma expectativa adequada das satisfações na interação sexual e afetiva. Haverá o dia que não teremos mais de nos apoiar na banalidade de gênero. Seremos um só, o gênero humano, com todas as expressões de manifestações sexuais, afinal conseguimos, precisamos e podemos: Somos o que Somos, "I am what I am (Herman, G. S., 1983).

EVIDÊNCIAS

Através das escutas, tanto nas entrevistas gravadas, como posteriormente nas transcrições, por diversas vezes revisitadas para observar conteúdos e significados de fala e expressões, foi possível perceber um constructo ideativo de vivências experienciadas que compõem o mundo-vida dos colaboradores. Faz-se despertar para um movimento vibrante de reflexões e dores passadas, muitas vezes reinterpretadas, no qual este indivíduo, na procura de entendimento do ocorrido, discute os significados de suas vivências através de suas interpretações e movimentos refletidos no seu cotidiano. Existe neste deslocamento de signos, uma valorização da constituição do eu-sou, com a elucubração do que eu-posso, à transposição do eu-consigo, por fim o movimento fenomenológico de ser.

A contribuição da fenomenologia vem da liberdade de expressão e da escuta de um colaborador que pode manifestar sua vivência e a da ciência, que se posta firme no entendimento do vivido. Por mais difícil que seja, é necessário encontrarmos meios para uma escuta e trazê-los para a possibilidade de elucidar o desejo, os conflitos e as dores deste comportamento, que se mostram diferenciados neste momento de transição. Afinal, ele está, segundo AmatuZZi:

interessado em encontrar um caminho para se chegar a esse sentido esquecido, para além da ciência convencional: uma reflexão que resgatasse a experiência comum, que dissesse de quê a ciência está falando e como é essa realidade que se nos apresenta. Isso não podia ser feito em laboratórios, pois envolve o ser humano e sua produção de significados (2009, p.94).

Com a carência de ser perceptado, de expressar o que sente, mas principalmente o que vivencia e, as atitudes e consequências que suas experiências refletem no seu mundo-vida, apresenta-se a necessidade de haver uma escuta efetiva destes homens, um esforço da ciência para este encontro, possibilitando o acesso a uma fala engasgada, oculta, escondida, uma fala silenciada por diversos motivos.

Para AmatuZZi (2016), a fenomenologia vai buscar na autenticidade das falas, a liberdade e uma verdade própria, que contribua para que o mesmo se ouça, revivencie as práticas, intuindo uma resposta aos seus sentimentos e, corrobora dizendo: “na fala

autêntica, o pensamento está se fazendo no ato de falar e não apenas traduzindo externamente” (p.26). Portanto é a legitimidade de ser.

Motivados pela inspiração do discernimento filosófico de Foucault, é impossível não satisfazer a conclusão que obviamente somos e que sempre seremos aquilo que construímos até o momento da redução fenomenológica manifestada, através das percepções da dinâmica do *Zoiròs*, que se manifesta na redução fenomenológica ao relatar o vivido.

Ao iniciarem as escutas dos colaboradores, observa-se a conduta do entrevistado que assume “uma postura de colocar em “suspensão de juízo de valores”, o conhecimento *a priori* acerca do fenômeno que se pretende investigar, possibilitando ao pesquisador a superação do impasse existente entre subjetividade e objetividade” (Agreli, 2017, p.58), a Epochè. Pela forma com que ele foi abordado para participar da pesquisa, o interrogado anteriormente que o indicou, expôs a própria experiência. Observa-se que em algumas vezes apresentam uma reflexão de seu tempo-vida, trazendo conteúdos vistos por eles, como necessários e pertinentes. O que chama a atenção do pesquisador são as colocações da historiografia do pesquisado, percebendo que relatam determinado conteúdo, que compreendemos como trauma, onde em diferentes momentos de sua existência, havia só uma leitura para o ocorrido; em exemplo, quando se recordam de algum embate acontecido na infância, colocam suas emoções e sentimentos, como uma criança que passou por aquilo. Ao recordarem do mesmo trauma na adolescência, comentam os mesmos sentimentos com uma visão revisitada com outro olhar e conseqüentemente, o mesmo, quando chegar à vida adulta e à maturidade.

A partir do momento que tiveram oportunidade de “manifestar” o acontecido, seja em psicoterapia, com amigos ou na observância dos acontecimentos de sua vida, seja por meio de conteúdos sociais, religiosos, familiares, políticos, patológicos e, até mesmo em comparação a outros choques ou encontros de vida, que proporciona reflexões, eles apresentam uma ressignificação do vivido.

Avalia-se que há um movimento contínuo do conteúdo traumático, revisitado em diferentes contextos da existência e há diversos disparadores que estimulam as reflexões. É

caracterizado por uma dinâmica persistente, vívida, mutante ou não, de acordo com o momento e situações que estão sendo repensadas e redefinidas.

Para este movimento contínuo, intenso e expressivo, buscou-se uma denominação que explanasse seu intento e foi encontrado no grego o termo “Zoiròs”, que vem justamente desenhar o que ocorre. O vocábulo Zoiròs - “ζωηρός”, de acordo com o Dicionário onLine dict.com, tem como significado: cheio de vida, vital, vivaz, vibrante; no dicionário DeppL: ágil; no dicionário Glosbe: vivaz.

Para se chegar ao Zoiròs é importante falar do trauma, que se acredita ser o eixo que o fará acontecer. De acordo com Pini & Wilde (2023) "o trauma é difícil de descrever. Não parece haver uma definição que capte a natureza multifacetada das experiências normalmente comercializadas sob este termo" (p.1); ou ainda o que o DSM 5 (2013) apresenta como “morte real ou ameaça de morte” (p.271). Portanto, entende-se que "trauma" é aquilo que tira o indivíduo de um percurso (discurso) natural e contínuo de sua vivência, que o retira de sua rotina psíquica ou física e o faz estagnar na emoção que o “paralisou”, perceptivelmente ou não. Nem sempre temos controle e conhecimento do que se tornará traumatizante, transformando esta emoção em “sensação” (percepção estruturada na dor e no desconforto - no caso, o trauma sofrido) e, no “sentimento” que o fará percorrer em diversos momentos de lucidez da vida. Pini & Wilde argumentam que:

O trauma é notoriamente difícil de comunicar, pois muitas vezes desafia a compreensão. Ele se desenrola ao longo do tempo e não pode ser contado por meio de narrativas lineares. No entanto, mostramos que as narrativas podem tornar-se um meio através do qual as experiências de trauma podem ser partilhadas, aliviando o sentimento de alienação comum à experiência pós-traumática (2003, p.2).

Toda vez que ocorre um evento na vida de um indivíduo, ele é sentido como um "signo" para sua existência. A mente constitui uma memória relativa e reativa, sendo este signo positivo ou negativo provenientes das emoções (Synaísthima - “Συναίσθημα”, no grego antigo Pathos - Πάθος) e sensações (Aísthisi - Αίσθηση), referentes. Estas emoções, sensações e sentimentos compõem um signo, havendo nele um significado construído por

um conhecimento prévio (introjetado pela educação recebida e o meio em que vive) e que, na concepção do indivíduo que está “dolorido,” é significante (Nantes, 2020).

Quando uma perturbação se hospeda na mente, provoca um significado. O signo é chamado por Husserl de "preenchimento de significação", sendo que este preenchimento (de determinado espaço mental) se equipara ao “conhecimento” (Husserl, 1980) que irá compor o "trauma", observado então, que todo impacto se instala através de “signos” conhecidos e elaborados para formar o trauma.

Na pesquisa é apresentado ao colaborador uma pergunta, neste caso as experiências afetivas e sexuais de sua vida; o indivíduo busca conteúdos considerados por ele relevantes para serem apresentados. Neste momento, o entrevistado apresenta o que é compreendido por *aftognosia* - “Αφτογνωσία”, "leitura que o indivíduo elabora de si mesmo", no grego (expressões encontradas nos mesmos dicionários citados acima). Alguns sentem-se livres para expressar os sentimentos, outros vivem um embate, ocultando detalhes e algumas passagens, por diversos fatores; por crerem ser irrelevantes, por esquecimento, por vergonha, medo de julgamento, culpa, negação, por distorção da percepção, dentre outros motivos.

Foi observado também na pesquisa, que sendo o primeiro acesso ao pesquisador, que questiona peculiaridades pertencentes ao colaborador, a omissão é "valorizada". Dá-se o direito de ficar na retaguarda e na defensiva, ponderando o que é apresentado / exposto. Alguns fatos o pesquisador percebe que foram ocultados, "denominado epoché ou suspensão, [...] atitude que se fundamenta na suspensão dos a priori, o colocar entre parênteses daquilo que temos enquanto juízos de valor" (Oliveira & Borba, 2019, p.162), porém não são questionados. Na fenomenologia trabalha-se com a confiança da fala e com aquilo que há condições de apresentar. Aos poucos os colaboradores adquirem segurança e retomam na descrição de sua história, conteúdos recordados e, que percebem então, serem relevantes para compor a fala. Alguns solicitaram outro encontro, outro lugar de fala, obtendo condições de expor o que compreenderam ser necessário, trazendo outros traumas e percepções a respeito. Estes resgates históricos de suas vivências, a *aftognosia*, passam a ser organizados e compõem então, o que é a "leitura dinâmica do vivido no tempo corrente", o chamado *Zoiròs*. Designa um movimento "vibrante", repleto de contextos

experienciados. São as emoções e as sensações reconhecidas, que estão vivamente na memória, retratos de uma vida.

Quando então, o colaborador o exterioriza (a *aftognosia* em seu *zoiròs*), a redução fenomenológica é (compartilhada) dividida (e vivenciada) com o pesquisador. O indivíduo ressignifica a todo momento suas dores e seus aprendizados, instrumentalizando seus relatos, que tomam diferentes significados, passando por influências e contaminações, através de diversas movimentações, de maneira favorável ou não, para sua psique.

Contribuem para lapidar, moldar, intensificar e diluir a concepção de significância e representatividade de sua fala para justificar a influência que fazem nos demais contextos de seu mundo-vida. O movimento reflexivo em ebulição contínua, o *Zoiròs*, é apresentado na redução fenomenológica no encontro que ocorre na pesquisa e/ou no *setting* terapêutico. Nas descrições de Antônio, 73, observa-se a movimentação do pensamento sobre um acontecimento reavaliado ao longo do tempo-vida, apresentado em momentos distintos da entrevista, redefinindo sentimentos:

“Até que no colégio aos 10, 12 anos, o Padre do Colégio me... leva a uma situação de abuso”. (Antônio, 73)

"Meu interesse pelos homens tá muito pautado na inveja. E aí eu volto lá atrás, quando eu tava traumatizado... pela minha impotência perante o Padre, perante o machismo". (Antônio, 73)

"No meu processo de terapia eu descobri que muitos homens são abusados... de criança". (Antônio, 73)

"Isso alivia um pouco quando fico sabendo que o Padre que tinha cometido aquela situação comigo, não chegou a abusar de fato, só fez um intento, mas eu tremia tanto naquele momento, tão chocado, que eu fiquei apavorado... “. (Antônio, 73)

O movimento dinâmico e estratégico que as revisões do vivido proporcionam, traz a energia necessária para a concepção da *aftognosia* do mundo-vida que cada um apresenta, estruturando o *Zoiròs*, processo de ressignificação evolutiva, que é a síntese integrante de ser, em condições de manifestar na redução fenomenológica, caminhando para mais um

passo de outra afrogosia (leitura de si), e mais outra e mais outra, tantas quantas necessárias para a libertação dos impactos sofridos na existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa é dar voz e espaço de fala a homens em relacionamentos considerados cisheterossexuais e cisherotonormativos, que buscam homens para sexo e afeto, no sigilo. Considerados de difícil acesso por diversos pesquisadores de diferentes culturas, pela condição histórico-social, adequam-se ao sistema para manterem-se protegidos.

Pondera-se que o propósito foi atingido pelo número expressivo de contatos de colaboradores, havendo a possibilidade de conhecer e compreender alguns aspectos dos significados e os sentidos da estrutura psíquica que envolve o desejo homoafetivo, presente nestes indivíduos. Momentos significativos com relatos de conflitos, medos e dúvidas, são descritos através de dores inquietantes por não compreenderem suas respostas psíquicas e corporais, por ser o desejo sexual considerado discordante.

Os desafios que driblam estes colaboradores para manter uma cisheteronaturalidade dentro do esperado, recorrendo a sentimentos de repulsa e escárnio, promovido pela sociedade que os considera “sem vergonha”, desconhecendo as angústias existentes, tornam-se conhecidos. É necessário um investimento no secreto, no oculto, o que mantém muitas sociedades dentro de uma carência de estruturação de poder, colocando para debaixo do tapete a distorção do desejo, ficando a Vida no Sigilo.

O sistema Bola de Neve (Snowball) foi utilizado para alcançar o foco da pesquisa. Muitos dos homens contatados, concordaram em participar da entrevista, desde que houvesse uma forma de acesso, onde não necessitassem ser gravados, ou se exporem. Vieram sugestões de escrever sobre o assunto ou respondendo a um questionário, com texto dissertativo, devolvido através de mídias sociais, a exemplo: WhatsApp ou email. Seguindo o protocolo em respeito ao Conselho de Ética, houve a perda de algumas oportunidades de retorno, que talvez viessem alimentar o desejado, ficando como proposta

a futuras pesquisas, numa discussão em uníssono às regras acadêmicas, com meios e formas para serem abordados, considerando a dificuldade de acesso.

A pesquisa atinge seu objetivo, quando da escuta das percepções que cada um obtém de suas experiências vividas: homens que estão dentro de um casamento ou relacionamentos considerados estáveis cisheterossexualmente conhecidos e desejam se manter casados, pois não conseguem vislumbrar saírem desta condição, mesmo aqueles que questionam este lugar de vivência e os conflitos que sofrem; homens que saíram da condição de casados ou de seus relacionamentos, assumindo novos parâmetros de vida, na há possibilidade de reflexão, assentindo o desejo; homens que nunca estiveram casados, porém têm acesso, a afeto ou fetiche por homens que estão nesta condição e estão inseridos nos diversos contextos social, histórico, religioso e político, vivenciados e valorizados no momento.

A descrição da pesquisa foi dividida em cinco grupos temporais, da infância à maturidade, com a intenção de observar comportamentos, olhares e posturas, cujo intuito é conhecer nos fenômenos apresentados pelos colaboradores, associações do vivido, percepções de suas vivências e como estas impressões estruturam ou não a sexualidade.

Observou-se desde a primeira infância os comportamentos que trazem o estigma manifestado, as dores da confusão de uma não adequação ao meio, a falta de esclarecimentos, orientação ou educação sexual, provenientes de pais e educadores, e a conduta que se adegue ao esperado na sociedade inserida. São descritos diversos comportamentos e passagens, destacando a presença de conflitos durante o período, das experiências através de jogos sexuais e de relacionamentos abusivos e psicológicos sofridos, num percentual que impressiona neste contexto específico de homens.

Para alguns, foi na pré adolescência, que o conflito, os jogos, as violências e a necessidade de amoldar-se à uma expectativa, surgiram ou se acentuaram. Revelaram o início às buscas de respostas ao desconforto sexual e afetivo instalados, da mesma forma que as primeiras experiências sexuais corroboraram com o desejo, podendo ser aversivos ou apresentar gatilhos para que acentuarem os conflitos estruturais. Em relação às curiosidades desvelaram-se as possibilidades que o corpo é capaz. Alguns investiram na busca de explorar possibilidades com mais velhos, outros revelaram relações abusivas

contínuas. A exploração das paixões se evidenciou na fala dos colaboradores, na qual a resposta da expectativa familiar e social, salienta o luto da infância e o aguardo da juventude e suas implicações.

Somado aos conflitos da adolescência, alguns requisitos se caracterizaram. Houve um afastamento do desejo homoafetivo na busca por outras demandas da vida social, seja na religião, no esporte ou na adequação à cisheteronormatividade, vivenciando relacionamentos heterossexuais, cujo comportamento homoafetivo ficou no passado revestido de curiosidades, em uma pseudonormalidade deste período. Manifestou-se neste momento experiências cisheteroafetivas e em alguns casos, homoafetivas em paralelo. Neste período as descobertas das possibilidades do corpo se interrompem para dar espaço aos ajustes da construção da sexualidade, dentro do padrão.

Na vida adulta há uma entrega ao modelo considerado natural que dará orgulho àqueles que esperam deste indivíduo adequação ao investido. Alguns relataram experiências paralelas homoafetivas, na expectativa de que em algum momento, o desejo seja dissipado e que o "casamento" aconteça para ajustar-se.

A maioria passa por um período de latência do desejo, e investem no padrão. Para alguns o desejo adormecido vem à tona num curto período de tempo e para outros o tempo é maior, havendo então uma procura por relacionamentos no sigilo. A vida adulta trouxe a necessidade de vivenciar a ânsia homoafetiva. Saindo do casamento se sentem livres, na expectativa de uma organização de sentimentos.

Nesta categoria apresentou-se diversos aspectos do vivido para serem elucidados, e descritos conforme discursos alcançados. São perspectivas que merecem maior exploração dos relatos convergentes e divergentes dos colaboradores. Revelaram significados diferentes à suas vivências, conforme a história de vida de cada um, destacados, identificados e citados neste estudo em doze subcategorias emergidas: Única mulher; ocultamento no namoro e no casamento; período de latência; vício do desejo; conflito e crise; culpa e medo; apaixonamento; antagonismo libidinal; descoberta do sigilo; adoecimento; no limite e vida no sigilo.

A questão do segredo se apresenta na história de vida destes indivíduos, de forma dual e paralisante que impede de haver uma entrega a homoafetividade, vivendo à margem

dos dois mundos, não podendo se sentirem completos, e sim, cindidos, apesar de dizerem da plenitude que a homoafetividade os proporciona. Não conseguindo estar por inteiro em nenhuma das relações, revelam um medo explorado, negado, negligenciado onde a valorização de uma atitude egóica, infantiliza o discernimento. Existem muitas subjetividades neste sigilo e merecem ser ainda mais investigadas.

Na maturidade, observou-se dois aspectos, dentre os muitos expostos: um é a resolução do desejo com aspectos ainda presentes da estigmatização existente na cultura de homens a partir dos 56 anos de idade (em 2023), que conseguem vivenciar sua homoafetividade com ressalvas, e outros que não conseguiram viver o desejo como gostariam. O bloqueio transformou-se em remorso por uma vida não vivida.

Com a pesquisa também permitiu-se encontrar através do percurso de possibilidades da fenomenologia vivenciado pelo pesquisador, da riqueza do sistema Snowball (Bola de Neve), que propiciou atingir maior número de colaboradores, com diversidade eloquente, sendo as negativas em participar, esclarecedoras. O encontro da redução fenomenológica trouxe a possibilidade de vivenciar um complexo de ações e interpretações que levou a categorizar a Aftognosia e o Zoirós, que são respectivamente: a leitura que o individuo faz de seu vivido e a ressignificação ao longo do tempo-vida, auxiliando na busca de se aceitar, se permitir, se compreender e experimentar o desejo homoafetivo, transformando as dores do sigilo.

O enriquecimento da pesquisa se dá, de acordo com o interesse da mesma, em dois aspectos primordiais: da possibilidade de escuta de um contexto pouco explorado pela dificuldade de acesso e da oportunidade de fala de todo complexo de sentimentos relacionados à vivência daquilo que o reprime, como revela Thales, 40: "Essa pesquisa que você está fazendo caiu numa hora certa eu acho. Não sei se eu to podendo contribuir ou não, mas eu estou podendo falar um pouco..." Trazendo a importância da escuta, da contribuição que a psicologia emprega para trazer acolhimento de uma dor aviltada, e o reconhecimento de que há uma dor clandestina que pode ser amparada para ser abolida.

A grande riqueza da idealização desta pesquisa se encontra nos quesitos que se desvelam nas experiências dos colaboradores, quando trazem os fenômenos de suas vidas, elaborando a aftognosia (leitura se si) de acordo com seus entendimentos, e as

elocubrações dos zoirões (ressignificação vivaz do vivido) discernidos ao longo de sua existência. Dois fundamentos ideológicos que diante de sua complexidade, trazem uma natureza simplória de ser: *a verdade*, trazida por Spinoza (2009), quando em conjunto com a "essência formal das coisas são o que são, porque elas assim existem, objetivamente" (p.15). Perscrutando que dentro da subjetividade do objeto, a verdade torna-se a essência da vida e do viver: simples, difícil, retórica e libertadora. Deve ser característica principal, uníssona para que todo ser sobreviva e se liberte. Deve ser apreendida e disseminada. Concomitantemente à verdade, a natureza da *liberdade de existir*, levará a um tempo no qual não haverá a necessidade de uma construção social da sexualidade, exploradora e segregante com oposições de gênero. Somente o gênero humano bastará, com toda sua diversidade intrínseca de ser e amar.

HORIZONTES

As perspectivas relacionadas a esta pesquisa, revelam que ainda há muito a ser explorado e discutido no que se refere a esta população de homens inseridos em contextos cisheteronormativos e que vivem em relacionamentos amorosos, sociais e religiosos com mulheres e que procuram homens para satisfação de seus desejos sexuais e afetivos. Os aspectos emergidos e destacados nas doze subcategorias da maioria (vida adulta) são relevantes para dar continuidade em estudos mais abrangentes, já que o intuito é compreender as demandas psíquicas desta população. As transformações que ocorrem ao longo de uma cronologia, às novas conclusões, os adoecimentos e os reflexos no seu entorno, não descartam o aprofundamento nas outras fases da vida, que trarão maiores entendimentos da construção da identidade, dos sofrimentos percorridos e do exercício da sexualidade.

Outros aspectos provenientes do discurso dos entrevistados que não foram discutidos, e merecem ser explorados: a presença da religiosidade; a desvinculação de sexo e afeto; a interferência na vida familiar e profissional; a exposição nos aplicativos de encontro por esta demanda específica de homens; a violência sexual e psicológica; a dificuldade para nominarem o que sentem e desejam; a figura do pai; compreender a fala e

a dor das mulheres que estão ou estiveram nestes relacionamentos; compreender a fala dos filhos; dentre outros aspectos que possam emergir ao ser explorado e aprofundado.

Crê-se que por uma demanda histórica, social, religiosa e de direito, já mencionados neste estudo, o número de homens cisgêneros envolvidos no universo cisheteronormativo que passam por buscas por homoafetividade é muito maior do que se supõe, devido a paradigmas e estigmas em que estão envolvidos. Para tanto a Vida no Sigilo se caracterizará como válvula de escape para a realização do desejo, na dualidade de estar adequadamente inserido em um contexto viril, conforme a demanda pessoal e social exige. Mudanças são perceptíveis, porém há muito a percorrer, até que haja uma adaptação conveniente da verdade no self eidético onírico (como essência natural do indivíduo), e do self coletivo empírico (experiência coletiva - da sociedade), que vive e luta para compreender os meios e os fins para estarem longe da hipocrisia que os adocece.



Foto Domestika

Falar é uma necessidade,
escutar é uma arte.
Johann Goethe

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed; 1ª edição.
- Agreli, M. S. (2018). *A inclusão da diversidade sexual na Universidade*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Albertini, R. Z., Costa, M. L. & Miranda, R. L. (2019). Narrativas fora do armário: A identidade sexual de homens gays na cidade. *Revista Subjetividades*, 19(2).
- Almeida, R. V. S. (2021). Infecção por HIV e sorofobia. Seção VII, capítulo 43. *Saúde LGBTQIA+*. Ed. Manole.
- Alves, C. S. (2015). *Crença num Mundo Justo e Bem-estar Subjetivo: O papel mediador dos Mecanismos de Defesa do Ego*. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações. Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Alves, V. L. P. (2011). *Psicoterapia Conjugal: pesquisa fenomenológica*. *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas*. Ed. Alínea, Campinas, SP.
- Amatuzzi, M. M. (2003). *Pesquisa fenomenológica em Psicologia*. In M. A. Toledo Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Alínea.
- _____, M. M. (2008). *Por Uma Psicologia Humana*. Ed. Alínea, Campinas, SP
- _____, M. M. (2009). *Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista*. Estudos de Psicologia, Campinas.
- _____, M. M. & Andrade, C. C. (2010). *Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica*. Estudos de Psicologia, Campinas.
- _____, M. M. (2011). *Pesquisa Fenomenológica em Psicologia*. *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas*. Ed. Alínea, Campinas, SP.
- _____, M. M. (2016). *O Resgate da Fala Autêntica na Psicoterapia e na Educação*. Editora Alínea. Campinas, SP.

- Andrade-Silva, M. C. (2007). Olhares sobre o Desejo Sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v18i1.414>
- Andrade, C. C. & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 27, n. 2
- Antunes, J. (2019). Estresse e doença: O que diz a evidência? *Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde*. Lisboa, Portugal. <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200304>
- Araújo, I. R. et al. (2019). Atitudes sociais e comportamentos empáticos frente ao suicídio. *Temas em Saúde*, João Pessoa, edição especial, p. 381-402.
- Baére, F. & Zanello, V. (2020). Suicídio e masculinidade: uma análise por meio de gênero e das sexualidades. *Psicol. estud.*, v.25, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- Barreto, V. H. S. (2017). *Festas de orgias para homens. Territórios de intensidade e socialidade masculina*. Editora Devires.
- Batista, I. C. & Pereira, H. (2020). Disparidades na saúde mental entre homens gays e bissexuais mais velhos com e sem diagnóstico de VIH. *Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde*. Lisboa, Portugal. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210109>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- , Z. (2007). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bello, A. A. (2004). *Fenomenologia e Ciências Humanas (Organização e Tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi)*. EDUSC. Bauru, SP.
- Becker, G. & Arnold, R. (1986). Stigma as a Social and Cultural Construct. S. C. Ainsley et al. (eds.), *The Dilemma of Difference*
- Ben-Ari, A & Adler, A. (2010). *Dialectics between Splitting and Integrating in the Lives of Heterosexually Married Gay Men* School of Social Work University of Haifa, Haifa, Israel.

- Benack, S. & Swan, T. (2016). *Queer People Who Enter 'Straight' Marriages: The Academic Community's Struggle to Understand an Anomalous Choice*. Psychology Department, Siena College, Loudonville, NY, USA.
<http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2016.1167152>
- Blasco, P. J. & De Antoni, C. (2020). *Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal*. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2020 v. 40, <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218119>.
- Bockorni, B. R. S.; Gomes, A. F. (2021). *A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração*. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama*, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun.
- Boemer, M. R. (1994). *A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*.
- Bonfante, A. A. B., Polli, L. & Hohendorff, J.V. (2023) *Psicologia em Estudo*, v. 28, e53140
PassoFundo, RS
- Borret, R. H. et al. (2021). *Vulnerabilidades, interseccionalidades e estresse de minorias*. Seção II, Capítulo 8. *Saúde LGBTQIA+ Práticas de Cuidados Transdisciplinares*. Ed. Manole.
- Borrillo, D. (2010). *Descortinando a homofobia Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Autêntica Editora, Belo Horizonte, MG.
- Bourdieu, P. (2023). *A dominação masculina*. Editora Difel, Rio de Janeiro, RJ.
- Braga, G. (2013). *"Não sou nem curto": Prazer e conflito no universo do homo-erotismo virtual*. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do Rio de Janeiro.
- Braga Jr., Luiz Fernando Lima (2006). *Caio Fernando Abreu: Narrativa e Homoerotismo*. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR>
- Britto, S. (2002). *Epitáfio*.
- Bruns, M. A. T. (2011). *A Redução Fenomenológica em Husserl e a Possibilidade de Superar Impasses da Dicotomia Subjetividade-Objetividade*. *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas*. Ed. Alínea, Campinas, SP.

- Britzman, Deborah. (1996). O que é esta coisa chamada Amor. Identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, v. 21.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____, J. (2021). *Os sentidos do sujeito*. (Tradução de Luis Felipe Teixeira). Ed. Autêntica. Belo Horizonte, MG.
- Cabestan, P. & Lamelo, M. M. G. (2010). Ser si-mesmo: abordagem fenomenológica da autenticidade e da inautenticidade. *Pepsic. Winnicott e-prints* vol.5 no.1 São Paulo
- Cáceres, C. et al. (2015). Estimating the number of men who have sex with men in low and middle income countries. *BMJ Journals* . www.stijournal.com
- Camelo, S. I. F. (2020). *As intimidades nas relações afetivas na contemporaneidade*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.
- Canosa, A., Uriel, A. P. & Barbosa Jr., M. (2021). *Conjugabilidade e Parentalidade LGBTQIA+*. Saúde LGBTQIA+ Práticas de Cuidado Transdisciplinar. Editora Manole, Santana de Parnaíba, SP.
- Cardoso, J. G. & Rocha, R. A. (2021). *LGBTfobia: Discriminação Percebida pelo Cliente LGBTQ*. XLIV ENCONTRO DA ANPAD - EnANPAD 2020. <https://www.researchgate.net/publication/350733911>
- Carrillo, H., & Hoffman, A. (2018). 'Straight with a pinch of bi': The construction of heterosexuality as an elastic category among adult US men. *Sexualities* <https://doi.org/10.1177/1363460716678561>
- Carvalho, K. G. (2019). Comportamento suicida em minorias sexuais: prevalência e fatores associados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. <https://doi.org/10.25248/reas.e867.2019>
- Carvalho, R. G. et al. (2017). Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 34, n. 3.

- Cassorla, R. (2019). Suicídio: Em busca do objeto idealizado. *Revista Brasileira de Psicanálise* · Volume 53, n. 4
- Cerioni, R. A. N., & Herzberg, E. (2016). Triagem psicológica: da escuta das expectativas à formulação do desejo. *Psicologia: teoria e prática*, 18(3), 19-29. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v18n3p19-29>.
- Ciasca, S. V., Hercowitz, A. & Lopes Jr, A. (2021). *Definições da Sexualidade Humana. Saúde LGBTQIA+*. Ed. Manole, São Paulo.
- CNNBrasil (2023). <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/lgbtfobia-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-quem-apenas-quer-ter-o-direito-de-ser-quem-e/>
- Cochran, S. D. et al. (2014). Proposed declassification of disease categories related to sexual orientation in the International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problem (ICD 11). *Bulletin of the World Health Organization*
- Coleman, E. (1981-1982). Developmental stages of the coming out process. *Journal of Homosexuality*, 7(2-3), 31–43. https://doi.org/10.1300/J082v07n02_06
- Cortella, M. S. (2017). *Viver em paz para morrer em paz*. Editora Planeta.
- Costa, A. A. (2019). *Contato Sexual Entre Meninos: “Jogos Sexuais” ou Violência Sexual?* Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas.
- Costa, M. (2017). Homofobia, raiz de ódio e intolerância. <https://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/palavra-do-presidente/2017/homofobia-raiz-de-odio-e-intolerancia.265>
- Costa, I. M. P. B. (2021). *Influência das fantasias sexuais no funcionamento sexual*. ISPA - Instituto Universitário. Portugal. <http://hdl.handle.net/10400.12/8582>
- Coutinho, P. J. R., Fernandes, C. S. C. E., Facio Jr., F.N. & Miyazaki, M. C. O. (2020). *Caracterização e aspectos psicológicos de pacientes com disfunção erétil*. *Psicologia: teoria e prática*, vol. 22. 3. São Paulo.
- Cunha, R. B., Rebello, L.E. F. S. & Gomes, R. (2012). Como nossos pais? Gerações, sexualidade masculina e autocuidado. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 22 [4]: 1419-1437
- D’Andrea, F. F. (2006). *Desenvolvimento da personalidade*. Editora Bertrand Brasil.

- Daly, S. C., MacNeela, P. & Sarma, K. M. (2019). ComingOut Experiences of Irish Gay Fathers Who Have Been Heterosexually Married: An Interpretative Phenomenological Analysis. *JOURNAL OF HOMOSEXUALITY*. Taylor & Francis Group, LLC. School of Psychology, National University of Ireland, Galway, Irlanda. <https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1585727>
- Davi, E.H.D. & Bruns, M. A. T. (2016). Memórias e histórias: a vivência da temporalidade na construção do ser-travesti. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(3), 359–385. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2016v19i3p359-385>
- Davis-Delano, L. R. et al. (2020). Heterosexual People’s Reactions to Same-Sex Romantic or Sexual Overtures: The Role of Attitudes About Sexual Orientation and Gender. Springer. EUA. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01804-w>
- De Cicco, S. Y. J. & Pelvico, L. (2018). No interior não tem nada para fazer”: derivas das sexualidades no interior paulista. *Revista Periódicus* 1(9). <https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25471>
- Deep Tradutor. <https://www.deepl.com/translator>
- Defendi, E. & El Khouri, J. K. (2021) A saída do armário. In: Ciasca et. al. Santana de Parnaíba [SP] : Manole.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2000). *MIL PLATÔS Capitalismo e Esquizofrenia*. (Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa). Editora 34. Rio de Janeiro, RJ.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia*. (Tradução de Mirim Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro). Editora Perspectiva, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Dewes, J.O. (2013). Amostragem Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. Monografia apresentada para obtenção do grau de Bacharel em Estatística. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.
- Dias, E. V. A., et. al. (2021). Ideação suicida e orientação sexual: um estudo comparativo com heterossexuais, homossexuais e bissexuais. *V DESFAZENDO GÊNERO – V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO*, Online

Dict Tradutor. <https://www.dict.com/>

Domingos, D. O. (2020). Precisamos falar sobre suicídio: Discurso, corpo e resistência autoinfligida a poderes da heteronormatividade na era digital. Dissertação Mestrado. UFPB/CCHLA.

Dupuis - Déri, F. (2022). A crise da masculinidade: Anatomia de um mito persistente. (Tradução de Paulo Victor Bezerra). São Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda.

Eaton, A. D. et al. (2022). Identity development, attraction, and behaviour of heterosexually identified men who have sex with men: Scoping review protocol. Research Square. <https://orcid.org/0000-0003-1331-1222>

Felipe, G. B., Batauz, N.M., Mendes, S.S. & Damiance, P.R.D. (2021). Conhecendo Informações Sobre o Abuso Infantil Masculino: Contribuições de um Grupo de Homens. Fundação Educacional do Município de Assis, SP.

Figueiredo, L. B. (2016). Tinderelas: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones. Tese de doutorado apresentada à pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Figueiró, M.N.D. (2014). Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. 2. ed. rev., atual. e ampl. Londrina: EDUEL.

Forghieri, Y. C. (2017). Psicologia Fenomenológica, Fundamentos, Método e Pesquisas. CENCAGE.

Foucault, M. (1982). Dizer a verdade sobre si (Tradução de Salma Tannus Muchail). São Paulo, Ubu Editora.

_____, M. (1979). Microfísica do Poder (Tradução de Roberto Machado). Edições Graal Ltda. Rio de Janeiro.

_____, M. (1981). De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, no 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Espaço Michael Foucault – www.filoesco.unb.br/foucault

_____, M. (1994). Sobre a genealogia da ética: uma visão geral do trabalho atual. In: DITOS E ESCRITOS IV. Paris: Gallimard, 1994, p. 609-631.

- _____, M. (2007) História da Sexualidade 2 (Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque). Edições Graal Ltda. Rio de Janeiro.
- _____, M. (2007) História da Sexualidade 3 (Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque). Edições Graal Ltda. Rio de Janeiro.
- _____, M. (2022) Dizer a Verdade Sobre Si (Tradução de Salma Tannus Muchal). UBU Editora, São Paulo.
- GGB - Grupo Gay da Bahia (2018). MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL RELATÓRIO 2018. <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>
- Giddens, A. (1993). A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. UNESP.
- Gil, A. C. (2002). Como delinear uma pesquisa bibliográfica In A. C. Gil (Org.), Como elaborar projeto de pesquisa (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Glosbe Dicionário. <https://pt.glosbe.com/>
- Godoi, R. L. C. & Almeida, T. M. C. (2023). Recepção da performance artística de Ney Matogrosso por homens homossexuais e bissexuais. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 54, n. 1. Ceará. DOI: 10.36517/rcs.54.1.a04
- Goffman, E. (2008). Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. (Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes). 4 ed. - Rio de Janeiro. LTC
- Goldberg, M. A. A. (1988). Educação sexual: uma proposta, um desafio. 4. ED. São Paulo; Cortez.
- Gonçalves, D. S. (2019). O sentimento de culpa em Freud: entre a angústia e o desejo. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 278-291
- Gonçalves, J. P. (2016). Ciclo Vital. Início, Desenvolvimento e Fim da Vida Humana Possíveis – Contribuições Para Educadores. Contexto & educação. Editora Unijuí.
- Guimarães, G & Mercatelli, V. (2017). <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/12/10/amor-e-sexo-entre-primos-adolescentes-como-lidar.htm?cmpid=copiaecola> . Acessado em 30.11.2023.

- Guimarães, I. (2018). Educação Sexual na Escola: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Gusmão, G. O., D'Agostini, C. Z. & Carneiro, M. (2023). Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto UIDB. Universidade do Porto, Portugal.
- Heidegger, M. (2022). Ser e Tempo. (Tradução de Márcia Sá Cavalcante), Vozes. Petrópolis, RJ.
- Hercowitz, A., Ciasca, S. V. & Lopes Jr., A. (2021). Desenvolvimento da Orientação Afetivo-Sexual. Saúde LGBTQIA+. Ed. Manole, São Paulo
- Herman, G. S. (1983). I am what I am. (Música composta para o musical: La Cage aux Folles, Broadway, EUA).
- Hocquenghen, G. (2009). El deseo homosexual. Melusina, Espanha.
- Holanda, A. F. (2003). Fundamentação Fenomenológica da Pesquisa do Vivido. Universidade Federal do Paraná.
- , A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise psicológica*, 3(XXIV).
- Holanda, A. & Bruns, M. A. T. (2001). Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas. *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega.
- Hopwood, M. et al. (2019). Stigma, Anxiety, and Depression Among Gay and Bisexual Men in Mixed-Orientation Marriages. Centre for Social Research in Health, UNSW, Sydney, Austrália.
- Husserl, E. (2022). Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia Transcendental. (Tradução Giovanni Jan Giubilato et al.) Vozes, Petrópolis, RJ.
- Machado, R. & Gonçalves, J. P. (2019). Homens casados que resolvem “sair do armário”. Núcleo de Estudos de Gênero. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, MG, Brasil. <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v31n2-2018-10>
- , E. (1980). Investigações Lógicas / Sexta Investigação – Elementos De Uma Elucidação Fenomenológica Do Conhecimento – Os Pensadores.
- Izquierdo, G. M. (2015). Prostitución viril: un estudio fenomenológico del cuerpo. Fundación Universitaria del Área Andina. Bogotá, Colômbia.

- Kauche, G. C. R. V. S. C. (2021). A traição sob prisma da violência psicológica - lei Maria da Penha. Revista Percurso. Unicuritiba, PR.
- Kreuz, S. M. C. (2020). A homossexualidade na concepção da religiosidade: Identificando a origem do discurso fundamentalista religioso e sua influência na sociedade civil. Pesquisa, Gênero & Diversidade, 163. Curitiba, PR. Ed. Íthala
- Kritzman, L. D. (2022). História da Virilidade vol. 1 (Tradução de Francisco Morás). Editora Vozes, Rio de Janeiro.
- Lerner, M. (1980). The belief in a just world: A fundamental Delusion. New York: Plenum.
- Lima, M. & Wollmann, A. (2020). Cada dia mais Gay: Narrativas de histórias de vida de homens homossexuais. Estudos sobre diversidade sexual e de gênero: atualidades, temas, objetos. Coleção Livres e Iguais. IBDSEX. Curitiba, PR.
- Lopes Jr., A. et. al. (201). Homens cis gays. In: Ciasca et. al. Santana do Parnaíba [SP] : Manole.
- Machado, R. & Gonçalves, J. P. (2019). Homens casados que resolvem 'sair do armário'. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Caderno Espaço Feminino, Núcleo de estudos.
- Malcolm, J. P. (2008). Heterosexually Married Men Who Have Sex with Men: Marital Separation and Psychological Adjustment. The Journal of Sex Research, vol 45, n. 4. Taylor & Francis. School of Psychology, University of Western, Sydney, Austrália
- Matta, T. F., Maquette, S. R., Souza, L. M. B.M. & Moraes, C. L. (2021). Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do Ensino Médio do Município do Rio de Janeiro, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, doi: 10.1590/0102-311X00330820.
- Matias, D. P. (2006). Abuso sexual e sociometria: Um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 2, p. 295-304, mai./ago.
- Matos, G.E.T. (2020). A inércia do Estado Quanto ao Asseguramento do Artigo 227 da Constituição Federal em Relação ao Abuso Sexual Infantil. Artigo apresentado

- como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Direito pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. Gama, DF.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de eros*. Ed. Martins Fontes.
- Medina, M. P. P. & Millán, N. A. (2023). *Ideación suicida y discriminación percibida en hombres homosexuales (Gays)*. Programa de Psicología, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas. Universidad Cooperativa de Colombia. Neiva.
- Meneghini, T. (2017). *Homossexualidade e Homoafetividade em “Morangos Mofados”*. São Paulo: FESPSP.
- Meio&Mensagem (2022). <https://www.meioemensagem.com.br/opiniaio/mais-agitado-que-siri-na-lata>
- Merleau-Ponty, M. (1979). *Microfísica do poder*. (Tradução de Roberto Machado). Edições Graal. Rio de Janeiro, RJ.
- _____, M. (2017). *A União da Alma e do Corpo* (Tradução de Sílvio Dos Filho e Thiago Martins). Ed. Autêntica. Belo Horizonte, MG.
- _____, M. (2022). *Fenomenologia da Percepção* (Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura). Editora WMF Martins Fontes, São Paulo
- _____, M. (2022). *Fenomenologia da Percepção*. (Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura). Editora WMF MartinsFontes. São Paulo, SP.
- Mesquita, D. T. & Perucchi, J. (2016). *NÃO APENAS EM NOME DE DEUS: DISCURSOS RELIGIOSOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105.
- Monica, E. F. & Costa, R. S. (2020). *Privacidade, Liberdade sexual e sigilo: sentidos de liberdade no aplicativo Grindr*. Interfaces Científicas, V.8 • N.2. Aracaju, Sergipe.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico da pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Morelli, F. & Pereira, B. (2018). *A pornificação do corpo masculino Notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros on-line*. Civitas, Porto Alegre, v. 18, n. 1. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28450>
- Nantes, A. C. (2020). *A fenomenologia de Edmund Husserl como método para a psicologia*. Diaphora, Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

- Neiva, H. C. C. (2019). O comportamento suicida entre a população LGBTQ+: uma revisão narrativa. Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem. UNICEUB. Brasília.
- Neves, E. H. S. C., Bruns M. A. T. (2022). Relações afetivas e familiares na contemporaneidade. In: Bruns, Zerbinati & Nascimento (Orgs.). Sexualidade contemporânea: suas múltiplas faces e transformações. (pp. 21- 48). Curitiba, PR.
- Nogueira, T. G.(2003). Mudanças no relacionamento afetivo-sexual. Belo Horizonte: Fumec.
- Noriega, G. N. (1997). Deconstruyendo la homofobia. Una lectura política del erotismo. In: Género y Violencia (Inez Martinez de Castro N.). Colegio de Sonora, México.
- , G. N. (2015). Sexo entre varones. Poder y resistencia en el campo sexual. El Colegio de Sonora. Hermosillo, Sonora, México.
- Nunan, A, Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2011). O Preconceito Sexual Internalizado por Homossexuais Masculinos. *Interação Psicol.*, 14(2). LILACS | ID: lili-589553
- Oliveira, B. C. (2021). A formação da subjetividade moral no pensamento de Michel Foucault. *Cadernos Cajuína*, V.6, N.1. Teresina, Piauí.
- Oliveira, T. C. A. & Borba, J. M. P. (2019). *Rev. Nufen: Phenom. Interd. | Belém*, 11(3).
- Oliveira, D. A. & Sales, S. R. (2023). Pedagogia do erotismo no currículo bareback: a transgressão às normas do uso do preservativo nos vídeos pornô. *Série-Estudos, Campo Grande, MS*, v. 27, n. 61. <http://dx.doi.org/10.20435/serieestudos.v27i61.1706>
- Oliveira, E. T. & Vedana, K. G. G. (2020). Suicídio e depressão na população LGBTQ: postagens publicadas em blogs pessoais. *SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* 2020;16(4):32-38. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.168145>
- Pachauri, S. et al. (2022). Sexual and Reproductive Health and Rights in India, Springer Briefs in Public Health. Índia. 10.1007/978-981-16-4578-5_2
- Padilha, F. A. (2015). O segredo é a alma do negócio: Mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de Sao Carlos. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. São Carlos, SP.

- Paiva, Carla & Figueiredo, Bárbara (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. Universidade do Minho, Portugal.
International Journal of Clinical and Health Psychology
- Passos, M. C. (2005). Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. *Psic. Clin.*, Rio De Janeiro, Vol.17, N.2, P.31 – 4.
- Paveltchuk, F. O. & Borsa, J. C. (2020). A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. *Revista da SPAGESP*, 21(2).
- Pereira, A. S. R. (2020). Abuso Sexual no Género Masculino: Crenças e Mitos.
Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
- Pereira, H. Y. O. & Rigo, M. J. (2019). Estupro de vulnerável - O uso da psicologia no combate e recuperação. Unoesc, São Miguel do Oeste, SC.
- Pini, S & Wilde, L. (2023). An Embodied Narrative Perspective on Transforming Trauma and Illness Experience. <https://www.researchgate.net/publication/374170718>
- Pinheiro, R. C. S. (2021). Perversidade de gênero e abuso sexual infantil: Como o gênero afeta as diversas respostas de suporte social envolvidas no processo pós-revelação. Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado Instituto de Psicologia.
Departamento de Psicologia Clínica. São Paulo.
- Pinto, M.J.C. & Bruns, M.A.T. (2003). *Vivencia transexual: O corpo desvela a sua alma*. Editora Átomo.Campinas, SP.
- , M. J. C., Bruns, M. A. T. & Zerbinati, J. P. (2020). Atenção à saúde da pessoa trans-compreendendo vivências e construindo o cuidado. Programa de atualização em psicologia clínica e da saúde. Ciclo 4/ organizado pela sociedade brasileira de psicologia: organizadores, Gorayeb, R., Miyazaki, M. C. & Maycoln, T. Porto Alegre: Artmed Panamericana.
- Polícia Civil News (2023). <https://www.policiacivil.rj.gov.br/news/1111>.
- Pollak, M. (1990). *Os homossexuais e a Aids, sociologia de uma epidemia*. Editora Estação Liberdade. São Paulo.

- Portella, D. C. P. & Lopes, H. T. (2008). Fantasias sexuais - Uma pesquisa com universitários da Zona Norte do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. RJ. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v19i1.374>
- Preciado, P. B. (2022). *Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. (Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Zahar Editora. Rio de Janeiro, RJ.
- Rádio Senado (2018). <https://12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/05/16/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>
- Ramos Filho, A. F. (2023). Privilégio heteronormativo: uma reflexão a partir de vidas LGBTQIAPN+. *Diversitas Journal*, Volume 8, Número 3 (jul./set. 2023) p. 1509 – 2525 . DOI: 10.48017/dj.v8i3.2586
- Reback, C & Larkins, S. (2010) Maintaining a heterosexual identity: Sexual meanings among a sample of heterosexually identified men who have sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 39(3), 766–773. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9437-7>
- Rebello, L. E. F. S. & Gomes, R. (2009). Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2):653-660.
- Reinke, C. A., Schemes, C., Magalhães, M. L. & Keske, H. A. G. (2017). *Homossexualidade masculina e suas marcas históricas*. Métis: História & Cultura, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.
- Reis, A. F., Ferro, L. A. & Rodrigues, F. M. (2022). “Gosto de homem com jeito de homem”: As configurações do desejo, da atração e da sexualidade na busca pela masculinidade ideal. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*, v3, n2. <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1192>
- Revenin, R. (2022). *História da Virilidade vol. 2* (Tradução de Francisco Morás). Editora Vozes, Rio de Janeiro.
- Ribeiro, C. R., Russo, J. A. & Rohden, F. (2013). Uma nova pedagogia da sexualidade para homens: discursos midiáticos e suas reverberações. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro.

- Rios, L. F. et al. (2019). Posições sexuais, estilos corporais e risco para o HIV entre homens que fazem sexo com homens no Recife (Brasil). Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. DOI: 10.1590/1413-81232018243.34092016
- Rosa, W. A. (2022). O silêncio dos meninos: Uma etnografia sobre abusos sexuais vividos por homens. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina
- Ross, M. W. (1979). Heterosexual marriage of homosexual males: Some associated factors. *Journal of Sex & Marital Therapy*(2008). DOI: 10.1080/00926237908403725
- Saggese, G. S. R. (2009). Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégia de manipulação no coming out de homens homossexuais. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social
- Salih, S. (2022). Judith Buther e a Teoria Queer. (Tradução de Guacira Lopes Louro). Autêntica Editora. Belo Horizonte, MG.
- Santos, A. C. et. al. (2023). Garoto de programa: do gueto aos hotéis de luxo. https://www.academia.edu/73625190/Garoto_De_Programa_Do_Gueto_Aos_Hot%C3%A9is_De_Luxo
- Santos, L. N. & Peixoto Junior, C. A. (2019). O adoecimento somático em Ferenczi, Groddeck e Winnicott: uma nova matriz teórica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39,1-14. doi: 10.1590/1982-3703003182306.
- Santos, L. P., Barbosa, P. & Lagôa Jr., J. A. (2018). A cura gay - Dos discursos religiosos aos patológicos. III Seminário Internacional Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica. Universidade Federal de Pelotas. RS.
- Saraiva, L. A. S., Santos, L.T. & Pereira, J. R. (2019). Heteronormatividade, Masculinidade e Preconceito em Aplicativos de Celular: O Caso do Grindr em uma Cidade Brasileira. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2020.17.1.6>

- Sartre, M. (2022). *História da Virilidade vol. 1* (Tradução de Francisco Morás). Editora Vozes, Rio de Janeiro.
- Schrimshaw, E.W., Downing Jr, M. J. & Cohn, D. J. (2019). Reasons for Non-Disclosure of Sexual Orientation among Behaviorally-Bisexual Men: Non-disclosure as Stigma Management. HHS Public Access. Department of Sociomedical Sciences, Mailman School of Public Health, Columbia University, New York, NY, EUA.
- Schutz, L. W., Martinez, L. S. & Salva, S. (2019). Discutindo concepções sobre sexualidade infantil: um tema delicado. *Revista Praxis Educacional*.
DOI: <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i31.4682>
- Shao, J., Chen, C. & Jessica L. Borelli, J.L. (2021). Rethinking the dichotomy of sexual identity and relational intimacies: Chinese gay men's mental health in mixed-orientation marriages. *Psychology & Sexuality*. Taylor & Francis Group. Department of Psychological Science, University of California. EUA.
<https://doi.org/10.1080/19419899.2021.1929424>
- Silva, A. N. N. (2003). *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Caravansarai Editora Ltda.
- Silva, S. G. & França, A. N. (2019). *Vidas Precárias: a Performatividade na Constituição das Violências Fóbicas em Gêneros e Sexualidades*. *Psicologia: Ciência e Profissão* v.39, São Paulo, São Paulo.
- Silva, L. A. V. & Iriart, J. A. B. (2010). Práticas e sentidos do barebacking entre homens que vivem com HIV e fazem sexo com homens. *Interface (Botucatu)* 14 (35).
<https://doi.org/10.1590/S1414-32832010005000021>
- Silva, O. R. M. & Menandro, M. C. S. (2019). Como se produz um homossexual? a Origem da homossexualidade na recepção de indivíduos que alegaram ter mudado de identidade sexual. *Revista interinstitucional de Psicologia*, Universidade federal do Espírito Santo, Espírito Santo.
- Silva, T. (2018). *Bud-sex: Sexual Flexibility Among Rural White Men Who Have Sex With Men*. Apresentado ao Departamento de Sociologia e à Escola de Pós-

- Graduação da Universidade de Oregon em cumprimento parcial dos requisitos para o grau de Doutor em Filosofia. EUA.
- , T. (2022.a). Heterosexual Identification and Same-Sex Partnering: Prevalence and Attitudinal Characteristics in the USA. Department of Sociology, University of British Columbia, Canadá. <https://doi.org/10.1007/s10508-022-02293-9>
- , T. (2022.b). Sexual Identity-Behavior Discordance in Canada. Sage Journal. American Sociological Association. EUA. <http://contexts.sagepub.com.10.1177/15365042211035339/>
- , T. & Fetner, T. (2021). Sexual Identity-Behaviour Discordance in Canada. Canadian Review of Sociology. Canadá. <https://doi.org/10.1111/cars.12372>
- Soares, C. (2008). Homossexualidade masculina. Escolha ou destino? Brasília: Thesaurus, 2008.
- Soares, D. V., (2021). Forças armadas e discriminações à homossexualidade. Revista Pensamento Jurídico, vol 15, n. 1, São Paulo.
- Sobrinho, J. M. S., Santana, J. G. L. (2023). LGBTQIAP+: Histórias limitadas por um simples conceito Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Direito, do Centro Universitário AGES.
- Song, C. et al. (2021). Men in Mixed-Orientation Marriages in Contemporary China: Unpacking the Role of Heteronormativity and Patriarchy. Journal of Family Issues. Gender and Development Studies, School of Environment, Resources and Development, Asian Institute of Technology, Pathum Thani, Tailândia.
- Souza, C. P. (2021). Perspectiva Psicológica das Experiências Homoafetivas em Heterossexuais Masculinos: Uma Revisão Bibliográfica. Revista latino-Americana de Psicologia Corporal. Cascavel, Paraná.
- Souza, W. M. de. (2010). Literatura homoerótica [manuscrito] : o homoerotismo em seis narrativas brasileiras. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,
- Souza Jr. et al. (2022). Função sexual positivamente correlacionada com a sexualidade e qualidade de vida do idoso. Revista Brasileira de Enfermagem.

<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0939pt>

- Spencer, C. (1995). *Homossexualidade: Uma História* (Tradução de Rubem Mauro Machado). Record. Rio de Janeiro.
- Spinoza, B. (2009). *Ética* (tradução de Tomas Tadeu). Autêntica Editora. Belo Horizonte, MG.
- Siegel, D.J. (2016). *Cérebro adolescente: a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos*. São Paulo: nVersos.
- Steffler, L. C. (2019). *Do silêncio ao grito: modo de figuração das vozes em levantado do chão, de José Saramago - Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)*
- Swan, T. B. & Benack, S. (2014). *The desires that were denied: (Re-) construction of sexual identity in middle adulthood*. Behavioral Development Bulletin. New York, EUA.
- _____ (2012). *Renegotiating Identity in Unscripted Territory: The Predicament of Queer Men in Heterosexual Marriages*. Journal of GLBT Family Studies. <http://www.tandfonline.com/loi/wgfs20>
- Vigarello, G. (2022). *História da Virilidade vol. 1* (Tradução de Francisco Morás). Editora Vozes, Rio de Janeiro.
- Viggiani Bicudo, MA, Ferreira Mocrosky, L., Nelem Orlowski, de Oliveira Batista, J. ., & , MNP (2022). *Constituição de dados em pesquisas qualitativas com abordagem fenomenológica: desafio na pesquisa qualitativa em meios digitais*. *Novas Tendências em Pesquisa Qualitativa* , 10 , e523.
<https://doi.org/10.36367/ntqr.10.2022.e523>
- Vinuto, Juliana (2014). *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, SP.
- Tamagne, F. (2022). *História da Virilidade vol. 3* (Tradução de Francisco Morás). Editora Vozes, Rio de Janeiro.
- Tavares, D.T. & Justi, J. (2018). *Homossexualidade no ambiente escolar: O olhar de gestores frente à orientação sexual de adolescentes*. *Revista Formação@Docente: Belo Horizonte*, V. 10, n 2.

- Tavares, L. T. (2021). Uma análise dos discursos circulantes sobre a “bicha afeminada” no Grindr. *Revista Discente Planície Científica*, v. 3, n. 1, Campos dos Goytacazes – RJ
- Thepsourinthone, J. et al. (2020). The Relationship between Masculinity and Internalized Homophobia amongst Australian Gay Men. *International Journal of Environmental Research and Public Health* .
- Tenny, S., Brannan, J.M.& Brannan, G.D. (2022). *Qualitative Study*. Stat Pearls. Treasure Island (FL). EUA. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK470395/>
- Wang, C. C. & Chang, Y. T. (2010). Cyber relationship motives: Scale development and validation. *Social Behavior and Personality: an international journal*, Volume 38, Number 3. Taiwan. DOI: <https://doi.org/10.2224/sbp.2010.38.3.289>
- Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade in *O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade*. Org. Guacira Lopes louro Autêntica. Belo Horizonte, MG.
- Wild, B. <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-metodo-sociologico-durkheim.htm>
- Yi, Wang et al. (2019). Análise da situação atual e fatores relacionados ao comportamento homossexual entre homens que fazem sexo com homens após o casamento na cidade de Mianyang, Província de Sichuan, Chinese *Journal of Epidemiology*. China.
- Zanello, V. (2020). *Masculinidades, Cumplicidade e Misoginia na "Casa dos Homens": um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil*. Gênero em perspectiva, Editora CRV. Curitiba, PR.
- Ziliotto, G. C. & Marcolan, J. F. (2019). Compreendendo os preconceitos de indivíduos em sofrimento psíquico a respeito da sexualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Zimmerman, K. J. (2013). *Maintaining commitment in long-lasting mixed-orientation relationships: Gay men married to straight women*. A dissertation submitted to the graduate faculty in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Iowa State University, Ames, Iowa

Zulkfli, M. A. et al. (20 22). The Interplay of Infidelity, Sexuality, and Religiosity in the Discourse of Mixed-Orientation Marriages: A Discursive Psychological Analysis. *Frontiers in Psychology Austrália*. doi: 10.3389/fpsyg.2022.784675

Apêndice 1

Questionário Sociodemográfico**Vida no Sigilo**

Nome do Colaborador :

Pseudônimo escolhido:

Localização :

Idade :

Cor :

Religião :

Escolaridade :

Ocupação :

Condição socioeconômica :

Casado :

Tempo :

Filhos :

Quantos :

Outras pessoas da família moram junto :

Atividade física :

Estado geral da saúde :

Apêndice 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Modelo em acordo com a Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde)

Título do estudo: VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS EM RELACIONAMENTO HETEROSSEXUAL COM ATRAÇÃO AFETIVOSSEXUAL POR OUTROS HOMENS.

Você está sendo convidado a participar do estudo científico, porque tem perfil de pessoas que buscamos como foco de levantamento de dados, que poderá aumentar o conhecimento a respeito de homens que mesmo estando em uma relação heteronormativa sentem atração afetivossexual por outros homens, com o título **“VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS EM RELACIONAMENTO HETEROSSEXUAL COM ATRAÇÃO AFETIVOSSEXUAL POR OUTROS HOMENS”**.



Você gostaria de participar de um estudo?

Esse estudo será realizado para fornecer dados e talvez aperfeiçoar o tratamento de pessoas que passam pelo mesmo procedimento/mesma vivência.

DO QUE SE TRATA O ESTUDO?

Efetuar um levantamento com alguns homens que mesmo vivendo uma vida heteronormativa sentem atração por outros homens.

O objetivo desse estudo é verificar como esses homens lidam com o desejo sexual por outros homens, os reflexos que isso implica em seu dia a dia e como lidam com a discrição.

COMO SERÁ REALIZADO O ESTUDO?

Você será convidado por meio de carta convite através de um e-mail indicado.

O estudo será realizado da seguinte maneira: Através de entrevista online via Meet



De que forma irei participar deste estudo?

do Google-Chrome, em data pré-agendada de acordo com a possibilidade do participante, e a mesma será efetuada de acordo com o método Fenomenológico.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Quando for necessário utilizar os seus dados nesta pesquisa, sua privacidade será preservada, já que seus dados não serão divulgados.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas apenas para fins de estudo.

Após a transcrição das entrevistas o material gravado em áudio, por meio de celular habilitado apenas em modo avião ou pelo Meet do Google Chrome será mantido para possíveis consultas do pesquisador e da orientadora até o final da redação do artigo, quando então as gravações serão eliminadas.

ESSES PROCEDIMENTOS SÃO DESCONFORTÁVEIS OU GERAM RISCOS?

Os procedimentos poderão trazer os seguintes riscos: discussão dos aspectos que possam causar sentimentos negativos (angústia, dúvida, ansiedade, medo e etc). A princípio será acolhido por esse pesquisador e depois conforme suas necessidades e à sua escolha, será indicada a possibilidade de procurar um profissional para que possa levar sua demanda e melhor auxiliá-lo nas questões apresentadas.

É possível que você não seja beneficiado diretamente ao participar deste estudo, porém com sua participação, você terá a oportunidade de escutar a si próprio e revivenciar sua trajetória e assim contribuir para entender como os homens lidam com seus desejos e a permanência de uma dualidade.

O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO PARTICIPA DO ESTUDO?

Não lhe acontecerá nada se você não quiser participar desse estudo.

Também será aceita a sua recusa em participar dessa pesquisa, assim como a sua desistência a qualquer momento, sem que lhe haja qualquer prejuízo de

continuidade de qualquer tratamento nessa instituição, penalidade ou qualquer tipo de dano à sua pessoa. Será mantido total sigilo sobre a sua identidade e em qualquer momento você poderá desistir de que seus dados sejam utilizados nesta pesquisa.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar da pesquisa, durante todo o decorrer do estudo, porém quaisquer despesas que ocorram, tais como transporte, alimentação, postagem em correios e locação de espaço no Google Chrome, serão custeadas pelo pesquisador Pedro Carlos Cagnazzo por este estudo. Você também não receberá pagamento por participar desta pesquisa.

Você será acompanhado e terá assistência imediata, bem como o pesquisador se responsabilizará pela assistência integral dos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa, sejam eles diretos ou indiretos.



CONTATO COM O PESQUISADOR E O CEP

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa, você poderá procurar o **pesquisador responsável** Pedro Carlos Cagnazzo pelo e-mail psicologopedro.sp@gmail.com ou ainda pelo telefone: (11) 955008873 ou a orientadora Profa Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto, pelo e-mail psijaqueline@famerp.br ou pelo telefone (17) 32015840.

Para maiores esclarecimentos, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP) está disponível no telefone: (17) 3201-5813 ou pelo email: cepfamerp@famerp.br, localizado na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 5416 em São José do Rio Preto/SP no horário de funcionamento das 7:30 às 16:30 de segunda à sexta.

O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos) é um grupo formado por pessoas que trabalham ou não com pesquisa e que realizam a revisão ética inicial e contínua do estudo para manter sua segurança e proteger seus direitos.

Este documento foi feito em duas vias, ficando uma comigo e outra com o pesquisador deste estudo, tendo eu e o pesquisador colocado rubrica (assinatura) em todas as páginas deste Termo.

Declaro que entendi este TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Pedro Carlos Cagnazzo

Pesquisador Responsável

Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto

Orientador

Participante da Pesquisa ou Responsável Legal
(Nome e Assinatura)



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS EM RELACIONAMENTO HETEROSSEXUAL COM ATRAÇÃO AFETIVOSSEXUAL POR OUTROS HOMENS.

Pesquisador: Maria Jaqueline Coelho Pinto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 59043522.7.0000.5415

Instituição Proponente: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto- FAMERP - SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.650.674

Apresentação do Projeto:

Ao longo da história o homem convive com a diversidade de desejos e sentimentos, que cristalizados pela construção social abarca distorções do direcionamento desses afetos e busca de satisfação sexual. Homens que estão em relacionamentos conhecidos por heteronormativos e que vivem em busca dessas satisfações vivenciam uma dualidade que proporciona desajustes nas relações e também em sua saúde mental.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa pretende compreender os sentidos e significados atribuídos por homens, que mantêm um relacionamento heterossexual e que sentem atração afetivossexual por outros homens, às suas vivências e aos fenômenos existentes dentro do universo psíquico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os procedimentos poderão trazer os seguintes riscos: discussão dos aspectos que possam causar sentimentos negativos (angústia, dúvida, ansiedade, medo, culpa, etc).

Benefícios:

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416

Bairro: VILA SAO PEDRO

CEP: 15.090-000

UF: SP

Município: SAO JOSE DO RIO PRETO

Telefone: (17)3201-5813

Fax: (17)3201-5813

E-mail: cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 5.650.674

Espera-se que a partir dos relatos seja possível compreender os sentidos e significados atribuídos pelos colaboradores às suas vivências.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa transversal, descritiva, na perspectiva fenomenológica.

Participantes

Serão convidados a participar desta pesquisa homens que vivem em um relacionamento heterossexual e que se relacionam afetivo e/ou sexualmente com outros homens.

Critérios de Inclusão

Serão incluídos homens com idade acima de 18 anos, em um relacionamento heterossexual e que se sentem atraídos ou mantêm relacionamento homoafetivo com outros homens.

Critérios de Exclusão

Aquele que não aceitarem participar da pesquisa ou que apresentarem limitações em responder a entrevista

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Lembramos ao senhor(a) pesquisador(a) que, no cumprimento da Resolução 251/97, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) deverá receber relatórios semestrais sobre o andamento do Estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos e também da notificação da data de inclusão do primeiro participante de pesquisa, para conhecimento deste Comitê. Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do Estudo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1)- Apresentação adequada dos riscos e providencias a serem tomadas: Os procedimentos poderão trazer os seguintes riscos: Os aspectos que possam causar sentimentos negativos (angústia, dúvida, ansiedade, medo e etc) diante da entrevista, a princípio será acolhido por esse pesquisador e depois conforme suas necessidades e à sua escolha, será indicada a possibilidade de procurar um profissional para que possa levar sua demanda e melhor auxiliá-lo nas questões apresentadas.

Apresentação dos benefícios:

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416

Bairro: VILA SAO PEDRO

CEP: 15.090-000

UF: SP

Município: SAO JOSE DO RIO PRETO

Telefone: (17)3201-5813

Fax: (17)3201-5813

E-mail: cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSE DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 5.650.674

É possível que você não seja beneficiado diretamente ao participar deste estudo, porém com sua participação, você terá a oportunidade de escutar a si próprio e revivenciar sua trajetória e assim contribuir para entender como os homens lidam com seus desejos e a permanência de uma dualidade

SITUAÇÃO: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2)- Esclarecer se a conferência será gravada, arquivamento e sigilo:

Os colaboradores serão convidados via telefone e informados sobre a pesquisa, seu caráter voluntário e seu caráter sigiloso de acordo com o Artigo 9º do Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia, onde diz que “É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional”. Suas identidades e os dados serão tratados de forma anônima e confidencial.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas apenas para fins de estudo. Será dado também ao indivíduo participante a possibilidade de, mesmo sendo a entrevista online, do mesmo não abrir a câmera do aparelho que estiver utilizando. Com os indivíduos que aceitarem, será agendada entrevista individual, a ser realizado por videoconferência através do Meet do Google Chrome, gravado em áudio, por meio de celular habilitado apenas em modo avião ou no espaço pesquisado, guardando as devidas precauções sanitárias devido à Pandemia do COVID 19. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Apêndice I) será enviado via e-mail ou apresentado ao colaborador, se presencialmente, efetuado a leitura e retiradas as dúvidas e após a assinatura deste, será aplicado o Questionário Sociodemográfico e em seguida será realizada a Entrevista Compreensiva.

SITUAÇÃO: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3)- Como será garantido o sigilo das indicações ou dos indicados: Pelo processo Snow ball (Bola de Neve), um participante indica outro que possui características semelhantes a sua, mediante a vivência e experiência, geralmente dentro do meio de contato e amizade, os conteúdos apresentados pelos participantes anteriores não serão reveladas aos posteriores , atendendo ao sigilo do Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia (artigo 9).

SITUAÇÃO: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416

Bairro: VILA SAO PEDRO

CEP: 15.090-000

UF: SP

Município: SAO JOSE DO RIO PRETO

Telefone: (17)3201-5813

Fax: (17)3201-5813

E-mail: cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 5.650.674

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012, Resolução nº 510 de 2016 e Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1930881.pdf	14/09/2022 10:45:40		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AO_CEP.pdf	14/09/2022 10:44:47	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TCLE.pdf	14/09/2022 10:43:22	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_NOVO_VIDA_NO_SIGILO.pdf	14/09/2022 10:42:55	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Projeto_declaracao.PDF	26/05/2022 14:35:45	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	25/04/2022 11:13:46	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	25/04/2022 11:07:21	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	25/04/2022 10:18:16	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416

Bairro: VILA SAO PEDRO

CEP: 15.090-000

UF: SP

Município: SAO JOSE DO RIO PRETO

Telefone: (17)3201-5813

Fax: (17)3201-5813

E-mail: cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSE DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 5.650.674

SAO JOSE DO RIO PRETO, 19 de Setembro de 2022

Assinado por:
BEATRIZ BARCO TAVARES JONTAZ IRIGOYEN
(Coordenador(a))

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416

Bairro: VILA SAO PEDRO

CEP: 15.090-000

UF: SP

Município: SAO JOSE DO RIO PRETO

Telefone: (17)3201-5813

Fax: (17)3201-5813

E-mail: cepfamerp@famerp.br

Apêndice 1

Questionário Sociodemográfico**Vida no Sigilo**

Nome do Colaborador :

Pseudônimo escolhido:

Localização :

Idade :

Cor :

Religião :

Escolaridade :

Ocupação :

Condição socioeconômica :

Casado :

Tempo :

Filhos :

Quantos :

Outras pessoas da família moram junto :

Atividade física :

Estado geral da saúde :

Apêndice 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Modelo em acordo com a Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde)

Título do estudo: VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS EM RELACIONAMENTO HETEROSSEXUAL COM ATRAÇÃO AFETIVOSSEXUAL POR OUTROS HOMENS.

Você está sendo convidado a participar do estudo científico, porque tem perfil de pessoas que buscamos como foco de levantamento de dados, que poderá aumentar o conhecimento a respeito de homens que mesmo estando em uma relação heteronormativa sentem atração afetivossexual por outros homens, com o título “**VIDA NO SIGILO: VIVÊNCIA DE HOMENS EM RELACIONAMENTO HETEROSSEXUAL COM ATRAÇÃO AFETIVOSSEXUAL POR OUTROS HOMENS**”.



Você gostaria de participar de um estudo?

Esse estudo será realizado para fornecer dados e talvez aperfeiçoar o tratamento de pessoas que passam pelo mesmo procedimento/mesma vivência.

DO QUE SE TRATA O ESTUDO?

Efetuar um levantamento com alguns homens que mesmo vivendo uma vida heteronormativa sentem atração por outros homens.

O objetivo desse estudo é verificar como esses homens lidam com o desejo sexual por outros homens, os reflexos que isso implica em seu dia a dia e como lidam com a discrição.

COMO SERÁ REALIZADO O ESTUDO?

Você será convidado por meio de carta convite através de um e-mail indicado.

O estudo será realizado da seguinte maneira: Através de entrevista online via Meet do Google-Chrome, em data pré-agendada de acordo com a possibilidade do participante, e a mesma será efetuada de acordo com o método



De que forma irei participar deste estudo?

Fenomenológico.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Quando for necessário utilizar os seus dados nesta pesquisa, sua privacidade será preservada, já que seus dados não serão divulgados.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas apenas para fins de estudo.

Após a transcrição das entrevistas o material gravado em áudio, por meio de celular habilitado apenas em modo avião ou pelo Meet do Google Chrome será mantido para possíveis consultas do pesquisador e da orientadora até o final da redação do artigo, quando então as gravações serão eliminadas.

ESSES PROCEDIMENTOS SÃO DESCONFORTÁVEIS OU GERAM RISCOS?

Os procedimentos poderão trazer os seguintes riscos: discussão dos aspectos que possam causar sentimentos negativos (angústia, dúvida, ansiedade, medo e etc). A princípio será acolhido por esse pesquisador e depois conforme suas necessidades e à sua escolha, será indicada a possibilidade de procurar um profissional para que possa levar sua demanda e melhor auxiliá-lo nas questões apresentadas.

É possível que você não seja beneficiado diretamente ao participar deste estudo, porém com sua participação, você terá a oportunidade de escutar a si próprio e revivenciar sua trajetória e assim contribuir para entender como os homens lidam com seus desejos e a permanência de uma dualidade.

O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO PARTICIPA DO ESTUDO?

Não lhe acontecerá nada se você não quiser participar desse estudo.

Também será aceita a sua recusa em participar dessa pesquisa, assim como a sua desistência a qualquer momento, sem que lhe haja qualquer prejuízo de

continuidade de qualquer tratamento nessa instituição, penalidade ou qualquer tipo de dano à sua pessoa. Será mantido total sigilo sobre a sua identidade e em qualquer momento você poderá desistir de que seus dados sejam utilizados nesta pesquisa.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar da pesquisa, durante todo o decorrer do estudo, porém quaisquer despesas que ocorram, tais como transporte, alimentação, postagem em correios e locação de espaço no Google Chrome, serão custeadas pelo pesquisador Pedro Carlos Cagnazzo por este estudo. Você também não receberá pagamento por participar desta pesquisa.



Você será acompanhado e terá assistência imediata, bem como o pesquisador se responsabilizará pela assistência integral dos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa, sejam eles diretos ou indiretos.

CONTATO COM O PESQUISADOR E O CEP

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa, você poderá procurar o **pesquisador responsável** Pedro Carlos Cagnazzo pelo e-mail psicologopedro.sp@gmail.com ou ainda pelo telefone: (11) 955008873 ou a orientadora Profa Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto, pelo e-mail psijaqueline@famerp.br ou pelo telefone (17) 32015840.

Para maiores esclarecimentos, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP) está disponível no telefone: (17) 3201-5813 ou pelo email: cepfamerp@famerp.br, localizado na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 5416 em São José do Rio Preto/SP no horário de funcionamento das 7:30 às 16:30 de segunda à sexta.

O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos) é um grupo formado por pessoas que trabalham ou não com pesquisa e que realizam a revisão ética inicial e contínua do estudo para manter sua segurança e proteger seus direitos.

Este documento foi feito em duas vias, ficando uma comigo e outra com o pesquisador deste estudo, tendo eu e o pesquisador colocado rubrica (assinatura) em todas as páginas deste Termo.

Declaro que entendi este TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Pedro Carlos Cagnazzo
Pesquisador Responsável

Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto
Orientador

Participante da Pesquisa ou Responsável Legal
(Nome e Assinatura)